

NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR

ANNA ZAIRES



Seguire-me

PERVERTA-ME: LIVRO 3



SEGUIR-ME

PERVERTA-ME: LIVRO 3

ANNA ZAIRES

♣ MOZAIKA PUBLICATIONS ♣



CONTENTS

I. O Retorno

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

II. A Cura

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

III. A Viagem

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Capítulo 36

Capítulo 37

Capítulo 38

IV. O Depois

Capítulo 39

Capítulo 40

Capítulo 41

Epílogo

Excerto de Encontros Íntimos

Sobre a autora

Este é um trabalho de ficção. Nomes, personagens, locais e incidentes são produto da imaginação da autora ou usados de forma fictícia e qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, estabelecimentos comerciais, eventos ou localidades é pura coincidência.

Copyright © 2018 Anna Zaires e Dima Zales

<https://www.annazaires.com/book-series/portugues/>

Todos os direitos reservados.

Exceto para uso em uma crítica, nenhuma parte desse livro poderá ser reproduzida, digitalizada nem distribuída em qualquer formato impresso ou eletrônico sem permissão.

Publicado pela Mozaika Publications, impressão da Mozaika LLC.

www.mozaikallc.com

Capa de Najla Qamber Designs

www.najlaqamberdesigns.com

Tradução de Christiane Jost, revisão de Karine Lima e Ayrton Jost.

e-ISBN: 978-1-63142-347-5

ISBN: 978-1-63142-348-2

O RETORNO

J ulian

U_M GRITO ME ACORDOU, tirando-me de um sono inquieto. Meu olho intacto se abriu com uma onda de adrenalina e sentei-me imediatamente. O movimento súbito fez com que as costelas quebradas gritassem em protesto. O gesso no braço esquerdo bateu no monitor de sinais vitais ao lado da cama e a onda de agonia foi tão intensa que o quarto girou à minha volta. Meu coração bateu forte e demorei um momento para perceber o que me acordara.

Nora.

Ela devia estar tendo outro pesadelo.

Meu corpo, pronto para combate, relaxou ligeiramente. Não havia perigo, ninguém atrás de nós no momento. Eu estava deitado ao lado de Nora na cama luxuosa do hospital e estávamos seguros. A clínica na Suíça era tão segura quanto possível, Lucas garantira isso.

A dor nas costelas e no braço estava melhor, mais tolerável. Movendo-me com cuidado, coloquei a mão direita no ombro de Nora e tentei acordá-la gentilmente. Ela se virou para o lado oposto e não consegui ver seu rosto para saber se estava chorando. Mas a pele dela estava fria e úmida por causa do suor. Provavelmente estava presa no pesadelo havia algum tempo. Ela também estava tremendo.

— Acorde, querida — murmurei, acariciando seu braço. Notei que a luz entrava pelas cortinas, o que indicava que já amanhecera. — É só um sonho. Acorde, meu bichinho...

Ela enrijeceu o corpo sob meu toque. Eu sabia que ela não estava totalmente acordada, ainda presa no pesadelo. A respiração dela estava irregular e senti os tremores que percorriam-lhe o corpo. O sofrimento dela me afetou, ferindo-me mais do que os machucados. E saber que eu era novamente responsável por ele, que não conseguira mantê-la segura, fez com que minhas entranhas queimassem de fúria.

Fúria comigo mesmo e com Peter Sokolov, o homem que deixara Nora arriscar a vida para me resgatar.

Antes da viagem para o Tajiquistão, ela lentamente conseguira superar a morte de Beth, com os pesadelos menos frequentes à medida que os meses se passavam. Agora, no entanto, os pesadelos estavam de volta e Nora estava ainda

mais abalada, a julgar pelo ataque de pânico que tivera durante o sexo no dia anterior.

Eu queria matar Peter por causa disso. E talvez matasse, se algum dia ele cruzasse meu caminho novamente. O russo salvara minha vida, mas colocara a vida de Nora em perigo, algo que eu nunca perdoaria. E a maldita lista de nomes dele? Que a esquecesse. Eu nunca lhe recompensaria por ter me traído daquele jeito, não importava o que Nora prometera a ele.

— Vamos, querida, acorde — chamei novamente, usando o braço direito para me apoiar na cama. Minhas costelas doeram com o movimento, mas um pouco menos desta vez. Movi-me cuidadosamente para mais perto de Nora, encostando o corpo nas costas dela. — Você está bem. Acabou, prometo.

Ela respirou fundo, de forma irregular, e notei que a tensão se dissipou quando percebeu onde estava. — Julian? — sussurrou ela, virando-se para olhar para mim. Vi que ela estivera chorando, pois o rosto estava coberto de lágrimas.

— Sim. Você está segura agora. Está tudo bem. — Estendi a mão direita e passei os dedos no maxilar dela, adorando a beleza frágil de seu rosto. Minha mão parecia grande e áspera contra o rosto delicado. As minhas unhas estavam machucadas por causa das agulhas que Majid usara. O contraste entre nós era gritante, apesar de Nora também não estar ilesa. A pureza da pele dourada estava maculada por um hematoma no lado esquerdo do rosto, onde os filhos da puta da Al-Quadar tinham batido para derrubá-la.

Se já não estivessem mortos, eu os destroçaria com as mãos nuas por machucá-la.

— Com o que você estava sonhando? — perguntei baixinho. — Foi com Beth?

— Não. — Ela balançou a cabeça negativamente e vi que sua respiração começava a voltar ao normal. A voz dela, no entanto, ainda tinha ecos do horror quando ela disse: — Desta vez, foi com você. Majid cortava seus olhos e eu não consegui impedi-lo.

Tentei reagir, mas foi impossível. As palavras dela me jogaram de volta àquela sala fria e sem janelas, às sensações nauseantes que eu tentara esquecer nos dias anteriores. Minha cabeça começou a latejar com a agonia das lembranças e o vazio onde um dia estivera meu olho, ainda em processo de cura, queimou novamente. Senti sangue e outros fluidos escorrendo pelo meu rosto e meu estômago se revirou. Eu conhecia bem a dor e até mesmo a tortura, pois meu pai acreditava que o filho deveria ser capaz de aguentar qualquer coisa, mas perder o olho fora a experiência mais dolorosa que tivera.

Pelo menos, fisicamente.

Emocionalmente, a aparência de Nora naquela sala provavelmente detinha

essa honra.

Precisei de toda a força de vontade para voltar os pensamentos para o presente, afastá-los do terror de vê-la sendo arrastada pelos homens de Majid.

— Você o deteve, Nora. — Eu não gostava de admitir isso, mas, se não fosse pela coragem dela, meu corpo provavelmente estaria apodrecendo em algum lixo no Tajiquistão. — Você foi atrás de mim e conseguiu me salvar.

Eu ainda tinha dificuldade de acreditar que ela fizera aquilo, que se colocara voluntariamente nas mãos dos terroristas psicóticos para salvar minha vida. Ela não fizera aquilo com uma convicção ingênua de que não a machucariam. Não, meu bichinho sabia exatamente do que eles eram capazes e ainda assim tivera a coragem de agir.

Eu devia minha vida à garota que sequestrara e não sabia exatamente como lidar com isso.

— Por que você fez aquilo? — perguntei, acariciando seu lábio inferior com o polegar. No fundo, eu sabia, mas queria ouvi-la admitir.

Ela olhou para mim, com os olhos cheios das sombras do pesadelo. — Porque não consigo viver sem você — respondeu ela baixinho. — Você sabe disso, Julian. Você queria que eu o amasse. E eu o amo. Amo tanto que atravessaria o inferno por você.

Absorvi as palavras dela com um prazer ganancioso. Não conseguia me cansar do amor dela. Não conseguia me cansar dela. No começo, eu a quisera por causa da semelhança com Maria. Mas minha amiga de infância nunca evocara sequer uma fração das emoções que Nora me fazia sentir. Meu afeto por Maria fora inocente e puro, como a própria Maria.

Minha obsessão por Nora não tinha nada disso.

— Escute, meu bichinho... — Coloquei a mão no ombro dela. — Você precisa me prometer que nunca tentará fazer nada parecido de novo. Obviamente estou feliz por estar vivo, mas eu preferiria morrer a ver você naquele tipo de perigo. Nunca mais arrisque sua vida por mim. Entendeu?

Ela assentiu de forma leve, quase imperceptível, e vi um brilho obstinado em seu olhar. Nora não queria me deixar furioso e não discordou, mas eu tinha a sensação de que ela faria o que achasse certo, independentemente do que dissesse a mim naquele momento.

Isso obviamente pedia medidas mais duras.

— Ótimo — disse eu em tom doce. — Porque na próxima vez, se houver uma próxima vez, matarei qualquer um que ajudá-la contra as minhas ordens. E farei isso de forma lenta e dolorosa. Você me entendeu, Nora? Se alguém colocar em perigo um único fio dos seus cabelos, seja para me salvar ou por qualquer outro motivo, essa pessoa terá uma morte muito desagradável. Estou sendo

claro?

— Sim. — Ela estava pálida, com os lábios apertados como se quisesse conter um protesto. Ela estava brava comigo, mas também com medo. Não por ela, pois já estava além desse tipo de medo, mas pelos outros. Meu bichinho sabia que eu estava falando sério.

Ela sabia que eu era um assassino sem consciência, com apenas uma fraqueza.

Ela.

Apertando um pouco mais o ombro dela, inclinei-me para a frente e beijei-a na boca. Seus lábios ficaram rígidos por um momento, resistindo, mas, quando passei a mão sob sua nuca, ela soltou um suspiro e suavizou a boca, deixando-me entrar. A onda de calor no meu corpo foi forte e imediata. Seu gosto fez com que o pênis enrijecesse de forma incontrollável.

— Ahm, com licença, sr. Esguerra... — O som da voz de uma mulher, acompanhado de uma batida tímida na porta, fez com que eu percebesse que as enfermeiras faziam as inspeções matinais de rotina.

Merda. Fiquei tentado a ignorá-las, mas tinha a sensação de que voltariam logo depois... possivelmente quando eu estivesse dentro da boceta apertada de Nora.

Soltando Nora de forma relutante, rolei de costas, prendendo a respiração ao sentir uma onda de dor, e observei quando Nora saltou da cama e rapidamente vestiu um roupão.

— Quer que eu abra a porta para elas? — perguntou Nora. Eu assenti resignado. As enfermeiras tinham que trocar meus curativos e verificar se eu estava bem o suficiente para viajar naquele dia. E eu tinha toda a intenção de cooperar com os planos delas.

Quanto mais cedo terminassem, mais depressa eu poderia sair daquele maldito hospital.

Assim que Nora abriu a porta, duas enfermeiras entraram, acompanhadas de David Goldberg, um homem baixo e careca que era meu médico pessoal. Ele era um excelente cirurgião de traumas e eu o levava para supervisionar os reparos no meu rosto, garantindo que os cirurgiões plásticos da clínica não fizessem nada de errado.

Eu não queria repelir Nora com as cicatrizes, se pudesse evitar.

— O avião já está esperando — disse Goldberg quando as enfermeiras começaram a tirar os curativos da minha cabeça. — Se não houver sinais de infecção, poderemos ir para casa.

— Excelente. — Fiquei deitado imóvel, ignorando a dor resultante dos movimentos das enfermeiras. Enquanto isso, Nora pegou algumas roupas do

armário e desapareceu no banheiro do quarto. Ouvi a água correr e percebi que ela decidira usar aquele tempo para tomar um banho. Provavelmente era a forma que encontrara de me evitar por algum tempo, pois ainda estava chateada com a minha ameaça. Meu bichinho era sensível à violência sendo usada contra aqueles que via como inocentes... como aquele garoto imbecil, Jake, que ela beijara na noite em que eu a sequestrara.

Eu queria arrancar as entranhas dele por ter tocado nela... e provavelmente faria isso algum dia.

— Nenhum sinal de infecção — disse Goldberg quando as enfermeiras terminaram de retirar os curativos. — Você está indo muito bem.

— Ótimo. — Respirei de forma lenta e profunda para controlar a dor enquanto as duas enfermeiras limpavam as suturas e refaziam o curativo das costelas. Eu tomara apenas metade da dose prescrita de analgésicos nos dois dias anteriores e agora sentia dor. Nos dois dias seguintes, eu pararia completamente de tomá-los para não ficar dependente.

Um vício era mais do que suficiente.

Enquanto as enfermeiras terminavam o trabalho, Nora saiu do banheiro vestindo calça *jeans* e uma camisa de mangas curtas. — Tudo certo? — perguntou ela, olhando para Goldberg.

— Ele pode ir — respondeu ele, abrindo um sorriso amigável para ela. Percebi que ele gostava dela, o que não me importava, considerando sua orientação homossexual. — Como está se sentindo?

— Estou bem, obrigada. — Ela ergueu o braço para mostrar um curativo na região onde os terroristas tinham retirado o implante anticoncepcional por engano. — Ficarei feliz quando puder tirar os pontos, mas não me incomoda muito.

— Ótimo, fico feliz de ouvir isso. — Virando-se para mim, Goldberg perguntou: — Quando iremos embora?

— Peça para que Lucas prepare o carro para daqui a vinte minutos — disse eu, colocando os pés cuidadosamente no chão depois que as enfermeiras saíram do quarto. — Vou me vestir e poderemos ir.

— Ok — disse Goldberg, virando-se para sair do quarto.

— Espere, dr. Goldberg, vou com você — disse Nora rapidamente. Alguma coisa na voz dela chamou minha atenção. — Preciso de uma coisa do andar de baixo — explicou ela.

Goldberg pareceu surpreso. — Ah, claro.

— O que foi, meu bichinho? — Levantei-me, ignorando minha nudez. Goldberg polidamente desviou os olhos quando peguei o braço de Nora, impedindo-a de sair. — Do que você precisa?

Ela pareceu desconfortável e moveu o olhar para o lado.

— O que foi, Nora? — exigiu. Minha curiosidade aumentou e apertei um pouco mais seu braço ao puxá-la para perto.

Ela olhou para mim. Seu rosto estava vermelho e havia uma expressão determinada em seu rosto. — Preciso da pílula do dia seguinte, ok? Quero tomá-la antes de ir embora.

— Ah. — Minha mente ficou vazia por um segundo. Eu não pensara no fato de que, sem o implante, Nora poderia engravidar. Eu a tivera na minha cama por quase dois anos e, durante o tempo inteiro, ela estivera protegida pelo implante. Eu estava tão acostumado com isso que não me ocorrera que, agora, precisávamos tomar precauções.

Mas isso claramente ocorrera a Nora.

— Você quer a pílula do dia seguinte? — repeti lentamente, ainda tentando processar a ideia de que Nora, minha Nora, poderia estar grávida.

Grávida do meu filho.

Um filho que ela claramente não queria.

— Sim. — Os olhos escuros pareciam imensos em seu rosto quando ela olhou para mim. — É improvável depois de apenas uma vez, claro, mas não quero arriscar.

Ela não queria arriscar estar grávida do meu filho. Senti um aperto estranho no peito ao olhar para ela, vendo o medo que tentava tanto esconder. Ela estava preocupada com minha reação, temia que eu a impedisse de tomar a pílula.

Com medo de que eu a forçasse a ter um filho que ela não queria.

— Vou esperar do lado de fora — disse Goldberg, parecendo sentir a crescente tensão no quarto. E, antes que eu pudesse dizer alguma coisa, ele saiu, deixando-nos sozinhos.

Nora ergueu o queixo, enfrentando meu olhar. Vi a determinação em seu rosto ao dizer: — Julian, eu sei que nunca conversamos sobre isso, mas...

— Mas você não está pronta — interrompi, sentindo o aperto no peito aumentar. — Você não quer um bebê agora.

Ela assentiu com os olhos arregalados. — Certo — respondeu ela desconfiada. — Ainda não terminei a faculdade e você está machucado...

— E você não tem certeza se quer ter um filho com um homem como eu.

Ela engoliu em seco, nervosa, mas não negou nem afastou o olhar. O silêncio dela foi condenador e o aperto no meu peito se transformou em uma dor estranha.

Soltando o braço dela, dei um passo atrás. — Pode dizer a Goldberg para lhe dar a pílula e o método anticoncepcional que ele achar melhor. — Minha voz soou estranhamente fria e distante. — Vou tomar um banho e vestir-me.

E, antes que ela pudesse dizer mais alguma coisa, fui para o banheiro e fechei a porta.

Eu não queria ver o olhar de Alívio em seu rosto.

Não queria pensar em como me sentiria.

N ora

A^{TÔNITA}, vi a silhueta nua de Julian desaparecer no banheiro. Ele estava fraco por causa dos ferimentos, com os movimentos mais rígidos do que o normal. Ainda assim, havia uma certa graça na forma como caminhava. Mesmo depois das provações pelas quais passara, o corpo musculoso ainda era forte e atlético. O curativo branco em volta das costelas enfatizava a largura dos ombros e o tom bronzeado da pele.

Ele não objetou à pílula do dia seguinte.

Quando absorvi esse fato, meus joelhos ficaram fracos de alívio. A tensão induzida pela adrenalina desapareceu em uma onda súbita. Eu tivera quase certeza de que ele me negaria isso. A expressão no rosto dele enquanto conversávamos fora ilegível... perigosa em sua opacidade. Ele percebera que minhas desculpas sobre a faculdade e os ferimentos eram apenas desculpas e o olho intacto dele brilhara com uma luz azul fria que me deixara com um nó no estômago.

Mas ele não me negara a pílula. Pelo contrário, sugerira que eu pedisse um novo método anticoncepcional ao dr. Goldberg.

Eu me senti meio alta de alegria. Julian provavelmente concordava com minha decisão de não ter filhos, apesar da estranha reação.

Sem querer questionar a sorte, saí correndo do quarto para encontrar o dr. Goldberg. Eu queria garantir que conseguiria o que precisava antes de sairmos da clínica.

Não era fácil encontrar implantes anticoncepcionais no complexo no meio da selva.



— TOMEI A PÍLULA — disse eu a Julian quando estávamos sentados confortavelmente no jatinho particular dele, o mesmo que nos levara de Chicago para a Colômbia depois que ele voltara para mim em dezembro. — E botei isto. — Ergui o braço direito para mostrar a ele um curativo minúsculo onde fora colocado o novo implante. Meu braço doía bastante, mas eu estava tão feliz por ter colocado o implante que não me importei com o desconforto.

Julian ergueu os olhos do *notebook*, com a expressão ainda fechada. — Ótimo — disse ele e voltou a trabalhar no e-mail de um de seus engenheiros. Ele descrevia as especificações de um novo drone que queria que fosse projetado. Eu sabia disso porque perguntara minutos antes e ele explicara o que estava fazendo. Ele estivera muito mais aberto comigo nos dois meses anteriores. Por isso, achei estranho querer evitar o assunto do anticoncepcional.

Imaginei que ele não quisesse discutir o assunto por causa da presença do dr. Goldberg. O homem estava sentado na frente do avião, a alguns metros de nós, mas não tínhamos privacidade total. De qualquer forma, decidi deixar o assunto de lado por enquanto e falar nele novamente em um momento mais oportuno.

Quando o avião decolou, eu me distraí observando os Alpes suíços até ficarmos acima das nuvens. Eu me recostei e esperei que a bela aeromoça, Isabella, aparecesse com o café da manhã. Saíramos do hospital tão depressa que eu só tivera tempo de tomar uma xícara de café.

Isabella entrou na cabine alguns minutos mais tarde, com o corpo esbelto espremido em um vestido vermelho apertado. Ela segurava uma bandeja com café e alimentos. Goldberg parecia ter pegado no sono e ela andou na nossa direção, com os lábios curvados em um sorriso sedutor.

Na primeira vez em que eu a vi, quando Julian fora me buscar em dezembro, ficara imediatamente com ciúmes. Desde então, eu descobrira que Isabella nunca tivera nada com Julian e era casada com um dos guardas da propriedade, dois fatos que ajudaram muito a aplacar o monstro de olhos verdes dentro de mim. Eu só vi a mulher uma ou duas vezes nos meses anteriores. Diferentemente da maioria dos funcionários de Julian, ela passava a maior parte do tempo fora do complexo, trabalhando como olhos e ouvidos dele em várias empresas de jatinhos particulares.

— Você ficaria surpresa ao saber como as pessoas se soltam depois de algumas bebidas a trinta mil pés de altura — explicou Julian. — Executivos, políticos, chefes de cartel... Todos gostam de ter Isabella por perto e nem sempre percebem o que dizem na presença dela. Graças a ela, consegui de tudo, desde dicas de comércio privilegiado a informações sobre drogas na área.

Portanto, eu não tinha mais tanto ciúmes de Isabella, mas não conseguia evitar sentir que ela tratava Julian com flerte demais para uma mulher casada. Por outro lado, eu provavelmente não era a melhor pessoa para julgar o comportamento adequado de uma mulher casada. Se olhasse para qualquer homem por mais de um segundo, estaria assinando a sentença de morte dele.

Julian redefinira totalmente a noção de possessividade.

— Quer um pouco de café? — perguntou Isabella, parando ao lado da

poltrona dele. Ela estava mais circunspecta naquele dia, mas ainda senti vontade de bater em seu rosto bonito por causa do sorriso que deu ao meu marido.

Julian não era o único que tinha aquele problema de possessividade. Apesar de ser algo estranho, eu me sentia proprietária do homem que me sequestrara. Não fazia sentido, mas eu desistira de tentar entender meu relacionamento louco com Julian havia muito tempo.

Era mais fácil simplesmente aceitá-lo.

Quando Isabella perguntou aquilo, Julian ergueu o olhar. — Claro — disse ele, olhando na minha direção. — Nora?

— Sim, por favor — disse eu polidamente. — E dois croissants.

Isabella serviu café para nós dois, colocou a bandeja de comida sobre minha mesinha e voltou para a frente do avião, com os quadris rebolando de um lado para o outro. Tive um momento de inveja antes de lembrar a mim mesma que era Julian eu queria.

Na verdade, ele me queria demais, mas esse era outro problema.

Pela meia hora seguinte, li silenciosamente enquanto comia os croissants e tomava o café. Julian parecia estar concentrado no e-mail do projeto do drone e não o perturbei. Em vez disso, fiz o possível para me concentrar no livro de ficção científica que comprara na clínica. Minha atenção, no entanto, continuava a se desviar e meus pensamentos passeavam a cada duas páginas.

Era estranho estar sentada lendo. De certa forma, era algo surreal. Era como se nada tivesse acontecido. Como se não tivéssemos acabado de sobreviver ao terror e à tortura.

Como se eu não tivesse explodido o cérebro de um homem a sangue frio.

Como se não tivesse quase perdido Julian de novo.

Meu coração começou a bater mais depressa. As imagens do pesadelo daquela manhã invadiram minha mente com uma clareza estonteante. *Sangue... O corpo retalhado de Julian... O rosto belo com a órbita ocular vazia...* O livro deslizou das minhas mãos trêmulas, caindo no chão enquanto eu tentava respirar através da garganta subitamente fechada.

— Nora? — Dedos quentes e fortes se fecharam em volta do meu pulso e, pela neblina do pânico que cobria a visão, vi o rosto de Julian à minha frente. Ele me segurava com força. O *notebook* dele ficara esquecido sobre a mesinha. — Nora, está me ouvindo?

Consegui assentir e a língua saiu para molhar os lábios. Minha boca estava seca de medo e a camisa grudara nas costas por causa do suor. Minhas mãos agarravam as beiradas da poltrona, com as unhas enterradas no couro macio. Uma parte de mim sabia que a mente me enganava, que aquela ansiedade extrema era infundada, mas o corpo reagia como se a ameaça fosse real.

Era como se estivéssemos novamente no pátio de obras no Tajiquistão, à mercê de Majid e dos outros terroristas.

— Respire, querida. — A voz de Julian foi reconfortante quando sua mão envolveu gentilmente meu maxilar. — Respire fundo e devagar... Isso mesmo...

Fiz o que ele disse, mantendo os olhos em seu rosto enquanto respirava fundo para tentar controlar o pânico. Depois de um minuto, meu coração desacelerou e as mãos soltaram a poltrona. Eu ainda tremia, mas o medo sufocante desaparecera.

Sentindo-me constrangida, passei os dedos em volta da mão de Julian e afastei-a do rosto. — Estou bem — consegui dizer com a voz relativamente estável. — Desculpe. Não sei o que me deu.

Ele me encarou com o olho brilhando e vi uma mistura de raiva e frustração em seu rosto. Seus dedos ainda seguravam os meus, como se estivessem relutantes em soltá-los. — Você não está bem, Nora — disse ele com voz ríspida. — Você não está nada bem.

Ele tinha razão. Eu não queria admitir, mas ele tinha razão. Eu não estivera bem desde que Julian saíra da propriedade para caçar os terroristas. Eu estivera um desastre desde a partida dele... e parecia estar ainda pior agora que ele estava de volta.

— Estou bem — disse eu, sem querer que ele me achasse fraca. Julian fora torturado e parecia estar lidando bem com isso, enquanto que eu estava desmoronando sem um bom motivo.

— Bem? — As sobrançelas dele se juntaram. — Nas últimas vinte e quatro horas, você teve dois ataques de pânico e um pesadelo. — Isso não é estar bem, Nora.

Engoli em seco e olhei para o meu colo, onde a mão dele segurava a minha de forma possessiva. Odiei o fato de não conseguir me livrar do que acontecera da forma como Julian conseguia fazer. Ele ainda tinha pesadelos com Maria, mas aquela provação com os terroristas mal parecia tê-lo afetado. Ele tinha todos os motivos para estar descontrolado, não eu. Eles mal tinham encostado em mim, enquanto que ele passara por dias de tormento.

Eu era fraca e odiava isso.

— Nora, querida, escute.

Olhei para cima, atraída pelo tom mais suave na voz de Julian, e vi-me capturada pelo seu olhar.

— Não é culpa sua — disse ele baixinho. — Nada disso é culpa sua. Você passou por muita coisa e ficou traumatizada. Não precisa fingir para mim. Se começar a entrar em pânico, avise-me que vou ajudá-la. Entendeu?

— Sim — sussurrei, estranhamente aliviada pelas palavras dele. Eu sabia

que era irônico que o homem que levava toda aquela escuridão para a minha vida me ajudasse a lidar com ela, mas fora assim desde o começo.

Eu sempre encontrava alívio nos braços do meu sequestrador.

— Ótimo. Lembre-se disso. — Ele se inclinou para me beijar e encontrei sua boca no meio do caminho, tomando cuidado com as costelas machucadas. Os lábios dele estavam incomumente gentis ao encostarem nos meus e fechei os olhos. A ansiedade remanescente desapareceu quando uma necessidade aqueceu minhas entranhas. Minhas mãos foram para a nuca de Julian e soltei um gemido baixo quando a língua dele invadiu minha boca. O gosto dele era familiar e sombriamente sedutor ao mesmo tempo.

Ele gemeu quando retribuí o beijo, passando a língua em volta da dele. Ele colocou o braço direito nas minhas costas, puxando-me mais para perto, e senti a tensão crescente no corpo musculoso. A respiração dele ficou acelerada e o beijo mais intenso, fazendo com que meu corpo latejasse.

— Quarto. Agora. — As palavras dele foram como um rugido quando ele afastou a boca e levantou-se, arrastando-me para fora da poltrona. Antes que eu pudesse dizer alguma coisa, ele segurou meu pulso e conduziu-me para a parte de trás do avião. Agradei mentalmente pelo fato de o dr. Goldberg estar dormindo e Isabella ter voltado para a frente da aeronave. Ninguém estava lá para ver Julian arrastando-me para a cama.

Ao entrarmos no quarto pequeno, ele fechou a porta com o pé e puxou-me em direção à cama. Mesmo machucado, ele era incrivelmente forte. A força dele me deixava excitada e intimidada, mas não porque eu tivesse medo de que ele me machucasse... sabia que isso aconteceria e que eu adoraria... mas porque vira o que ele era capaz de fazer.

Eu o vira matar um homem apenas com a perna de uma cadeira.

A lembrança deveria me deixar enojada, mas, por algum motivo, era excitante e assustadora. Por outro lado, Julian não era o único que tirara uma vida naquela semana.

Agora, éramos ambos assassinos.

— Tire a roupa — ordenou ele, parando a poucos centímetros da cama e soltando meu braço. As mangas da camisa dele tinham sido cortadas para acomodar o gesso no braço esquerdo e, com o curativo no rosto, ele parecia ferido e perigoso, como um pirata dos dias modernos depois de um ataque. O músculo no braço direito dele se contraiu e o olho descoberto brilhou no rosto bronzeado.

Eu o amava tanto que chegava a doer.

Dando um passo atrás, comecei a me despir, primeiro a camisa e depois a calça. Quando estava usando apenas a tanga branca e o sutiã, Julian disse com

voz rouca: — Suba na cama. Quero você de quatro, com a bunda virada para mim.

Senti um calor descer pela espinha, intensificando a dor crescente entre as pernas. Virando-me, fiz como ele pediu, com o coração batendo mais forte por causa da ansiedade. Lembrei-me da última vez em que fizéramos sexo naquele avião... e nos hematomas que decoraram minhas coxas por dias. Eu sabia que Julian não estava bem o suficiente para algo tão intenso, mas isso não diminuiu meu medo nem meu desejo.

Com meu marido, o medo e o desejo andavam de mãos dadas.

Quando eu estava posicionada de forma satisfatória para Julian, com a bunda na altura da virilha dele, ele se aproximou e prendeu os dedos na calcinha, puxando-a até os joelhos. Estremeci ao sentir o toque dele e meu sexo se contraiu. Ele gemeu, subindo a mão pela minha coxa até ficar entre minhas dobras. — Sua boceta está tão molhada — sussurrou ele ao colocar dois dedos grandes dentro de mim. — Tão molhada e tão apertada... Você quer isto, não quer, querida? Quer que eu a possua, que foda você...

Gemi quando ele moveu os dedos, atingindo um ponto que fez com que meu corpo inteiro estremecesse. — Sim... — Eu mal consegui falar quando ondas de calor me invadiram, enevoando a mente. — Sim, por favor...

Ele soltou uma risada curta, um som baixo e cheio de prazer sombrio. Ele tirou os dedos, deixando-me vazia e latejando de desejo. Antes que eu conseguisse protestar, ouvi o barulho de um zíper sendo aberto. Em seguida, senti a cabeça grande e lisa do pênis contra as coxas.

— Ah, eu vou sim — murmurou ele, guiando o pênis em direção à minha abertura. — Vou dar tanto prazer a você — a ponta do pênis me penetrou, fazendo com que eu prendesse a respiração — que gritará para mim. Você vai gritar, não vai, querida?

Sem esperar resposta, ele segurou meu quadril e penetrou-me profundamente, fazendo com que eu soltasse uma exclamação. Como sempre, a penetração mexeu com meus sentidos, estendendo-me quase ao ponto da dor. Se eu não estivesse tão excitada, ele teria me machucado. Mas aquilo só adicionou um toque delicioso, intensificando minha excitação e inundando meu sexo com mais fluido. Com a calcinha presa na altura dos joelhos, eu não conseguia abrir mais as pernas e ele parecia imenso dentro de mim.

Esperei que ele começasse a se mover em um ritmo brutal, correspondendo à penetração inicial, mas Julian se moveu lentamente. Ele se moveu de forma lenta e deliberada, com cada movimento calculado para maximizar meu prazer. *Para dentro e para fora, para dentro e para fora...* Era como se ele estivesse acariciando-me por dentro, provocando cada sensação que meu corpo era capaz

de produzir. *Para dentro e para fora, para dentro e para fora...* Eu estava perto do orgasmo, mas não conseguia chegar lá, não com Julian movendo-se tão devagar. *Para dentro e para fora...*

— Julian — gemi. Ele se moveu ainda mais devagar, fazendo com que eu choramingasse frustrada.

— Diga-me o que quer, querida — murmurou ele, retirando o pênis quase todo. — Diga-me exatamente o que quer.

— Trepe comigo — respondi, agarrando o lençol. — Por favor, só me faça gozar.

Ele riu de novo, mas foi um som tenso, com a respiração pesada e irregular. Senti o pênis aumentar ainda mais dentro de mim e contraí os músculos em volta dele, tentando fazer com que se movesse um pouco mais depressa, com que me desse aquele pequeno extra de que eu precisava...

E finalmente ele fez isso.

Segurando meu quadril, ele aumentou o ritmo, penetrando-me com mais força e mais depressa. As investidas reverberaram em mim, lançando ondas de prazer que irradiavam de meu sexo. Agarrei o lençol e meus gritos ficaram mais altos à medida que a tensão dentro de mim se tornou intolerável... até que eu explodisse em um milhão de pedaços, com o corpo pulsando em volta do pênis enorme. Ele gemeu, enterrando os dedos no meu quadril, e senti-o pressionar a virilha contra meu traseiro e o pênis pulsando quando Julian gozou.

Quando tudo terminou, ele se afastou, dando um passo atrás. Tremendo por causa da intensidade do orgasmo, caí de lado e virei a cabeça para olhar para ele.

Julian estava de pé, com a calça aberta, e seu peito subia e descia com a respiração pesada. A expressão dele estava ainda cheia de desejo ao olhar para mim. Seu olhar estava fixo em minhas coxas, onde o esperma escorria lentamente.

Corei e olhei em volta do quarto, procurando algo com que me limpar. Por sorte, havia uma caixa de lenços de papel em uma prateleira perto da cama. Peguei-a e usei um lenço para limpar a prova do que fizéramos.

Julian observou minhas ações em silêncio. Em seguida, recuou e sua expressão se fechou novamente quando ele enfiou o pênis amolecido dentro da calça e puxou o zíper.

Pegando o cobertor, puxei-o para cobrir meu corpo nu. Subitamente, senti-me fria e exposta quando o calor dentro de mim se dissipou. Normalmente, Julian me abraçaria depois do ato sexual, reforçando nossa proximidade e sendo gentil para compensar a violência. Naquele dia, no entanto, ele não parecia inclinado a fazer isso.

— Está tudo bem? — perguntei de forma hesitante. — Eu fiz algo de

errado?

Ele abriu um sorriso frio e sentou-se na cama ao meu lado. — O que você poderia ter feito de errado, meu bichinho? — Olhando para mim, ele ergueu a mão e segurou um cacho dos meus cabelos, esfregando-o entre os dedos. Apesar do gesto, havia um brilho duro em seu olho que aumentou minha inquietude.

Tive uma intuição súbita. — É por causa da pílula do dia seguinte, não é? Você ficou chateado porque eu a tomei?

— Chateado? Porque você não quer um filho comigo? — Ele riu, mas havia uma aspereza no som que me deixou com um nó no estômago. — Não, meu bichinho, não estou chateado. Eu seria um péssimo pai e sei disso.

Eu o encarei, tentando entender por que as palavras dele me fizeram sentir culpa. Ele era um assassino, um sádico, um homem que me sequestrara e mantivera-me cativa. E, mesmo assim, eu me senti mal, como se o tivesse ferido sem querer.

Como se eu realmente tivesse feito algo de errado.

— Julian... — Eu não sabia o que dizer. Não podia mentir que ele seria um bom pai. Ele veria que eu estava mentindo. Portanto, perguntei com cautela: — Você quer ter filhos?

Prendi a respiração, esperando a resposta dele.

Ele olhou para mim com expressão novamente inescrutável. — Não, Nora — respondeu ele baixinho. — A última coisa de que nós precisamos é um filho. Você pode colocar todos os implantes anticoncepcionais que quiser. Não vou forçá-la a engravidar.

Soltei um suspiro de alívio. — Está bem, ótimo. Então, por quê...

Antes que eu conseguisse concluir a pergunta, Julian se levantou, indicando o fim da conversa. — Estarei na cabine principal — disse ele. — Tenho trabalho a fazer. Junte-se a mim depois que se vestir.

Em seguida, ele saiu do quarto, deixando-me deitada na cama, nua e confusa.

Julian

EU ESTAVA no meio da análise de um possível investimento feita pelo meu gerente de portfólio quando Nora silenciosamente se sentou ao meu lado. Incapaz de resistir à atração da presença dela, virei-me para observá-la quando ela começou a ler o livro.

Depois de ter passado alguns minutos longe dela, a necessidade irracional de machucá-la sumira. Em seu lugar, havia uma tristeza inexplicável... e uma sensação estranha e inesperada de perda.

Eu não conseguia entender. Não mentira a Nora quando dissera que não queria filhos. Eu nunca pensara muito no assunto, mas, agora que o considerava, não conseguia me imaginar sendo pai. O que eu faria com um filho? Seria apenas mais uma fraqueza para meus inimigos explorarem. Eu não tinha interesse em bebês nem sabia como criá-los. Meus pais certamente não eram modelos para isso. Eu deveria estar feliz por Nora não querer filhos, mas, em vez disso, quando ela falara sobre a pílula do dia seguinte, a sensação fora de um chute dos testículos.

Como uma rejeição do pior tipo.

Eu estivera tentando não pensar nisso, mas vê-la limpar o esperma das coxas levava à tona aquelas emoções indesejadas, lembrando que ela não queria aquilo de mim.

Que ela nunca iria querer aquilo de mim.

Eu não entendia por que isso importava. Eu nunca planejava começar uma família com Nora. O casamento fora uma forma de cimentar nossa ligação, nada mais. Ela era meu bichinho... minha obsessão e minha posse. Ela me amava porque eu a fizera me amar. E eu a queria porque ela era necessária para minha existência. Crianças não eram parte desta dinâmica.

Não podiam ser.

Vendo-me olhar para ela, Nora abriu um sorriso hesitante. — No que você está trabalhando? — perguntou ela, colocando o livro virado para baixo sobre o colo. — Ainda é o projeto do drone?

— Não, querida. — Forcei-me a me concentrar no fato de que ela fora atrás de mim no Tajiquistão, que me amava o suficiente para fazer algo tão insano, e meu humor começou a mudar. O aperto no peito começou a desaparecer.

— O que é então? — persistiu ela. Sorri involuntariamente, achando divertida a curiosidade dela. Nora não se contentava mais em ficar à beira da minha vida. Ela queria saber de tudo e ficava cada vez mais ousada na busca de respostas.

Se fosse qualquer outra pessoa, eu teria ficado irritado. Mas, com Nora, eu não me importava. Eu gostava da curiosidade dela. — Estou analisando um possível investimento — expliquei.

Ela pareceu intrigada e contei que estava lendo sobre uma empresa iniciante de biotecnologia que se especializava em remédios para o cérebro. Se decidisse prosseguir, eu seria um investidor anjo, um dos primeiros a custear a empresa. O capital de risco era algo que sempre me interessara. Eu gostava de acompanhar a inovação em todas as áreas e lucrar com ela da melhor forma possível.

Ela ouviu minha explicação com fascinação evidente, com os olhos escuros sobre o meu rosto o tempo inteiro. Eu gostei da forma como ela absorvia conhecimento como uma esponja. Era divertido ensiná-la, mostrar a ela diferentes partes do meu mundo. As poucas perguntas que ela fez foram inteligentes, mostrando que entendia exatamente do que eu estava falando.

— Se esse remédio pode apagar lembranças, não poderia ser usado para tratar o estresse pós-traumático e coisas assim? — perguntou ela depois que descrevi um dos produtos mais promissores da empresa. E concordei, tendo chegado à mesma conclusão alguns minutos antes.

Eu não previra aquilo ao sequestrá-la... que gostaria de passar tempo com ela. Quando a sequestrara, eu a vira puramente como objeto sexual, uma bela garota que me obcecava tanto que não conseguia tirá-la da mente. Eu não esperara que ela se tornasse minha companheira, além de parceira sexual. Não percebera que eu gostaria simplesmente de ficar com ela.

Não sabia que ela passaria a me possuir tanto quanto eu a possuía.

Realmente, fora bom que ela se lembrasse de tomar a pílula. Quando estivéssemos curados, nossa vida poderia voltar ao normal.

Ao nosso normal.

Eu teria Nora comigo e nunca mais deixaria que saísse de minhas vistas.



ESTAVA ESCURO QUANDO POUSAMOS. Conduzi uma Nora sonolenta para fora do avião e entramos no carro para ir para casa.

Casa. Era estranho pensar naquele lugar como minha casa novamente. Fora minha casa quando eu era criança. E eu o odiava. Odiava tudo que dizia respeito

a ele, do calor úmido ao cheiro da vegetação úmida da selva. Mas, quando ficara mais velho, eu me sentia atraído por lugares como aquele... locais trópicos que me lembravam da selva onde crescera.

Fora preciso a presença de Nora lá para me fazer perceber que, no fim das contas, eu não odiava a propriedade. O lugar nunca fora o objeto do meu ódio... fora sempre a pessoa a quem ele pertencera.

Meu pai.

Nora se aconchegou mais perto de mim no banco de trás do carro, interrompendo meus pensamentos, e bocejou delicadamente contra meu ombro. O som foi tão parecido com o de um gatinho que ri e passei o braço direito em volta de sua cintura, puxando-a mais para perto. — Com sono?

— Hmm-mm. — Ela esfregou o rosto em meu pescoço. — Seu cheiro é gostoso — murmurou ela.

Imediatamente, o pênis ficou rígido, reagindo à sensação dos lábios dela contra minha pele.

Merda. Soltei um suspiro frustrado quando o carro parou na frente da casa. Ana e Rosa estavam paradas no alpendre, prontas para nos receber, e o pênis queria sair da calça. Mudei de posição, tentando afastar Nora para que a ereção pudesse diminuir. O cotovelo dela encostou em minhas costelas e fiquei tenso com a dor, xingando Majid mentalmente.

Eu não podia esperar até que estivesse curado. Até mesmo o ato sexual mais cedo causara dor, especialmente quando aumentei o ritmo das investidas no final. Não que isso tivesse diminuído o prazer... eu certamente conseguiria trepar com Nora em meu leito de morte e gostar... mas isso ainda me irritava. Eu gostava de dor com o sexo, mas somente quando era o causador.

A vantagem foi que a ereção não estava mais tão visível.

— Chegamos — disse eu a Nora quando ela esfregou os olhos e bocejou novamente. — Eu a carregaria até a porta, mas receio que não conseguirei fazer isso desta vez.

Ela pestanejou, parecendo confusa por um momento, mas logo abriu um sorriso largo. Ela também se lembrava. — Não sou mais recém-casada — disse ela, sorrindo. — Portanto, você está liberado.

Sorri de volta para ela, sentindo um contentamento incomum no peito, e abri a porta do carro.

Assim que saímos, fomos atacados por duas mulheres chorosas. Mais precisamente, Nora foi atacada. Só observei divertido enquanto Ana e Rosa a abraçavam, rindo e chorando ao mesmo tempo. Depois de terminarem com Nora, elas se viraram para mim. Ana chorou ainda mais ao olhar para o curativo no meu rosto. — Ai, *pobrecito*... — Ela passou a falar em espanhol, como fazia

às vezes quando estava chateada. Nora e Rosa tentaram acalmá-la, dizendo que eu me recuperaria e que a coisa mais importante era que estava vivo.

A preocupação da governanta foi tocante e desconcertante. Eu sempre estivera vagamente ciente de que a mulher mais velha gostava de mim, mas não percebera que seus sentimentos eram tão fortes. Desde que conseguia me lembrar, Ana fora uma presença reconfortante na propriedade, alguém que me alimentara, limpara e cuidara das feridas de criança. Mas eu nunca deixara que chegasse perto demais e, pela primeira vez, senti uma pontinha de arrependimento. Nem ela nem Rosa, a criada que era amiga de Nora, tentaram me abraçar como fizeram com minha esposa. Acharam que eu não gostaria e provavelmente tinham razão.

A única pessoa de quem eu queria afeição... não, que precisava... era Nora, algo que se desenvolvera recentemente.

Depois que as três mulheres terminaram com a reunião emotiva, entramos na casa. Apesar de ser tarde, Nora e eu estávamos com fome e devoramos a refeição que Ana preparara em tempo recorde. Depois, saciados e exaustos, fomos para o quarto no segundo andar.

Depois de um banho rápido e uma trepada igualmente rápida, peguei no sono com a cabeça de Nora sobre meu ombro.

Eu estava pronto para voltar à nossa vida normal.



O GRITO que me acordou deixou meu sangue gelado. Cheio de desespero e terror, ele ecoou nas paredes e encheu minhas veias de adrenalina.

Antes mesmo de perceber o que estava acontecendo, eu estava de pé ao lado da cama. Quando o grito desapareceu, peguei a arma escondida na mesinha de cabeceira e apertei o interruptor da luz com as costas da mão.

O abajur acendeu, iluminando o quarto, e vi Nora encolhida no meio da cama, tremendo sob a coberta.

Não havia mais ninguém no quarto, nenhuma ameaça visível.

Meu coração começou a desacelerar. Não tínhamos sido atacados. O grito devia ser de Nora.

Ela estava tendo outro pesadelo.

Merda. A vontade de ser violento foi quase forte demais para ser contida. Ela encheu cada célula do meu corpo até que eu estivesse tremendo de fúria, com a necessidade de matar e destruir cada filho da puta responsável por aquilo.

Possivelmente começando por mim mesmo.

Virando-me de costas, respirei fundo várias vezes, tentando conter a fúria que queimava dentro de mim. Não havia ninguém ali em quem eu pudesse bater, nenhum inimigo que pudesse esmagar para liberar esta fúria.

Havia somente Nora, que precisava que eu fosse calmo e racional.

Depois de alguns segundos, quando tive certeza de que não a machucaria, virei-me para ela e guardei a arma na mesinha de cabeceira. Em seguida, subi novamente na cama. O ombro e as costelas doíam muito e minha cabeça latejava por causa dos movimentos súbitos, mas a dor não era nada em comparação ao peso no peito.

— Nora, querida... — Inclinei-me sobre ela, tirei o cobertor que cobria o corpo nu e coloquei a mão direita em seu ombro para acordá-la. — Acorde, meu bichinho. É só um pesadelo. — A pele dela estava úmida e os sons que ela fazia me causavam mais dor do que a tortura de Majid. Uma nova raiva surgiu, mas eu a reprimi, mantendo a voz baixa. — Acorde, querida. Você está sonhando, não é real.

Ela rolou o corpo e ficou deitada de costas, ainda tremendo. Vi que seus olhos estavam abertos.

Estavam abertos, mas sem ver nada enquanto ela lutava para respirar. Seu peito subia e descia rapidamente e as mãos agarravam o lençol em desespero.

Ela não estava sonhando. Estava no meio de um ataque de pânico, provavelmente causado pelo pesadelo.

Eu queria jogar a cabeça para trás e gritar de raiva, mas não fiz isso. Ela precisava de mim e eu não podia desapontá-la.

Nunca mais.

Ficando de joelhos, sentei-me sobre seus quadris e abaixei para segurar seu maxilar com a mão direita. — Nora, olhe para mim. — Falei em tom de comando, de forma ríspida. — Olhe para mim, meu bichinho. Agora.

Apesar do pânico, ela obedeceu, pois o condicionamento era forte demais para ser negado. Os olhos dela encontraram meu olhar e vi que as pupilas estavam dilatadas. Ela também estava hiperventilando, com a boca aberta ao tentar respirar.

Merda, merda. Meu primeiro instinto foi de abraçá-la, de ser gentil e acalmá-la, mas lembrei-me do ataque de pânico que ela tivera durante o sexo na noite anterior e como nada parecera ajudá-la.

Nada, exceto violência.

Portanto, em vez de murmurar coisas inúteis, abaixei-me, apoiando-me no cotovelo direito, e beijei-a de forma brutal, usando a mão em seu maxilar para mantê-la imóvel. Meus lábios esmagaram os dela. Enterrei os dentes em seu lábio inferior ao empurrar a língua para dentro de sua boca, invadindo-a e

machucando-a. O monstro sádico dentro de mim adorou o gosto metálico do sangue dela, enquanto que o restante de mim sentiu dor com a agonia da mente de Nora.

Ela arquejou contra minha boca, mas o som foi diferente agora, mais assustado do que desesperado. Senti o peito dela se encher de ar e percebi que meu método duro de chegar a ela funcionara, pois fizera com que se concentrasse na dor física, em vez da dor mental. Os punhos dela se abriram, largando o lençol, e ela ficou parada sob mim, tensa com um tipo de medo diferente.

Um medo que trouxe à tona a parte mais sombria e predatória de mim... a parte que queria subjugar e devorá-la.

A fúria que ainda queimava em mim aumentava esta vontade, alimentando-a até que me transformei naquele desejo terrível. Meu foco se estreitou até que eu só tivesse consciência da textura sedosa de seus lábios com gosto de sangue e as curvas do corpo nu, pequeno e impotente sob o meu. O pênis enrijeceu até o ponto da dor quando ela agarrou meu braço direito com as duas mãos e soltou um som agonizante.

Subitamente, o beijo não foi mais suficiente. Eu precisava tê-la completamente.

Soltando o maxilar de Nora, usei o braço para me apoiar e fiquei de joelhos. Ela me encarou, com os lábios inchados e manchados de vermelho. Ela ainda ofegava, com o peito subindo e descendo rapidamente, mas o olhar vazio desaparecera. Ela estava totalmente presente e era o que o meu demônio interno queria no momento.

Saí de cima dela em um movimento rápido, ignorando a dor nas costelas, e abri novamente a gaveta da mesinha de cabeceira. Mas, em vez de pegar a arma, tirei um açoite de couro trançado.

Nora arregalou os olhos. — Julian? — A voz dela estava ofegante, ainda por causa do pânico.

— Vire-se. — As palavras saíram em tom ríspido, traindo a necessidade violenta dentro de mim. — Agora.

Ela hesitou por um momento e rolou o corpo para ficar de bruços.

— De joelhos.

Ela ficou de quatro e virou a cabeça para olhar para mim, esperando mais instruções.

Um bichinho tão bem treinado. A obediência dela aumentou meu desejo, minha vontade desesperada de possuí-la. A posição em que ela estava exibia o traseiro e expunha a boceta, fazendo com que o pênis inchasse ainda mais. Eu queria devorá-la, reclamar cada centímetro de seu corpo. Senti os músculos

ficarem tensos e, quase sem pensar, movi o açoite, deixando que o couro mordesse a pele macia das nádegas dela.

Ela gritou, fechando os olhos ao enrijecer o corpo. A escuridão dentro de mim assumiu o controle, acabando com todos os traços de pensamento racional. Observei, quase como se estivesse distante, quando o açoite a atingiu repetidamente, deixando marcas rosadas e riscos vermelhos em suas costas, nádegas e coxas. Ela se encolheu nos primeiros golpes, gritando de dor, mas, quando encontrei o ritmo, o corpo dela começou a relaxar, esperando em vez de resistir. Os gritos ficaram mais suaves e as dobras da boceta começaram a brilhar com a umidade.

Ela respondeu ao açoitamento como se fosse uma carícia sensual.

Meus testículos se contraíram quando larguei o açoite e aproximei-me dela, passando o braço direito sob seus quadris para puxá-la na minha direção. O pênis pressionou sua entrada e gemi ao sentir o calor úmido contra a ponta dele, revestindo-o de uma umidade cremosa. Ela gemeu, arqueando as costas, e eu a penetrei, forçando sua carne a me envolver.

A boceta de Nora estava incrivelmente apertada e os músculos internos me apertavam como um punho. Não importava a frequência com que eu trepava com ela, cada vez era nova de alguma forma e as sensações eram mais ricas na minha lembrança. Eu poderia ficar dentro dela para sempre, sentindo sua maciez, seu calor úmido. Mas não podia. A necessidade primitiva de me mover, de penetrá-la, era forte demais para ser negada. Meu coração batia com força e meu corpo pulsava com uma necessidade selvagem.

Eu fiquei imóvel pelo tempo que consegui e, em seguida, comecei a me mover, com cada investida fazendo com que a virilha encostasse nas nádegas rosadas e recém-machucadas. Ela gemeu com cada investida, apertando-se em volta do pênis, e as sensações se acumularam, intensificando-se até um nível intolerável. Minha pele se arrepiou com a proximidade do orgasmo e comecei a investir mais depressa, com mais força, até sentir as contrações dela quando a boceta se contraiu repetidamente em volta de mim e Nora gritou meu nome.

Foi a gota d'água. O orgasmo que eu estivera contendo me invadiu com uma força intensa e explodi dentro dela com um gemido rouco. O prazer incrível invadiu meu corpo. Era uma sensação diferente de tudo, um êxtase que ia muito além da satisfação física. Era algo que eu só sentira com Nora.

E algo que eu só sentiria com Nora.

Respirando pesadamente, afastei-me dela, deixando que ela caísse sobre a cama. Em seguida, deitei ao lado dela e puxei-a para perto, sabendo que ela precisava de ternura depois da brutalidade.

E, de certa forma, eu também precisava. Precisava reconfortá-la, ligá-la a

mim quando ela estava mais vulnerável para que pudesse garantir seu amor.

Talvez fosse algo feito a sangue frio, mas eu não deixava coisas importantes como aquela ao acaso.

Ela se virou para mim e enterrou o rosto em meu pescoço. Seus ombros sacudiram com soluços silenciosos. — Abrace-me, Julian — sussurrou ela. Eu a abracei.

Eu sempre a abraçaria, não importava o que acontecesse.

A CURA

N ora

—JULIAN, você tem um minuto?

Ao entrar no escritório do meu marido, andei até a mesa dele. Ele ergueu o olhar para me cumprimentar e, mais uma vez, fiquei maravilhada ao ver o tremendo progresso da recuperação dele nas seis semanas anteriores.

O gesso do braço dele fora retirado, bem como todos os curativos. Julian lidara com a cura da mesma forma como lidava com qualquer objetivo: com determinação implacável. Assim que o dr. Goldberg aprovara a remoção do gesso, Julian mergulhara na fisioterapia, passando horas por dia em exercícios concebidos para restaurar a mobilidade e as funções do lado esquerdo do corpo. Com as cicatrizes começando a desaparecer, havia dias em que eu quase me esquecia de que ele fora ferido... que passara pelo inferno e saíra relativamente ileso.

Mesmo o implante ocular dele não parecia mais tão assustador. Nossa estadia na clínica na Suíça e todos os procedimentos tinham custado milhões a Julian, eu vira a conta na caixa de entrada dele, mas os médicos tinham feito um trabalho fenomenal em seu rosto. O implante era tão perfeitamente igual ao olho real de Julian que, quando ele olhava diretamente para mim, era quase impossível dizer que era falso. Eu não tinha ideia de como tinham conseguido fazê-lo com aquele tom exato de azul, mas fizeram, incluindo todas as estrias e as variações naturais de cor. A pupila falsa até mesmo se contraía na luz forte e dilatava quando Julian estava empolgado ou excitado, graças a um biodispositivo de retorno que Julian usava como relógio. O relógio media o pulso e a condutância da pele e enviava as informações ao implante, possibilitando as respostas de aparência o mais natural possível. As únicas coisas que o implante não fazia era reproduzir o movimento normal do olho e permitir que Julian enxergasse.

— Essa parte, a conexão com o cérebro, demorará mais alguns anos — dissera Julian algumas semanas antes. — Estão trabalhando nisso no momento em um laboratório em Israel.

Portanto, sim, o implante era notavelmente parecido com um olho real. E Julian estava aprendendo a minimizar a estranheza de mover apenas um olho virando a cabeça inteira para olhar diretamente para alguma coisa, como olhava

para mim naquele momento.

— O que foi, meu bichinho? — perguntou ele, sorrindo. Os belos lábios estavam totalmente curados e as cicatrizes leves na bochecha esquerda adicionavam um toque perigoso e atraente à sua aparência. Era como se uma parte da escuridão interna dele estivesse agora visível no rosto, mas, em vez de me repelir, eu me sentia ainda mais atraída.

Provavelmente porque eu precisava daquela escuridão agora... era a única coisa que me mantinha sã no momento.

— Monsieur Bernard acabou de me dizer que tem um amigo interessado em expor minhas pinturas — disse eu, tentando imitar a forma como instrutores de arte davam aquele tipo de notícia. — Parece que ele tem uma galeria de arte em Paris.

Julian ergueu as sobrancelhas. — É mesmo?

Assenti, mal conseguindo conter a empolgação. — Sim, consegue acreditar nisso? Monsieur Bernard mandou fotos para ele dos meus últimos trabalhos e o dono da galeria disse que é exatamente o que estava procurando.

— Isso é maravilhoso, querida. — O sorriso de Julian se alargou e ele estendeu a mão para me puxar para o seu colo. — Estou muito orgulhoso de você.

— Obrigada. — Eu queria saltar de alegria, mas passei os braços em volta do pescoço dele e dei-lhe um beijo empolgado. Obviamente, assim que nossos lábios se tocaram, Julian assumiu o beijo, transformando minha expressão espontânea de gratidão em um ataque sensual prolongado que me deixou sem fôlego.

Quando ele finalmente me deixou respirar, demorei um segundo para me lembrar como fora parar em seu colo.

— Estou muito orgulhoso de você — repetiu Julian com voz suave ao me encarar. Senti o volume da ereção, mas ele não levou adiante. Em vez disso, abriu um sorriso acolhedor e disse: — Terei que agradecer a Monsieur Bernard por levar aquelas fotos. Se o dono da galeria acabar expondo o seu trabalho, talvez possamos fazer uma viagem curta até Paris.

— Sério? — Eu o encarei. Era a primeira vez que Julian indicava que talvez não ficassemos na propriedade o tempo inteiro. E ir para Paris? Eu mal consegui acreditar nos meus ouvidos.

Ele assentiu, ainda sorrindo. — Claro. A Al-Quadar não é mais uma ameaça. Lá é seguro e, com proteção suficiente, não vejo razão para não visitarmos Paris em breve... especialmente se houver um motivo atraente.

Eu sorri para ele, tentando não pensar em como a Al-Quadar deixara de ser uma ameaça. Julian não me contara muita coisa sobre a operação, mas o pouco

que eu sabia era suficiente. Quando nossos resgatadores atacaram o canteiro de obras no Tajiquistão, tinham descoberto uma quantidade tremenda de informações valiosas. Depois de voltarmos à propriedade, todas as pessoas, mesmo remotamente conectadas à organização terrorista, tinham sido eliminadas, algumas de forma rápida, outras lenta e dolorosamente. Eu não sabia quantas mortes tinham ocorrido nas semanas recentes, mas não ficaria surpresa se passasse de uma centena.

O homem que me abraçava naquele momento era responsável pelo que se transformara em uma chacina... e eu ainda o amava com todo o meu coração.

— Uma viagem para Paris seria incrível — disse eu, afastando todos os pensamentos sobre a Al-Quadar. Em vez disso, concentrei-me na possibilidade inacreditável de que meus quadros pudessem ser expostos em uma galeria de arte de verdade. Meus quadros. Era tão difícil de acreditar que perguntei a Julian de forma cautelosa: — Você não pediu a Monsieur Bernard que fizesse isso, pediu? Ou de alguma forma subornou o amigo dele? — Como Julian usara dinheiro para me colocar no programa *on-line* altamente seletivo da Universidade de Stanford, eu não podia descartar a possibilidade.

— Não, querida. — O sorriso de Julian aumentou. — Não tive nada a ver com isso, juro. Você tem um talento genuíno e seu professor sabe disso.

Eu acreditei nele, nem que fosse porque Monsieur Bernard estivera elogiando minhas pinturas nas últimas semanas. A escuridão e a complexidade que ele vira em minha arte no começo estavam ainda mais visíveis. Pintar fora uma das formas que eu encontrara de lidar com os pesadelos e os ataques de pânico. A dor sexual era diferente... mas isso era uma questão inteiramente diferente.

Sem querer pensar muito no meu estado mental confuso, saltei do colo de Julian. — Vou contar aos meus pais — disse eu animada ao andar na direção da porta. — Eles ficarão muito felizes.

— Tenho certeza disso. — E, dando-me um último sorriso, ele voltou a atenção para a tela do computador.



A CONVERSA de vídeo com meus pais demorou quase uma hora. Como sempre, tive que passar pelo menos vinte minutos garantindo à minha mãe que eu estava segura, que ainda estava na propriedade na Colômbia e que ninguém iria nos atacar. Depois que eu desaparecera do shopping center em Chicago, meus pais tinham ficado convencidos de que os inimigos de Julian estavam por toda parte,

prontos para atacar. Se eu não telefonasse nem enviasse um *e-mail* diariamente, meus pais entravam em pânico.

Não que eles achassem que eu estava segura com Julian, obviamente. Para eles, Julian não era diferente dos terroristas que me sequestraram. Na verdade, eu achava que meu pai acreditava que Julian era pior... considerando que meu marido me sequestrara não uma, mas duas vezes.

— Uma galeria em Paris? Isso é incrível, querida! — exclamou minha mãe quando finalmente consegui dar a notícia a ela. — Estamos muito felizes por você!

— Ainda está concentrada nas aulas? — perguntou meu pai, franzindo a testa. Ele pareceu menos entusiasmado sobre meus quadros. Achei que ele estivesse receoso de que eu abandonasse a faculdade para me tornar uma artista faminta... um medo que era totalmente ilógico, considerando as circunstâncias. Se havia uma coisa com a qual eu não precisava me preocupar, era dinheiro. Julian recentemente me dissera que criara um fundo em meu nome, além de ter me nomeado a única beneficiária de seu testamento. Assim, se alguma coisa acontecesse com ele, eu estaria amparada... e isso significava que eu teria dinheiro suficiente para sustentar um país pequeno.

— Sim, papai — respondi pacientemente. — Não se preocupe, ainda estou concentrada na faculdade. Eu lhe disse, só peguei uma carga menor neste trimestre. Vou compensar fazendo algumas matérias no verão.

A carga mais leve fora algo em que Julian insistira ao voltarmos. E, apesar de minhas objeções iniciais, fiquei feliz por ele ter insistido nisso. Por algum motivo, tudo parecia mais difícil naquele trimestre. Eu demorava muito para redigir os trabalhos e estudar para as provas era cansativo. Mesmo com a carga menor, eu me sentia sobrecarregada, mas não era algo que diria aos meus pais. Era ruim o suficiente que Julian estivesse preocupado.

Tão preocupado, na verdade, que ele levara uma psiquiatra para a propriedade para me tratar.

— Tem certeza, querida? — perguntou mamãe, olhando para mim com preocupação. — Talvez você devesse tirar uma folga no verão, relaxar por uns dois meses. Parece muito cansada.

Merda. Eu torcera para que as olheiras fundas não fossem tão fáceis de perceber no vídeo.

— Estou bem, mamãe — respondi. — Só fiquei acordada até tarde estudando e pintando, mais nada.

Eu também acordara no meio da noite gritando e não conseguira dormir novamente até que Julian me chicoteasse e trepasse comigo, mas meus pais não precisavam saber disso. Eles não entenderiam que a dor agora era algo

terapêutico para mim, que eu passara a precisar de algo que antes detestara.

Que o lado cruel de Julian era algo que eu abraçara completamente.

Ao nos despedirmos, lembrei-me de algo que Julian me prometera uma vez, que me levaria para visitar minha família quando o perigo da Al-Quadar desaparecesse. Meu coração saltou de empolgação ao lembrar disso, mas decidi ficar quieta até que tivesse a oportunidade de perguntar a Julian durante o jantar. Por enquanto, só disse aos meus pais que falaria com eles em breve e desliguei a conexão segura.

Havia agora duas coisas que eu precisaria discutir com Julian naquela noite... e as duas seriam um tanto complicadas.



— U^{MA} VIAGEM PARA CHICAGO? — Julian pareceu vagamente surpreso quando toquei no assunto. — Mas você viu seus pais há menos de dois meses.

— Sim, por uma noite antes que a Al-Quadar me sequestrasse. — Soprei a sopa de cogumelos antes de mergulhar a colher no líquido quente. — Eu também estava muito preocupada com você e não acho que aquela noite conte como passar um tempo com a minha família.

Julian me estudou por um segundo e murmurou: — Muito bem. Talvez você tenha razão. — Em seguida, começou a tomar a própria sopa enquanto eu o encarava, mal acreditando que ele concordaria com tanta facilidade.

— Então, podemos ir? — Eu queria ter certeza de que não haveria algum mal-entendido.

Ele deu de ombros. — Se você quiser. Depois que terminar suas provas, eu a levarei lá. Teremos que aumentar a segurança em volta de seus pais, é claro, e tomar algumas precauções extras, mas é possível.

Comecei a sorrir, mas lembrei-me de algo que ele me dissera uma vez. — Acha que irmos lá colocaria meus pais em perigo? — perguntei, sentindo uma náusea súbita. — Eles poderiam se tornar um alvo se estiverem em contato com você?

Julian me olhou diretamente. — É uma possibilidade. É remota, mas não está totalmente fora de questão. Obviamente, havia um perigo muito maior quando os terroristas estavam atrás de sangue, mas tenho outros inimigos. Nenhum tão determinado, pelo menos até onde sei, mas há muitos indivíduos e organizações que adorariam colocar as mãos em mim.

— Certo. — Engoli uma colherada de sopa e imediatamente me arrependi, pois o líquido cremoso aumentou a náusea. — E você acha que eles poderiam

usar meus pais para isso?

— É improvável, mas não posso descartar a ideia totalmente. Foi por isso que coloquei seguranças em volta de sua família desde o início. É uma precaução, nada mais... mas, na minha opinião, uma precaução necessária.

Respirei fundo, fazendo o possível para ignorar a ardência no estômago. — Então, a nossa ida para Chicago aumentaria o perigo para eles ou não?

— Não sei, meu bichinho. — Julian pareceu levemente chateado. — Eu diria que não, mas não há garantia.

Peguei o copo e tomei um gole de água, tentando me livrar do gosto enjoativo da sopa gordurosa da língua. — E se eu for sozinha? — sugeri sem pensar. — Assim, ninguém achará que você é próximo de seus sogros.

O rosto de Julian ficou sombrio no mesmo instante. — Sozinha?

Assenti, ficando instintivamente tensa com a mudança de humor dele. Apesar de saber que Julian não me machucaria, eu não conseguia evitar sentir medo do temperamento dele. Eu podia estar com Julian por vontade própria agora, mas ele ainda tinha controle absoluto sobre minha vida... como acontecera quando eu era prisioneira na ilha dele.

De todas as formas que importavam, ele ainda era o meu sequestrador, perigoso e amoral.

— Você não vai a lugar nenhum sozinha. — A voz de Julian estava suave, mas o olhar era duro como aço. — Se quiser que a leve a Chicago, eu a levarei... mas você não dará um passo fora desta propriedade sem mim. Entendeu bem, Nora?

— Sim. — Tomei mais alguns goles de água, ainda sentindo o gosto da sopa na garganta. O que diabos Ana colocara nela aquela noite? Até o cheio era desagradável. — Entendi. — Minhas palavras saíram em tom calmo, sem ressentimento... principalmente porque eu estava sentindo-me enjoada demais para ficar com raiva da atitude autocrática de Julian. Tomando o restante da água, eu disse: — Foi só uma sugestão.

Julian me encarou por alguns momentos e assentiu. — Está bem.

Antes que ele tivesse a oportunidade de dizer mais alguma coisa, Ana entrou na sala carregando o próximo prato, peixe com arroz e vagens. Vendo que eu mal tocara na sopa, ela fez uma careta. — Não gostou da sopa, Nora?

— Não, está deliciosa — menti. — Só não estou com tanta fome e queria guardar espaço para o prato principal.

Ana me lançou um olhar preocupado, mas tirou os pratos usados sem fazer mais nenhum comentário. Meu apetite estivera imprevisível desde que voltáramos e não era a primeira vez que eu deixava uma refeição intocada. Eu não me pesara, mas achava que tinha perdido um ou dois quilos nas semanas

anteriores, o que não era necessariamente algo bom no meu caso.

Julian também franziu a testa, mas não disse nada quando comecei a brincar com o arroz no meu prato. Eu realmente não queria comer, mas forcei-me a dar uma garfada. O arroz também estava com gosto forte, mas mastiguei e engoli de forma determinada, sem querer que Julian se concentrasse na minha falta de apetite.

Eu tinha algo mais importante para discutir com ele.

Assim que Ana saiu da sala, larguei o garfo e olhei para o meu marido. — Recebi outra mensagem — disse eu baixinho.

O maxilar de Julian ficou rígido. — Eu sei.

— Você está monitorando meu *e-mail* agora? — Meu estômago se contraiu novamente, desta vez com uma mistura de náusea e raiva. Eu não deveria ficar surpresa, considerando os rastreadores que ele implantara em meu corpo, mas alguma coisa naquela invasão de privacidade casual me deixou muito chateada.

— É claro. — Ele não parecia sentir remorso nem culpa. — Achei que ele poderia entrar em contato com você novamente.

Respirei lentamente, relembando a mim mesma que era inútil argumentar sobre o assunto. — Então sabe que Peter não nos deixará em paz até que você dê aquela lista a ele — disse eu da forma mais calma possível. — De alguma forma, ele sabe que você a conseguiu com Frank na semana passada. A mensagem dele dizia "É hora de se lembrar de sua promessa". Ele não desaparecerá, Julian.

— Se ele continuar assediando você por *e-mail*, vou garantir que desapareça para sempre. — O tom de Julian ficou mais duro. — Ele sabe que não deve tentar me atingir usando você.

— Ele salvou a minha vida e a sua — lembrei pela milésima vez. — Sei que está furioso por ele ter desobedecido suas ordens, mas, se não tivesse feito isso, você estaria morto.

— E você não teria esses pesadelos e ataques de pânico. — Os lábios sensuais de Julian se apertaram. — Já fazem seis semanas, Nora, e você não melhorou nada. Mal dorme, mal come e não consigo me lembrar da última vez em que saiu para correr. Ele nunca deveria ter colocado você naquele tipo de perigo...

— Ele fez o que era necessário! — Batendo as mãos na mesa, eu me levantei, sem conseguir ficar sentada imóvel. — Acha que eu estaria me sentindo melhor se você tivesse morrido? Acha que eu não teria pesadelos se Majid mandasse seu corpo aos pedaços pelo correio? Minha cabeça fodida não é culpa de Peter, portanto, pare de culpá-lo por essa merda! Eu prometi aquela lista a ele e quero entregá-la! — Quando cheguei à última frase, eu estava gritando, furiosa demais para me importar com o temperamento de Julian.

Ele me encarou, estreitando os olhos. — Sente-se, Nora. — A voz dele era perigosamente suave. — Agora.

— Ou o quê? — desafiei, sentindo-me incomumente descuidada. — Ou o quê, Julian?

— Quer mesmo fazer isso, meu bichinho? — perguntou ele no mesmo tom suave. Quando não respondi, ele apontou para a minha cadeira. — Sente-se e termine a refeição que Ana preparou para você.

Mantive o olhar dele por mais alguns segundos, sem querer ceder, mas acabei me sentando na cadeira. O surto de raiva desafiadora que me invadira tão subitamente desapareceu, deixando-me exausta e com vontade de chorar. Eu odiava o fato de que Julian conseguia vencer uma briga tão facilmente, mas ainda não era destemida o suficiente para testar seus limites.

Pelo menos, não sobre algo tão insignificante quanto terminar uma refeição.

E se fosse para desafiá-lo, seria sobre algo que importasse.

Baixando o olhar para o prato, peguei o garfo e espetei em um pedaço de peixe, tentando ignorar meu enjoo crescente. Meu estômago queimava com cada garfada, mas persisti até comer aproximadamente metade do que havia no prato. Julian, enquanto isso, devorou tudo o que havia no prato dele, com o apetite obviamente sem ser afetado pela discussão.

— Sobremesa? Chá? Café? — perguntou Ana ao voltar para tirar os pratos sujos. Neguei silenciosamente, sem querer prolongar a provação da refeição tensa.

— Também não quero, obrigado, Ana — disse Julian polidamente. — Tudo estava maravilhoso, como sempre.

Ana sorriu para ele, claramente contente. Notei que Julian fizera questão de elogiá-la com mais frequência desde que voltáramos... que, em geral, a atitude dele em relação a ela fora ligeiramente mais amigável recentemente. Eu não sabia o que causara a mudança, mas percebi que Ana gostara. Rosa me dissera que a governanta estivera praticamente dançando nas últimas semanas.

Quando Ana começou a limpar a mesa, Julian se levantou e deu a volta para me oferecer o braço. Passei a mão em volta do cotovelo dele e subimos a escada em silêncio. Enquanto andávamos, meu coração começou a bater mais depressa e o enjoo se intensificou.

A discussão daquela noite só confirmava o que eu já soubera por algum tempo: Julian nunca veria a razão no problema da lista de Peter. Se quisesse manter a minha promessa, teria que resolver eu mesma e aguentar as consequências do descontentamento do meu marido.

Mesmo se a ideia me deixasse literalmente doente.

J ulian

ASSIM QUE ENTRAMOS NO QUARTO, Nora pediu licença para ir ao banheiro.

Ela desapareceu no banheiro e eu me despi, desfrutando da liberdade de não ter mais o gesso no braço. Meu ombro esquerdo ainda doía durante os exercícios, mas eu estava recuperando a forma e o movimento. Nem mesmo a perda do olho me incomodava tanto. As dores de cabeça diminuía a cada dia e eu aprendera a compensar o ponto cego à esquerda virando a cabeça com mais frequência.

De forma geral, eu estava praticamente de volta ao normal... mas não podia dizer o mesmo de Nora.

Sempre que eu acordava com os gritos dela, sempre que ela começava a hiperventilar subitamente, uma mistura tóxica de raiva e culpa me invadia o peito. Eu nunca gostara de viver no passado, mas não podia evitar desejar que pudesse de alguma forma voltar no tempo, desfazer as consequências não intencionais das minhas opções idiotas.

Que eu conseguisse ter Nora... a minha Nora... de volta.

Ela saiu do banheiro alguns minutos depois, de banho tomado e vestindo um roupão branco. A pele lisa dela brilhava por causa da água quente e os cabelos escuros longos estavam frouxamente presos no topo da cabeça, expondo o pescoço delgado.

Um pescoço que começava a parecer delicado demais, quase frágil por causa da perda de peso.

— Venha cá, querida — murmurei, batendo de leve na cama ao meu lado. Eu considerara puni-la pela explosão no jantar, mas a única coisa que queria fazer naquele momento era abraçá-la. Bem, trepar com ela e abraçá-la, mas a trepada poderia esperar.

Ela andou na minha direção e segurei-a assim que estava ao meu alcance. Ela parecia perturbadoramente leve quando a puxei para meu colo. As sombras sob seus olhos traíram a exaustão.

Ela estava completamente esgotada e eu não sabia o que fazer. A terapeuta que eu levava para a propriedade três semanas antes parecia ser inútil e Nora se recusava a tomar os remédios contra a ansiedade que o médico prescrevera. Eu poderia forçá-la, obviamente, mas também não confiava naquelas pílulas. A

última coisa que eu queria era que Nora ficasse viciada nelas.

A única coisa que parecia ajudá-la, pelo menos temporariamente, era um alívio emocional conseguido com a dor sexual. Era algo que ela exigia agora, pelo qual implorava praticamente todas as noites.

Meu bichinho se tornara tão viciada em receber dor como eu era em causá-la... e isso me deixava feliz e arrasado.

— Você mal comeu de novo — disse eu baixinho, sentando-a de forma mais confortável nos meus joelhos. Erguendo a mão, soltei a presilha que prendia os cabelos dela e observei a massa escura se derramar pelas costas de Nora. — Por quê, querida? Há alguma coisa de errado com as comidas de Ana?

— O quê? Não... — ela começou a dizer, mas corrigiu-se. — Bem, talvez. Só não gostei da sopa hoje. Estava forte demais.

— Então vou pedir a Ana que não a faça mais no futuro. — Eu me lembrava claramente de Nora ter adorado a sopa em outra ocasião, mas decidi não comentar nada. Não me importava o que ela comesse, desde que permanecesse saudável.

— Só não diga a ela que reclamei, por favor. — A expressão de Nora estava cheia de preocupação. — Não quero que ela se sinta ofendida.

— Claro. — Abri um sorriso leve. — Vou levar o seu segredo para o túmulo, prometo.

Um sorriso surgiu no rosto dela em resposta, iluminando suas feições. Senti que boa parte da tensão entre nós se dissipara. — Obrigada — sussurrou ela, encarando-me. Em seguida, colocando uma mão pequena em meu ombro e outra na minha nuca, ela fechou os olhos e pressionou os lábios contra os meus.

Respirei fundo, sentindo o corpo tenso com desejo instantâneo. A respiração dela era doce, o peso de seu corpo leve e quente em meus braços. Senti seus dedos finos em minha pele, o perfume delicado. Um arrepio me percorreu com uma fome crescente e o pênis enrijeceu contra a curva de suas nádegas.

Mas, desta vez, a fome não chegou com a necessidade de feri-la. Em vez disso, era cheia de ternura. Os impulsos mais sombrios estavam lá, mas superados pela minha consciência da fragilidade dela. Naquela noite, mais do que nunca, eu queria protegê-la, curá-la dos ferimentos que nunca deveria ter sofrido. Eu queria ser o herói, o salvador dela.

Por apenas uma noite, eu queria ser o marido dos sonhos dela.

Fechando os olhos, concentrei-me no gosto dela, na forma como sua respiração mudou quando aprofundei o beijo. A forma como a cabeça dela se inclinou para trás e seu corpo se derreteu contra o meu, com as unhas gentilmente acariciando meu couro cabeludo ao enterrar as mãos em meus

cabelos. Ela era meu mundo, meu tudo e eu a queria tanto que doía.

Ela ainda estava vestindo o roupão e o material era macio contra minhas coxas e o pênis. Mas, apesar de ser uma sensação boa, eu sabia que a pele nua de Nora seria melhor ainda. Portanto, puxei o cinto que o prendia à cintura dela. Ao mesmo tempo, ergui a cabeça e abri os olhos para encará-la.

Quando o cinto se soltou, o roupão abriu, expondo um V de pele macia e bronzeada. Consegui ver as curvas internas dos seios e o abdômen liso, mas os mamilos e a parte inferior do corpo ainda estavam cobertos.

Era uma visão erótica, ainda mais sensual por causa da forma como ela respirava. Seu peito subia e descia em um ritmo rápido e ofegante. Os lábios estavam vermelhos por causa do beijo e a pele ficara suavemente corada.

Meu bichinho estava excitada.

Como que sentindo meu olhar, ela abriu os olhos, movendo os cílios longos. Olhamos um para o outro e a necessidade dolorosa dentro de mim cresceu. Era uma sensação diferente da lascívia que invadiu meu corpo, um desejo complexo que cobria minha necessidade obsessiva normal.

Era um desejo que me aterrorizava por causa da intensidade.

— Diga que me ama. — Subitamente, eu precisava ouvir aquilo dela. — Diga, Nora.

Ela não pestanejou. — Eu amo você.

Apertei os braços em volta dela. — De novo.

— Eu amo você, Julian. — Ela manteve meu olhar, com expressão suave e sombria. — Mais do que tudo no mundo.

Merda. Meu peito ficou apertado e a dor aumentou, em vez de diminuir. Era demais, mas, ao mesmo tempo, não era suficiente.

Abaixando a cabeça, tomei os lábios dela novamente, colocando no beijo tudo o que eu não consegui exprimir com palavras. Senti a respiração dela se acelerar e percebi que eu a apertava demais, mas não consegui me controlar. Misturado com o desejo intenso, havia um medo estranho e irracional.

Medo de perdê-la. De que ela pudesse desaparecer, como um sonho belo e efêmero.

Não. Inclinei a cabeça para beijá-la de forma mais profunda, deixando que seu gosto e seu cheiro me absorvessem e afastassem as sombras. Ela não desapareceria. Eu não deixaria. Ela era real e era minha. Eu a beijei até que nós dois ficássemos sem fôlego, até que o medo dentro de mim diminuísse, queimado pelo calor ardente.

Depois, fiz amor com ela da forma mais terna que consegui.

Quando peguei no sono algum tempo depois, foi com Nora seguramente aconchegada nos meus braços.

N ora

P_{RECISEI} de toda a força de vontade para permanecer acordada ao ouvir a respiração de Julian entrar no ritmo regular do sono. Minhas pálpebras estavam pesadas, o corpo letárgico por causa da exaustão e da saciedade sexual. Eu só queria fechar os olhos e deixar que a escuridão reconfortante me engolisse, mas não podia.

Havia algo que eu precisava fazer antes disso.

Esperei até ter certeza de que Julian estava dormindo e cuidadosamente saí de seus braços. Para meu alívio, ele não se mexeu. Saí da cama e encontrei o roupão que caíra no chão durante o sexo.

Vestindo-o em silêncio, andei descalça até o banheiro. Meu estômago, ainda instável por causa do jantar, teve outra onda de náusea e tive que engolir em seco várias vezes para impedir que a comida saísse.

Provavelmente não era uma boa ideia fazer aquilo enquanto eu me sentia mal. Eu sabia disso... mas também sabia que, se não o fizesse naquele momento, talvez não tivesse coragem mais tarde. E eu precisava fazer aquilo. Precisava cumprir minha promessa, pagar a dívida que tinha com Peter. Era importante para mim. Eu não queria ser a garota que não fazia nada por conta própria, a esposa que vivia sempre na sombra do marido.

Eu não queria ser o bichinho inútil de Julian pelo resto da vida.

Jogando água fria no rosto, respirei fundo várias vezes para reprimir a náusea e voltei para o quarto. Havia apenas uma fresta nas cortinas, mas era noite de lua cheia e havia luz suficiente para que eu enxergasse por onde andava.

Meu destino era a cômoda, sobre a qual estava o *notebook* de Julian. Nem sempre ele levava o computador para o quarto, mas levava naquela noite... outro motivo pelo qual eu não queria esperar para implementar meu plano.

O plano em si era muito simples. Eu pegaria o *notebook*, acessaria o *e-mail* de Julian e enviaria a lista para Peter. Se tudo desse certo, Julian não descobriria por algum tempo. E, quando descobrisse, seria tarde demais. Eu teria pagado minha dívida com o ex-consultor de segurança de Julian e ficaria com a consciência limpa.

Bem, o mais limpa possível, pois eu sabia que Peter provavelmente mataria as pessoas naquela lista de formas horríveis.

Não, não pense nisso. Relembrei a mim mesma que aquelas pessoas eram

responsáveis pela morte da esposa e do filho de Peter. Não eram civis inocentes e eu não deveria pensar nelas como se fossem.

A única coisa com que eu deveria me preocupar no momento era em enviar a lista para Peter sem acordar Julian.

Atravessei o quarto o mais silenciosamente possível, sentindo o coração bater com força no peito. Quando cheguei à cômoda, parei e ouvi.

Tudo estava quieto. Julian ainda devia estar dormindo.

Mordendo o lábio inferior, peguei o *notebook* e parei para ouvir novamente.

O quarto ainda estava em silêncio.

Soltando o ar devagar, andei novamente para o banheiro, segurando o *notebook* contra o peito. Quando cheguei lá, tranquei a porta atrás de mim e sentei na beirada da banheira.

Tudo certo até o momento. Ignorando a dor no estômago, abri o computador.

Uma caixa de diálogo, pedindo uma senha, foi aberta.

Respirei fundo novamente, ignorando a náusea que piorara. Eu esperava que aquilo acontecesse. Julian era paranoico em relação à segurança e trocava a senha pelo menos uma vez por semana. No entanto, a última vez em que ele a trocara fora no dia depois que Frank, o contato dele na CIA, enviara a lista por *e-mail*.

Julian a trocara quando eu já estava montando meu plano... e tivera a certeza de estar por perto quando ele a trocou. Eu não olhara para o computador, obviamente. Isso teria parecido suspeito. Em vez disso, eu o filmei silenciosamente com o celular enquanto fingia olhar meu *e-mail*.

Agora, eu precisava interpretar as teclas gravadas corretamente...

Prendendo a respiração, digitei "NML_#042160" e apertei Enter.

A tela do computador piscou... e consegui entrar.

Soltei um suspiro de alívio. Agora, eu só precisava encontrar o *e-mail* de Frank, abrir o anexo, conectar no meu *e-mail* e enviar a lista para o mesmo endereço com o qual Peter entrara em contato comigo.

Deveria ser fácil, especialmente se eu conseguisse manter o jantar no estômago.

— Nora? — Uma batida na porta me assustou tanto que quase deixei o computador cair. Meus pulmões se contraíram em pânico e congelei, olhando para a porta.

Julian bateu novamente. — Nora, querida, você está bem?

Ele não sabe que estou com o computador. A percepção fez com que eu respirasse novamente.

— Só estou usando o banheiro — respondi, torcendo para que Julian não

percebesse o tremor na minha voz causado pela adrenalina. Ao mesmo tempo, abri o programa de *e-mail* de Julian e comecei a procurar o nome de Frank. — Já vou.

— Claro, querida, não precisa se apressar. — As palavras foram acompanhadas do som de passos afastando-se.

Soltei outro suspiro de alívio. Eu tinha mais alguns minutos.

Comecei a varrer os *e-mails* contendo a palavra "Frank". Havia mais de uma dezena da semana anterior, mas o que eu queria deveria ter um pequeno ícone de anexo ao lado... Ahá! Lá estava ele. Rapidamente, eu o abri.

Era uma planilha contendo nomes e endereços. Automaticamente, olhei para eles. Havia várias linhas e os endereços variavam de lugares na Europa a várias cidades nos Estados Unidos. Um em particular saltou à vista: Homer Glen, Illinois.

Era um lugar perto de Oak Lawn, minha cidade natal, a menos de quarenta minutos de carro da casa dos meus pais.

Atônita, li o nome ao lado do endereço.

George Cobakis.

Graças a Deus, não era alguém que eu conhecia.

— Nora? — A voz de Julian voltou e o tom tenso nela fez com que meu coração saltasse para a garganta. As palavras seguintes confirmaram meu medo. — Nora, você está com o meu computador?

— O quê? Por quê? — Torci para não soar tão culpada quanto me sentia. *Merda. Merda, merda, merda.* Freneticamente, salvei a lista na área de trabalho e abri um novo navegador.

— Porque meu computador sumiu. — A voz dele estava tensa com traços iniciais de fúria. — Ele está aí com você?

— O quê? Não! — Até mesmo eu percebi a mentira na minha voz. Minhas mãos começaram a tremer, mas consegui abrir a página do Gmail e comecei a digitar meu nome de usuário e minha senha.

A maçaneta girou algumas vezes. — Nora, abra a porta. Agora.

Não respondi. Minhas mãos tremiam tanto que digitei a senha errada e tive que digitá-la novamente.

— Nora! — Julian bateu com força na porta. — Abra a porra da porta antes que eu a derrube!

Finalmente, consegui entrar na minha conta do Gmail. Meu coração batia com força e procurei o último *e-mail* de Peter.

Bang. A porta estremeceu com um chute.

Minha náusea aumentou e meu coração bateu com força quando encontrei o *e-mail*.

Bang. Bang. Mais chutes contra a porta quando cliquei em "Responder" e anexeï a lista.

Bang. Bang. Bang.

Cliquei em "Enviar"... e a porta foi arrancada das dobradiças, caindo no chão à minha frente.

Julian estava parado lá, nu, com os olhos parecendo frestas geladas no rosto bonito. As mãos fortes estavam fechadas em punhos e as narinas estavam dilatadas. As maçãs do rosto tinham manchas vermelhas.

Ele era magnífico e aterrorizante, como um arcanjo enfurecido.

— Dê-me o computador, Nora. — A voz dele estava assustadoramente calma. — Agora.

Engoli em seco convulsivamente. Levantando-me, andei até ele com as pernas trêmulas e entreguei o computador.

Ele o pegou com uma mão e, antes que eu conseguisse recuar, passou a outra mão em volta do meu pulso direito, prendendo-me.

Em seguida, ele olhou para a tela.

Vi o momento exato em que ele percebeu o que eu fizera.

— Você a enviou para ele? — Largando o computador sobre o balcão do banheiro, ele agarrou meu outro braço e puxou-me mais para perto. Seus olhos queimavam de fúria. — Você a enviou para ele, caralho? — Ele me sacudiu com força, enterrando os dedos na minha pele.

Meu estômago se revirou e a náusea me invadiu por completo. — Julian, solte-me...

E, soltando-me das mãos dele com uma força desesperada, saltei na direção do vaso sanitário, mal conseguindo alcançá-lo antes de vomitar.



— Há QUANTO tempo está com náuseas? — O dr. Goldberg segurou meu pulso enquanto eu estava deitada, com Julian andando de um lado para o outro no quarto como um jaguar enjaulado.

— Não sei — respondi, com os olhos seguindo os movimentos de Julian. Ele vestia camiseta e calça *jeans*, mas os pés ainda estavam descalços. Ele andava em círculos em frente à cama, com todos os músculos tensos e o maxilar cerrado.

Ele ainda estava furioso comigo ou apenas muito preocupado. Imaginei que fosse uma combinação das duas coisas. Minutos depois que eu vomitara, Julian me acomodara confortavelmente na cama e o médico chegara ao nosso quarto.

Isso me lembrou de como ele agira rapidamente quando eu tivera apendicite na ilha.

— Acho que comi alguma coisa estragada ou talvez esteja com uma virose — disse eu, voltando a atenção para o médico. — Comecei a sentir enjoo no jantar.

— Está bem. — O dr. Goldberg tirou uma agulha enrolada em um plástico, com um tubo preso a um frasco. — Posso?

— Claro. — Eu não queria que ele coletesse meu sangue, mas tinha a sensação de que Julian não me deixaria recusar. — Vá em frente.

O médico encontrou uma veia no meu braço e aplicou a agulha enquanto eu olhava para o outro lado. Ainda sentia um pouco de enjoo e não queria testar meu estômago com a visão do sangue.

— Pronto — disse ele depois de um momento, retirando a agulha e limpando a pele com uma bola de algodão embebida em álcool. — Vou fazer os exames e avisarei o que descobrir.

— Ela também está constantemente cansada — disse Julian em voz baixa, parando ao lado da cama. Ele não olhou para mim, o que me deixou um pouco irritada. — E está dormindo muito mal, com os pesadelos e tudo o mais.

— Certo. — O médico se levantou, segurando o frasco. — Preciso fazer os exames no meu laboratório. Voltarei em uma hora.

Ele saiu apressado do quarto e Julian se sentou na beirada da cama, olhando para mim. Seu rosto estava incomumente pálido e a testa estava franzida. — Por que não me disse que estava passando mal, Nora? — perguntou ele baixinho, estendendo a mão para segurar a minha. Seus dedos estavam quentes e seu toque foi gentil, apesar do tumulto que senti dentro dele.

Pestanejei surpresa. Achei que ele perguntaria sobre a lista de Peter, não sobre aquilo. — Não estava tão ruim no jantar — disse eu com cuidado. — Eu me senti melhor depois de tomar um banho e de nós... bem, você sabe. — Acenei com a mão livre, indicando a cama.

— Depois de transarmos? — A expressão tensa de Julian se suavizou ligeiramente e uma diversão inesperada brilhou em seus olhos.

— Isso. — Senti um calor invadir meu corpo com as imagens mentais que as palavras dele evocaram. Pelo jeito, eu não estava doente demais para ficar excitada. — Isso me fez sentir melhor.

— Entendo. — Julian me estudou de forma especulativa, acariciando a parte de dentro do meu pulso com o polegar. — E você decidiu que, como estava se sentindo tão bem, poderia invadir meu computador.

E lá estava. O troco que eu esperava. Exceto que Julian não parecia tão furioso quanto antes. Seu toque era reconfortante, não punitivo.

Parecia que uma intoxicação alimentar, se era o que eu tinha, trazia algumas vantagens.

Abri um sorriso cauteloso. — Bem, sim. Achei que era uma oportunidade tão boa quanto qualquer outra. — Não me dei ao trabalho de pedir desculpas nem de negar o que fizera. Não adiantaria. Estava feito. Eu pagara minha dívida com Peter.

— Como você sabia minha senha? — O polegar de Julian continuou a se mover em meu pulso em movimento circular. — Eu não lhe disse qual era.

— Eu filmei você quando a trocou há alguns dias. Depois que descobri que Frank tinha enviado a lista.

Os cantos da boca de Julian se contraíram de forma quase imperceptível. — Foi o que pensei. Eu me perguntei por que você usou tanto o telefone naquele dia.

Passei a língua nos lábios. — Você vai me castigar? — Naquele momento, Julian parecia mais divertido do que furioso, mas não imaginei que ele me deixaria impune.

— É claro, meu bichinho. — Não havia traço de hesitação na voz dele.

Meu coração deu um salto. — Quando?

— Quando eu quiser. — Os olhos dele brilharam quando ele soltou minha mão. — Agora, quer um pouco de água ou alguma outra coisa?

— Algumas bolachas salgadas e um chá de camomila seriam ótimos — disse eu de forma automática, encarando-o. Eu esperara isso, claro, mas não podia deixar de me sentir ansiosa.

— Vou buscar para você. — Julian se levantou. — Já volto.

Ele desapareceu pela porta e fechei os olhos. Meu cansaço anterior voltou, depois que a onda de adrenalina passou. Talvez eu conseguisse tirar um cochilo rápido antes que Julian voltasse...

Uma batida na porta me assustou novamente, fazendo com que eu me sentasse. — Sim?

— Nora, é David Goldberg. Posso entrar?

— Ah, claro. — Deitei novamente, com o coração ainda batendo depressa demais. — Já fez os exames? — perguntei quando o médico entrou no quarto.

— Sim. — Havia uma expressão estranha no rosto dele quando parou ao lado da cama. — Nora, você tem se sentido muito cansada ultimamente, certo? E incomumente estressada?

— Sim. — Franzi a testa, começando a me sentir inquieta. — Por quê?

— Notou mais alguma coisa? Alteração de humor? Vontade de comer alguma coisa diferente? Talvez uma sensação diferente nos seios?

Eu o encarei, sentindo um aperto gelado no peito. — O que está dizendo?

— Os sintomas que ele mencionou... claro que não queria dizer...

— Nora, os exames de sangue que fiz mostraram uma presença forte do hormônio hCG — disse o dr. Goldberg em tom gentil. — Você está grávida. — Ele fez uma pausa e acrescentou em tom gentil: — Considerando o momento da remoção do implante, meu palpite é de que você está com seis semanas.

Julian

CARREGANDO a bandeja com o chá e as bolachas, subi a escada em direção ao quarto. Eu deveria estar furioso com Nora, mas, em vez disso, minha preocupação com ela tinha uma admiração relutante.

Ela me desafiara. Trancara-se no banheiro e invadira meu computador para pagar uma dívida que acreditava que devia. Ela soubera que seria descoberta, mas fizera aquilo mesmo assim... e eu não podia deixar de respeitá-la por isso.

Eu teria feito a mesma coisa se estivesse no lugar dela.

Em retrospectiva, eu deveria ter esperado que aquilo acontecesse. Ela fora enfática sobre querer entregar a lista a Peter, portanto, não fora surpresa quando decidira agir por conta própria. Desde o início, eu sentira uma força quieta e teimosa nela, um coração de aço que se escondia sob a aparência delicada.

Meu bichinho podia ser obediente na maior parte do tempo, mas apenas porque era inteligente o suficiente para escolher as batalhas... e eu deveria ter imaginado que ela escolheria aquela.

Ao me aproximar do quarto, ouvi vozes e reconheci o tom ligeiramente anasalado de Goldberg.

Ele voltara com os resultados dos exames e Nora parecia chateada.

Merda. O medo, gelado e intenso, me invadiu. Se fosse alguma coisa séria, se ela estivesse realmente doente... Apressando o passo, cheguei à porta rapidamente. O chá derramou sobre a borda da xícara, mas eu mal notei, com todo o foco em Nora.

Segurando a bandeja com uma mão, abri a porta e entrei no quarto.

Ela estava sentada na cama, com os olhos arregalados no rosto pálido quando Goldberg disse: — Receio que seja possível, sim...

Meu coração congelou. — O que é possível? — perguntei em tom ríspido. — Qual é o problema?

Goldberg se virou para mim. — Ah, aí está você. — Ele pareceu aliviado. — Eu estava justamente explicando à sua esposa que a pílula do dia seguinte tem apenas noventa e cinco por cento de eficiência quando tomada em até vinte e quatro horas. E, mesmo que a probabilidade de concepção fosse baixa devido ao momento da remoção do implante, ainda havia uma pequena chance de gravidez...

— Gravidez? — Para mim, ele parecia estar falando em algum idioma estranho. — Do que está falando?

Goldberg suspirou, parecendo cansado. — Nora está na sexta semana da gravidez, Julian. Parece que a pílula do dia seguinte não funcionou.

Eu o encarei atônito. Ele disse: — Escutem, eu sei que é uma notícia chocante. Por que vocês não dois discutem o assunto e responderei às suas perguntas amanhã cedo? Por enquanto, a melhor coisa para Nora seria descansar. O estresse não é bom na condição dela.

Assenti, ainda mudo de choque. Ele foi embora rapidamente, deixando-me sozinho com Nora.

Nora, que estava sentada como se fosse uma boneca de cera, tinha o rosto tão branco quanto o roupão que vestia.

Um líquido quente derramou sobre minha mão, queimando-a, e percebi que me esquecera da bandeja que carregava. A dor clareou minha mente e finalmente processei o significado das palavras de Goldberg.

Nora estava grávida.

Não estava doente. Estava grávida.

O medo gelado desapareceu, substituído por uma emoção inteiramente nova e estranha.

Colocando a bandeja com a xícara de chá meio cheia sobre a mesinha de cabeceira, sentei-me ao lado de minha esposa e segurei suas mãos. — Nora. — Puxei as mãos dela para que ela olhasse para mim. Vi que ela ainda estava chocada e seu olhar estava vazio e distante. — Nora, querida, fale comigo.

Ela piscou várias vezes, como se voltasse ao corpo, e suas mãos se contraíram. Eu a soltei e observei quando ela recuou, puxando os joelhos e passando os braços em volta deles. Seu olhar encontrou o meu e nós nos encaramos em silêncio enquanto os segundos se passavam.

— Você fez isso? — perguntou ela finalmente em um sussurro tenso. — Pedi ao dr. Goldberg que me desse um placebo em vez da pílula do dia seguinte? O novo implante no meu braço é falso?

— Não. — Não me dei ao trabalho de ficar furioso com a acusação. Se eu quisesse que ela engravidasse, talvez tivesse considerado fazer algo parecido e Nora era inteligente o suficiente para saber disso. — Não, meu bichinho. É um choque tão grande para mim quanto é para você.

Ela assentiu e percebi que acreditou em mim. Não havia motivo para que eu mentisse. Ela era minha para que eu fizesse o que quisesse. Se quisesse que ela engravidasse, não negaria.

— Venha cá — murmurei, estendendo a mão. Ela estava rígida quando a puxei mais para perto, mas ignorei sua resistência. Eu precisava abraçá-la, senti-

la nos meus braços. Os cabelos dela fizeram cócegas no meu queixo quando a puxei para o colo e respirei fundo, fechando os olhos.

Nora não estava doente.

Ela carregava o meu bebê.

Parecia surreal, não natural. Ela era minúscula no meu abraço, pouco maior do que uma criança. Ainda assim, seria mãe... e eu seria pai.

Pai, como o homem que me dera a vida e moldara-me no que eu era hoje.

Inesperadamente, uma antiga lembrança surgiu na minha mente.

— Pegue! — *Ele jogou a bola para mim, rindo. Eu saltei para pegá-la e, aos cinco anos de idade, minhas mãos se fecharam em volta dela, pegando-a no ar.*

— Peguei! — *Eu estava muito orgulhoso de mim mesmo, cheio de alegria.*

— Papai, peguei de primeira!

— Bom trabalho, filho. — *Ele sorriu para mim e, naquele momento, eu o amei. A aprovação dele era mais importante para mim do que qualquer outra coisa no mundo. Esqueci da dor frequente causada pelo cinto dele, de todas as vezes em que ele gritava comigo, chamando-me de inútil.*

Ele era meu pai e, naquele momento, eu o amei.

Abri os olhos e olhei fixamente para a parede, ainda abraçando Nora. Eu não conseguia acreditar que um dia amara aquele homem. Ele fora o alvo do meu ódio por tanto tempo que eu me esquecera que houvera aqueles momentos.

Eu me esquecera de que houvera momentos em que ele me fizera feliz.

Eu faria meu filho feliz? Ou ele me odiaria? Eu dissera a Nora que seria um péssimo pai, mas não tinha ideia se isso era verdade. Pela primeira vez, tentei me imaginar segurando um bebê recém-nascido, brincando com uma criança de bochechas gordas, ensinando uma criança de cinco anos a nadar... As imagens surgiram com uma facilidade surpreendente, enchendo-me com uma mistura inquietante de medo e ansiedade.

Com um desejo por algo que eu nunca conhecera.

Um soluço baixinho me assustou e percebi que era de Nora.

Ela estava chorando e o corpo magro estremeceu nos meus braços. Senti as lágrimas dela molhando meu pescoço, que me queimaram como ácido.

Por um momento, eu me esquecera do quanto ela não queria aquele filho.

Do quanto ela não queria um filho meu.

— Shh, meu bichinho. — As palavras saíram mais ríspidas do que eu desejara, mas não consegui evitar. O aperto desagradável no meu peito estava de volta, a vontade irracional de machucá-la. Lutando contra isso, eu disse em tom mais suave: — Não é o fim do mundo, acredite.

Ela ficou imóvel e em silêncio por um momento, mas outro soluço sacudiu-

lhe o corpo. E mais outro.

Eu não aguentei mais. O sofrimento dela era como uma faca quente sendo enterrada no meu corpo... agonizante e enlouquecedor.

Enterrando a mão nos cabelos dela, agarrei os cachos sedosos e puxei a cabeça de Nora para trás, forçando-a a olhar para mim. Os olhos dela, arregalados e chocados, encontraram os meus. Vi as lágrimas brilhando em seus cílios e a visão me enfureceu ainda mais, despertando a fera dentro de mim.

Os lábios dela tremeram, abrindo-se como se fossem dizer alguma coisa, mas abaixei a cabeça, engolindo as palavras dela com um beijo profundo e duro. O desejo intenso correu nas minhas veias, enrijecendo o pênis e encobrindo meu cérebro. Eu a queria e, ao mesmo tempo, queria puni-la. Senti quando ela lutou contra mim, senti o gosto salgado de suas lágrimas e isso aumentou minha fome perversa.

Eu não sabia como acabamos na cama, com Nora estendida sob mim, mas as roupas que vestíamos pareciam uma barreira intolerável. Portanto, eu as tirei, sentindo-me mais como um animal do que como um homem. Meus dedos se fecharam em volta dos pulsos dela, transferindo-os para a minha mão esquerda, e meus joelhos abriram suas pernas de forma rude.

Eu ouvi Nora suplicando, implorando que parasse, mas não consegui. A necessidade de possuí-la era como um fogo sob a pele, queimando qualquer pensamento racional. Segurando o pênis com a mão livre, eu o guiei para a abertura dela e penetrei-a com uma investida profunda, tomando o corpo de Nora como eu queria tomar seu coração e sua alma.

Ela era pequena e apertada em volta de mim. Seus músculos se contraíram desesperadamente para me manter de fora, mas a pressão só intensificou a vontade violenta de trepar com ela. Sua resistência me deixou furioso, motivou-me a tomá-la com mais força, de atacá-la com o pênis enquanto eu a mantinha presa sob meu corpo. Cada investida era uma afirmação de posse sem misericórdia, uma conquista brutal do que já era meu. Eu trepei com ela pelo que pareceram horas, sem ter consciência de nada além da fome feroz que me queimava.

Só depois que eu desabei sobre ela, respirando pesadamente depois de um orgasmo explosivo, que a neblina do desejo desapareceu da minha mente e percebi o que fizera.

Soltando os pulsos de Nora, apoiei-me nos cotovelos e olhei para ela, com o pênis ainda dentro de seu corpo. Ela estava deitada sob mim, com os olhos fechados e o rosto pálido. Vi um traço de sangue em seu lábio inferior. Eu o cortara com os dentes ou ela o mordera por causa da dor.

Ao olhar para ela, Nora lentamente abriu os olhos, encontrando meu olhar...

e, pela primeira vez em décadas, senti o gosto amargo do remorso.

Nora

MINHA MENTE ESTAVA VAZIA, sem pensamento nenhum, quando olhei para Julian. Eu estava vagamente ciente de que ele ainda estava dentro de mim, mas foi tudo o que consegui processar no momento. Eu me senti quebrada e destruída. A dor no corpo era amplificada pela dor profunda na alma.

Eu não sabia por que aquele ato sexual primitivo se parecia tanto com uma violação. Por que ele me lembrara dos primeiros dias na ilha, quando Julian era meu sequestrador cruel, em vez do homem que eu amava. Poucos dias antes, ele me torturara com um açoite e grampos para os mamilos e eu gostara, implorando mais.

Eu também implorara nesta noite, mas não fora por mais. Não era sexo que eu queria... não quando estava com o coração partido por causa da vida minúscula que crescia dentro de mim.

Pela criança inocente concebida por dois assassinos.

— Nora... — A voz de Julian foi um sussurro dolorido. A dor nela encontrou o que sobrara do meu coração. Eu queria odiá-lo por me machucar, mas não consegui. Era parte da natureza dele. Julian era assim.

Por isso, qualquer filho nosso estava condenado.

Mantive o olhar dele, sentindo-me como se estivesse desmoronando. — Solte-me, Julian. Por favor.

— Não posso. — O rosto dele se contorceu e as cicatrizes em volta de seu olho ficaram destacadas. — Não posso, Nora.

Engoli em seco dolorosamente, sabendo que ele não estava falando da posição física em que estávamos. — Não estou pedindo isso a você. Por favor, eu só... só preciso de um momento.

Ele saiu de cima de mim, rolando o corpo para ficar deitado de costas, e virei-me de lado, puxando os joelhos até o peito. A náusea que sentira antes desaparecera, mas eu me sentia fraca. Exausta. Meu corpo doía depois do que Julian fizera e uma sensação de impotência me invadiu, aumentando meu desespero já crescente.

Mal percebi quando Julian se levantou. Foi somente quando ele colocou uma toalha quente entre minhas pernas que notei que Julian provavelmente fora até o banheiro e voltara. Eu não tinha energia para me mover, portanto, fiquei

deitada imóvel e deixei que ele limpasse minhas coxas dos resíduos do ato sexual.

Depois, ele me puxou para seus braços e cobriu-nos com um cobertor. Quando o calor familiar do corpo de Julian começou a ser absorvido pelo meu, embalando-me até o sono, sonhei que senti seus lábios contra minha têmpora e ouvi um sussurro: — Desculpe.



— COMO COMECEI A EXPLICAR na noite passada, essa gravidez era improvável, mas não impossível — disse o dr. Goldberg. Eu estava sentada no sofá ao lado de Julian. — A pílula do dia seguinte não é efetiva em cerca de cinco por cento das vezes e sua probabilidade de conseguir conceber poucos dias depois da remoção do antigo implante também era de cerca de cinco por cento. Portanto, se fizer a conta... — Ele deu de ombros, abrindo um sorriso leve.

— E o fato de Nora ainda estar usando anticoncepcional? — perguntou Julian, franzindo a testa. — Ela tem um novo implante no braço... já faz algumas semanas.

— Certo. — O médico assentiu. — Teremos que removê-lo assim que possível. E Nora começará a tomar vitaminas do pré-natal. — Ele fez uma pausa e acrescentou delicadamente: — Isto é, se quiserem ter o bebê.

— Queremos — respondeu Julian antes mesmo que eu conseguisse processar a pergunta. — E queremos garantir que o bebê esteja saudável. — Ele pegou minha mão e apertou-a de forma possessiva. — E Nora, é claro.

Finalmente compreendendo as palavras do dr. Goldberg, olhei para Julian. O maxilar dele estava duro, mas inexpressivo. O aborto não me ocorrera como uma opção, mas fiquei surpresa por Julian ser tão veementemente contra. Julian dissera que não queria filhos e eu não conseguia imaginar que ele fosse hipócrita o suficiente para ter objeções morais ou religiosas em relação a um aborto.

— É claro — disse o médico. — Obstetrícia não é minha especialidade, mas posso examinar Nora e remover o implante, além de prescrever as vitaminas apropriadas. Também posso recomendar uma excelente obstetra que talvez concorde em acompanhar a gravidez de Nora aqui. Já enviei a você o contato dela por *e-mail*.

— Ótimo. — Soltando minha mão, Julian se levantou, parecendo inquieto e tenso. — Quero os melhores cuidados para Nora.

— Você os terá — prometeu o dr. Goldberg, levantando-se. Virando-se para mim, ele disse: — Pelo menos, isso explica uma coisa.

— Explica o quê? — Eu também me levantei, sentindo-me desconfortável por ser a única sentada.

— Seus pesadelos e ataques de pânico persistentes. — O médico me olhou com empatia. — Não é incomum que os hormônios da gravidez amplifiquem a ansiedade, particularmente logo depois de eventos traumáticos.

— Ah. — Eu o encarei. — Então, não estou só tendo uma reação exagerada ao que aconteceu?

— Não — garantiu o dr. Goldberg. — Depressão e ansiedade podem acontecer com mulheres grávidas com muito menos provocação. Mas você precisa ficar calma e relaxar o máximo possível, tanto por sua causa quanto pelo bebê. Estresse agudo durante a gravidez pode resultar em todo tipo de complicação, incluindo a perda do bebê.

— Vou garantir que ela descanse e não se estresse. — Julian pegou novamente minha mão, entrelaçando os dedos nos meus. Era como se ele não conseguisse ficar sem encostar em mim naquele dia. — Quais são as recomendações sobre alimentação e bebidas?

— Eu lhe darei uma lista do que evitar — disse o dr. Goldberg. — Você provavelmente sabe sobre álcool e cafeína, mas há mais algumas coisas, como sushi e frutos do mar com alta taxa de mercúrio.

— Está bem. — Julian virou a cabeça para olhar para mim. — Querida, o médico pode examinar você agora e remover o implante? — A voz dele estava incomumente suave e seu olhar cheio de uma emoção indefinida.

— Ahm, claro. — Não vi motivo para esperar e gostei de Julian ter me perguntado, em vez de simplesmente comandar o exame da forma autocrática habitual.

— Ótimo. — Ele ergueu minha mão que segurava e beijou a parte de trás do meu pulso antes de soltá-la. — Voltarei daqui a pouco.

Assenti e Julian saiu silenciosamente do aposento, fechando a porta atrás de si.

— Muito bem, Nora. — O dr. Goldberg sorriu para mim, pegando a maleta e tirando luvas de látex. — Podemos começar?



DEPOIS QUE O médico foi embora, vesti um maiô e fui para a varanda dos fundos, pegando o livro de psicologia na passagem. Grávida ou não, eu tinha que estudar para uma prova e estava determinada a fazer isso, nem que fosse para me distrair. Meu braço tinha um minúsculo ferimento coberto por um band-aid e

tentei ignorar a dor leve, sem querer me concentrar no fato de que o implante anticoncepcional fora tirado... nem no motivo pelo qual isso acontecera.

Era estranho, mas a sensação de destruição da noite anterior sumira. Ela fora substituída por um tipo de dor distante. Eu provavelmente deveria estar traumatizada e furiosa com Julian, mas não estava. Como nos dias logo após o sequestro, a noite anterior parecia pertencer a uma era diferente, a um tempo antes de nos tornarmos quem éramos. Eu sabia que estava novamente fazendo um jogo comigo mesma. Um jogo em que existia somente naquele momento e empurrava todas as coisas ruins para um canto separado do cérebro. Mas eu precisava daquele jogo para permanecer sã.

Eu precisava daquele jogo porque não conseguia deixar de amar meu sequestrador, não importava o que ele fizesse.

Não ajudara em nada o fato de Julian, naquela manhã, não se parecer em nada com o selvagem bruto da noite anterior. Desde o momento em que eu acordara, ele me tratara como se eu fosse feita de cristal. O café da manhã na cama fora seguido de massagem nos pés, beijinhos constantes e gestos de afeição. Se eu não o conhecesse bem, acharia que estava sentindo-se culpado.

Obviamente, eu o conhecia bem. Somente uma linha tênue separava o monstro da noite anterior do amante terno daquela manhã. A culpa era uma emoção tão estranha para o meu marido quanto a pena pelos inimigos dele.

Quando cheguei à varanda, escolhi uma cadeira reclinável sob um guarda-sol e sentei-me confortavelmente. Como sempre, o ar estava quente e úmido, tão denso que era quase sufocante. Mas eu não me importei, pois estava acostumada. Se ficasse insuportável, eu entraria na piscina. Por enquanto, abri o livro e comecei a reler o capítulo sobre neurotransmissores.

Eu estava na metade do capítulo quando uma sombra me fez olhar para cima.

Era Julian. Vestindo um calção de banho preto, ele estava parado ao lado da minha cadeira, com o olhar passeando sobre mim com desejo declarado.

Passei a língua nos lábios, olhando para ele. Sob a luz do sol, ele estava quase insuportavelmente bonito. As novas cicatrizes só aumentavam a masculinidade marcante. Dos ombros aos tornozelos, cada centímetro do corpo dele tinha músculos fortes. O peito era cheio de pelos pretos e o abdômen era claramente definido, com uma linha de pelos descendo para dentro do calção.

Ele era incrível, mais lindo que qualquer outro homem que eu conhecera... e eu o queria.

Eu o queria apesar da noite passada, apesar de tudo.

— Como está se sentindo, querida? — perguntou ele com voz baixa e rouca. — Náusea? Cansaço?

— Não. — Eu me sentei, colocando os pés no chão, e larguei o livro. — Hoje eu estou bem.

Julian se sentou ao meu lado e prendeu um cacho dos meus cabelos atrás da orelha. — Ótimo — disse ele em tom suave. — Fico feliz.

— Você veio nadar? — Tentei ignorar o calor entre as pernas resultante do toque dele. — Achei que você iria para o escritório.

— Eu fui por alguns minutos, mas resolvi tirar o resto do dia de folga.

— É mesmo? — Dias de folga de Julian eram tão raros que praticamente não existiam. — Por quê?

Ele abriu um sorriso amarelo. — Não consegui me concentrar.

— Ah. — Eu o estudei com cautela. — Quer nadar um pouco? Eu estava pensando em dar um mergulho depois que terminasse esse capítulo, mas posso ir agora.

— Claro. — Julian se levantou e ofereceu-me a mão. — Vamos.

Coloquei a mão na dele e deixei que ele me levasse até a piscina. Ao nos aproximarmos da água, ele subitamente se abaixou, passou o braço sob os meus joelhos e pegou-me no colo.

Atônita, eu ri, passando os braços em volta do pescoço dele. — Julian! Não me jogue lá dentro! Gosto de entrar devagar...

— Eu não jogaria você, meu bichinho — murmurou ele, carregando-me ao entrar na piscina. O olhar dele brilhou com humor inesperado. — Que tipo de monstro acha que eu sou?

— Ah, preciso responder a isso? — Mal consegui acreditar que estava com humor para implicar com ele, mas senti-me alegre, de forma súbita e ridícula. Com certeza, era alguma flutuação hormonal, mas não me importei. Eu preferia estar alegre a estar deprimida.

— Você precisa responder — disse ele com um sorriso malicioso. A água agora chegava à cintura de Julian e ele parou, segurando-me contra o peito. — Se não...

— Se não o quê?

— Isto. — Julian me abaixou alguns centímetros, deixando que meus pés encostassem na água. Ele tentou fazer uma careta ameaçadora, mas vi que os cantos de sua boca se contorciam com um sorriso reprimido.

— Está ameaçando de me jogar na água, senhor? — Balançando o pé direito na água, lancei a ele um olhar falso de reprovação. — Achei que tínhamos decidido que você não me jogaria.

— Quem disse que eu ia jogá-la? — Ele avançou mais um pouco, deixando que a água subisse nos meus tornozelos. A careta dele desapareceu, substituída por um sorriso sombriamente sensual. — Há outras formas de lidar com garotas

malcriadas.

— Ah, não diga... — Meus músculos internos se contraíram com as imagens que me invadiram a mente. — Que formas?

— Bem, para começar... — ele inclinou a cabeça, com os lábios quase tocando nos meus enquanto eu prendia a respiração —, é preciso resfriar um pouco.

E, antes que eu conseguisse reagir, ele abaixou até que a água chegasse ao meu queixo.

— Julian! — Rindo indignada, soltei o pescoço dele e empurrei seus ombros. A piscina era aquecida, mas a água ainda estava fria em comparação à minha pele quente por causa do sol. — Você disse que não faria isto!

— Eu disse que não jogaria você — corrigiu ele, reabrindo o sorriso malicioso. — Não disse nada sobre carregar você para dentro d'água.

— Ok, chega. — Consegui me soltar e abrir uma certa distância entre nós. — Quer guerra? Pois terá guerra! — Enchendo a mão de água, joguei-a nele e assisti, rindo, quando ela o atingiu diretamente no rosto.

Ele limpou a água, pestanejando atônito, e recuei, rindo ainda mais.

Recuperando-se do choque, ele começou a avançar na minha direção. — Você acabou de jogar água em mim? — A voz dele era baixa e ameaçadora. — Você acabou de jogar água na minha cara, meu bichinho?

— O quê? Não! — Pestanejei várias vezes enquanto tentava recuar para a parte mais funda da piscina. — Eu não ousaria... — Minhas palavras terminaram em um grito quando Julian saltou na minha direção, eliminando a distância entre nós em um piscar de olhos. No último momento, consegui escapar e comecei a nadar para longe, ainda rindo muito.

Eu era uma boa nadadora, mas não demorou mais de dois segundos para que os dedos fortes de Julian se fechassem em volta do meu tornozelo. — Peguei você — disse ele, puxando-me em sua direção. Quando eu estava perto o suficiente, ele puxou meu braço para que eu ficasse na vertical e passou os braços musculosos em volta de mim, sorrindo das minhas tentativas inúteis de empurrá-lo para longe.

— Ok, você me pegou — cedi, rindo. — E agora?

— Agora isto. — Abaixando a cabeça, ele me beijou. O calor do corpo largo contrabalançou o frio da água.

Quando a língua dele invadiu minha boca, fiquei involuntariamente tensa. As lembranças da noite anterior emergiram com clareza súbita. Por alguns momentos sombrios, revivi a sensação terrível de impotência, de traição dolorosa, e percebi que eu não conseguira ter sucesso em compartimentalizar o bom e o ruim. Por mais que quisesse fingir que aquele era um dia como qualquer

outro, não era. E nenhuma risada feliz seria suficiente para mudar o fato de que o mal na alma de Julian nunca seria completamente erradicado.

Que o monstro sempre estaria à espreita.

Ainda assim, enquanto ele continuava a me beijar, o calor do desejo cresceu dentro de mim, deixando-me enfeitiçada. Ele estava sendo terno comigo naquele momento e meu corpo relaxou, desfrutando daquela ternura, do calor do abraço dele. Eu queria acreditar na ilusão da preocupação dele, na miragem de seu amor pervertido e deixei que as lembranças sombrias desaparecessem, deixando-me em um presente mais iluminado.

Deixando-me com o homem que eu amava.

*J*ulian

N_{ORA} e eu acabamos nadando e brincando na piscina até que Ana surgiu procurando-nos e dizendo que o almoço estava pronto. Àquela altura, eu estava faminto e imaginei que Nora também estivesse com fome. Eu também estava sofrendo de desejo reprimido depois de todas as brincadeiras, mas era algo que teria que esperar até mais tarde.

Eu queria que Nora comesse mais do que queria trepar com ela.

Ver meu bichinho daquele jeito, tão feliz, vibrante e despreocupada, ajudara muito a aliviar a pressão pesada no meu peito, mas não a removera completamente. O olhar no rosto dela depois que a possuí... Ele ainda me assombrava, invadindo meus pensamentos apesar dos esforços para deixá-los fora de minha mente. Eu sabia o que fizera com ela no passado, mas algo na noite anterior parecera pior.

Parecia que eu a traíra.

Talvez fosse porque agora ela era completamente minha. Eu não precisava mais condicioná-la, moldá-la no que precisava que fosse. Ela me amava o suficiente para arriscar a própria vida por mim, o suficiente para querer ficar comigo por vontade própria. Tudo o que eu fizera a ela no passado fora calculado, até certo ponto, mas, na noite anterior, eu a machucara sem intenção.

Eu a machucara quando tudo o que queria fazer era abraçá-la, curá-la.

Eu machucara a mulher que carregava meu filho... e, apesar de Nora parecer ter me perdoado, eu não conseguia me perdoar.

— Posso buscar alguma coisa para você, Nora? — perguntou Ana quando estávamos sentados à mesa na sala de jantar. A mulher mais velha sorriu para minha esposa, mais feliz do que eu jamais a vira. — Torradas? Talvez um pouco de arroz puro?

Os olhos de Nora se arregalaram com as palavras da governanta, mas ela disse calmamente: — Vou comer o que você já preparou, Ana. Estou melhor hoje, de verdade.

Apesar dos meus pensamentos anteriores, não pude deixar de sorrir. Goldberg devia ter deixado escapar alguma coisa ou Ana nos ouvira conversando naquela manhã. Era por isso que o sorriso de Ana estava largo o suficiente para tomar o rosto inteiro: ela sabia da gravidez de Nora e estava

muito feliz com a notícia.

Ao ouvir a resposta de Nora, a expressão de Ana ficou ainda mais feliz. — Ah, ótimo. Agora eu sei que ontem você devia estar enjoada por causa do bebê. Acontece, sabe — disse ela em tom conspiratório. — Os enjoos começam por volta da sexta semana.

— Ah, excelente. — Nora tentou manter o desgosto fora da voz, mas não conseguiu. — Estou ansiosa.

— Vou garantir que você tenha os melhores cuidados, querida — murmurei, estendendo a mão sobre a mesa para cobrir a mão delicada de Nora. — Vou mandar buscar o que for preciso para que você se sinta bem.

Eu já entrara em contato com a obstetra que Goldberg recomendara, enviando um *e-mail* para ela enquanto Nora era examinada. Eu não tinha planejado aquela criança, mas, agora que ela estava lá, a ideia de que alguma coisa acontecesse era insuportável. Quando Goldberg mencionara a possibilidade de um aborto mais cedo, tive que me controlar para não esganá-lo.

Planejada ou não, aquela criança era sangue do meu sangue e eu mataria qualquer um que tentasse prejudicá-la.

Nora abriu um sorriso leve. — Tenho certeza de que ficarei bem. Mulheres têm filhos o tempo inteiro. — Apesar das palavras reconfortantes, a voz dela parecia tensa e eu sabia que ela estava inquieta com a situação.

Inquieta com o fato de estar carregando meu bebê.

Respirando fundo, reprimi a onda instintiva de raiva. Em um nível racional, eu entendia o medo dela. Nora me amava, mas não era cega à minha natureza.

Não podia ser, especialmente depois da noite anterior.

— Sim, ficará tudo bem — disse eu, apertando ligeiramente a mão dela antes de soltá-la. — Vou cuidar disso.

E, pelo restante da refeição, evitamos o assunto, mais do que felizes em nos concentrar em outra coisa.



PASSEI o resto do dia com Nora, ignorando completamente o trabalho que me esperava. Pela primeira vez em muito tempo, não consegui me importar com os problemas de fabricação na Malásia nem com o fato de que o cartel mexicano exigia preços mais baixos das metralhadoras personalizadas. Os ucranianos tentavam me subornar para que eu terminasse a aliança com os russos, a Interpol estava furiosa pelo fato de a CIA ter me enviado a lista de Peter Sokolov, um novo grupo terrorista no Iraque queria entrar na lista de espera do explosivo e eu

não me importava nem um pouco com essas coisas.

Tudo o que importava para mim naquele dia era Nora.

Depois do almoço, fomos dar um passeio a pé pela propriedade e mostrei a ela alguns dos locais que eram assombrados para mim desde a infância, incluindo um pequeno lago na extremidade onde uma vez eu encontrara um jaguar.

— Sério? Um jaguar? — Nora arregalou os olhos ao sairmos da área da floresta para uma pequena clareira gramada em frente ao lago. As árvores altas que o rodeavam forneciam sombra e privacidade dos guardas... e era por isso que eu frequentemente passava o tempo lá quando criança.

— Às vezes eles saem da floresta — disse eu em resposta à pergunta de Nora. — É raro, mas acontece.

— Como você escapou dele? — Ela me lançou um olhar preocupado. — Você disse que só tinha nove anos.

— Eu tinha uma arma.

— Então você o matou?

— Não. Atirei em uma árvore perto dele, o que o espantou. — Eu poderia tê-lo matado, minha mira era excelente na época, mas a ideia de machucara criatura feroz, por algum motivo, fora terrível. Não era culpa do jaguar ter nascido um predador e eu não queria puni-lo por ter tido o azar de entrar em território humano.

— O que os seus pais disseram quando contou a eles? — Nora se sentou em um tronco de árvore e olhou para mim. Os ombros dela brilharam com a luz refletida do lago. — Os meus teriam ficado aterrorizados.

— Eu não contei a eles. — Sentei-me ao lado dela e, incapaz de resistir, abaixei a cabeça para beijar seu ombro direito. A pele dela tinha um perfume delicioso e o desejo despertado pelas brincadeiras na piscina voltou, com meu corpo ficando tenso novamente devido à proximidade com Nora.

— Por que não? — perguntou ela com voz rouca, virando-se para olhar para mim quando ergui a cabeça. — Por que não contou para eles?

— Minha mãe já tinha medo da selva e meu pai teria ficado furioso por eu não levar para ele a pele do jaguar. Portanto, não adiantaria nada contar a eles — expliquei. Enterrei os dedos nos cabelos sedosos dela, desfrutando da sensação sensual de deslizá-los pelos meus dedos. O pênis enrijeceu de desejo, mas, por enquanto, eu não passaria disso.

Não haveria sexo até a noite, quando ela estivesse confortável em nossa cama e eu pudesse ter certeza de que não a machucaria.

— Ah. — Nora inclinou a cabeça, movendo-a mais para perto das minhas mãos, e encarou-me com as pálpebras semifechadas. A expressão dela parecia a

de uma gata sendo acariciada. — E seus amigos? Você contou a eles o que aconteceu?

— Não — murmurei, sentindo a excitação aumentar apesar das minhas boas intenções. — Não contei a ninguém.

— Por que não? — Nora praticamente ronronou quando deslizei os dedos novamente pelos seus cabelos, massageando ligeiramente o couro cabeludo. — Achou que eles não acreditariam em você?

— Não, eu sei que eles acreditariam. — Tirei as mãos dos cabelos dela quando meu desejo se intensificou, ameaçando meu autocontrole. — Eu não tinha amigos próximos, só isso.

Algo desconfortavelmente parecido com pena brilhou nos olhos dela, mas Nora não disse nada nem fez mais perguntas. Em vez disso, ela se aproximou e colocou os lábios sobre os meus, colocando as mãos pequenas nos dois lados do meu rosto.

O toque dela foi estranhamente inocente e incerto, como se estivesse beijando-me pela primeira vez. Os lábios dela mal encostaram nos meus, com cada toque sendo uma promessa de mais. Eu quase conseguia sentir seu gosto e a urgência de trepar com ela foi tão grande que estremeci. Foi apenas a lembrança da noite anterior, do olhar ferido e traído em seus olhos, que me fez permanecer imóvel e aceitar os beijos leves com as mãos nos ombros dela. Eu sabia que deveria detê-la, afastá-la, mas não consegui.

Os beijos hesitantes de Nora foram a coisa mais doce que eu jamais sentira.

Quando achei que não aguentaria mais, ela desceu a boca pelo meu maxilar e pelo meu pescoço, beijando e mordiscando com a mesma gentileza torturante. As mãos dela soltaram meu rosto e desceram pelo meu corpo. Seus dedos se fecharam sobre a bainha da minha camiseta. Ela começou a levantar a camiseta e gemi quando seus dedos encostaram na pele nua, fazendo com que queimasse.

— Nora... — Prendi a respiração quando ela se abaixou e ajoelhou-se entre minhas pernas abertas com o rosto na altura da minha cintura. — Nora, querida, você precisa parar de me provocar.

Ela ignorou o que eu dissera, mantendo minha camiseta levantada. — Quem está provocando? — sussurrou ela, olhando para mim. E, antes que eu pudesse responder, ela se aproximou e deu um beijo quente e molhado na minha barriga.

Merda. Meu corpo inteiro se contraiu e os testículos se apertaram em um surto selvagem de desejo. A visão de Nora ajoelhada disparou todas as emoções erradas, chegando aos meus desejos mais sombrios. Cerrei as mãos e respirei depressa, lembrando a mim mesmo que ela estava em um estado frágil.

Que ela estava grávida, esperando meu filho, e que eu não poderia tomá-la

novamente como um animal.

Mas agora ela estava lambendo meu abdômen. *Putá merda, lambendo.* Acompanhando cada músculo com a língua, como se estivesse tentando imprimir-los na lembrança.

— Nora. — Minha voz saiu rouca. — Querida, chega.

Ela recuou, olhando para mim por entre os cílios longos. — Tem certeza? — murmurou ela, ainda sem soltar minha camiseta. — Porque eu acho que quero mais. — E, aproximando-se novamente, ela mordeu meu abdômen de leve e chupou a pele nua com a boca quente e molhada.

A pele que ficava perto do pênis latejante ainda preso dentro da bermuda.

Putá merda.

— Nora... — Mal consegui formar as palavras, enterrando os dedos na casca da árvore em um esforço para não a agarrar. — Você não quer isto, querida, pare...

— Quem disse que não quero? — Recuando, ela olhou para mim novamente com expressão sombria e ardente. — Eu quero, Julian... Você me fez querer.

Respirei fundo e o pênis se contraiu quando ela soltou a camiseta e desceu as mãos para a fivela do cinto. — Não quero machucar você.

Os lábios dela se curvaram para cima. — Sim, Julian, quer. — Ela soltou o cinto e colocou as mãos dentro da bermuda. Os dedos finos se fecharam em volta do pênis enrijecido e apertaram-no de leve. — Não quer?

Eu quase explodi, estendendo as mãos para ela antes mesmo de perceber o que fazia. — Sim... — Minha voz pareceu um rosnado quando eu a puxei para o colo, com uma perna de cada lado do meu corpo. — Eu quero machucar você, trepar com você, tomá-la de todas as formas possíveis e mais um pouco. Quero marcar sua pele bonita e ouvi-la gritar quando eu me enterrar em sua boceta e fazer você gozar em volta do meu pênis. É isso o que você quer ouvir, meu bichinho? — Segurando os braços dela com força, eu a encarei friamente. — É isso que você quer?

Ela passou a língua pelos lábios, com um brilho sombrio peculiar nos olhos. — Sim. — A voz dela foi um sussurro. — Sim, Julian. É exatamente o que eu quero.

Merda. Fechei os olhos, literalmente tremendo de desejo. Da forma como ela estava sentada no meu colo, apenas uma tanga minúscula separava a boceta do pênis. Se eu a erguesse alguns centímetros, poderia penetrá-la, investir repetidamente no corpo pequeno e apertado.

A tentação era insuportável.

Um... dois... três... Forcei-me a fazer uma contagem mental até que

recuperasse um mínimo de controle.

Em seguida, abri os olhos e encontrei o olhar dela novamente.

— Não, Nora. — Minha voz estava quase normal quando soltei seus braços e coloquei as mãos em seu rosto. — Não é assim que as coisas acontecerão.

Ela pestanejou, parecendo abalada. — O quê...

Abaixei a cabeça, interrompendo-a com um beijo. Invadi sua boca, de forma lenta e profunda, sentindo seu gosto e acariciando-a com a língua. Em seguida, agarrei seus cabelos e empurrei-a para baixo entre as minhas pernas, gostando da expressão chocada em seu rosto.

— Você vai chupar meu pau — disse eu com voz rouca. — E depois, se for uma boa garota, receberá sua recompensa. Entendeu?

Nora arregalou os olhos, mas obedeceu imediatamente. Puxando o pênis para fora da bermuda, ela colocou os lábios em volta dele e começou a acariciá-lo ritmicamente com a mão. O interior da boca de Nora era quente, sedoso e molhado, quase tão delicioso quanto a boceta, e a pressão da mão dela era perfeita. Eu estava tão perto do limite que só foram necessários poucos minutos para que o orgasmo atingisse minhas terminações nervosas. Gemendo, agarrei os cabelos dela novamente e empurrei o pênis mais fundo em sua garganta, forçando-a a engolir cada gota.

Em seguida, eu me afastei, ajoelhei-me no chão perto dela e fiz com que deitasse na grama. — Abra as pernas — comandeí, empurrando o vestido para cima para expor a parte debaixo do corpo de Nora.

Ela fez como instruí, com o olhar cheio de ansiedade e um toque de receio. Coloquei as mãos nas coxas magras e bronzeadas, desfrutando da textura delicada da pele. Em seguida, abaixei-me, preendi os dedos na tanga cor-de-rosa, e puxei-a para o lado, expondo os lábios brilhantes da boceta.

— Você tem uma boceta muito sexy, querida. — As palavras saíram baixas e roucas quando meu desejo, mal aplacado, voltou de forma furiosa. Abaixando-me ainda mais, senti o perfume doce e almiscarado dela. — Uma boceta tão linda e molhada.

A respiração dela ficou irregular e um gemido escapou de sua garganta quando pressionei os lábios contra as dobras dela, beijando-as de leve. — Julian, por favor. — Ela soou torturada. — Por favor, eu... eu preciso de você.

— Sim. — Deixei que minha respiração atingisse a pele sensível. — Eu sei que precisa. — Passei a língua em sua fenda de forma lenta e longa. — Você sempre precisará de mim, não é?

— Sim. — Ela ergueu os quadris, implorando. — Sempre.

— Então, meu bichinho, aqui está sua recompensa.

Pressionando a língua sobre o clitóris, comecei a lhe dar prazer, absorvendo

os pedidos e os gemidos dela. Quando Nora finalmente estremeceu e gritou em êxtase, lambi-a um pouco mais, acompanhando as contrações do orgasmo. Em seguida, deitei-me ao lado dela sobre a grama, apoiando a cabeça no braço esquerdo e acomodando a cabeça dela no ombro direito.

Ficamos deitados assim por alguns momentos, observando a água brilhante do lago e ouvindo os barulhos dos insetos. Eu ainda a queria, mas o desejo estava mais fraco agora. Mais controlado, eu não a machucara desta vez, mas o peso em meu peito ainda estava lá.

Finalmente, não consegui mais permanecer em silêncio.

— Nora, a noite passada... não foi por causa da lista de Peter. — Eu não sabia por que me sentia compelido a dizer isso a ela, mas disse. Queria que ela entendesse que eu não pretendia puni-la naquele momento, que a dor que causara não era parte de algum plano cruel. Eu não sabia por que isso fazia alguma diferença para ela, especialmente vindo de seu sequestrador, nem qual era a verdadeira distinção, mas precisava que Nora soubesse disso. — Foi um erro. Não deveria ter acontecido.

Ela não respondeu nem mostrou ter ouvido minhas palavras. Mas, depois de alguns momentos, ela se virou em meus braços e colocou a mão direita sobre meu peito, diretamente em cima do coração.

N *ora*

NAS DUAS SEMANAS SEGUINTEs, fiz o possível para lidar com a minha nova realidade. Ou, mais precisamente, para viver de forma normal e fingir que nada estava acontecendo.

A náusea ia e vinha. Descobri que fazer refeições pequenas e frequentes ajudava, bem como comer coisas mais simples. Sob os olhares atentos de Ana e Julian, tomei as vitaminas pré-natais e evitei as comidas na lista do dr. Goldberg, mas tentei não me importar demais com essas coisas. Até que a barriga começasse a aparecer, eu pretendia agir como se tudo estivesse normal.

Por sorte, meu corpo resolvera cooperar. Os seios ficaram um pouco maiores e estavam mais sensíveis, mas foi a única mudança que detectei. A barriga ainda estava lisa e eu não ganhara peso. No mínimo, por causa dos enjoos, perdi um ou dois quilos... algo que preocupou Julian, que fazia o possível para cuidar de mim até quase me enlouquecer.

— Não preciso descansar — protestei exasperada quando ele novamente tentou me obrigar a tirar um cochilo no meio da tarde. — De verdade, estou bem. Dormi dez horas na noite passada. Quanto tempo uma pessoa precisa dormir?

E era verdade. Nas duas semanas anteriores, eu dormira muito melhor. Apesar de ser estranho, saber que minha ansiedade era causada pelos hormônios a aliviara muito, reduzindo significativamente os pesadelos e os ataques de pânico.

A terapeuta disse que era por eu estar menos preocupada se minha mente estava confusa depois de tudo o que acontecera. Pelo jeito, eu me estressar por estar estressada demais era particularmente ruim, enquanto que fatores de estresse menos intensos, como ter um filho com um traficante de armas sádico, provocava menos ansiedade.

— O cérebro humano é imprevisível — dissera a dra. Wessex, olhando para mim através dos óculos Prada. — O que você acha que a assusta pode não ser o que pesa em seu inconsciente. Você pode estar preocupada com o bebê, mas isso não a assusta tanto quanto a ideia de nunca se livrar da ansiedade. Se os ataques de pânico provêm da gravidez, você sabe que é um problema temporário... e isso a ajuda a ficar menos ansiosa.

Assenti e sorri, como se aquilo fizesse sentido. Eu fazia isso muito quando

conversava com ela. Se Julian não insistisse que eu continuasse com as sessões de terapia duas vezes por semana, já teria parado. Não que eu não gostasse da dra. Wessex, uma mulher alta e elegante de quarenta e poucos anos, bastante competente e que não parecia me julgar, mas conversar com ela só destacava ainda mais a insanidade que era meu relacionamento com Julian.

Ora, sim, doutora, meu marido... você sabe, o homem que a contratou e insistiu para que viesse para o meio do nada... me manteve prisioneira naquela ilha por quinze meses. E agora passei por uma lavagem cerebral tão grande que não consigo viver sem ele e preciso de sexo abusivo. Ah, e vamos ter um bebê. Não há nada de excepcional nisso, é claro. Apenas uma família criminosa normal.

Sim, claro.

De qualquer forma, tentar fazer com que eu cochilasse era o exemplo mais leve dos cuidados excessivos de Julian. Ele também monitorava minha dieta, garantia que todas as rotinas de exercícios fossem aprovadas pelo médico e, pior de tudo, tratava-me na cama de forma extremamente gentil. Não importava o quanto eu tentasse provocá-lo, ele não fazia mais do que me segurar. Era como se estivesse com medo de liberar a brutalidade que tinha dentro dele, de perder o controle novamente.

— Eu lhe disse, o obstetra falou que sexo um pouco mais violento não é um problema, desde que não haja sangramento nem vazamento de líquido amniótico — disse eu a Julian depois de ele fazer sexo comigo de forma gentil, mais uma vez. — Estou saudável, tudo está normal e não há problema nenhum em fazer isso.

— Não vou arriscar — respondeu ele, beijando minha orelha. Percebi que ele não tinha a menor intenção de me ouvir sobre aquele assunto.

Uma parte de mim ainda não acreditava que eu queria aquilo dele, que sentia falta do toque sombrio no ato sexual. Não era que eu ficava insatisfeita... Julian garantia que eu tivesse pelo menos dois orgasmos toda noite... mas algo dentro de mim precisava da mistura inebriante de prazer e dor, da onda de endorfina que conseguia com sexo verdadeiramente intenso. Até mesmo o medo que ele me fazia sentir era viciante de certa forma, gostasse eu ou não de admitir.

Era algo doentio, mas, a noite em que descobrimos sobre a gravidez, a noite em que ele me forçara, surgira em minhas fantasias mais de uma vez nos dias anteriores.

Eu não sabia o que a dra. Wessex diria sobre aquilo nem queria descobrir. Era suficiente que a lembrança daquele trauma, como as lembranças do tempo que passei na ilha, tivessem assumido um tom erótico na minha mente.

Era suficiente saber que eu era totalmente pervertida.

Obviamente, a gentileza nada característica de Julian na cama não era o único problema. O treinamento de autodefesa também fora afetado pela preocupação dele. Tudo isso era particularmente frustrante porque, pela primeira vez em semanas, eu tinha energia. Dormir bem reduzira a fadiga e os trabalhos da faculdade não me cansavam mais tanto. Eu até mesmo pudera voltar a correr, obviamente depois de ser liberada pelo médico, mas Julian se recusava a me deixar fazer qualquer coisa que pudesse resultar em machucados. Atirar também estava fora de questão. Pelo jeito, disparar uma arma liberava partículas de chumbo que poderiam, em alguma quantidade desconhecida, prejudicar o bebê.

Havia tantas restrições que eu tinha vontade de gritar.

— Você sabe que é só temporário, Nora — disse Ana quando cometi o erro de expressar minha frustração durante o café da manhã. — Só mais alguns meses e você terá um bebê nos braços... e tudo terá valido a pena.

Assenti e abri um sorriso, mas as palavras da governanta não me animaram. Elas me encheram de medo.

Em pouco mais de sete meses, eu seria responsável por uma criança... e a ideia me deixou mais aterrorizada do que nunca.



— VOCÊ ainda não contou aos seus pais sobre o bebê? — Rosa me olhou atônita quando saímos da casa para a caminhada matinal.

— Não — respondi, bebendo uma vitamina de frutas. — Ainda não contei a eles.

— Mas achei que você falasse com eles todos os dias.

— Eu falo, mas o assunto ainda não veio à tona. — Eu provavelmente soei como se estivesse na defensiva, mas não pude evitar. Em relação às coisas que eu temia, contar aos meus pais sobre a gravidez estava no topo da lista, junto com o parto.

— Nora... — Rosa parou sob uma árvore. — Você está preocupada que eles não fiquem felizes?

Imaginei a reação do meu pai ao saber que a filha, que ainda nem fizera vinte anos, estava grávida, esperando um filho de seu sequestrador. — Pode-se dizer que sim.

— Mas por que eles não ficariam felizes? — Minha amiga pareceu genuinamente confusa. — É casada com um homem rico que a ama e que cuidará bem de você e do bebê. O que mais eles poderiam querer?

— Bom, para começar, que eu não estivesse casada com esse homem —

respondi secamente. — Rosa, eu lhe contei a nossa história. Meus pais não são os maiores fãs de Julian.

Rosa fez um gesto de indiferença. — Tudo isso é... como é mesmo que você diz...? águas passadas. Quem se importa com a forma como tudo começou? O que importa é o presente, não o passado.

— Ah, claro. Aproveitar o momento e todas essas coisas.

— Não precisa ser sarcástica — disse Rosa ao começarmos a andar novamente. — Você deveria falar com os seus pais, Nora. É o neto deles. Eles merecem saber.

— Sim, provavelmente contarei a eles em breve. — Tomei outro gole da vitamina. — Não tenho outra opção.

Andamos em silêncio por alguns minutos. Em seguida, Rosa perguntou baixinho: — Você não queria esse filho, queria, Nora?

Parei e olhei para ela. — Rosa... — Como eu poderia explicar minhas preocupações a uma garota que crescera na propriedade e que achava que aquele tipo de vida era normal? Que o meu relacionamento com Julian era romântico? — Não é que eu não queira um filho. É só que o mundo de Julian... o nosso mundo... é complicado demais para criar um filho. Como alguém como Julian seria um bom pai? Como eu poderia ser uma boa mãe?

— O que quer dizer? — Rosa franziu a testa para mim. — Por que você não seria uma boa mãe?

— Estou apaixonada por um chefe do crime que me sequestrou e que mata e tortura pessoas como parte dos negócios — disse eu em tom gentil. — Isso não me qualifica para ser uma boa mãe. Um estudo de caso para um dos artigos da dra. Wessex, talvez, mas não ser para uma boa mãe.

— Ora, por favor. — Rosa revirou os olhos. — Muitos homens fazem coisas ruins. Vocês norte-americanos são sensíveis demais. O *señor* Esguerra está longe de ser o pior e você não deveria se culpar por gostar dele. Isso não faz com que você seja ruim.

— Rosa, não é só isso. — Hesitei, mas decidi contar a ela. — Quando estávamos no Tajiquistão, matei um homem. — Soltei o ar devagar, revivendo a emoção sombria de puxar o gatilho e ver o cérebro de Majid se espalhar pela parede. — Atirei nele a sangue frio.

— E daí? — Ela nem piscou. — Eu também já matei.

Eu a encarei em silêncio atônito. Ela explicou: — Foi quando a propriedade foi atacada. Encontrei uma arma, escondi-me nos arbustos e atirei nos homens que nos atacavam. Feri um deles e matei outro. Mais tarde, descobri que o ferido também morreu.

— Mas você era apenas uma criança. — Não consegui superar o choque. —

Está me dizendo que matou duas pessoas quando tinha dez, onze anos?

— Quase onze — disse ela, dando de ombros. — E sim, matei.

— Mas... você parece tão...

— Normal? — perguntou ela, olhando-me com um sorriso estranho. — Legal? É claro, por que eu não seria? Matei para proteger aqueles de quem gosto. Matei homens que vieram aqui trazendo morte e destruição. Não é diferente de cortar a cabeça de uma cobra que quer picar você. Se eu não tivesse matado aqueles homens, mais dos nossos teriam morrido. Talvez tivessem matado minha mãe, meu pai e meu irmão.

Eu não sabia o que responder. Eu nunca teria imaginado que Rosa, tão alegre, fosse capaz de algo assim. Eu sempre achara que o mal deixava rastros. Eu via isso em Julian, tão profundamente inserido em sua alma que era parte dele. Eu via isso em mim agora. Mas não em Rosa.

— Como você faz para que isso não a afete? — perguntei. *Como você consegue manter a inocência?*

Ela olhou para mim e, pela primeira vez, pareceu mais velha do que os vinte e um anos que tinha. — Você pode escolher, Nora. Pode deixar que as coisas ruins manchem você ou pode se livrar delas — disse ela baixinho. — Escolhi a segunda opção. Matei, mas não é da minha índole. Não deixo que aquele ato me defina. Aconteceu e está feito. Está no passado. Não posso mudar o passado e não vou continuar a viver nele. Você também não deveria. Seu presente, seu futuro... é o que importa.

Mordi o lábio inferior, sentindo os olhos queimarem com as lágrimas. — Mas que futuro esta criança terá com pais como nós, Rosa? Olhe o que aconteceu comigo e com Julian nos últimos dois anos. Como posso ter certeza de que meu filho não será sequestrado nem torturado pelos inimigos de Julian?

— Não pode. — O olhar de Rosa foi duro. — Ninguém pode ter certeza de nada. Coisas ruins podem acontecer com qualquer pessoa, em qualquer lugar. Há soldados que vivem até uma idade avançada e trabalhadores de escritórios que morrem jovens. Você pode escolher viver com medo ou pode aproveitar a vida. Aproveitar o que tem com Julian. Aproveitar o bebê que está crescendo dentro de você. Criar a vida é um presente, não uma maldição. Talvez você não tenha escolhido colocar uma criança no mundo, mas agora ela está aí e só o que pode fazer é amá-la. Cuidar dela. Não deixe que os seus medos estraguem isso. — Ela fez uma pausa e acrescentou em tom suave: — Não deixe sua alma ser manchada pelo que não pode mudar.

Julian

— ENTÃO, quais foram os danos? — perguntei a Lucas ao sairmos da área de treinamento. Minha respiração estava pesada, os músculos estavam doloridos e o ombro esquerdo doía, mas eu estava satisfeito.

Eu estava quase de volta à minha forma... como três guardas que mancavam podiam testemunhar.

— Houve outro ataque na França e mais dois na Alemanha. — Lucas limpou o suor do rosto com uma toalha enrolada. — Ele não está perdendo tempo.

— Não achei que ele perderia. — Considerando o foco singular em vingança de Peter Sokolov, eu sabia que era apenas uma questão de tempo até que ele eliminasse o restante dos homens naquela lista. — Como foi desta vez?

— O francês foi encontrado boiando em um rio, com marcas de tortura e estrangulamento, portanto, suponho que Sokolov primeiro o sequestrou. Quanto aos alemães, um foi morto por uma bomba no carro e o outro com um fuzil de precisão. — Lucas sorriu sombriamente. — Não devem tê-lo deixado muito furioso.

— Ou ele preferiu ser rápido.

— Ou isso — concordou Lucas. — Ele provavelmente sabe que a Interpol está atrás dele.

— Tenho certeza de que sabe. — Tentei imaginar o que faria se alguém ferisse minha família e uma onda de fúria me invadiu. Eu nem conseguia imaginar como Peter deveria estar sentindo-se... não que isso fosse desculpa para colocar Nora em perigo para conseguir a maldita lista.

Eu ainda queria matá-lo por isso.

— A propósito — disse Lucas em tom casual. — Estou trazendo Yulia Tzakova de Moscou para cá.

Parei imediatamente. — A intérprete que nos traiu na Ucrânia? Por quê?

— Quero interrogá-la pessoalmente — respondeu Lucas, pendurando a toalha no pescoço. — Não confio nos russos para fazer um trabalho decente. — A expressão dele estava impassível como sempre, mas vi um toque de empolgação no olhar pálido.

Ele estava ansioso para fazer aquilo.

Estreitei os olhos, estudando-o. — Foi porque você fodeu com ela naquela noite em Moscou? — A garota russa me procurara primeiro, mas recusei o convite... e Lucas expressara interesse nela. — É por causa disso?

A boca dele ficou dura. — Ela me fodeu. Literalmente. Portanto, sim, quero colocar as mãos naquela vadia. Mas também acho que ela deve ter alguma informação útil para nós.

Considerarei aquilo por um momento e assenti. — Nesse caso, vá em frete. — Seria hipocrisia de minha parte negar a Lucas um pouco de diversão com a loira bonita. Se ele queria fazer com que ela pagasse pessoalmente pelo avião derrubado, eu não via problema algum.

Ela não demoraria a morrer em Moscou, de qualquer forma.

— Você já negociou isso com os russos? — perguntei quando recomeçamos a andar.

Lucas assentiu. — Inicialmente, eles tentaram dizer que só negociariam com Sokolov, mas eu os convenci de que não seria inteligente contrariar você. Buschekov viu a luz quando eu o relembrei dos problemas recentes na Al-Quadar.

— Ótimo. — Se até os russos estavam dispostos a me agradar, minha vingança contra a organização terrorista atingira o defeito desejado. Não apenas a Al-Quadar fora totalmente eliminada, como minha reputação fora melhorada de forma substancial. Poucos dos meus clientes agora tentariam me trair... um desenvolvimento que prometia ser bom para os negócios.

— Sim, foi útil — disse Lucas, ecoando meus pensamentos. — Ela chegará aqui amanhã.

Ergui as sobrancelhas, mas decidi não comentar sobre a pressa. Se ele queria tanto brincar com a garota russa, era problema dele. — Onde você vai mantê-la? — perguntei.

— No meu alojamento. Eu a interrogarei lá.

Sorri, imaginando o interrogatório em questão. — Está bem. Aproveite.

— Ah, eu vou — respondeu ele sombriamente. — Pode apostar nisso.



DEPOIS DE TOMAR UM BANHO, fui procurar Nora. Na verdade, fui verificar no computador a localização dos rastreadores implantados nela e fui diretamente para a biblioteca, onde ela deveria estar estudando para as provas finais.

Eu a encontrei sentada à mesa, de costas para mim, digitando furiosamente no *notebook*. Os cabelos dela estavam presos em um rabo de cavalo frouxo e ela

vestia uma camiseta imensa que chegava aos joelhos.

Pelo jeito, era uma camiseta minha.

Ela começara a fazer isso recentemente quando tinha que estudar. Alegava que minhas camisetas eram mais confortáveis do que os seus vestidos. Vê-la vestindo minhas roupas só enfatizava o fato de que ela era minha.

Ela e o bebê que carregava.

Ela não reagiu quando entrei e aproximei-me dela.

Ela estava com fones de ouvido, com a testa franzida, concentrada no que digitava. Os dedos voavam sobre as teclas com velocidade incrível. Por um segundo, considerei deixá-la em paz, mas era tarde demais. Nora provavelmente me vira pelo canto do olho, pois olhou para cima e abriu um sorriso estonteante, retirando os fones.

— Olá. — A voz dela era suave e um pouco rouca. — Já está na hora do jantar?

— Ainda não. — Sorri de volta e coloquei as mãos em seus ombros. Os músculos estavam tensos e comecei a massageá-los com os polegares. — Fiz alguns exercícios com os meus homens e voltei para tomar um banho antes de ir para o escritório. Resolvi ver como você está.

— Ah. — Ela arqueou o corpo sob meu toque, fechando os olhos. — Ai, isso, bem aí... Ai, que gostoso...

Ela soou como se estivéssemos fazendo sexo e minha resposta foi instantânea.

Meu pênis ficou duro, muito duro.

Merda.

Respirando fundo, reprimi o desejo, como fizera durante as duas semanas anteriores. Quando eu a tomasse naquela noite, seria novamente de forma cuidadosa e controlada. Independentemente da provocação, eu não arriscaria prejudicar o bebê.

— É o trabalho de psicologia? — Mantive o tom neutro enquanto continuava a massagear o pescoço dela. — Você parece estar bem concentrada.

— Ah, sim. — Ela abriu os olhos e inclinou a cabeça para trás para olhar para mim. — É sobre a síndrome de Estocolmo.

Minhas mãos ficaram imóveis. — É mesmo?

Ela assentiu e um sorriso leve e sombrio curvou seus lábios. — Sim. Assunto interessante, não acha?

— Sim, fascinante — respondi secamente. Meu bichinho estava certamente ficando mais ousada, provocando-me, provavelmente na esperança de que eu fosse puni-la.

E eu queria puni-la. Senti vontade de deitá-la sobre meu joelho, puxar a

camiseta gigante para cima e espancar as nádegas perfeitas até que estivessem vermelhas. O pênis latejou quando imaginei a cena, especialmente quando pensei em abrir as nádegas dela e penetrá-la por trás...

Pare de pensar nisso, porra. Vi o sorriso de Nora aumentar quando seus olhos se moveram para o volume em minha calça. A bruxa sabia exatamente o que estava fazendo comigo, o tipo de efeito que tinha sobre o meu corpo.

— Sim, estou adorando — murmurou ela, voltando o olhar para o meu rosto. — Estou aprendendo muito sobre o assunto.

Inspirei lentamente e recomecei a massagear o pescoço dela. — Então você terá que me ensinar, meu bichinho — disse eu calmamente, como se meu corpo não estivesse em chamas com a necessidade de trepar com ela. — Receio ter faltado às aulas de psicologia na Caltech.

O sorriso de Nora ficou sardônico. — Então, você aprendeu sozinho, não foi?

Mantive o olhar dela em silêncio, sem me dar ao trabalho de responder. Não havia necessidade de palavras. Eu vi, quis e levei Nora. Simples assim. Se ela queria rotular nosso relacionamento, transformá-lo em alguma definição psicológica, que o fizesse.

Mas nunca se livraria de mim.

Depois de alguns momentos, ela suspirou e fechou os olhos, desfrutando novamente do meu toque. Senti seus músculos relaxarem lentamente enquanto massageava os ombros e o pescoço. A expressão desafiadora sumiu do rosto dela, deixando-a com uma aparência jovem e indefesa. Com os cílios sobre as bochechas lisas, ela parecia tão inocente quanto um fauno recém-nascido, intocada pelas coisas ruins da vida.

Intocada por mim.

Por um instante, imaginei como seria se as coisas fossem diferentes. Se eu fosse apenas um rapaz que ela conheceria na escola, como aquele Jake de quem a tirei. Ela me amaria mais? Ela me amaria? Se eu não a tivesse tomado, como fiz, ela teria sido minha?

Era tolice pensar nisso. Eu poderia especular sobre a viagem no tempo ou o que faria se o mundo terminasse. Minha realidade não permitia suposições. E se meus pais não tivessem morrido e eu tivesse terminado a faculdade? E se eu tivesse me recusado a matar aquele homem quando tinha oito anos? E se eu tivesse conseguido proteger Maria? Se pensasse em tudo isso, eu enlouqueceria. E eu me recusava a deixar que isso acontecesse.

Eu era o que era e não poderia mudar.

Nem mesmo por ela.



— F_{ALEI} com os meus pais esta tarde — disse Nora ao nos sentarmos para jantar naquela noite. — De novo, eles me perguntaram quando irei visitá-los.

— Ah, foi? — Dei a ela um olhar sardônico. — E foi só sobre isso que vocês conversaram?

Nora abaixou o olhar para o prato de salada. — Vou contar a eles em breve.

— Quando? — Eu ficava furioso por ela continuar agindo como se o bebê não existisse. — Quando o bebê nascer?

— Não, claro que não. — Ela ergueu o olhar e franziu a testa. — E como você sabe que eu não contei a eles? Está ouvindo as minhas conversas?

— É claro. — Eu não ouvira tudo, mas bisbilhotara algumas vezes. O suficiente para saber que os pais dela ainda não sabiam da última novidade na vida da filha. Ainda assim, não faria mal algum se Nora achasse que todas as conversas eram monitoradas. — Esperava que eu não ouvisse?

Ela apertou os lábios. — Sim, talvez. Privacidade é um direito humano básico, sabia?

— Não existe tal coisa como direito básico, meu bichinho. — Tive vontade de rir da ingenuidade dela. — É uma coisa inventada. Ninguém deve nada a você. Se quer alguma coisa na vida, precisa lutar por ela. Precisa fazer com que ela aconteça.

— Como você fez quando me sequestrou?

Abri um sorriso frio. — Exatamente. Eu queria você e sequestrei-a. Não fiquei sentado esperando e desejando.

— Nem pensando na invenção dos direitos humanos, pelo jeito. — A voz dela tinha um leve toque de sarcasmo. — É assim que criará seu filho? Pegue o que quer e não se preocupe se magoará as pessoas?

Inspirei lentamente, notando a tensão no rosto dela. — É isso que a preocupa, meu bichinho?

— Muitas coisas me preocupam — retrucou ela. — E sim, criar um filho com um homem que não tem consciência está quase no topo da lista.

Por algum motivo, as palavras dela me atingiram. Eu queria reconfortá-la, dizer que estava errada em se preocupar, mas não podia mentir para ela mais do que podia mentir a mim mesmo.

Eu não sabia como criaria aquele filho, que tipo de lição ensinaria a ele. Homens como eu e como meu pai não deveriam ter filhos. Ela sabia disso. Eu também sabia.

Como que percebendo meus pensamentos, Nora perguntou baixinho: — Por

que você quer este bebê, Julian? Por que ele é tão importante para você?

Olhei para ela em silêncio, sem saber ao certo como responder àquela pergunta. Não havia um bom motivo para que aquele bebê fosse tão importante para mim como estava sendo. Nenhum motivo para eu o querer tanto. Eu deveria ter ficado chateado, ou no mínimo irritado, com a gravidez de Nora. Em vez disso, quando Goldberg nos dera a notícia, a emoção que eu sentira fora tão estranha que não a reconheceria no início.

Era alegria.

Uma alegria pura e não adulterada.

Por um breve momento, eu fiquei verdadeiramente feliz.

Quando não respondi, Nora soltou um suspiro e abaixou novamente o olhar para o prato. Observei quando ela cortou um pedaço de tomate e começou a comer a salada. O rosto dela estava pálido e tenso, mas cada movimento era tão gracioso e feminino que fiquei hipnotizado, completamente absorvido pela visão dela.

Eu poderia observá-la durante horas.

Quando eu a levava para a ilha, as refeições eram minha parte favorita do dia. Eu adorava interagir com ela, vê-la lutar contra o medo e tentar manter a compostura. A bravura frágil e estoica dela me agradava quase tanto quanto o corpo delicioso. Ela estivera aterrorizada, mas eu conseguira ver como era calculista por trás dos sorrisos e dos flertes tímidos.

De seu jeito quieto, meu bichinho sempre fora uma lutadora.

— Nora... — Eu queria acabar com o estresse dela, com sua preocupação compreensível, mas não podia mentir para ela. Não podia fingir ser alguém que eu não era. Portanto, quando ela ergueu o olhar, eu disse apenas: — Este bebê é parte você, parte eu. É motivo suficiente para que eu me importe. — Quando ela continuou a me olhar, sem alterar a expressão, acrescentei baixinho: — Vou fazer o melhor possível por nosso filho, meu bichinho. Isso eu posso prometer a você.

Os cantos dos lábios dela se ergueram em um sorriso rápido. — É claro que vai, Julian. Eu também. Mas será o suficiente?

— Teremos que esperar e ver, não é? — respondi. E, quando Ana trouxe o próximo prato, concentramo-nos na comida e deixamos o assunto de lado.

N ora

— VOCÊ VIU a garota que trouxeram hoje pela manhã? — perguntou Rosa durante nossa caminhada. — Ana disse que ela estava algemada e tudo o mais.

— O quê? — Lancei a Rosa um olhar espantado. — Que garota? Dei uma corrida rápida antes do café da manhã, mas não vi nada.

— Eu também não vi nada. Ana me disse que viu e que é uma garota loira e linda. Pelo jeito, Lucas Kent a manterá no alojamento dele. — Rosa claramente gostou de contar aquela parte da fofoca. — Ana acha que ela pode ter traído o *señor* Esguerra de alguma forma.

— É mesmo? — Franzi a testa. — Não sei de nada. Julian não mencionou o assunto. — Em geral, desde que eu invadira o computador dele, ele me contara menos coisas sobre os negócios. Eu não sabia se era porque agora ele não confiava em mim ou se tentava me manter o mais calma possível. Suspeitei que fosse a segunda opção, considerando como ele passara a agir de forma superprotetora por causa da gravidez.

— Quer andar até a casa de Kent para ver? — Os olhos de Rosa brilharam de empolgação. — Talvez possamos espiar pela janela.

Eu a encarei. — Rosa! — Era a última coisa que eu teria esperado dela. — Não podemos fazer isso.

— Ora, vamos — disse minha amiga. — Será divertido. Não quer ver quem é essa garota loira e saber por que Kent está com ela?

— Posso simplesmente perguntar Julian. Ele me dirá.

Rosa olhou para mim e implorou: — Sim, mas eu posso morrer de curiosidade antes disso. Só quero ver o que Kent está fazendo com ela, mais nada.

— Por quê? — Eu não tinha nenhum desejo de ver o braço direito de Julian torturar uma mulher e não sabia por que Rosa queria testemunhar algo tão perturbador. — Se ela traiu Julian, não será algo bonito de se ver. — Meu estômago se contraiu ao pensar naquilo. Em relação às náuseas, aquele não era um dos meus melhores dias.

Rosa corou. — Porque sim. Vamos, Nora. — Segurando meu braço, ela começou a me puxar na direção dos alojamentos dos guardas. — Só vamos até lá. Você está grávida e ninguém achará ruim se espiar.

Deixei que ela me puxasse, atônita com o desejo inexplicável dela de brincar de espiã. Normalmente, Rosa mostrava pouco interesse nas questões relacionadas às atividades criminais do meu marido. Eu não conseguia imaginar o que estava por trás do comportamento incomum dela, a não ser que...

— Você está interessada em Lucas? — perguntei, parando. — É por isso que quer ir até lá?

— O quê? Não! — A voz de Rosa saiu em um tom mais agudo do que o normal. — Só estou curiosa, mais nada.

Eu a encarei, notando que suas bochechas estavam vermelhas. — Ai, meu Deus, você está interessada nele.

Rosa bufou e soltou meu pulso, cruzando os braços sobre o peito. — Não estou.

Ergui as mãos em um gesto conciliatório. — Está bem, está bem. Se é o que diz.

Rosa me encarou friamente por um momento. Em seguida, seus ombros caíram e ela abaixou os braços. — Ok, está bem — resmungou ela. — Talvez eu o ache atraente, mas só um pouco, ok?

— Ok, claro — respondi com um sorriso reconfortante. Com os cabelos loiros e o rosto quadrado e feroz, Lucas Kent me lembrava de um guerreiro viking... ou, pelo menos, a imagem que Hollywood transmitia de um guerreiro viking. — Ele é um homem bonito.

Rosa assentiu. — Ele é. Obviamente, ele não sabe que eu existo, mas isso era de se esperar.

— O que quer dizer? — Franzi a testa para ela. — Já tentou falar com ele?

— Falar sobre o quê? Sou só a criada que limpa a casa principal e, de vez em quando, leva aos guardas algum agrado de Ana.

— Você pode perguntar a ele qual é sua comida favorita — sugeri. — Ou como foi o dia dele. Não precisa ser nada complicado. Só um simples olá provavelmente colocaria você no radar dele. — Ao dizer aquilo, percebi que estar no radar de um homem como Lucas Kent talvez não fosse a melhor coisa para Rosa... ou para qualquer outra mulher.

Antes que eu pudesse voltar atrás na minha sugestão, Rosa suspirou e disse: — Eu já o cumprimentei antes. Só não acho que ele me enxergue, Nora. Não desse jeito. E por que enxergaria? Olhe só para mim. — Ela gesticulou de forma pejorativa em direção a si mesma.

— Do que você está falando? — Eu ainda não achava que chamar a atenção de Lucas seria bom para a vida de Rosa, mas não podia comentar isso. — Você é muito atraente.

— Ora, por favor. — Rosa me lançou um olhar incrédulo. — No máximo,

estou na média. Alguém como Kent está acostumado com supermodelos... como aquela garota loira que está com ele agora. Não sou o tipo dele.

— Bom, se você não é o tipo dele, então ele é um idiota — disse eu firmemente, falando sério. Com o rosto arredondado agradável, os olhos castanhos amigáveis e o sorriso brilhante, Rosa era muito bonita. Ela também tinha o tipo de corpo que eu sempre invejara: rechonchudo e cheio de curvas, com uma cintura fina e seios fartos. — Você é uma garota linda. Um homem teria que ser cego para não notar.

Ela fez um gesto de desprezo. — Certo. É por isso que minha vida amorosa é tão intensa.

— Sua vida amorosa é limitada pelas fronteiras desta propriedade — relembrei. — Além do mais, você não me disse que tinha namorado alguns guardas?

— Ah, claro. Eduardo e Nick, mas isso não quer dizer nada. Os guardas também são limitados na seleção deles e não são muito exigentes. Eles trepam com qualquer coisa que se mexa.

— Rosa. — Eu a olhei de forma reprovadora. — Você está exagerando.

Ela sorriu. — Está bem, talvez. Eu provavelmente deveria ter dito "qualquer mulher que se mexa"... mas ouvi dizer que o dr. Goldberg também conseguiu alguma coisa. Dizem que os rapazes tatuados são os preferidos dele. — Ela moveu as sobrancelhas sugestivamente.

Balancei a cabeça, involuntariamente retribuindo o sorriso. Nós duas caímos na gargalhada ao imaginar o médico com um dos guardas imensos e tatuados.

— Está bem, agora que já estabelecemos que você está interessada no sr. Loiro e Perigoso — disse eu alguns minutos depois quando paramos de rir e retomamos a caminhada em direção aos alojamentos dos guardas —, pode me dizer novamente por que quer espionar Lucas com essa garota?

— Não sei — admitiu Rosa. — Eu só quero. É doentio, eu sei, mas só quero ver como ele é com outra mulher.

— Rosa... — Eu ainda não entendia. — Se ela chegou aqui algemada, eles não estão tendo exatamente um encontro romântico. Você sabe disso, não é?

— Sim, claro. — Ela soou notavelmente animada. — Ele provavelmente está fazendo alguma coisa horrível com ela.

— E por que você quer ver isso?

Ela deu de ombros. — Não sei. Talvez eu ache que ver isso me ajudará a superar essa queda boba que tenho por ele. Ou talvez eu seja morbidamente curiosa. Isso importa?

— Não, acho que não. — Corri para acompanhar os passos apressados dela.

— Mas posso lhe dizer que a dra. Wessex se divertiria muito com você.

— Ah, aposto que sim — disse ela, sorrindo novamente. — Ainda bem que é você quem está fazendo terapia, não eu.



OS ALOJAMENTOS dos guardas ficava na fronteira do complexo, ao lado da floresta. No meio do conjunto de pequenos prédios quadrados, havia algumas casas de tamanho normal. Pelas minhas explorações anteriores, eu sabia que elas eram ocupadas por alguns dos funcionários de escalão mais alto na organização de Julian e guardas que tinham família.

Ao nos aproximarmos, Rosa foi diretamente para uma das casas maiores e eu a segui, meio correndo para conseguir acompanhá-la. Meu estômago começou a ficar inquieto e eu já me arrependia de ter concordado com aquela insanidade.

— É esta — disse ela baixinho ao darmos a volta até a lateral da casa. — O quarto dele é aqui.

— E como você sabe disso?

Ela sorriu para mim. — Talvez eu tenha vindo aqui uma ou duas vezes antes.

— Rosa... — Eu estava descobrindo um lado totalmente novo da minha amiga. — Você espionou o coitado do homem antes?

— Só uma ou duas vezes — sussurrou ela, abaixando-se sob uma janela. Fiquei a alguns passos de distância, observando. — Agora, shhhh. — Ela colocou o dedo sobre os lábios em um gesto de silêncio.

Encostei-me no tronco de uma árvore, cruzei os braços e observei enquanto ela se erguia lentamente e espiava pela janela. Fiquei atônita por ela ter coragem de fazer isso à plena luz do dia. Apesar de aquele lado da casa de Lucas estar virado para a floresta, ainda havia muitos guardas na área e, teoricamente, poderiam nos ver.

Antes que eu pudesse exprimir essa preocupação para Rosa, ela se virou para mim com uma expressão desapontada no rosto. — Eles não estão ali — disse ela baixinho. — Onde será que estão?

— Talvez ele a tenha levado para outro lugar — disse eu, sentindo-me aliviada. — Vamos embora.

— Espere um pouco, vou verificar uma coisa. — Ainda abaixada, ela se moveu na direção de uma janela mais à esquerda.

Relutantemente, fui atrás dela, cada vez mais enjoada e desconfortável com

a situação. Mais um minuto, prometi a mim mesma, e voltaria para casa.

Quanto estava prestes a dizer a ela que iria embora, Rosa soltou uma exclamação leve e acenou para que eu me aproximasse. — Ali — disse ela em um sussurro animado, apontando para a janela. — Ele a colocou bem ali.

Minha curiosidade ficou aguçada. Abaixando-me, fui até onde Rosa estava escondida e ajoelhei-me ao lado dela. — O que ele está fazendo? — sussurrei, quase com medo de saber.

— Não sei — sussurrou ela de volta, virando-se para olhar para mim. — Ele não está lá. Ela está sozinha.

— Então, o que ela está fazendo?

— Veja por si mesma. Ela não está olhando para cá.

Hesitei por um momento, mas a tentação foi grande demais. Prendendo a respiração, ergui-me o suficiente para olhar por cima do batente da janela, mal percebendo Rosa espiando ao meu lado.

Como eu temia, o que vi lá dentro fez com que meu estômago se contraísse.

O aposento era grande e pouco mobiliado. A julgar pelo sofá de couro preto perto da parede e a TV no lado oposto, deveria ser a sala de estar de Lucas. As paredes eram brancas e o carpete cinza. Era uma sala bem masculina, funcional e impessoal, mas não foi a decoração que me chamou a atenção.

Foi a jovem no meio da sala.

Completamente nua, ela estava amarrada a uma cadeira de madeira, com as pernas separadas e as mãos presas às costas. Ela estava com a cabeça abaixada e os cabelos loiros desgrehados cobriam-lhe o rosto e boa parte do corpo. Eu só consegui ver os pés pequenos, e as pernas e os braços pálidos cobertos de hematomas.

Membros que pareciam magros demais para uma garota do tamanho dela.

Enquanto eu olhava com fascinação horrorizada, ela ergueu a cabeça com um movimento súbito e olhou diretamente para mim, com os olhos azuis penetrantes no rosto de feições delicadas.

Eu me abaixei instantaneamente, com o coração batendo depressa devido a uma onda de adrenalina. Rosa, no entanto, ainda olhava pela janela com curiosidade ávida.

— Rosa — disse eu, segurando o braço dela. — Ela nos viu. Vamos embora.

— Está bem, está bem — concordou minha amiga, deixando-me puxá-la para longe. — Vamos.

Voltamos para casa em silêncio. Rosa parecia mergulhada em pensamentos e não consegui me forçar a falar, pois a náusea aumentava a cada passo. Ao passarmos por um roseiral, eu me ajoelhei e vomitei enquanto Rosa segurava

meus cabelos e pedia desculpas repetidamente por me causar estresse na minha condição.

Dispensei as desculpas dela com um aceno da mão, levantando-me com as pernas trêmulas. O que me perturbava mais não era o fato de ter visto uma mulher amarrada e provavelmente prestes a ser torturada.

Foi o fato de que a visão não me chocou como deveria.



JULIAN não me acompanhou no jantar naquela noite. De acordo com Ana, ele recebera uma chamada de emergência de um dos associados de Hong Kong. Considerei ir até o escritório dele para ouvir, mas decidi usar o tempo para falar com os meus pais.

— Nora, querida, quando nós a veremos de novo? — perguntou minha mãe pela milésima vez depois que eu contei rapidamente sobre as aulas da faculdade. Meu pai estava viajando a negócios, portanto, a conversa foi apenas entre nós duas. — Estou com muitas saudades de você.

— Eu sei, mamãe. Também estou com saudades. — Mordi a parte de dentro da bochecha com os olhos subitamente cheios d'água. *Malditos hormônios da gravidez.* — Eu já lhe disse, Julian falou que poderemos ir em algum futuro próximo.

— Quando? — perguntou mamãe frustrada. — Por que não pode nos dar uma data?

Porque estou grávida e meu marido sequestrador e superprotetor se recusa a falar sobre viagens no momento. — Mamãe... — Respirei fundo, tentando reunir coragem. — Acho que há algo de que você precisa saber.

Mamãe chegou mais perto da câmera com a preocupação fazendo com que franzisse a testa imediatamente. — O que é, querida?

— Estou grávida de oito semanas. Julian e eu teremos um filho. — Assim que terminei de falar, senti como se uma viga de granito tivesse saído dos meus ombros. Eu não percebera, até aquele momento, o quanto aquele segredo era pesado.

Minha mãe pestanejou algumas vezes. — O quê? Mas já?

— Ahm, sim. — Não era a reação que eu esperava. Franzindo a testa, cheguei mais perto da câmera. — O que quer dizer com "já"?

— Bom, seu pai e eu achamos que, como estavam casados e tal... — Ela deu de ombros. — Quero dizer, esperávamos que não acontecesse por algum tempo e que você terminasse a faculdade primeiro...

— Vocês acharam que eu teria filhos com Julian? — Senti-me como se estivesse em um universo paralelo. — E aceitaram a ideia tão fácil assim?

Minha mãe suspirou e recostou-se na cadeira, olhando-me com expressão grave. — É claro que não aceitamos com facilidade. Mas não podemos viver negando, não importa o quanto o seu pai tente. Obviamente, não era isso que queríamos para você, mas... — Ela parou e soltou outro suspiro antes de continuar: — Olhe, querida, se é isso que quer, se ele realmente a faz feliz como você diz, então não devemos interferir. Só queremos que você esteja feliz e saudável. Sabe disso, não é?

— Sei, mamãe. — Pisquei rapidamente, tentando conter uma nova onda de lágrimas. — Eu sei, sim.

— Ótimo. — Ela sorriu e tive quase certeza de ter visto que os olhos dela também brilhavam com as lágrimas. — Agora, conte-me. Andou sentindo enjoos? Cansaço? Como descobriu? Foi um acidente?

E, durante a hora seguinte, mamãe e eu conversamos sobre bebês e gravidez. Ela me contou sobre sua experiência, pois eu fora um bebê inesperado, concebido durante a lua de mel deles, e expliquei que machucara o braço quando fora sequestrada pelos terroristas e que ficara sem o implante por um tempo curto. Foi o mais próximo que consegui chegar da verdade: que a Al-Quadar tirara o implante do meu braço porque achara que era um dispositivo de rastreamento. Meus pais sabiam sobre o sequestro no shopping center, pois eu tivera que explicar meu desaparecimento, mas não contara a eles a história inteira.

Eles não tinham ideia de que a filha agira como isca para salvar a vida de seu sequestrador e de que ela matara um homem a sangue frio.

Quando finalmente terminamos de conversar, estava escuro no lado de fora e eu começava a me sentir cansada. Assim que desliguei o computador, tomei um banho, escovei os dentes e deitei na cama para esperar Julian.

Depois de algum tempo, minhas pálpebras ficaram pesadas e senti a letargia do sono me invadir. Quando minha mente começou a vagar, uma imagem apareceu em frente aos olhos: de uma garota amarrada e impotente, presa a uma cadeira no meio de uma sala grande de paredes brancas. Os cabelos dela, no entanto, não eram loiros.

Eram escuros... e a barriga dela era enorme por causa do bebê em seu interior.

Julian

ERA QUASE meia-noite quando terminei o trabalho e fui para o quarto. Ao entrar, liguei o abajur e vi que Nora já estava dormindo, enrolada sob o cobertor. Tomei um banho e juntei-me a ela, puxando seu corpo nu para perto de mim assim que deitei sob a coberta. Ela se encaixou perfeitamente, com o traseiro arredondado repousando contra minha virilha e o pescoço apoiado em meu braço estendido. O outro braço dobrado estava sobre ela e minha mão segurou um dos seios pequenos e firmes.

Um seio que parecia um pouco maior do que antes, lembrando-me de que o corpo dela estava mudando.

Era bizarro como eu achava aquilo erótico e como a ideia do ventre de Nora crescendo com o bebê me deixava excitado. Eu nunca pensara em mulheres grávidas como sendo *sexy*, mas, com minha esposa, estava obcecado pelo corpo ainda esguio, fascinado pelas possibilidades. Minha motivação sexual, sempre forte, estava muito maior naqueles dias e eu precisava fazer o máximo para não a atacar constantemente.

Se não fossem as sessões de masturbação duas vezes ao dia, eu não conseguiria me segurar.

Mesmo agora, depois de ter me masturbado no chuveiro, deitar em volta dela daquele jeito era uma tortura. Mas eu não queria me afastar. Precisava senti-la contra mim, mesmo se tudo o que fizesse fosse abraçá-la. Ela precisava de descanso e eu tinha toda a intenção de deixá-la dormir. No entanto, ao me ajeitar mais confortavelmente sobre o travesseiro, ela se mexeu nos meus braços e disse sonolenta: — Julian?

— É claro, querida. — Cedi à tentação e beijei a pele macia atrás da orelha dela ao deslizar a mão do seio para as dobras quentes entre as pernas dela. — Quem mais seria?

— Eu... eu não sei... — Ela prendeu a respiração quando encontrei o clitóris. — Que horas são?

— É tarde. — Penetrei-a com um dedo para testar se ela estava pronta e o pênis latejou quando senti a umidade no canal apertado e quente. — Eu deveria deixar você dormir de novo.

— Não. — Ela gemeu quando curvei o dedo dentro dela, atingindo seu

ponto G. — Estou bem, de verdade.

— Está mesmo? — Não consegui resistir à tentação de atormentá-la um pouco. Eu tinha que reprimir meus desejos sádicos, mas ouvi-la suplicar não era algo que poderia deixar passar. Abaixando a voz, murmurei: — Não sei, não. Acho que eu deveria parar.

— Não, por favor, não pare. — Ela gemeu quando acariciei o clitóris com o polegar e, simultaneamente, o pênis em seu traseiro. — Por favor, não pare.

— Então me diga o que quer que eu faça com você. — Continuei acariciando o clitóris. Ela parecia fogo nos meus braços. Os cabelos tinham o perfume floral do xampu e as paredes internas se flexionaram em volta do meu dedo, como se estivesse tentando puxá-lo mais para dentro. — Diga-me exatamente o que quer, meu bichinho.

— Você sabe o que eu quero. — Nora estava ofegante e os quadris se moviam como se ela tentasse forçar meus dedos a se moverem em um ritmo constante. — Quero que você me coma. De forma bruta.

— Bruta como? — Minha voz ficou rouca quando imagens sombrias e depravadas invadiram-me a mente. Havia tantas coisas pervertidas que eu queria fazer com ela, tantas formas com que queria possuí-la. Mesmo depois de todo aquele tempo, havia uma inocência nela que me fazia querer corrompê-la. Que fazia com que eu quisesse forçar seus limites. — Diga-me, Nora. Quero ouvir todos os detalhes.

— Por quê? — perguntou ela sem fôlego, movendo a pélvis contra minha mão. A boceta estava molhada, cobrindo meus dedos com a umidade dela. — Você não fará o que eu quero.

— Você não pergunta o motivo. — Deixando a mão quieta, parte do desejo sombrio transpareceu na minha voz. — Agora, diga-me.

— Eu... — Ela prendeu a respiração quando recomecei a acariciar o clitóris. — Quero que me coma com tanta força que me faça sentir dor. — A voz dela estremeceu quando coloquei um segundo dedo na boceta. — Quero que me amarre e faça-me fazer o que você quiser.

— Quer que eu coma seu cu?

A boceta se contraiu em volta dos meus dedos quando um tremor percorreu o corpo dela. — Eu... eu não sei.

Se não parecesse que meus testículos estivessem prestes a explodir, eu teria achado divertida a relutância dela. Um dia, eu a faria admitir que passara a gostar de sexo anal, que gostava de ser tomada desse jeito. Na verdade, eu faria com que ela implorasse por isso. Mas, por enquanto, aquela conversa era apenas isso, conversa. Eu adoraria fodê-la de todos os jeitos, mas não podia. Não arriscaria o bebê por causa de um prazer momentâneo.

Aquele interlúdio verbal teria que ser suficiente até que Nora parisse.

Retirando os dedos do corpo dela, segurei o pênis e guiei-o para a boceta quente e molhada. Ela gemeu quando comecei a penetrá-la. Como estávamos deitados de lado e ela estava com as pernas fechadas, a boceta era ainda mais apertada do que o normal. Penetreei-a lentamente, ignorando o desejo selvagem que percorria minhas veias.

Não a machuque. Não a machuque. As palavras eram como um mantra no meu cérebro. Ela arqueou o corpo para trás, curvando as costas para me acomodar melhor. Coloquei a mão pela frente do corpo dela, procurando o clitóris entre as dobras molhadas. Quando meus dedos o encontraram, ela gemeu meu nome e senti-a contraindo-se em volta de mim quando Nora gozou.

Com o coração batendo forte no peito, respirei fundo várias vezes e fiquei imóvel, tentando conter minha própria explosão. Quando a vontade diminuiu ligeiramente, comecei a investir, esfregando o clitóris inchado. Ela soltou um ruído incoerente, algo entre um gemido e uma exclamação, e seu corpo ficou tenso nos meus braços. Enquanto eu continuava a investir, ela ficou ainda mais tensa e gritou. Senti a carne inchada se contrair novamente à minha volta quando ela gozou pela segunda vez.

A sensação de tê-la bombeando o pênis era indescritível e o prazer foi intenso e elétrico. Ele me invadiu até um clímax súbito. Gemendo roucamente, pressionei o quadril contra ela, enterrando-me mais fundo na boceta enquanto o sêmen explodia com a força do orgasmo.

Depois, ficamos deitados tentando recuperar o fôlego, com os corpos grudados um ao outro por causa do suor. Enquanto meu coração voltava lentamente ao normal, uma sensação de saciedade, de contentamento relaxado, me invadiu. Eu sabia que deveria me levantar e levar Nora para o chuveiro, mas a sensação era gostosa demais, de ficar apenas deitado abraçando-a enquanto o pênis amolecia dentro dela. Fechando os olhos, deixei-me desfrutar do momento, com os pensamentos vagando quando comecei a mergulhar no vazio pesado do sono.

— Julian? — A voz suave de Nora me arrancou dos braços do sono, fazendo com que meu coração desse um salto.

— O que foi, querida? — Minha voz estava ríspida com uma preocupação súbita. — Você está bem?

Ela soltou um suspiro pesado e virou-se nos meus braços, recuando ligeiramente para olhar para mim. — É claro que estou bem. Por que não estaria?

Soltei o ar devagar, aliviado demais para me irritar com o tom exasperado dela. — O que foi então? — perguntei em tom mais calmo, puxando a coberta

para cima dela. O quarto estava fresco por causa do ar-condicionado e eu sabia que Nora sentia frio quando estava cansada.

Ela suspirou novamente enquanto eu ajeitava o cobertor à sua volta. — Você sabe que não sou feita de vidro, não sabe?

Não me dei ao trabalho de responder. Em vez disso, eu a encarei, estreitando os olhos, até que ela soltasse outro suspiro e dissesse: — Só queria lhe contar que falei com os meus pais, só isso.

— Sobre o bebê?

— Sim. — Um sorriso feliz curvou seus lábios. — Mamãe reagiu surpreendentemente bem.

— Sua mãe é uma mulher inteligente. E seu pai?

— Não estava lá, mas mamãe disse que contará a ele.

— Ótimo. — Achei estranhamente satisfatório saber que Nora finalmente dera aquele passo. Significava que ela estava muito mais perto da aceitação, de finalmente admitir que o bebê era um fato na nossa vida. — Agora você pode parar de se preocupar com isso.

— Certo. — Os olhos dela brilharam sob a luz suave do abajur. — A parte difícil passou. Agora só preciso parir e criar o bebê.

O tom dela foi leve, mas percebi o medo sob o sarcasmo. Ela estava com medo do futuro e, apesar de eu querer reconfortá-la, não poderia lhe dizer que tudo ficaria bem.

Porque, bem no fundo, eu estava com tanto medo quanto ela.



POR TER FICADO até tarde no escritório na noite anterior, dormi mais do que o normal e, quando acordei, Nora já se mexia.

Ouvindo meus movimentos, ela rolou na cama e abriu um sorriso sonolento. — Você ainda está aqui.

— Estou. — Cedendo a um impulso momentâneo, puxei-a para perto, passando os braços em volta dela. Algumas vezes, parecia que o tempo que tínhamos juntos não era suficiente. Apesar de vê-la todos os dias, eu queria mais.

Eu constantemente queria mais com ela.

Ela passou a perna sobre minha coxa e aproximou-se ainda mais, esfregando o nariz no meu peito. Meu corpo reagiu de forma previsível e a ereção matinal se transformou em uma ereção dolorosa. Mas, antes que eu pudesse fazer alguma coisa, ela me distraiu ao falar: — Julian... — A voz dela estava abafada. — Quem é a mulher na casa de Lucas?

Surpreso, eu recuei para olhar para ela. — Como você sabe sobre ela?

— Rosa e eu a vimos ontem. — Nora pareceu relutante em encontrar o meu olhar. — Estávamos ahm... passando por lá. — Ela olhou para mim.

— É mesmo? — Apoiando-me no cotovelo, eu a estudei, notando que seu rosto estava vermelho. — E por que estavam passando por lá? Vocês normalmente não andam naquela área.

— Andamos ontem. — Puxando o cobertor em volta do corpo, Nora se sentou e olhou-me com expressão determinada. — Quem é ela? O que ela fez?

Suspirei. Não queria Nora exposta àquele drama, mas parecia que não conseguiria evitar. — A garota é a intérprete russa que nos entregou para os ucranianos — expliquei, observando cuidadosamente a reação de Nora. Meu bichinho começou a superar os pesadelos e a última coisa que eu queria era uma recaída.

Quando falei, Nora arregalou os olhos. — Ela é responsável pela queda do avião?

— Não diretamente, mas as informações que ela deu aos ucranianos resultou na queda, sim. — Se Lucas não tivesse decidido tomar conta da situação, eu teria enviado alguém a Moscou para cuidar da traidora... se os russos não tivessem feito isso primeiro.

Enquanto Nora digeriria aquelas informações, vi a expressão dela mudar e ficar mais sombria. Era fascinante observar. Os lábios macios endureceram e o olhar dela ficou cheio de ódio puro. — Ela quase matou você — disse ela com voz embargada. — Julian, aquela vadia quase matou você.

— Sim. E ela matou quase cinquenta dos meus homens. — Era uma perda que me devorava por dentro, mais do que tudo, e eu sabia que Lucas se sentia da mesma forma. Fosse qual fosse a punição que ele decidisse dar à prisioneira, seria totalmente merecida, e vi Nora chegar à mesma conclusão.

Ela saltou da cama, deixando o cobertor para trás. Pegando o roupão, ela o vestiu antes de começar a andar pelo quarto de um lado para o outro, visivelmente agitada. Ver o corpo dela de relance me deixou excitado novamente, mas mantive o olhar em seu rosto ao me levantar.

— Isso a incomoda, meu bichinho? — perguntei. Nora parou de andar, com os olhos passeando pela parte inferior do meu corpo antes de se fixarem no meu rosto. — É por isso que quer saber sobre ela?

— É claro que me incomoda. — A voz de Nora estava cheia de uma tensão que não consegui definir. — Há uma mulher amarrada em nosso complexo.

— Uma traidora — corrigi. — Ela não é uma vítima inocente.

— Por que não deixou que as autoridades russas cuidassem disso? — Nora chegou mais perto de mim. — Por que precisava trazê-la para cá?

— Lucas queria. Ele tem um certo relacionamento... pessoal com ela.

Nora arregalou os olhos ao compreender. — Ele teve um caso com ela?

— Foi uma noite só, mas sim. — Andei na direção do banheiro e Nora me seguiu. Quando liguei o chuveiro e comecei a escovar os dentes, ela pegou a própria escova de dentes para fazer o mesmo. Vi que ela ainda estava agitada e, depois de lavar a boca, eu disse: — Se isso realmente a incomoda, posso dizer a ele para levá-la para outro lugar.

Nora largou a escova de dentes e olhou para mim com expressão sarcástica. — Para que ele possa torturá-la sem ninguém saber? Como isso mudaria as coisas?

Dei de ombros, andando para o chuveiro. — Você não veria. — Deixei a porta do chuveiro aberta para que pudesse conversar com ela. O chuveiro era espaçoso o suficiente para que a água não saísse.

— Sim, claro. — Ela me encarou quando comecei a me lavar. — Se eu não estiver vendo, não estará acontecendo.

Soltei outro suspiro. — Venha cá, querida. — Ignorando o sabonete que cobria minhas mãos, eu a puxei para baixo do chuveiro comigo. Em seguida, tirei seu roupão e joguei-o no chão.

Ela não resistiu quando a puxei para ficar sob a água quente. Em vez disso, fechou os olhos e ficou parada quando derramei um pouco de xampu na mão e comecei a massagear seus cabelos. Mesmo molhados, era delicioso tocar nos cabelos grossos e sedosos.

Era estranho como eu gostava de cuidar dela daquele jeito. Como o simples ato de lavar os cabelos dela me reconfortava e deixava-me excitado. Em momentos como aquele, era mais fácil esquecer a violência dentro de mim, aplacar os desejos aos quais eu não poderia ceder nos meses seguintes.

— Que diferença faz ser Lucas quem a punirá ou os russos? — perguntei quando terminei de esfregar os cabelos dela. Nora não dissera nada, mas eu sabia que ela ainda estava pensando na intérprete, obcecada pelo destino dela. — O resultado seria o mesmo. Você sabe disso, meu bichinho, não sabe?

Ela assentiu silenciosamente e inclinou a cabeça para trás para tirar o xampu.

— Então, por que está insistindo no assunto? — Peguei o condicionador enquanto ela tirava a água do rosto e abria os olhos para olhar para mim. — Você quer que ela seja libertada?

— Eu deveria. — Ela me encarou quando comecei a passar o condicionador em seus cabelos. — Eu não deveria querer que ela sofra assim.

Curvei os lábios com diversão selvagem. — Mas quer, não é? Quer vingança, tanto quanto eu. — A agitação dela agora fazia sentido. Como

acontecera com o homem que ela matara, as sensibilidades de classe média de Nora brigavam com os instintos. Ela sabia o que a sociedade dizia que deveria sentir e estava incomodada porque as emoções que sentia eram diferentes.

Não fazia parte da natureza humana dar a outra face e meu bichinho começava a perceber isso.

Nora fechou os olhos novamente e moveu a cabeça sob o chuveiro. A água correu pelo seu rosto, transformando os cílios em espinhos longos e escuros. — Eu queria morrer quando achei que você estava morto — disse ela com a voz mal audível sob a água que corria. — Foi ainda pior do que quando o perdi na primeira vez. Quando vi a garota, imaginei que ela fizera alguma coisa para prejudicar seus negócios, mas não sabia que ela causara a queda do avião.

Imaginei como Nora deveria ter se sentido naquele dia e uma dor aguda invadiu meu peito. Eu ficaria louco se um dia achasse que a perdera. — Querida... — Chegando mais perto, usei as costas para protegê-la da água e segurei seu rosto, encarando-a. — Acabou. Aquele episódio de nossa vida acabou, ok? Está no passado.

Ela não respondeu. Inclinei a cabeça e tomei sua boca em um beijo lento e profundo, confortando-a da única forma que sabia.

N ora

EU ESTAVA ME PERDENDO. De forma lenta e certa, eu estava sendo atraída para a órbita sombria de Julian, devorada pela situação pervertida que permeava a propriedade.

Eu sabia disso havia algum tempo, obviamente. Estivera observando minha própria transformação com um misto de horror distante e curiosidade. As coisas que antes pareciam horríveis para mim agora eram parte da minha vida cotidiana. Assassinato, tortura, tráfico de armas... intelectualmente, eu ainda condenava tudo aquilo, mas não me sentia mais tão incomodada como antes. Minha bússola moral fora gradualmente mudando de curso e eu deixara que isso acontecesse.

Eu deixara que o mundo de Julian me modificasse sem nem lutar contra isso.

Mesmo antes de saber o que a garota loira fizera, a situação dela não me afetava de forma profunda. Como Rosa, eu estivera morbidamente curiosa, em vez de abalada. E agora que eu sabia que ela era a intérprete que quase matara Julian, o ódio que corria em minhas veias deixava pouco lugar para pena. Eu entendia que era errado deixar que Lucas a punisse daquela forma, mas não *sentia* o erro disso.

Eu queria que ela sofresse, que pagasse pela agonia pela qual nos fizera passar.

O fato de eu conseguir pensar naquele momento, além de analisar minhas emoções desconcertantes, foi bizarro. Eu estava no banho e Julian me beijava, afetando meus sentidos com seu toque. As mãos dele seguravam meu rosto e meu corpo respondia a ele como sempre. A água quente sobre a pele aumentava o calor dentro de mim. Mas meus pensamentos eram frios e claros. Havia apenas uma solução que eu conseguia ver, apenas uma forma pela qual poderia tentar salvar o que sobrara da minha alma.

Eu precisava me afastar.

Não permanentemente. Não para sempre. Mas precisava sair dali, mesmo que fosse por apenas poucas semanas. Eu precisava recuperar a perspectiva, mergulhar novamente no mundo fora do complexo.

Se não fosse pelo meu bem, que fosse pelo bem da vida minúscula que eu

carregava.

— Julian... — Minha voz tremeu quando ele finalmente liberou meus lábios e deslizou a mão pelas minhas costas, fazendo com que meu sexo pulsasse de desejo. — Julian, quero ir para casa.

Ele parou abruptamente e ergueu a cabeça, ainda segurando-me contra seu corpo. O olhar dele ficou duro e o calor do desejo se transformou em algo frio e ameaçador. — Você está em casa.

— Quero ver meus pais — insisti, com o coração batendo depressa. Com o corpo forte de Julian envolvendo-me e o vapor do chuveiro enevoando o banheiro, senti como se estivesse presa em uma bolha de pele nua e desejo. Meu corpo clamava pelo toque dele, mas a mente gritava que eu não podia ceder. Não com tanto em jogo.

Um músculo começou a se contrair no maxilar dele. — Eu já disse que vou levá-la em algum momento. Mas não agora. Não na sua condição.

— Então quando? — Forcei-me a manter o olhar dele. — Quando eu tiver um bebê para cuidar? Ou uma criança pequena? Que tal quando a criança estiver crescida? Acha que será um momento seguro para que eu vá?

Os lábios de Julian viraram uma linha dura e perigosa. Encostando-me na parede do banheiro, ele segurou meus pulsos e prendeu-os acima da minha cabeça. — Não me provoque, meu bichinho — murmurou ele. A ereção dele pressionou meu abdômen. — Você não gostará das consequências.

Apesar da minha determinação, o medo invadiu meu peito. Eu sabia que Julian não me machucaria, mas a punição física não era a única arma no arsenal do meu marido. Imagens da surra brutal de Jake surgiram na minha mente, trazendo consigo um arrepio gelado.

— Não — sussurrei quando ele se abaixou e encostou os lábios na minha orelha. O gesto terno foi um contraste gritando com a ameaça do corpo dele sobre mim. — Julian, não faça isso.

Ele se endireitou. Seus olhos eram pedras azuis e duras. — Não faça o quê? — Transferindo meus pulsos para apenas uma das mãos, ele passou a outra mão sobre meus seios e o abdômen. Os dedos passearam sobre minha pele quente.

— Não... — Minha voz sumiu, com o toque dele fazendo com que minhas entranhas se contraíssem de desejo, apesar do arrepio gelado. — Não deixe que seja assim.

A mão dele subiu e os dedos seguraram meu maxilar de forma dura. — Assim como? — perguntou ele. O tom foi enganadoramente suave. — Como se você fosse minha?

Prendi a respiração. — Sou sua esposa, não sua escrava...

— Você é o que eu quero que seja, meu bichinho. Sou seu dono. — A

crueldade casual das palavras dele me atingiram como um soco, tirando todo o ar dos pulmões. Alguma coisa na minha reação devia ter transparecido, pois ele afrouxou um pouco os dedos. O tom dele foi mais suave ao dizer: — Aqui é sua casa, Nora. Aqui. Comigo. Não lá fora.

— Eles são meus pais, Julian. Minha família. Como você é minha família agora. Não posso passar a vida inteira presa em uma gaiola por questões de segurança. Vou enlouquecer. — Senti as lágrimas começando a se formar e pisquei rapidamente, tentando contê-las. A última coisa que queria era demonstrar a confusão emocional em que me encontrava.

Malditos hormônios da gravidez.

Julian me encarou com a frustração brilhando nos olhos. Em seguida, com um movimento abrupto, ele me soltou, dando um passo atrás. Desligando a água, ele saiu do chuveiro e pegou uma toalha com violência mal controlada. O pênis ainda estava rígido e o fato de ele não estar sobre mim foi surpreendente, mesmo considerando a nova abordagem dele de me tratar como se eu fosse de vidro.

Movendo-me cautelosamente, eu o segui para fora do chuveiro, afundando os pés no tapete macio. — Pode, por favor... — comecei, mas Julian já se aproximava de mim com a toalha. Enrolando-a em volta de mim, ele me secou e pegou outra toalha para si mesmo.

— O que isso tudo tem a ver com Yulia Tzakova? — As palavras dele me fizeram parar quando eu estava prestes a sair do banheiro. Quando me virei para ele confusa, ele esclareceu: — A intérprete russa que você viu ontem. Ela tem alguma coisa a ver com seu desejo súbito de ver seus pais?

Considerarei negar por um segundo, mas Julian percebia quando eu mentia. — De certa forma — respondi cuidadosamente. — Só preciso de um tempo longe daqui, uma mudança de ares. Preciso respirar, Julian. — Engoli em seco, mantendo o olhar dele. — Preciso muito.

Ele me encarou e, sem dizer outra palavra, foi para o quarto se vestir.



DURANTE O CAFÉ DA MANHÃ, Julian ficou em silêncio, parecendo concentrado nos *e-mails* no iPad. Eu me senti ignorada, uma sensação nada familiar. Normalmente, quando fazíamos refeições juntos, eu tinha a atenção completa de Julian e o fato de ele estar concentrado em outra coisa me incomodou muito mais do que seria razoável.

Pensei em tentar quebrar o silêncio, mas não queria deixar as coisas ainda piores. A discussão daquela manhã provavelmente já matara minhas chances de

sair da propriedade. Eu deveria ter esperado até um momento mais apropriado para falar sobre a visita aos meus pais. Tocar no assunto no meio de uma sessão de sexo não fora o passo mais inteligente.

Obviamente, não havia garantia de que uma abordagem diferente tivesse alterado o resultado. Quando Julian tomava uma decisão, eu tinha poucas chances de fazê-lo mudar de ideia, especialmente se a questão envolvesse a minha segurança. Eu brigava com ele sobre os rastreadores, que ainda estavam implantados no meu corpo. Julian nunca me deixaria removê-los, como talvez nunca me deixasse sair do complexo. Ele era realmente meu dono e não havia nada que eu pudesse fazer sobre isso.

Tentando não ceder à tristeza que me invadia, terminei de comer os ovos e levantei, sem querer ficar na atmosfera tensa. Mas, antes que eu pudesse me afastar da mesa, Julian ergueu o olhar do iPad e olhou-me de forma penetrante. — Aonde você vai?

— Estudar para as minhas provas — respondi com cautela.

— Sente-se. — Ele acenou na direção da cadeira. — Ainda não terminamos.

Reprimindo uma onda de raiva, voltei à cadeira e cruzei os braços. — Eu realmente preciso estudar, Julian.

— Quando é sua última prova?

Olhei para ele e meu coração acelerou quando uma pequena bolha de esperança se formou no meu peito. — É flexível no programa *on-line*. Se eu terminar todas as aulas cedo, posso fazer as provas logo depois.

— Então, no começo de junho? — insistiu ele.

— Não, antes disso. — Coloquei as mãos suadas sobre a mesa. — Posso terminar em uma semana e meia.

— Está bem. — Ele olhou novamente para o iPad e digitou alguma coisa enquanto eu o observava, mal ousando respirar. Depois de um minuto, ele ergueu o olhar novamente, encarando-me com expressão dura. — Só vou lhe dizer isto uma vez, Nora — disse ele. — Se você me desobedecer ou fizer qualquer coisa que a coloque em perigo enquanto estivermos em Chicago, eu *vou* punir você. Entendeu bem?

Antes mesmo que ele terminasse de falar, eu já estava dando a volta na mesa, quase derrubando a cadeira dele ao pular em seu colo. — Sim! — Eu nem sabia como acabara no colo dele, mas estava lá, com os braços em volta de seu pescoço ao beijá-lo repetidamente no rosto. — Obrigada! Obrigada! Obrigada!

Ele me deixou beijá-lo até que fiquei sem fôlego. Em seguida, ele segurou meu rosto, encarando-me intensamente. Vi o toque de desejo em seus olhos, senti o volume rígido pressionando minhas coxas e soube que continuaríamos o

que começáramos mais cedo. Meu corpo começou a pulsar de ansiedade e os mamilos enrijeceram sob o tecido do vestido.

Como que sentindo minha excitação, Julian sorriu sombriamente e levantou-se, segurando-me contra o peito. — Não faça eu me arrepender, meu bichinho — murmurou ele ao me carregar em direção à escada. — Acredite, você não quer me desapontar.

— Não vou — jurei ardentemente, passando os braços em volta do pescoço dele. — Prometo, Julian, não vou.

III

A VIAGEM

N ora

VOU PARA CASA. Ai, meu Deus, vou para casa.

Mesmo agora, ao olhar pela janela do avião para as nuvens abaixo, mal consegui acreditar que aquilo estava acontecendo. Somente duas semanas tinham se passado desde nossa conversa no café da manhã e lá estávamos, a caminho de Oak Lawn.

— Este avião não é nada parecido com o que vi na TV — disse Rosa, olhando para o interior luxuoso da cabine. — Quero dizer, eu sabia que não voaríamos em um voo normal, mas isto é realmente bonito, Nora.

Sorri para ela. — Sim, eu sei. Na primeira vez em que o vi, tive a mesma reação. — Olhei rapidamente para Julian, que estava sentado no sofá com o *notebook*, parecendo ignorar nossa conversa. Ele me dissera que pretendia se encontrar com o gerente de portfólio enquanto estivéssemos em Chicago e supus que estivesse analisando possíveis investimentos para se preparar para a reunião. Ou era a modificação mais recente dos engenheiros no projeto do drone, algo que tomara muito do tempo dele durante a semana.

— É a primeira vez que ando de avião e é em um jatinho particular. Pode acreditar nisso? A única forma de isto ser melhor seria se estivéssemos indo para Nova Iorque — disse Rosa. Voltei minha atenção para ela. Seus olhos castanhos brilhavam de empolgação e ela praticamente pulava na poltrona de couro. Ela estivera assim durante vários dias, desde que eu conseguira que Julian concordasse em levá-la conosco para os Estados Unidos, algo com que minha amiga sonhara por anos.

— Chicago também é muito bonita — disse eu, divertida com o esnobismo não intencional dela. — Você verá, é uma cidade muito bacana.

— Ah, é claro. — Percebendo que insultara meu lar, Rosa corou. — Tenho certeza de que é linda e não quero que pense que sou ingrata — disse ela rapidamente, parecendo chateada. — Eu sei que só me trouxe porque você é legal e estou muito feliz por estar...

— Rosa, você veio porque preciso de você — interrompi, sem querer que ela entrasse naquele assunto na frente de Julian. — Você é a única em quem Ana confia para fazer minhas vitaminas matinais. E você sabe que preciso delas.

Pelo menos, fora isso que eu dissera ao meu marido obsessivamente

protetor quando lhe pedi para levarmos Rosa. Eu tinha certeza de que poderia fazer as vitaminas eu mesma, ou simplesmente engolir as pílulas de vitaminas, mas queria garantir que ele deixasse minha amiga nos acompanhar. Até aquele dia, eu não sabia se ele concordara porque acreditara em mim ou porque não tivera objeção alguma. De qualquer forma, eu não queria que Rosa inadvertidamente estragasse tudo.

Ainda não parecia inteiramente real o fato de estarmos a caminho para ver meus pais. As duas semanas anteriores tinham passado muito depressa. Com todas as provas e os trabalhos, eu mal tivera tempo para pensar na viagem. Somente três dias antes eu conseguira recuperar o fôlego e perceber que a viagem realmente aconteceria. Julian já fizera todos os preparativos, aumentando a segurança dos meus pais, como se fosse a Casa Branca.

— Ah, sim, as vitaminas — disse Rosa, olhando cautelosamente na direção de Julian. Ela finalmente entendeu. — É claro, eu esqueci. E ajudarei a desembalar todos os materiais de arte para que você não se canse demais.

— Isso, exatamente. — Olhei para ela com um sorriso conspiratório. — Não posso erguer aquelas telas pesadas nem nada disso.

Naquele momento, o avião sacudiu e o rosto de Rosa ficou pálido. A empolgação dela desapareceu no mesmo instante. — O quê... o que foi isso?

— Só turbulência — respondi, respirando lentamente para combater uma onda imediata de náusea. Eu ainda não saíra totalmente da fase dos enjoos matinais e o movimento irregular do avião não ajudou.

— Não vamos cair, vamos? — perguntou Rosa com medo e balancei a cabeça negativamente para reconfortá-la. Quando olhei para Julian, no entanto, vi que ele olhava para mim, com o rosto incomumente tenso e os nós dos dedos brancos em volta do computador.

Sem pensar, soltei o cinto de segurança e levantei-me, querendo ir até ele. Se Rosa estava com medo de cair, eu mal conseguia imaginar como Julian se sentia, tendo passado por uma queda menos de três meses antes.

— O que você está fazendo? — A voz de Julian foi ríspida quando ele se levantou, deixando o computador cair no sofá. — Sente-se, Nora. Não é seguro.

— Eu só...

Antes que eu terminasse de falar, ele estava ao meu lado, forçando-me a sentar novamente e prendendo o cinto de segurança. — Sente-se — rosnou ele, olhando-me friamente. — Você não prometeu se comportar?

— Sim, mas eu só... — Ao ver a expressão no rosto de Julian, fiquei em silêncio, murmurando apenas: — Deixe para lá.

Ainda olhando-me friamente, ele recuou e sentou-se de frente para mim e Rosa. Ela parecia desconfortável, retorcendo as mãos no colo enquanto olhava

pela janela. Senti-me mal por ela. Eu tinha certeza de que era constrangedor ver a amiga ser tratada como uma criança desobediente.

— Não quero que você caia se o avião atingir um bolsão de ar — disse Julian em tom mais calmo quando não mostrei mais sinais de que tentaria me levantar. — Não é seguro andar pela cabine durante a turbulência.

Assenti e concentrei-me em respirar lentamente, algo que ajudava com o enjoo e com a raiva. Algumas vezes, eu me esquecia dos fatos e começava a achar que tínhamos um casamento normal, uma parceria igual, em vez de... o que tínhamos. No papel, eu podia ser esposa de Julian, mas, na realidade, estava muito mais perto de ser uma escrava sexual.

Uma escrava sexual que estava desesperadamente apaixonada pelo seu proprietário.

Fechando os olhos, encontrei uma posição confortável no meio da poltrona de couro espaçosa e tentei relaxar.

Seria um longo voo.



— A CORDE, querida. — Lábios quentes encostaram na minha testa quando o cinto de segurança foi aberto. — Chegamos.

Abri os olhos, piscando lentamente. — O quê?

Julian sorriu para mim, parado à minha frente, com o olhar azul divertido. — Você dormiu a viagem inteira. Devia estar exausta.

Eu estivera um pouco cansada, depois de estudar tanto e de fazer as malas, mas um cochilo de oito horas era um novo recorde. Deveriam ser novamente os hormônios da gravidez.

Cobrindo a boca ao bocejar, levantei-me e vi Rosa já parada perto da porta do avião segurando sua mochila. — Pousamos — disse ela animada. — Mal senti o avião tocar no solo. Lucas deve ser um piloto incrível.

— Ele é bom — concordou Julian, passando um xale em volta dos meus ombros. Quando eu olhei de forma interrogativa, ele explicou: — Está apenas vinte graus lá fora. Não quero que sinta frio.

Reprimi a vontade de rir. Somente alguém dos trópicos consideraria vinte graus "frio". Mas, para ser justa, provavelmente estava um pouco frio para o vestido de mangas curtas que eu usava. O clima em Chicago no final de maio era imprevisível, com dias primaveris frescos alternando-se com dias quentes como o verão. Julian vestia *jeans* e uma camisa de mangas compridas.

— Obrigada — disse eu, olhando para ele. Até certo ponto, eu achava a

preocupação dele tocante, mesmo que ele fosse longe demais recentemente. Obviamente, não me fez mal algum sentir vontade de derreter ao sentir as mãos grandes nos meus ombros, mesmo com Rosa parada a poucos metros.

— De nada, querida — disse ele com voz rouca, mantendo meu olhar. Percebi que ele também sentia a mesma coisa, essa atração profunda e inexplicável que tínhamos um pelo outro. Eu não sabia se era química ou alguma outra coisa, mas isso nos ligava de forma mais firme do que qualquer corda.

O barulho da porta do avião sendo aberta me tirou do feitiço que me prendia. Sobressaltada, dei um passo atrás, segurando o xale para que não caísse. Julian me olhou de uma forma que prometia uma continuação do que começáramos e um estremecimento de ansiedade percorreu meu corpo.

— Posso descer? — perguntou Rosa. Virei-me e vi que ela esperava impacientemente ao lado da porta aberta.

— Claro — disse Julian. — Vá em frente, Rosa. Já desceremos.

Ela desapareceu pela porta e Julian se aproximou de mim, fazendo com que eu prendesse a respiração. — Está pronta? — perguntou ele baixinho. Assenti hipnotizada pela expressão ardente em seus olhos.

— Nesse caso, vamos — murmurou ele, pegando minha mão. A palma grande e masculina envolveu meus dedos completamente. — Seus pais estão esperando.



O CARRO que nos levou do aeroporto até a casa dos meus pais era uma limusine longa, de aparência moderna, com vidros incomumente grossos.

— À prova de bala? — perguntei ao entrarmos. Julian assentiu, confirmando minha suposição. Ele se sentou na parte de trás comigo e com Rosa, enquanto que Lucas dirigia, como sempre.

Fiquei imaginando se Lucas se ressentira daquela viagem que o levava para longe de seu brinquedo russo. A última notícia que eu tivera era que a intérprete ainda estava viva... e ainda mantida prisioneira no alojamento de Lucas. Julian me dissera que Lucas colocara dois guardas para vigiá-la e garantir que ela estivesse bem durante a ausência dele. Pelo jeito, ele não queria que ninguém mais tivesse o privilégio de torturar a garota.

A situação toda me deixava enojada e tentei não pensar no assunto. O único motivo pelo qual eu sabia o quanto sabia era porque Rosa se recusava a deixar o assunto de lado, constantemente pedindo-me para perguntar a Julian. A estranha obsessão dela pelo homem que era o braço direito de Julian me preocupava,

apesar de eu estar chegando à conclusão de que Rosa tinha razão sobre Lucas não ter interesse algum nela. Ainda assim, apesar de eu não querer que ela se envolvesse com ele, também não queria que ficasse com o coração partido. E eu receava que as coisas estivessem andando nessa direção.

— Tem certeza de que seus pais não se importarão de chegarmos tão tarde? — perguntou Rosa, interrompendo meus pensamentos. — São quase nove horas da noite.

— Não, eles estão muito ansiosos para me ver. — Olhei para o telefone, que apitou com mais uma mensagem de texto de mamãe. Pegando-o, abri a mensagem e disse a Rosa: — Minha mãe já arrumou a mesa para o jantar.

— E eles não se importam de eu ter vindo junto? — Ela mordeu o lábio inferior. — Quero dizer, você é filha deles e claro que querem vê-las, mas sou só a criada...

— Você é minha amiga. — Impulsivamente, estendi o braço e apertei a mão de Rosa. — Pare de se preocupar com isso. Você não é um estorvo.

Rosa sorriu, parecendo aliviada, e olhei para Julian para ver a reação dele. Seu rosto estava impassível, mas notei um brilho divertido em seu olhar. Meu marido claramente não estava preocupado em incomodar meus pais tão tarde. E isso fazia perfeito sentido. Por que algo assim o abalaria quando ele sequestrara a filha deles?

Certamente, seria um jantar interessante.



— NORA, querida! — Assim que a porta da casa dos meus pais se abriu, fui envolvida em um abraço perfumado. Rindo, abracei minha mãe e depois meu pai, que estava parado atrás dela. Ele me abraçou com força por alguns momentos e senti seu coração batendo depressa.

Quando ele recuou para olhar para mim, seus olhos estavam molhados. — Estamos muito felizes em ver você — disse ele com voz profunda e baixa. Sorri para ele através das minhas próprias lágrimas.

— Eu também, papai. Eu também. Senti muitas saudades de você e de mamãe.

Assim que eu disse aquilo, lembrei-me de que não estava sozinha. Virando-me, vi que mamãe olhava para Rosa e Julian com um sorriso rígido e forçado.

Respirei fundo para me preparar. — Mamãe, papai, vocês já conhecem Julian. E esta é Rosa Martinez. Ela é minha melhor amiga na propriedade. — Eu convidara Lucas para jantar conosco, mas ele recusara, dizendo que era parte da

equipe de segurança naquela noite e precisava ficar do lado de fora.

Minha mãe acenou cautelosamente com a cabeça para Julian. O sorriso dela se aqueceu ligeiramente ao olhar para minha amiga. — É um prazer conhecer você, Rosa. Nora nos falou sobre você. Por favor, entrem.

Ela recuou para recebê-los e Rosa entrou, com um sorriso incerto. Juliana a seguiu, parecendo tão calmo e confiante como sempre.

— Gabriela. É um prazer ver você. — Abrindo um sorriso estonteante para minha mãe, meu ex-sequestrador se abaixou para beijar o rosto dela em um gesto europeu. Quando ele se endireitou, ela estava corada, como uma colegial com a primeira paquera. Deixando-a para que se recuperasse, Julian voltou a atenção para meu pai. — É um prazer conhecer você pessoalmente, Tony — disse ele, estendendo a mão.

— Igualmente — respondeu meu pai com o maxilar rígido ao apertar a mão de Julian. — Fico feliz por finalmente ter vindo até aqui.

— Sim, eu também — disse Julian em tom suave, soltando a mão de meu pai. Notei marcas vermelhas na mão dele onde meu pai apertara propositalmente com força demasiada e meu coração deu um salto. No entanto, ao olhar para a mão de meu pai, percebi com alívio que não havia danos correspondentes nela.

Julian deveria ter perdoado aquele pequeno ato de agressão de meu pai... pelo menos, eu esperava que sim.

Ao andarmos na direção da sala de jantar, olhei de relance para o perfil bonito de meu marido. Ter meu ex-sequestrador no meu lar de infância era muito estranho. Eu estava acostumada com ele em locais exóticos e estrangeiros, não em Oak Lawn, Illinois. Ver Julian na casa dos meus pais era um pouco como encontrar um tigre selvagem em um shopping center, algo bizarro e assustador.

— Ah, querida, você está tão magra — exclamou mamãe, estudando-me criticamente ao entrarmos na sala de jantar. — Eu sei que ainda não está na época de aparecer a barriga por causa do bebê, mas parece que você perdeu peso.

— É verdade — disse Julian, colocando a mão nas minhas costas. O toque dele me aqueceu, mas deixou-me desconfortável ao acontecer na frente de meus pais. — Por causa dos enjoos, tem sido difícil fazê-la comer bem. Pelo menos, ela parou de perder peso. Você deveria tê-la visto há quatro semanas.

— Foi tão ruim assim, querida? — perguntou mamãe ao pararmos em frente à mesa. Ela manteve os olhos no meu rosto, claramente determinada a ignorar o gesto possessivo de Julian. Meu pai, no entanto, rangeu os dentes com tanta força que praticamente ouvi o barulho.

— Ficou melhor depois que descobrimos que eu estava grávida. Comecei a comer alimentos mais simples em intervalos regulares, o que pareceu ajudar — expliquei, corando. Era estranho falar sobre a gravidez na frente de meu pai.

Tínhamos conversado superficialmente sobre o assunto durante as videoconferências, com papai rabugento perguntando sobre minha saúde e eu desviando-me das perguntas. Sabia que ele odiava o fato de eu estar grávida na minha idade e que não aceitava a situação toda com Julian. Minha mãe provavelmente sentia o mesmo, mas era muito mais diplomática.

— Tomara que consiga comer hoje — disse mamãe em tom preocupado. — Seu pai e eu preparamos muita comida.

— Tenho certeza de que vou conseguir, mamãe. — Sorrindo, sentei-me na cadeira que Julian puxou para mim. — Tudo parece delicioso.

E era verdade. Meus pais tinham se superado. A mesa tinha de tudo, do frango com alecrim de meu pai, uma receita que ele usava apenas em ocasiões especiais, às panquecas de minha avó e meu prato favorito, costelas de porco assadas. Era um banquete e meu estômago roncou com os cheiros deliciosos que emanavam das tigelas.

Julian se sentou à minha esquerda, com mamãe e papai sentando-se à nossa frente.

— Venha, sente-se aqui ao meu lado — disse eu a Rosa, batendo de leve na cadeira vazia à minha direita. Vi que minha amiga ainda não se sentia confortável, convencida de que estava incomodando. O sorriso normalmente brilhante estava incerto e um pouco tímido quando ela se sentou ao meu lado, alisando o vestido azul com as mãos.

— Esta mesa está maravilhosa, sra. Leston — disse ela com sotaque leve.

— Ora, obrigada, querida. — Minha mãe sorriu para ela. — Seu inglês é ótimo. Onde você aprendeu a falar assim? Nora me disse que você nunca esteve nos Estados Unidos.

— Não, nunca. — Parecendo lisonjeada com o elogio, Rosa explicou que a mãe de Julian lhe ensinara inglês quando era pequena. Meus pais ouviram a história dela com interesse, fazendo várias perguntas, e usei a oportunidade para pedir licença e ir ao banheiro.

Quando voltei alguns minutos depois, a atmosfera à mesa estava cheia de tensão. A única pessoa que parecia à vontade era Julian, que se recostara na cadeira e olhava para meus pais com um olhar inescrutável. Meu pai estava visivelmente irritado e minha mãe colocara a mão no cotovelo dele em um clássico gesto de calma. A pobre Rosa parecia que preferiria estar em qualquer outro lugar.

Sentei-me e considerei perguntar o que acontecera, mas tive a impressão de que isso pioraria as coisas ainda mais. — Como está o emprego novo, papai? — perguntei animada.

Meu pai respirou fundo algumas vezes e esboçou o que parecia ser um

sorriso. Pareceu mais uma careta, mas agradei mentalmente pela tentativa.

Antes que ele pudesse responder à minha pergunta, Julian se inclinou para a frente, colocando os braços sobre a mesa, e disse: — Tony, você pode não saber disso, mas sua filha agora é uma das mulheres mais ricas do mundo. Ela não ficará privada de nada, não importa a profissão que escolha, ou a falta dela. Entendo que ter um filho durante a faculdade não é ideal, mas eu dificilmente diria que isso "destruiu a vida dela", particularmente nesta situação.

O peito de meu pai estufou com raiva. — Você acha que o bebê é o único problema? Você a roubou...

— Tony. — A voz de minha mãe foi suave, mas a inflexão fez com que meu pai parasse no meio da frase. Em seguida, ela se virou para Julian. — Peço desculpas pelo meu marido — disse ela. — Obviamente, estamos bem cientes de sua capacidade de cuidar financeiramente de Nora.

— Ótimo. — Julian abriu um sorriso frio para ela. — E também sabem que Nora está se tornando uma artista requisitada?

Eu ia pegar uma costela de porco, mas parei e olhei para Julian. Artista requisitada? Eu?

— Sei que uma galeria em Paris expressou interesse nas pinturas dela — disse mamãe com cautela. — É disso que está falando?

— Sim. — O sorriso de Julian aumentou. — Mas o que talvez vocês não saibam é que o dono daquela galeria é um dos principais colecionadores de arte da Europa. E está muito intrigado com o trabalho de Nora. Tão intrigado, na verdade, que acabou de me enviar uma oferta para comprar cinco das pinturas dela para sua coleção pessoal.

— É mesmo? — Não consegui esconder a animação da voz. — Ele quer comprá-las? Por quanto?

— Cinquenta mil euros, dez por pintura. Mas tenho certeza de que conseguiremos negociar um valor mais alto.

Parei de respirar por um momento. — Cinquenta mil? — Eu teria ficado maravilhada de receber quinhentos dólares. Ora, teria aceitado cinquenta. Só o fato de alguém querer minhas pinturas era algo inacreditável. — Você disse cinquenta mil euros?

— Sim, querida. — O olhar de Julian se aqueceu ao me encarar. — Parabéns, você está prestes a fazer a primeira venda grande.

— Ai, meu Deus — exclamei. — Ai. Meu. Deus.

Vi o mesmo choque refletido no rosto de meus pais. Eles também estavam atônitos com o fato. Somente Rosa pareceu não se abalar. — Parabéns, Nora — exclamou ela, sorrindo. — Eu lhe disse que aqueles quadros eram incríveis.

— Quando você recebeu essa oferta? — perguntei a Julian quando consegui

falar novamente.

— Logo antes de chegarmos aqui. — Julian estendeu a mão e apertou a minha de leve. — Eu ia lhe contar mais tarde, mas achei que seus pais gostariam de saber.

— Sim, certamente — disse mamãe, finalmente recuperando-se do choque. — Isso é... isso é incrível, querida. Estamos muito orgulhosos de você.

Meu pai assentiu, ainda em silêncio, mas vi que ele também estava impressionado. E possivelmente começando a mudar de ideia sobre o potencial do meu *hobby*.

— Papai — disse eu, olhando para ele. — Não pretendo largar a faculdade. Mesmo com o bebê a caminho, ok? Por favor, não se preocupe comigo. De verdade, eu estou muito bem.

Meu pai olhou para mim, depois para Julian e novamente para mim. Esperei que dissesse alguma coisa, mas ele continuou em silêncio. Em vez disso, pegou a travessa com a costela de porco e empurrou-a na minha direção. — Vá em frente, querida — disse ele baixinho. — Você deve estar com fome depois da longa viagem.

Aceitei a oferta com prazer e todos os demais começaram a se servir.

O restante do jantar transcorreu tão bem como o esperado. Apesar de ocorrerem alguns silêncios tensos, a maior parte da refeição se passou em uma conversa relativamente civilizada. Mamãe perguntou sobre a vida na propriedade, e Rosa e eu mostramos algumas das fotografias no telefone de minha amiga. Enquanto isso, papai entrou em uma discussão política com Julian. Para surpresa de todos, os dois demonstraram a mesma visão cínica sobre a situação no Oriente Médio, apesar de o conhecimento de geopolítica de Julian ser muito superior ao de meu pai. Ao contrário de meus pais, que recebiam as notícias da imprensa, Julian era parte das notícias.

Na verdade, ele moldava as notícias, apesar de poucas pessoas fora da comunidade de inteligência saberem disso.

Tive que dar crédito aos meus pais. Para pessoas que acreditavam que Julian deveria estar atrás das grades, foram anfitriões surpreendentemente agradáveis. Suspeitei que fosse porque temiam me perder se alienassem Julian. Mamãe jantaria com o próprio demônio se isso garantisse o contato com a única filha. E meu pai tinha a tendência de seguir a liderança dela em se tratando de situações difíceis.

Ainda assim, eles observaram Julian durante a refeição, olhando para ele de forma desconfiada, como observariam uma criatura selvagem. Ele sorriu, com todo o charme poderoso, mas eu sabia que meus pais sentiam a aura de perigo, sempre presente, e a sombra de violência que o envolvia como um manto

sombrio.

Quando chegou o momento do café e da sobremesa, Julian recebeu uma mensagem de texto urgente de Lucas e pediu licença para sair por alguns minutos. — Não é nada sério — disse ele quando eu o olhei com expressão preocupada. — Só uma pequena questão de negócios que precisa da minha atenção.

Ele saiu da casa e Rosa escolheu aquele momento para ir ao banheiro, deixando-me sozinha com meus pais pela primeira vez desde que chegáramos.

— Uma questão de negócios? — perguntou meu pai com incredulidade assim que Rosa se afastou. — Às dez e meia da noite?

Dei de ombros. — Julian lida com pessoas em diferentes fusos horários. É dez da manhã em algum lugar.

Vi que meu pai queria fazer mais perguntas, mas, por sorte, minha mãe falou: — Sua amiga é muito simpática — disse ela, acenando com a cabeça na direção do corredor para onde Rosa fora. — É difícil acreditar que ela cresceu daquele jeito. — Ela abaixou a voz. — Quero dizer, com criminosos.

— Sim, eu sei. — Fiquei imaginando o que meus pais diriam se soubessem que Rosa matara dois homens. — Ela é maravilhosa.

— Nora, querida... — Minha mãe olhou furtivamente em volta da sala vazia e inclinou-se para a frente, abaixando a voz ainda mais. — Sei que não temos muito tempo agora, mas diga-nos uma coisa. Você está realmente feliz com ele? Porque, agora que você está em solo norte-americano, o FBI poderia...

— Mamãe, não consigo viver sem ele. Se alguma coisa acontecesse com ele, meu desejo seria de morrer. — A verdade escapou dos meus lábios antes que eu conseguisse pensar em uma forma mais gentil de falar. Suavizei o tom. — Não espero que entendam, mas ele é tudo para mim agora. Eu realmente o amo.

— E ele também ama você? — perguntou meu pai baixinho. Ele parecia mais velho por causa da pena que vi em seus olhos. — Alguém como ele é capaz de amar, querida?

Abri a boca para reconfortá-lo, mas, por algum motivo, não consegui me forçar a dizer as palavras. Eu queria acreditar que, de seu próprio jeito, Julian me amava. Mas havia uma sementinha de dúvida que sempre me acompanhava.

Meu pai acertara em cheio.

Julian era capaz de amar?

Eu ainda não sabia.

*J*ulian

OLINCOLN PRETO JÁ ESPERAVA quando saí.

— Eu disse a eles que você estava ocupado, mas insistiram nessa reunião — disse Lucas, saindo das sombras perto da casa. — Achei que era melhor avisá-lo.

Assenti e andei até o carro.

A janela traseira foi aberta. — Vamos dar uma volta — disse Frank, destrancando a porta. — Precisamos conversar.

Olhei para ele de forma dura. — Acho que não. Se quer conversar, conversaremos bem aqui.

Frank me estudou, provavelmente imaginando o quanto poderia me pressionar. Percebi o momento exato em que ele decidiu não me irritar ainda mais.

— Está bem. — Ele saiu do carro, com o terno cinza apertado sobre a barriga pronunciada. — Se não se importa com os vizinhos abelhudos, está bem.

Olhei pelos arredores com um olhar experiente. Infelizmente, ele tinha razão. Já havia uma cortina mexendo-se do outro lado da rua.

Começávamos a atrair atenção.

— Há um parquinho no outro quarteirão — disse eu, tomando uma decisão. — Por que não andamos naquela direção? Você tem exatamente quinze minutos.

Frank assentiu e o Lincoln preto se afastou, provavelmente para dar a volta no quarteirão. Eu não tinha dúvidas de que havia segurança adicional fora de vista, exatamente como meus homens. Certamente a CIA não deixaria um de seus agentes comigo sem proteção.

— Está bem, fale — disse eu ao começarmos a andar na direção do parque. Acenei para Lucas para que nos acompanhasse a uma certa distância. — Por que você está aqui?

— A pergunta certa é: por que você está aqui? — A voz de Frank tinha um toque de frustração. — Você sabe quantos problemas sua presença está nos causando? O FBI sabe que você está na jurisdição dele e estão enlouquecidos...

— Achei que você tinha cuidado disso.

— Cuidei, mas Wilson se recusa a deixar o assunto de lado. Ele e Bosovsky estão bisbilhotando. Está uma confusão e a sua visita não ajuda em nada.

— E por que isso é problema meu?
— Não queremos você neste país, Esguerra — disse Frank ao virarmos na esquina. — Você não tem motivo algum para estar aqui.
— Não? — Ergui a sobrancelha. — Os pais de minha esposa estão aqui.
— Sua esposa? — Frank soltou uma exclamação de desprezo. — Você quer dizer a garota de dezoito anos que sequestrou?

Nora tinha vinte anos agora, ou teria em alguns dias, mas eu não o corrigi. A idade dela não era o problema principal. — Ela mesma — respondi friamente. — Como você sabe muito bem, já que me tirou do jantar com os pais dela... meus sogros.

Frank me olhou com expressão incrédula. — Está falando sério? De onde você tira coragem para olhar para aquelas pessoas nos olhos? Você sequestrou a filha deles...

— Que agora é minha esposa. — Meu tom ficou ríspido. — Meu relacionamento com os pais dela não é da sua conta, portanto, fique fora dele.

— Ficarei... se você ficar fora deste país. — Frank parou, respirando pesadamente por ter que acompanhar meus passos mais longos. — Não estou brincando sobre isso, Esguerra. Podemos apagar arquivos e registros, mas não podemos apagar pessoas. Não neste caso.

— Você está me dizendo que a CIA não consegue silenciar dois agentes abelhudos do FBI? — Olhei para ele friamente. — Porque, se eles são o único problema...

— Não são — interrompeu Frank, rapidamente percebendo aonde eu queria chegar. — Não é só o FBI, Esguerra. — Ele ergueu a mão para limpar o suor da testa. — Há algumas pessoas dos altos escalões que estão nervosas com sua presença aqui. Não sabem o que esperar.

— Diga a eles que esperem que eu visite meus sogros e vá embora. — Para variar, eu estava sendo inteiramente honesto com Frank. — Não estou aqui a negócios, portanto, essas pessoas não precisam se preocupar.

Frank não pareceu ter acreditado em mim, mas não me importei. Se a CIA sabia o que era bom para seu pessoal, manteria o FBI longe de mim.

Eu estava lá por causa de Nora e qualquer um que não gostasse disso poderia ir para o inferno.



QUANDO VOLTEI À CASA, encontrei Nora discutindo com Rosa sobre tirar a mesa.

— Rosa, por favor, hoje você é a convidada — disse Nora, pegando a

travessa com os restos da carne. — Por favor, sente-se. Eu ajudarei mamãe...

— Não, não, não — objetou Rosa, andando em volta da mesa e recolhendo as louças sujas. — Você tem o bebê com quem se preocupar. Por favor, este é o meu trabalho. Deixe-me ajudar.

— Estou na décima semana, não no nono mês...

— Ela tem razão, querida — disse eu, andando até Nora e tirando a travessa de suas mãos. — Foi um longo dia e não quero que se canse demais.

Nora começou a discutir, mas eu já carregava a travessa para a cozinha, onde os pais dela guardavam o que sobrara da comida. Quando entrei, Gabriela arregalou os olhos, mas aceitou a travessa das minhas mãos com um "obrigada" baixinho.

Sorri para ela e voltei para a sala de jantar para buscar mais louças.

Foram necessárias mais algumas viagens para que Rosa e eu tirássemos tudo da mesa e levássemos tudo para a cozinha. Nora se sentou no sofá da sala de estar, observando-nos trabalhar com uma mistura de exasperação e curiosidade.

Finalmente, a mesa ficou limpa e os Lestons saíram da cozinha para se juntarem a nós. Sentei-me ao lado de Nora no sofá e peguei a mão dela, colocando-a no colo para que pudesse brincar com seus dedos.

— Gabriela, Tony, obrigado pelo jantar maravilhoso — disse eu quando os pais de Nora se sentaram ao lado de Rosa no segundo sofá. — Peço desculpas por ter saído e perdido a sobremesa.

— Guardei uma fatia de bolo para você — disse Nora enquanto eu massageava a palma da mão dela. — Mamãe a embalou para levarmos.

Abri um sorriso agradável para a mãe dela. — Obrigado por isso, Gabriela.

Gabriela inclinou a cabeça. — De nada. É uma pena que seus negócios o afastaram tão tarde da noite.

— Sim, é — concordei, fingindo não notar a pergunta implícita na frase dela. — E você tem razão, está ficando tarde... — Olhei para Nora, que cobrira um bocejo com a mão livre.

— Nora disse que vocês estão hospedados em uma casa em Palos Park — disse Tony, observando-nos com uma expressão inescrutável. — É onde vão dormir hoje à noite?

— Sim, isso mesmo. — A casa ficava na extremidade da comunidade, com terreno vazio em volta suficiente para que Lucas pudesse implementar a segurança necessária. — É onde ficaremos durante toda nossa visita.

— Vocês dois podem usar o quarto de Nora, se quiserem — ofereceu Gabriela, soando incerta.

— Obrigado, mas não queremos incomodar. Será melhor se tivermos nosso

próprio espaço durante estas duas semanas. — Ainda segurando a mão de Nora, levantei-me e abri um sorriso educado para os Lestons. — Falando nisso, acredito que está na hora de irmos. Nora precisa descansar.

— Nora está bem — murmurou o alvo da minha preocupação quando a conduzi em direção à saída. — Sou capaz de ficar acordada depois das dez horas, sabia?

Reprimi um sorriso ao notar o tom rabugento da voz dela. Meu bichinho não gostava de admitir que agora se cansava com facilidade. — Sim, eu sei. Mas seus pais também precisam descansar. Amanhã é quinta-feira, não é?

— Ah, certo, é claro. — Parando antes de chegarmos à porta da frente, Nora se virou para os pais. — Esqueci que vocês dois precisam trabalhar amanhã — disse ela. — Desculpe. Provavelmente deveríamos ter ido embora mais cedo...

— Ah, não, querida — protestou a mãe dela. — Estamos muito felizes por ter você aqui e nós lhe dissemos para vir hoje à noite. Quando veremos você de novo?

Nora olhou para mim e eu disse: — Amanhã à noite, se estiver tudo bem para vocês. Desta vez, o jantar será na nossa casa.

— Estaremos lá — disse Tony. Observei os Lestons beijarem e abraçarem Nora ao se despedirem dela.



N ora

QUANDO ENTRAMOS NA LIMUSINE, percebi que eu estava realmente cansada. A empolgação tensa da noite se dissipou e deixou-me exausta. Rosa novamente se sentou à nossa frente e Julian me puxou para perto dele, passando o braço sobre meus ombros. Quando o perfume quente e masculino dele me envolveu, relaxei contra ele e deixei que meus pensamentos vagassem.

Meu ex-sequestrador e eu acabáramos de jantar com meus pais. Como uma família. Era tão absurdo que eu ainda não conseguia acreditar que aquilo acontecera. Eu não sabia o que imaginara quando Julian concordara em me levar para visitar meus pais, mas não fora aquilo.

Imaginei que eu simplesmente me recusara a pensar em como aquilo transcorreria, meu sequestrador sentado à mesa para uma refeição civilizada com minha família. Era como se eu tivesse colocado uma barreira na mente para que não precisasse me preocupar. Quando eu pensara em voltar para casa, imaginara a mim mesma com meus pais... apenas nós três, como se Julian fosse ficar em segundo plano, permanecendo apenas como parte da minha outra vida mais sombria.

Era ridículo pensar assim, obviamente. Julian nunca ficava em segundo plano. Ele dominava todas as situações das quais participava, dobrava-as à sua vontade. E mesmo no meu relacionamento com meus pais, ele tomara a frente, inserindo-se em nossa família em seus próprios termos, perfeitamente confortável em uma situação em que outros homens se encolheriam de vergonha.

Pelo jeito, era útil não ter consciência.

— Como está se sentindo, meu bichinho?

Ao ouvir a pergunta murmurada de Julian, inclinei a cabeça para olhar para ele, percebendo que eu ficara em silêncio por vários minutos. — Estou bem — respondi, consciente da presença de Rosa à nossa frente. — Só digerindo a noite.

— Ah, é? — Julian me olhou com expressão divertida, afrouxando o braço para que eu pudesse me sentar de forma mais confortável. — Digerindo a comida ou a situação?

— Os dois, acho. — Sorri, percebendo a piada não intencional. — Foi uma refeição deliciosa.

— Sim, foi. — Mesmo na luz fraca do interior do carro, vi a curva sensual

da boca de Julian. — Seus pais fizeram um bom trabalho.

Assenti. — Sim, fizeram. — Fiquei imaginando como deveria ter sido para eles, jantar com o homem que sequestrara a filha deles.

Com o criminoso que agora era genro deles e pai de seu neto.

Suspirando, encostei-me novamente em Julian e fechei os olhos.

A insanidade de minha vida atingira um nível totalmente novo.



DEMOROU MENOS de vinte minutos para chegarmos à comunidade rica de Palos Park. Durante a infância e a adolescência, eu sempre soubera da existência dela ao passar em frente a caminho da reserva Tampier Lake. Os residentes de Palos Park normalmente eram advogados e médicos e eu nunca ouvira falar de alguém que tivesse alugado uma casa lá por poucas semanas.

Obviamente, Julian não era qualquer um.

A casa que ele escolhera ficava na extremidade da comunidade, isolada por uma cerca de ferro alta. Ao passarmos pelos portões eletrônicos, percorremos um caminho sinuoso por cerca de cem metros até chegar à casa propriamente dita.

No lado de dentro, a casa era luxuosamente mobiliada, quase tanto quanto nossa mansão na propriedade. Dos pisos de madeira brilhantes à arte moderna nas paredes, tudo em nossa residência de férias gritava "riqueza extrema".

— Quanto você pagou por isto? — perguntei ao passarmos por uma sala de jantar imensa. — Eu não sabia que uma casa destas poderia estar para alugar.

— Não está — respondeu Julian em tom casual. — Eu a comprei.

Fiquei de boca aberta. — O quê? Quando? Você disse que tinha alugado a casa.

— Eu disse que consegui uma casa para nossa visita — corrigiu ele. — Eu nunca disse como a consegui.

— Ah. — Eu me senti uma tola pela suposição que fizera. — E quando foi que você teve a oportunidade de comprá-la?

— Comecei a tomar as providências assim que concordamos em viajar. Levou quase uma semana para que o proprietário anterior se mudasse, mas a casa agora é nossa.

Nossa. A palavra saiu tão facilmente da boca de Julian que não a registrei por um segundo. Em seguida, processei o que ele dissera. — Nós somos donos desta casa? — perguntei com cuidado. — Assim, nós dois?

— Tecnicamente, uma de nossas corporações de fachada é dona dela, mas

eu a coloquei como detentora de cinquenta por cento das ações dela. Portanto, sim, nós somos donos dela — disse Julian ao entrarmos em um quarto espaçoso com uma cama de dossel.

— Julian... — Parei em frente à cama e olhei para ele. — Por que você fez isso? Quero dizer, o fundo era mais do que o suficiente...

— Porque você é minha. — Ele chegou mais perto, com um calor familiar acendendo seu olhar ao estender as mãos para os botões do meu vestido. Os dedos dele encostaram na minha pele nua, fazendo com que os mamilos enrijecessem de desejo. — Porque eu quero cuidar de você, mimá-la, garantir que nunca mais precise de nada na vida... — Apesar das palavras gentis, o olhar dele ficou mais sombrio quando ele terminou de desabotoar o vestido e deixou que caísse no chão. — Mais alguma pergunta, meu bichinho?

Balancei a cabeça negativamente, olhando para ele. Eu agora vestia apenas uma tanga e um sutiã azuis, e a forma como ele olhava para mim me lembrou a de um leão faminto prestes a saltar sobre uma gazela. Ele podia querer cuidar de mim, mas, naquele momento, também queria me devorar.

— Ótimo. — A voz dele foi um ronronar profundo e ameaçador. — Agora, vire-se.

Meu coração bateu mais depressa por causa do nervosismo e fiz o que ele pediu. Apesar de desejar a escuridão naquele momento, havia uma onda minúscula de medo no meu estômago, causada pelo instinto. Julian sempre fora imprevisível. Até onde eu sabia, o aspecto doméstico da noite despertara novamente os desejos sádicos dele, liberando o demônio que ele mantivera contido nas semanas recentes.

Um latejar quente e traiçoeiro começou entre minhas pernas ao pensar naquilo.

Ouvi um farfalhar e, em seguida, um pano macio cobriu meus olhos.

Percebi que era uma venda e preendi a respiração. Sem a visão, eu me sentia infinitamente mais vulnerável. Minha mão direita se contraiu com a vontade súbita de erguer o braço e tirar a venda.

— Ah, não, não vai fazer isso. — Julian segurou meu braço e seus dedos pareciam algemas. Inclinando-se, ele sussurrou no meu ouvido: — Quem disse que você podia fazer isso, meu bichinho?

Estremeci com o calor de seu hálito. — Eu só...

— Quieta. — O comando dele me fez vibrar, aumentando o calor que pulsava entre minhas pernas. — Eu lhe direi quando falar. — Soltando meu pulso, ele me empurrou para a frente, fazendo com que eu tropeçasse e caísse de bruços sobre a cama. — Não se mexa — ordenou ele, chegando mais perto.

Obedeci, mal respirando quando ele passou as mãos em mim, começando

pelos ombros e terminando nas coxas. O toque foi gentil, mas um tanto invasivo, como se ele fosse um estranho. Ou talvez eu me sentisse assim porque estava com os olhos vendados. Conseguia senti-lo atrás de mim, mas não conseguia ver nada. Ele me tocava como se estivesse tocando em um objeto... fazendo comigo o que queria. Senti os calos na palma das mãos grandes e quentes. A lembrança da primeira vez em que fizemos sexo voltou à minha mente, fazendo com que minhas entranhas se contraíssem de ansiedade e desejo sombrio.

Quando ele terminou de me acariciar, deitou-me de costas e reposicionou-me na cama, colocando um travesseiro sob minha cabeça. Em seguida, pegou meu braço e senti quando enrolou uma corda áspera em volta do pulso. Ele prendeu a outra ponta no que supus ser uma das colunas da cama.

Depois disso, ele deu a volta na cama e fez o mesmo com o outro braço.

Fiquei deitada como se fosse um sacrifício sexual, com os braços estendidos na diagonal e a venda ainda cobrindo os olhos. Eu estava mais impotente do que o usual, o que me deixou alarmada e excitada, como acontecia na maioria das minhas interações com Julian. Para outros casais, aquilo seria apenas fingimento. Mas, para nós, não havia como ser mais real. Eu não tinha a opção de dizer não. Julian me possuiria, quisesse eu ou não. E, de uma forma perversa, isso aumentou o meu desejo.

— Você é linda. — O sussurro áspero dele foi acompanhado do toque leve de seus dedos na pele sensível do meu abdômen. — E toda minha. Não é, meu bichinho?

— Sim. — Minha respiração ficou irregular quando os dedos dele se aproximaram da bainha da tanga. — Sim, toda sua.

O colchão afundou quando ele subiu na cama e ficou sobre minhas pernas. O tecido da calça *jeans* era áspero contra as coxas nuas, lembrando-me de que ele ainda estava totalmente vestido. — Isso mesmo... — Ele se inclinou e cobriu-me com o peito largo. Os botões da camisa pressionaram contra minha pele. Ele mordeu de leve o lóbulo da minha orelha, causando arrepios nos meus braços ao murmurar: — Ninguém além de mim terá você.

Reprimi um tremor enquanto meu sexo se enchia de líquido quente. De um homem diferente, aquilo seria apenas uma conversa possessiva na hora do sexo. Mas, de Julian, era uma ameaça e a declaração de um fato. Se eu fosse tola o suficiente para permitir que outro homem me tocasse, Julian o mataria sem pensar duas vezes.

— Não quero ninguém além de você. — Era verdade, mas minha voz tremeu quando Julian beijou-me no pescoço e mordeu a pele macia sob a orelha. — Você sabe disso.

Ele riu baixinho. O som profundo reverberou em mim. — Sim, meu

bichinho. Eu sei.

Ele saiu de cima de mim e senti quando se moveu para o pé da cama. Quando ele segurou meu tornozelo direito, eu soube o motivo.

Ele amarraria também minhas pernas.

Ele passou a corda em volta do meu tornozelo enquanto meu coração acelerava. Julian raramente me prendia tanto assim. Não era preciso. Mesmo se eu estivesse inclinada a lutar, ele era forte o suficiente para me controlar sem cordas nem correntes.

Obviamente, eu não estava inclinada a lutar. Não quando eu sabia do que ele era capaz, do que estava disposto a fazer para me possuir.

Quando minha perna esquerda ficou presa, ele pegou a outra perna. As mãos eram fortes e decididas ao passar a corda em volta do meu tornozelo e amarrar a outra ponta na cama, deixando-me deitada com as pernas abertas. Era uma posição desconcertante e, assim que Julian recuou, instintivamente tentei fechar as pernas. Obviamente, não consegui movê-las mais do que alguns centímetros. Como as cordas em volta dos pulsos, as cordas nos tornozelos me prendiam seguramente no lugar sem cortar a circulação.

Meu sequestrador podia não ser sadomasoquista, mas certamente sabia como amarrar alguém.

— Julian? — Ocorreu-me que eu ainda estava com a roupa íntima, tanto o sutiã quanto a tanga. — O que você vai fazer comigo?

Ele não respondeu. Senti o colchão afundar novamente quando ele se levantou. Depois, ouvi passos e o som da porta sendo fechada.

Ele saiu do quarto, deixando-me amarrada à cama.

Meu coração acelerou.

Flexionei os braços, testando a corda novamente, mesmo sabendo que era inútil. Como esperado, as cordas quase não cederam e machucaram a pele quando tentei puxá-las. Eu estava quase nua e sozinha, vendada e amarrada naquela casa desconhecida. E, apesar de saber que Julian não deixaria que nada de ruim acontecesse comigo, não pude evitar a tensão que me invadiu quando os segundos se passaram sem sinal do retorno dele.

Depois de alguns minutos, testei as cordas novamente. Elas continuaram sem ceder... e ainda não havia sinais de Julian.

Forcei-me a respirar fundo e a soltar o ar lentamente. Nada de horrível estava acontecendo. Ninguém iria me machucar. Eu não sabia qual era o jogo de Julian, mas não parecia particularmente brutal.

Mas você quer que seja brutal, lembrou uma voz na minha cabeça. *Você quer dor e violência.*

Silenciei aquela voz e concentrei-me em permanecer calma. A abordagem

de Julian em relação ao sexo me excitava, mas também me assustava. Pelo menos, a minha parte sã. Eu queria dor, mas a temia na mesma medida. Era sempre assim. Era como se eu tivesse sido dividida e os restos da pessoa que fora estavam em guerra com quem era agora.

Mais alguns minutos se passaram lentamente.

— Julian? — Não consegui permanecer em silêncio por mais tempo. — Julian, onde está você?

Nada. Nenhuma resposta.

Esfreguei a nuca nos lençóis, tentando soltar a venda, mas ela não se moveu mais do que um ou dois centímetros. Frustrada, puxei as cordas com toda a força, mas só consegui me machucar. Finalmente, desisti e tentei relaxar, ignorando a ansiedade que me invadia.

Mais alguns minutos se passaram. Quando achei que enlouqueceria, a porta se abriu e ouvi o som suave de passos.

— Julian, é você? — Não consegui esconder o alívio na voz. — O que aconteceu? Aonde você foi?

— Shhh. — O som foi seguido de uma sensação de cócegas nos meus lábios. — Quem disse que você podia falar, meu bichinho?

Meu coração deu um salto ao ouvir o tom gelado na voz dele. Julian estava punindo-me por alguma coisa? — O quê...

— Shh. — Ele colocou os dedos sobre os meus lábios para me silenciar. — Nem mais uma palavra.

Engoli em seco, sentindo um nó na garganta. Ele tocou apenas nos meus lábios, mas meu corpo se incendiou. Minha excitação anterior voltou, apesar do nervosismo crescente.

Ou talvez por causa dele. Era impossível dizer.

— Chupe meus dedos. — O comando sussurrado foi acompanhado de uma pressão maior nos meus lábios. — Agora.

Obedientemente, abri a boca e chupei dois dos dedos grandes. O gosto era ligeiramente salgado e as unhas curtas arranharam o céu da boca. Passei a língua em volta dos dedos dele, como teria feito com o pênis, e a mão dele se contraiu, como se a sensação fosse intensa.

Quando comecei a gostar do que fazia, Julian tirou os dedos e correu-os pelo meu corpo, deixando um rastro frio e molhado na pele. Estremeci em resposta e meus músculos internos ficaram tensos quando ele arranhou de leve meu abdômen. *Mais para baixo*, pedi em silêncio, *por favor, só um pouco mais para baixo*. Mas ele ergueu a mão, deixando-me sem o seu toque.

Abri a boca para implorar, mas lembrei-me de que ele não queria que eu falasse. Engolindo em seco, reprimi as palavras, sem querer desagradá-lo quando

ele estava naquele humor imprevisível.

Se Julian estivesse mesmo punindo-me por alguma coisa, era melhor não o provocar ainda mais.

Portanto, em vez de implorar, fiquei deitada, esperando, respirando depressa enquanto tentava ouvir os movimentos dele. Não consegui ouvir nada. Ele estava parado, observando-me? Olhando para o meu corpo seminu estendido e amarrado na cama?

Finalmente, ouvi alguma coisa. Foi um barulho como se ele tivesse pegado algo que estava sobre a mesinha de cabeceira.

Esperei, ouvindo e tensa. Em seguida, senti.

Algo frio e duro deslizou sobre a tira apertada do sutiã, fazendo pressão entre os seios.

Quase me encolhi em choque, mas consegui ficar imóvel. Meu coração batia freneticamente.

O ruído foi inconfundível.

Era o som de metal cortando tecido. Julian acabara de usar a tesoura no meu sutiã.

Permiti-me soltar um pequeno suspiro de alívio, mas fiquei tensa novamente ao sentir a tesoura fria deslizando para baixo.

Ele cortou os dois lados da tanga e senti a tesoura pressionando meus quadris. Senti o calor da mão de Julian quando ele puxou os pedaços de tecido para longe e ouvi quando ele prendeu a respiração. Ele olhava para mim. Imaginei o que ele via enquanto eu estava deitada nua, com as pernas bem abertas, e um calor se espalhou pela minha pele com a imagem pornográfica.

— Você já está molhada. — A voz dele, baixa e cheia de desejo, fez com que eu sentisse um calor ainda maior. — Sua boceta está pingando. — Ele acompanhou as palavras com um toque muito leve no clitóris dolorido. A ponta dos dedos pareceu áspera sobre a pele sensível, mas um fogo percorreu minhas veias, enchendo-me de um desejo desesperado. Soltei um gemido e ergui os quadris, silenciosamente implorando.

Desta vez, ele atendeu ao meu pedido.

Senti o colchão afundar novamente quando ele subiu na cama, posicionando-se entre minhas pernas. As mãos, grandes e fortes, seguraram meus quadris. Em seguida, ele abaixou a cabeça em direção ao meu sexo. Senti o hálito quente sobre as dobras abertas. Quase gemi de ansiedade, mas engoli o gemido no último segundo, sem querer fazer nada que causasse uma mudança de ideia em Julian. Eu queria o toque dele. Precisava dele. Era agonizante não o sentir.

Em seguida, eu senti... a pressão suave e molhada da língua de Julian entre

minhas dobras, a pressão que saciou e intensificou o meu desejo. Ele não me lambeu, apenas manteve a língua sobre o clitóris, mas foi o suficiente. Mais do que o suficiente. Movi os quadris em movimentos curtos e espasmódicos, criando o ritmo exato de que precisava. A tensão dentro de mim cresceu e o prazer se acumulou em uma bola quente e pulsante. Naquele momento, ele moveu a língua e fechou os lábios em volta do clitóris em um movimento de sucção forte. A bola de prazer explodiu e gritei, sem conseguir mais ficar em silêncio.

Antes que o orgasmo terminasse, ele começou a me lamber. Foram lambidas suaves e gentis, estendendo as ondas de prazer que me percorriam. A sensação era incrível, mesmo com o clitóris inchado e sensível, e fiquei parada, apenas desfrutando. Um minuto depois, percebi que o prazer aumentava novamente, transformando-se naquela tensão dolorida.

Soltei uma exclamação, arqueando o corpo na direção da boca de Julian, precisando de mais prazer para conseguir gozar. Mas ele continuou tocando em mim com as lambidas leves, mal encostando no clitóris.

— Por favor, Julian... — As palavras escaparam antes que eu me lembrasse que não podia falar, mas, para meu alívio, ele não parou. Em vez disso, continuou a me lamber, movendo a língua em um ritmo que, de forma lenta e torturante, me deixou ainda mais excitada e perto do orgasmo, mas sem me fazer gozar. Tentei levantar os quadris mais um pouco, mas não consegui apoio por estar amarrada.

A única coisa que eu podia fazer era aguentar, à mercê do prazer ou tormento que Julian quisesse me dar.

Quando achei que não aguentaria mais, ele se moveu para o lado, tirando a mão da minha coxa e colocando-a no meu sexo latejante. Os dedos grandes sondaram a minha entrada e gemi quando ele me penetrou com dois dedos, com rapidez assustadora. Eu estava quase gozando... quando Julian pressionou o polegar com força sobre o clitóris.

Alcei voo, com um prazer agudo invadindo meu corpo, e gritei.

— Sim, isso mesmo, querida — murmurou ele. Ele afastou a mão e ouvi o som de um zíper sendo aberto, que registrei de forma distante. Eu estava embriagada com os orgasmos, exausta pela intensidade brutal deles. Meu coração batia muito depressa e meus ossos pareciam ter se transformado em gelatina.

Não havia como eu querer mais, mas ele me cobriu com o corpo grande e uma contração minúscula de sensações renovadas fez com que minhas entranhas se contraíssem. Ele estava nu e senti seu calor, sua rigidez. O poder masculino primitivo. Mesmo que não estivesse amarrada, eu me sentiria impotente e

pequena ao ser rodeada por ele. Mas, com as cordas nos tornozelos e nos pulsos, a sensação foi mais intensa. Mal consegui respirar sob o peso dele, mas não importava. Até mesmo o ar parecia opcional naquele instante.

A única coisa de que eu precisava era Julian.

Ele se moveu sobre mim, apoiando-se nos cotovelos. A ponta dura e lisa do pênis encostou na parte de dentro da minha coxa quando ele abaixou a cabeça para me beijar. Fiquei tensa de ansiedade quando o senti começar a me penetrar.

Eu estava molhada por causa dos orgasmos e meu corpo queria ser possuído, mas ainda assim senti os músculos se estenderem quando o pênis grosso forçou as paredes internas. A sensação era muito próxima da dor. A língua dele invadiu minha boca ao mesmo tempo e não consegui nem gemer quando Julian começou a se mover com investidas profundas. O toque dele, seu gosto, a forma como seu corpo dominou e tomou o meu foram sensações incríveis. Eu não conseguia ver nem me mexer. Estava afogando-me e ele era minha única salvação.

Não sei quanto tempo levou até que a tensão se acumulou dentro de mim mais uma vez. Só percebi que, quando Julian gozou, eu gozei com ele, estremecendo e gritando em seus braços.

Depois, ele tirou a venda e as cordas. Em seguida, carregou-me para o chuveiro. Eu estava tão exausta que mal conseguia ficar de pé. Julian me lavou, cuidando de mim como se eu fosse uma criança. Quando ele me levou de volta para a cama, puxou-me para seus braços e, enquanto eu adormecia, ouvi suas palavras suaves: — Eu lhe darei o mundo, meu bichinho. O mundo inteiro... enquanto for minha.

J ulian

A_{CORDEI} na manhã seguinte com a sensação familiar do corpo de Nora sobre o meu. Como sempre, ela dormia com a cabeça sobre o meu peito e uma das pernas esguias sobre minhas coxas. Senti o peso leve dos seios contra o lado do corpo, ouvi a respiração regular e o pênis enrijeceu quando as lembranças da noite anterior invadiram a minha mente, com todos os detalhes.

Eu não sabia por que, de vez em quando, sentia aquela vontade de atormentá-la, de ouvi-la implorar. Nem por que a visão dela amarrada à minha cama me dava tanta satisfação. Quando estávamos voltando da casa dos pais dela na noite anterior, eu planejava possuí-la gentilmente e fazê-la dormir. Mas, quando a vi parada ao lado da cama de dossel, minhas boas intenções foram por água abaixo. Algo na forma como ela olhara para mim aumentou a fome perigosa no meu interior, trazendo a escuridão à superfície. O que eu quisera fazer com ela só começara com as cordas. Se eu não tivesse me forçado a sair do quarto depois de amarrá-la, teria quebrado a promessa que fizera a mim mesmo na noite em que a machucara.

A promessa de manter a violência fora do quarto pelos meses seguintes.

Por sorte, deixá-la por algum tempo e tomar um banho frio em um dos quartos de hóspede ajudara. Quando voltei ao quarto, estava mais controlado e consegui me satisfazer torturando-a com prazer, em vez de dor.

Uma mudança na respiração de Nora chamou minha atenção de volta para ela. Ela se mexeu sobre mim, fazendo um ruído suave, e esfregou o rosto no meu peito. — Você ainda não levantou — disse ela com voz sonolenta. Eu sorri, com uma sensação peculiar de bem-estar espalhando-se pelo meu corpo com o tom contente da voz dela.

— Não, ainda não — confirmei, acariciando as costas nuas de Nora. — Mas vou levantar daqui a pouco.

— Precisa levantar? — As palavras dela saíram abafadas. — Você é um excelente travesseiro.

— Fico feliz por ser útil.

Ao ouvir meu tom seco, ela moveu a cabeça, olhando para mim por entre os longos cílios. — Incomoda você? Que eu durma sobre você deste jeito?

— Não. — Sorri ao ouvir a pergunta dela. — Acha que eu a deixaria fazer

isso se me incomodasse?

Ela pestanejou. — Não. Claro que não deixaria. — Saindo de cima de mim, ela se sentou, puxando o cobertor em volta do corpo. — Acho que deveríamos nos levantar. Eu queria dar uma corrida antes do café da manhã.

Eu me sentei rapidamente. — Corrida?

— Sim. É seguro aqui, não é?

— Não tão seguro quanto no complexo. — A ideia de Nora correndo pelas ruas da cidade me deixou inquieto, mesmo com todas as medidas de segurança e nenhuma ameaça óbvia à vista. Se alguma coisa acontecesse com ela...

— Julian, por favor. — Nora começou a parecer chateada. — Só vou correr aqui dentro de Palos Park. Não irei longe, mas não posso ficar presa dentro desta casa durante duas semanas...

— Vou com você. — Eu me levantei e fui até o armário procurar uma bermuda de corrida. — Vista-se. Temos que nos apressar. Imagino que Rosa já esteja preparando o café da manhã.



COMEÇAMOS a corrida em um ritmo leve como aquecimento. A temperatura estava em torno de quinze graus, mas o movimento me impediu de sentir frio, apesar de não estar vestindo uma camiseta. Considerei fazer com que Nora colocasse roupas mais quentes, mas ela parecia confortável com o moletom e a camiseta.

Ao sairmos do caminho da casa para a rua, fiquei de olho nos carros dos vizinhos que saíram da garagem e nas pessoas que saíam para a corrida matinal. Estar perto de tantos estranhos me deixou inquieto. Meus homens estavam estrategicamente posicionados por toda a comunidade e eu sabia que estávamos seguros, mas não pude deixar de procurar sinais de perigo.

— Você sabe que ninguém saltará sobre nós saindo dos arbustos, não sabe? — perguntou Nora, obviamente percebendo minha preocupação com os arredores. — Não é esse o tipo da vizinhança.

Olhei rapidamente para ela. — Eu sei. Eu verifiquei o lugar.

Ela sorriu e aumentou a velocidade. — É claro que verificou.

Acompanhei o ritmo dela e corremos rapidamente por vários quarteirões. Uma camada fina de suor surgiu no rosto de Nora, fazendo com que a pele dourada brilhasse, e fiquei cada vez mais distraído com a visão dela. Nora sempre parecia *sexy* quando corria, com o corpo atlético e feminino. Os músculos arredondados e firmes das nádegas se flexionavam a cada passo e não pude evitar imaginar minhas mãos apertando-as enquanto fazia sexo com Nora.

Merda. Desse jeito, vou acabar precisando de outro banho frio.

— O que você vai fazer depois do café da manhã? — perguntou Nora ofegante ao passarmos por um casal que corria. — Tem trabalho a fazer?

— Tenho aquela reunião com o gerente de portfólio na cidade — respondi, tentando controlar a vontade de me virar e olhar friamente para o homem que passara correndo. O idiota olhara por tempo demais para Nora. — Voltarei antes do jantar.

— Ah, que ótimo. — Ela começou a ofegar enquanto falava. — Eu queria cortar os cabelos hoje e talvez encontrar Leah e Jennie.

— O quê? — Virei a cabeça para encará-la ao virarmos a esquina. — Onde exatamente pretende fazer essas coisas?

— No Chicago Ridge Mall. Enviei uma mensagem para Leah e Jennie na semana passada, avisando que eu estaria na cidade. Elas disseram que chegariam hoje à cidade e ficariam aqui durante o feriado. — Ela disse aquilo em um longo fôlego. Em seguida, respirou fundo e olhou para mim como se estivesse implorando. — Você não se importa que eu me encontre com elas, não é? Não vejo Jennie há dois anos e Leah... — Ela ficou subitamente em silêncio e eu sabia que era porque diria que vira Leah na última vez em que estivera naquele maldito *shopping center*, quando Peter a deixara agir como isca para a Al-Quadar. Meu bichinho não percebia que eu já sabia sobre aquele encontro... e sobre a presença de Jake naquele dia.

— Você não vai àquele *shopping center*. — Eu sabia que meu tom fora ríspido, mas não pude evitar. Só de pensar em Nora passeando naquele lugar sozinha era suficiente para me deixar furioso. — É movimentado demais para ser seguro.

— Mas...

— Se quiser encontrar suas amigas, poderá fazer isso aqui, na casa, ou em um restaurante em Oak Lawn... *depois* que eu tiver certeza de que será seguro.

Nora apertou os lábios, mas, de forma sábia, não expressou nenhuma objeção. Ela sabia que não poderia me pressionar mais do que aquilo. — Está bem, pedirei a elas que me encontrem no Fish-of-the-Sea — disse ela depois de um minuto. — E o corte de cabelo?

Olhei para o rabo de cavalo longo que caía pelas costas dela. Parecia lindo para mim, especialmente com a ponta balançando de um lado para o outro sobre seu traseiro. — Por que você precisa cortar os cabelos?

— Porque — disse ela ao acelerarmos novamente — fazem dois anos que não os corto.

— E daí? — Eu ainda não entendia o problema. — Gosto dos seus cabelos longos.

— Você é tão... *homem*. — Ela mal conseguiu falar, mas conseguiu revirar os olhos. — Preciso arrumar esta bagunça. Está me deixando louca.

— Não quero que você os corte curtos. — Eu não sabia por que, subitamente, me importava tanto com isso. — Se você cortar, não tire mais do que poucos centímetros.

Nora me olhou incrédula ao pararmos para deixar que um carro saísse da garagem à nossa frente. — É mesmo? Por quê?

— Eu já lhe disse, gosto deles longos.

Ela revirou os olhos novamente quando recomeçamos a correr. — Está bem. Eu não pretendia raspar a cabeça nem nada disso. Só quero cortar um pouco.

— Não mais do que alguns centímetros — repeti, encarando-a com expressão dura.

— Ahã, claro. — Tive a impressão de que ela revirava novamente os olhos. — Posso cortar, então?

— Não no Chicago Ridge Mall. Encontre um lugar sossegado perto e pedirei aos meus homens que verifiquem se é seguro.

— Está bem — respondeu ela quando aceleramos o passo. — Combinado.



ANTES DE IR PARA A CIDADE, tomei todas as providências para os planos de Nora para o dia. Designei uma dezena dos meus melhores homens para fazerem a segurança dela e dei ordens para que fossem o menos invasivos possível. Ela provavelmente nem notaria a presença deles, mas garantiriam que ninguém suspeito chegasse a cem metros dela.

— Vou ficar bem — disse ela quando hesitei no corredor antes de sair de casa. — De verdade, Julian. É só um corte de cabelo e um almoço com as garotas. Prometo que vai ficar tudo bem.

Respirei fundo e soltei o ar lentamente. Ela tinha razão. Eu estava sendo paranoico. As precauções que tomara eram a melhor forma de mantê-la segura fora do complexo. Obviamente, eu poderia mantê-la dentro do complexo pelo resto da vida, o que seria ideal para minha paz de espírito, mas Nora não seria feliz assim. E a felicidade dela era importante para mim.

Era mais importante do que eu jamais esperaria.

— Como está se sentindo? — perguntei ainda relutante em ir embora. — Está enjoada? Cansada? — Olhei para o abdômen dela, que ainda estava plano sob a calça *jeans* apertada que ela vestia.

— Não, nada. — Ela abriu um sorriso reconfortante quando ergui o olhar para o seu rosto. — Nem uma pontinha de enjoo. Estou saudável como uma égua.

— Está bem. — Aproximando-me dela, ergui a mão para acariciar-lhe o rosto. — Tenha cuidado, querida, ok?

— Ok — sussurrou ela, olhando para mim. — Você também, Julian. Tenha cuidado. Vejo você mais tarde.

E, antes que eu me afastasse, ela ficou na ponta dos pés e beijou-me de forma ardente.

N ora

— ROSA, tem certeza de que não quer ir comigo?

— Não, não, eu já lhe disse, tenho muito a fazer antes do jantar. O senhor Esguerra confia em mim para impressionar a sua família com essa refeição e não quero desapontá-lo. Vá em frente, divirta-se com suas amigas. — Rosa praticamente me expulsou da cozinha imensa. — Vá logo para não se atrasar.

— Está bem, se você tem certeza. — Balançando a cabeça por causa do senso teimoso de dever de Rosa, andei até a entrada principal da casa, onde um carro já me aguardava. Por sorte, não era a limusine, e sim um Mercedes preto normal. Eu não me destacaria tanto, apesar de aquele carro, como a limusine, provavelmente também ter vidros à prova de balas.

O motorista era um homem alto e magro que eu vira algumas vezes no complexo, mas com quem nunca falara. Julian me dissera naquela manhã que o nome dele era Thomas. Thomas não se apresentou nem disse muita coisa, com a atenção concentrada na rua. Ao sairmos do terreno, vi dois SUVs pretos arrancarem e seguirem-nos a uma certa distância. Eu me senti como a primeira dama... ou, talvez, uma princesa da máfia.

A segunda opção provavelmente era uma comparação melhor.

Demorou menos de meia hora para chegarmos ao salão de beleza. Não era um local chique, mas tinha boa reputação e, o mais importante, Julian o considerara fácil de proteger. Eu não esperara conseguir uma hora com tanta facilidade, mas outra cliente cancelara naquela manhã e fui encaixada às onze horas.

— Só apare as pontas, por favor — pedi quando uma garota tatuada e de cabelos roxos lavou meus cabelos e levou-me para uma cadeira. — Só alguns centímetros.

— Tem certeza? — perguntou ela. — Olhe como seus cabelos são fartos. Você poderia pelo menos cortá-lo em camadas.

Franzi a testa, estudando meu reflexo no espelho. — Eles ainda ficarão longos?

— É claro. Você não perderá nada no comprimento, mas eles ficarão com um corte bonito. As camadas mais curtas, em volta do rosto, ficarão bem abaixo dos ombros.

— Nesse caso, pode cortar. — Tentei soar decidida, apesar de não me sentir assim. Era difícil desobedecer a Julian, mesmo em algo tão simples, o que me deixou determinada. — Vamos cortar essa bagunça em camadas.

Enquanto a cabeleireira andava à minha volta, puxando e cortando os cabelos, observei as outras pessoas no salão. Depois de semanas de isolamento na propriedade, era esquisito estar entre tantos estranhos. Ninguém prestava atenção em mim, mas ainda me senti desconfortavelmente exposta, como se todos estivessem observando-me. Eu também estava um pouco ansiosa. Eu sabia que ninguém ali queria me prejudicar e que a sensação não tinha lógica, mas parte da paranoia de Julian me invadira.

Ainda assim, estar ali sozinha foi empolgante. Eu sabia que os homens de Julian estavam do lado de fora, o que não me dava liberdade alguma, mas ainda parecia que a tinha.

Parecia que eu era uma garota comum que saía apenas para cortar os cabelos e encontrar as amigas.

— Pronto — disse a cabeleireira depois de alguns minutos. — Agora vamos secá-los e estará tudo pronto.

Assenti, tentando evitar olhar para os longos cachos espalhados pelo chão. Parecia muito cabelo, apesar de os cachos molhados que vi no espelho não parecerem particularmente curtos.

— Então, o que achou? — perguntou ela depois de secar meus cabelos. Ela me entregou um espelho.

Virei-me na cadeira, estudando o novo penteado de todos os ângulos. Parecia um comercial de xampu. Os cabelos eram longos, escuros e elegantes, com as camadas mais curtas em volta do rosto acrescentando um volume bonito.

— Perfeito. — Devolvi o espelho com um sorriso. — Muito obrigada.

Desobedecer a Julian pareceu ter dado certo. Pelo menos, em termos de aparência.



EU AINDA TINHA algum tempo antes de me encontrar com Leah e Jennie, portanto, aproveitei para fazer as unhas dos pés e das mãos no mesmo salão. Em certo momento, meu telefone apitou com uma mensagem de Julian.

Ainda está no salão? Thomas disse que está aí há quase duas horas, foi a mensagem dele.

Estou fazendo as unhas. Como estão as coisas com você? foi minha resposta.

Provavelmente não tão animadas quanto com você.

Sorri e guardei o telefone. Aquilo tudo parecia maravilhosamente normal, mesmo com Thomas no meu campo de visão. Era como se fôssemos um casal comum, sem nada de sombrio em nossa vida.

Impulsivamente, tirei novamente o telefone da bolsa.

Eu amo você, digitei, adicionando o ícone de um sorriso no final como ênfase.

Não houve resposta, mas eu não esperara que ele respondesse. Julian nunca reconheceria os sentimentos que tinha por mim, fossem quais fossem, em uma mensagem de texto. Ainda assim, meu coração ficou um pouco mais pesado quando guardei o telefone e peguei uma revista de fofocas.

Meia hora depois, eu estava arrumada como as modelos da revista. Meus cabelos caíam sobre as costas em uma cortina macia e brilhante, e as unhas estavam mais bonitas do que estiveram em muitos meses. Paguei a conta, deixando uma gorjeta generosa, e saí do salão, pronta para o restante do dia.

Como esperado, Thomas me aguardava do lado de fora. Não vi nenhum dos outros homens da segurança, mas sabia que estavam lá, cuidando de mim fora das minhas vistas. Ainda assim, a falta de visibilidade da presença deles aumentou a ilusão de normalidade e fiquei animada novamente durante o percurso até o restaurante de frutos do mar onde encontraria Leah e Jennie para o almoço.

Elas já estavam lá quando entrei e os primeiros minutos foram cheios de abraços e exclamações empolgadas sobre o tempo em que não nos víamos. Eu receara que as coisas ficassem um pouco tensas com Leah depois do nosso último encontro no *shopping center*, mas minhas preocupações foram infundadas. Estarmos juntas de novo, nós três, fez parecer como se estivéssemos de volta à época da escola.

— Meu Deus, Nora, eu tinha me esquecido de como você é bonita — exclamou Jennie quando nos sentamos. — Ou isso ou viver na selva fez muito bem a você.

— Ora, obrigada — disse eu, rindo. — Você também está linda. Quando decidiu ficar ruiva? Adorei a cor em você.

Jennie sorriu com os olhos brilhando. — Quando comecei a faculdade. Decidi que era hora de mudar. As opções eram vermelho ou azul.

— Eu a convenci a escolher o vermelho — disse Leah com um sorriso malicioso. — O azul não teria combinado com a aparência irlandesa dela.

— Ah, não sei — disse eu séria. — Ouvi dizer que os *smurfs* estão na moda.

Leah caiu na gargalhada. Jennie e eu também rimos. Era muito bom estar

novamente com elas. Eu saíra com Leah poucas vezes desde o sequestro, mas não via Jennie havia quase dois anos. Ela estava no exterior estudando quando eu voltara para casa durante os quatro meses depois da explosão do depósito e não chegamos a nos falar, exceto por algumas mensagens no Facebook.

— Muito bem, Nora, conte-nos — disse Jennie depois que o garçom anotou os pedidos. — Como é estar casada com uma versão moderna de Pablo Escobar? Os rumores que ouvi foram muito bizarros.

Leah engasgou com a água e caí na gargalhada novamente. Eu me esquecera da propensão de Jennie de chocar as pessoas.

— Bem — disse eu quando me acalmei o suficiente para falar. — Julian lida com armas, não drogas. Tirando isso, estar casada com ele é muito bom.

— Ora, vamos. Muito bom? — Jennie franziu a testa em uma expressão exasperada. — Quero todos os detalhes sangrentos. Ele dorme com uma metralhadora sob o travesseiro? Come cachorrinhos no café da manhã? Quero dizer, o cara sequestrou você, pelo amor de Deus! Dê-nos os detalhes...

— Jennie — interrompeu Leah. Ela não parecia nem um pouco divertida. — Não acho que seja assunto para piadas.

— Está tudo bem — disse eu. — De verdade, Leah, está tudo bem. Julian e eu estamos casados agora e somos felizes juntos. Realmente somos.

— Felizes? — Leah olhou para mim como se eu tivesse chifres. — Nora, você sabe do que ele é capaz, o que fez. Como pode ser feliz com um homem assim?

Olhei para ela sem saber como responder. Eu queria dizer que Julian não era tão mau assim, mas as palavras não saíram. Meu marido era tão mau assim. Na verdade, provavelmente ele era pior do que Leah imaginava. Ela não sabia sobre a erradicação em massa da Al-Quadar nos meses recentes nem que Julian era um assassino desde a infância.

Obviamente, ela também não sabia que eu era uma assassina. Se soubesse, provavelmente pensaria que eu e Julian merecíamos um ao outro.

Para meu alívio, Jennie me salvou. — Pare de ser tão desmancha-prazeres — comentou ela, cutucando Leah nas costelas. — Ela está feliz com ele. É melhor do que estar sofrendo, não é?

O rosto de Leah ficou vermelho. — É claro. Desculpe, Nora. — Ela tentou abrir um sorriso fraco. — Acho que só estou com dificuldade para entender isso tudo. Quero dizer, aqui está você, finalmente de volta aos Estados Unidos, e planeja voltar para a Colômbia com ele.

— É o que acontece quando as pessoas se casam — retrucou Jennie antes que eu conseguisse falar. — Eles moram juntos. Como você e Jake. É natural que Nora queira voltar com o marido dela...

— Você e Jake estão morando juntos? — interrompi, olhando chocada para Leah. — Desde quando?

— Desde duas semanas atrás — disse Jennie em tom alegre. — Leah não lhe contou?

— Eu ia contar a você hoje — disse Leah para mim. Ela parecia desconfortável. — Queria lhe contar pessoalmente.

— Por quê? Eles só saíram juntos uma vez — comentou Jennie. — Não foram namorados nem nada disso.

— Jennie tem razão — falei. — De verdade, Leah, estou feliz por vocês dois. Você não precisa ter medo de me contar essas coisas. Não vou surtar, prometo. — Abri um sorriso largo e perguntei: — Vocês alugaram um apartamento fora do campus?

— Sim — respondeu Leah, parecendo aliviada com a pergunta. — Nós dois tínhamos problemas com os companheiros de quarto e decidimos que morar juntos parecia a melhor opção.

— Faz sentido — disse Jennie. E, pelos próximos minutos, discutimos os prós e os contras de morar com um namorado em vez de dividir um quarto com outro estudante.

— E você, Jennie? — perguntei depois que o garçom serviu os aperitivos. — Algum namorado no seu horizonte?

— Ahm, não. — Jennie fez uma careta de desgosto. — Há cerca de uma dezena de caras bonitos em Grinnell e todos são comprometidos. Vocês duas deveriam ter me impedido quando decidi ir para a faculdade no meio do nada. Sério, é pior do que estar no segundo grau.

— Não! — Arregalei os olhos com choque fingido. — Pior do que o segundo grau?

— Nada é pior do que o segundo grau — retrucou Leah. As duas começaram a discutir sobre a disponibilidade comparativa de rapazes em uma escola secundária suburbana versus uma faculdade de artes liberal minúscula.

Enquanto o almoço prosseguia, conversamos sobre inúmeras coisas, exceto meu relacionamento com Julian. Leah nos contou sobre um estágio que conseguira em uma firma jurídica em Chicago e Jennie contou histórias divertidas sobre as férias recentes em Curaçau. — Havia uma fábrica de processamento de petróleo bem ao lado do nosso hotel. Conseguem acreditar nisso? — reclamou ela. Leah e eu concordamos que até mesmo a piscina de água salgada que havia no hotel não compensava algo tão horrível quanto uma refinaria de petróleo em um local de férias.

Depois de algum tempo, a conversa se voltou para a minha vida na propriedade. Contei a elas sobre minhas aulas *on-line* em Stanford, as aulas de

arte que tinha com Monsieur Bernard e minha crescente amizade com Rosa. — Eu queria que ela tivesse vindo hoje, mas não foi possível — expliquei, sentindo-me ligeiramente culpada. — Meus pais vão jantar lá em casa e Julian pediu a Rosa que ajudasse a preparar a comida. — Ao dizer aquilo, percebi como soei mimada... e, pelos olhares de inveja no rosto de Jennie e Leah, elas perceberam a mesma coisa.

— Uau — disse Jennie, balançando a cabeça. — Não é de se admirar que você esteja feliz com esse cara. Ele a trata como uma princesa. Se alguém me desse Stanford, empregadas e uma propriedade imensa, eu também não me importaria em ser sequestrada.

— Jennie! — Leah lançou um olhar atônito a ela. — Você não quis dizer isso.

— Não, provavelmente não — concordou Jennie, sorrindo. — Ainda assim, Nora, você tem que admitir que é tudo muito legal.

Dei de ombros, sorrindo. "Muito legal" era uma forma de descrever a situação. Pervertida e complicada era outra... mas fiquei feliz com a descrição de Jennie por enquanto.

— Espere, você disse que seus pais vão jantar na sua casa? — perguntou Leah como se tivesse acabado de processar minha frase. — Você quer dizer, vão jantar com você e com ele?

— Sim — disse eu, observando a expressão no rosto das minhas amigas. — Jantamos na casa dos meus pais ontem à noite e hoje eles irão à nossa casa. — Enquanto Leah e Jennie continuavam a me encarar chocadas, expliquei que Julian comprara uma casa em Palos Park para que tivéssemos um lugar seguro onde ficar durante nossas visitas.

— Garota, tenho que dizer, você vive em um mundo completamente diferente agora — comentou Jennie, balançando a cabeça. — Ilha particular, uma propriedade na Colômbia, agora isso...

— Nada disso compensa o fato de que ele é um psicopata — disse Leah, lançando um olhar sério a Jennie antes de se virar para mim. — Nora, como seus pais estão lidando com a situação?

— Eles estão... lidando. — Eu não sabia de que outra forma explicar a aceitação desconfiada dos meus pais. — Obviamente, não é fácil para eles.

— Sim, posso imaginar — disse Jennie. — Seus pais são guerreiros. Os meus teriam enlouquecido.

— Não acho que enlouquecer teria ajudado — retrucou Leah em tom astuto. — Tenho certeza de que os pais de Nora só estão felizes por tê-la de volta.

Abri a boca para responder, mas, naquele momento, Jennie e Leah

ergueram o olhar, vendo algo atrás de mim. Instintivamente, virei-me, com o coração dando um salto... e olhei diretamente para os olhos azuis do meu sequestrador.

Ele estava parado atrás de mim, com a mão repousando casualmente no encosto da minha cadeira e os lábios curvados em um sorriso sensual e perigoso. — Posso me juntar a vocês, garotas? — perguntou ele com ar divertido.

— Julian. — Dei um salto na cadeira, assustada e um pouco abalada. — O que está fazendo aqui?

— Minha reunião terminou cedo e resolvi passar aqui para ver se você já tinha ido para casa — respondeu ele. — Mas vejo que ainda não terminou.

— Ahm, não. Íamos comer a sobremesa agora. — Lancei um olhar inseguro para Leah e Jennie e vi que as duas encaravam Julian. Leah parecia pronta para pular e sair correndo. A expressão de Jennie era uma mistura de fascínio e espanto.

Merda, lá se foi o almoço normal com minhas amigas. Voltando a atenção para Julian, eu disse relutantemente: — Quero dizer, se desejar, podemos...

— Não, não, por favor, junte-se a nós se tem tempo — interrompeu Jennie, parecendo recuperada do choque. — A torta de queijo daqui é incrível.

— Bem, nesse caso, devo ficar — disse Julian em tom suave, sentando-se ao meu lado. — Não quero privar Nora de uma coisa tão deliciosa. — Ele sorriu para mim. — Seus cabelos ficaram lindos, querida. Você tinha razão sobre o corte.

— Ah. — Lembrando-me do meu pequeno ato de rebeldia, passei a mão nos cabelos, sentindo os cachos mais curtos. A aprovação dele foi um desapontamento e um alívio. — Obrigada.

— Ficou bonito mesmo — disse Leah com voz rouca. Vi que o pânico nos olhos dela diminuía. Pigarreando, ela acrescentou desnecessariamente: — O novo corte de cabelo.

O sorriso de Julian aumentou. — Sim. Ela está linda, não está?

— Sim, incrível — ecoou Jennie, exceto que ela olhava para Julian, não para mim. Ela parecia hipnotizada e não pude culpá-la. Com as cicatrizes do rosto praticamente desaparecidas e o implante ocular indistinguível do olho real, Julian estava magnífico como sempre. A beleza masculina dele era sombria.

Finalmente recuperando-me, eu disse: — Desculpe, esqueci de apresentar vocês. Julian, essas são minhas amigas, Leah e Jennie. Leah, Jennie, este é Julian, meu marido.

— É um prazer conhecer vocês — disse Julian com um charme fácil. — Nora me falou bastante sobre vocês.

— Ah, é? — Leah franziu a testa. Ao contrário de Jennie, ela não parecia

hipnotizada pela aparência dele. — O que ela disse?

— Que vocês duas são amigas desde o colégio — respondeu Julian. — E que você, Jennie, foi a acompanhante de Nora na festa da faculdade.

Pestanejei surpresa. Eu mencionara aquilo a Julian em algum momento, mas não esperava que ele se lembrasse de algo tão trivial.

— Ah, uau — disse Jennie com os olhos ainda colados no rosto de Julian. — Não acredito que ela contou essas coisas.

Leah apertou os lábios e acenou para o garçom. — Uma fatia de torta de queijo, por favor, e a conta — pediu ela quando ele se aproximou. — As porções são enormes — explicou ela, apesar de ninguém ter dito nada sobre o pedido. — Podemos dividi-la.

— Por mim tudo bem — disse eu. Fiquei surpresa por Leah estar disposta a ficar por tempo suficiente para comer a torta. Eu não a teria culpado se tivesse ido embora assim que Julian chegara. Eu sabia que ela estava ciente do que acontecera com Jake e o fato de ela estar disposta a ser razoavelmente civilizada com Julian dizia muito sobre o que sentia sobre nossa amizade.

— Então, digam-me — falou Julian quando o garçom se afastou —, como foi o almoço até agora? Nora já contou a grande novidade?

Congelei, horrorizada por ele passar à minha frente daquele jeito. Contar às minhas amigas sobre o bebê era algo que eu planejava fazer muito mais tarde, quando fosse inevitável. Não hoje, quando eu ainda podia fingir ser uma colegial despreocupada.

— Que grande novidade? — perguntou Jennie ansiosa, inclinando-se para a frente. Seus olhos estavam arregalados de curiosidade. — Nora não nos contou nada.

— Ela não contou sobre o dono da galeria em Paris? — Julian me olhou pelo canto do olho. — O que fez uma oferta para comprar as pinturas dela?

— O quê? — exclamou Leah. — Quando isso aconteceu, Nora?

— Ahm... ontem — murmurei, sentindo uma onda de alívio acabar com a sensação de enjoo. — Julian me contou, mas ainda não vi a oferta.

— Uau, parabéns! — Jennie sorriu para mim. — Então, você está prestes a se tornar uma artista famosa, hein?

— Não sei se vou ser famosa... — comecei a dizer, mas Julian me interrompeu.

— Ela é — disse ele firmemente. — O dono da galeria está oferecendo dez mil euros por cada uma das cinco pinturas. — E, em meio às exclamações de empolgação de minhas amigas, ele explicou que o dono da galeria era um colecionador de arte conhecido e que meus quadros já estavam ganhando notoriedade em Paris devido às conexões de Monsieur Bernard.

No meio da conversa, a torta de queijo chegou. Leah estivera certa ao pedir apenas uma fatia, que tinha quase o tamanho da minha cabeça. O garçom levou quatro pratos pequenos e dividimos a torta enquanto Julian respondia às perguntas de Jennie sobre o cenário artístico em Paris e sobre a França em geral.

— Uau, Nora, você está prestes a começar uma vida muito empolgante disse Jennie, estendendo a mão para pegar a conta que o garçom levava. — Você nos dirá quando fizer a primeira exposição, certo?

— Deixe comigo — disse Julian, pegando a conta antes que Jennie encostasse nela. E, antes que minhas amigas pudessem protestar, ele entregou duas notas de cem dólares ao garçom, dizendo: — Fique com o troco.

— Ora, obrigada — disse Jennie quando o garçom se afastou depressa com expressão feliz. — Você não precisava fazer isso. Só comeu um pedacinho da torta, não a comida toda.

— Deixe-nos pagar nossa parte — disse Leah tensa, pegando a carteira. Mas Julian a dispensou.

— Por favor, não se preocupe. É o mínimo que posso fazer pelas amigas de Nora. — Levantando-se, ele estendeu a mão para mim. — Pronta, querida?

— Sim — respondi, colocando a mão na dele. Minhas poucas horas de liberdade tinham terminado, mas eu não me importei. Apesar de o dia ter sido agradável, era reconfortante ser novamente tomada por Julian.

De volta ao lugar a que eu pertencia.

J ulian

— POR QUE VOCÊ veio me encontrar? — perguntou Nora quando entramos no carro, depois de nos despedirmos das amigas dela. — Estava com medo de que eu pudesse fugir?

— Você não teria ido longe, se tivesse tentado. — Virando-me para encará-la, corri os dedos pelos seus cabelos. Estavam um pouco mais curtos na frente, mas ainda longos e mais sedosos do que o normal.

— Eu não ia fugir. — Nora franziu a testa para mim. — Não quero fugir de você. Não mais.

— Eu sei disso, meu bichinho. — Forcei-me a parar de tocar nos cabelos dela antes que desenvolvesse um fetiche. — Eu não teria trazido você para os Estados Unidos se não soubesse disso.

— Então, por que veio me buscar? Eu teria voltado para casa no máximo em uma hora.

Dei de ombros, sem querer admitir como sentira falta dela. Meu vício estava completamente fora de controle. Não importava o que estivesse fazendo, pensava nela constantemente. Mesmo algumas horas longe dela era algo intolerável, mesmo sendo um sentimento ridículo.

— Está bem, fico feliz por Leah não ter surtado — disse Nora quando permaneci em silêncio. — Achei que ela fugiria ou chamaria a polícia quando você apareceu. — Ela olhou para o chão e de volta para mim. — Se você não tivesse mencionado a grande novidade, as coisas teriam sido bem constrangedoras.

— É mesmo? — perguntei em tom suave. — Talvez eu devesse ter contado a elas a grande novidade de verdade. — Era o que eu pretendia fazer originalmente, perguntar se Nora já contara a elas sobre o bebê, mas a expressão horrorizada no rosto dela revelara a verdade antes que uma das amigas dela dissesse alguma coisa.

Nora pegou minha mão, curvando os dedos pequenos em volta dela. — Fico feliz por não ter contado. — Ela apertou minha mão de leve. — Obrigada por isso.

— Por que você não contou a elas? — perguntei, colocando a outra mão sobre a dela. — Elas são suas amigas. Eu teria esperado que você compartilhasse

esse tipo de coisa com elas.

— Eu vou contar a elas. — Nora pareceu desconfortável. — Mas ainda não.

— Está com medo de que elas a julguem? — Franzi a testa, tentando entender. — Somos casados. É natural. Você sabe disso, não é?

— Elas vão me julgar, Julian. — Nora franziu os lábios. — Serei mãe aos vinte anos. Garotas da minha idade não se casam nem têm filhos. Pelo menos, a maioria das que eu conheço.

— Entendo. — Eu a estudei pensativo. — O que elas fazem? Vão a festas? Boates? Namoram?

Ela abaixou o olhar. — Tenho certeza de que você acha que é bobagem.

Era, mas não era. O fato de ela ser tão jovem me pegava desprevenido às vezes, como tivera tão pouca experiência. Eu não me lembrava de ter sido tão jovem. Quando fizera vinte anos, já estava cuidando da organização do meu pai, já viajara praticamente pelo mundo inteiro e fizera coisas que teria feito bandidos experientes estremecerem. Eu não tivera juventude e sempre esquecia que Nora ainda tinha um pouco da dela à frente.

— É isso que você quer? — perguntei quando ela olhou novamente para mim. — Sair? Divertir-se?

— Não... quero dizer, seria legal, mas eu sei que não é algo realista. — Ela respirou fundo e sua mão se contraiu na minha. — Está tudo bem, Julian. De verdade. Eu contarei a elas em breve. Só não queria que esse fosse o único assunto do almoço hoje.

— Ok. — Soltando a mão dela, passei o braço sobre seus ombros e puxei-a para mais perto. — O que achar melhor, meu bichinho.



PARA MINHA SATISFAÇÃO, o segundo jantar com os pais de Nora foi tranquilo. Nora mostrou a casa enquanto eu terminava um trabalho e, quando me juntei a eles para o jantar, os Lestons pareciam muito menos tensos.

— Uau, olhe só para esta mesa — disse Gabriela quando nos sentamos. — Rosa, você preparou isto tudo?

Rosa assentiu, sorrindo orgulhosamente. — Sim. Espero que gostem.

— Tenho certeza de que gostaremos — respondi. A mesa estava coberta de travessas, que variavam de uma salada de aspargos brancos à receita colombiana tradicional de *arroz con pollo*. — Obrigada, Rosa.

— Ainda estou cheia depois daquela torta de queijo — disse Nora, sorrindo. — Mas tentarei fazer justiça a esta refeição. Tudo parece delicioso.

Enquanto comíamos, a conversa girou em volta do dia de Nora com as amigas e as fofocas locais mais recentes. Pelo jeito, um dos vizinhos divorciados dos Lestons começara a namorar uma mulher dez anos mais velha e o chihuahua do homem entrara em uma briga com o gato persa de outro vizinho. — Consegue acreditar nisso? — perguntou Tony Leston, rindo. — Aquele gato pesa uns cinco quilos a mais que o cachorro.

Nora e Rosa riram enquanto eu observava os Lestons. Pela primeira vez, eu entendia por que Nora queria tanto visitá-los, o que quisera dizer ao falar que precisava de uma folga da propriedade. A vida que os pais de Nora tinham, a que ela tivera antes de me conhecer, era tão diferente que eu poderia estar visitando outro planeta.

Um planeta habitado por pessoas completamente ignorantes da realidade do mundo.

— O que você pretende fazer no sábado, querida? — perguntou Gabriela, sorrindo para a filha. — Já tem planos?

Nora pareceu confusa. — Sábado? Não, ainda não. — Em seguida, ela arregalou os olhos. — Ahh, sábado! Você quer dizer para o meu aniversário?

Suprimi um gesto irritado. Eu esperara fazer uma surpresa para Nora novamente, de preferência com um resultado melhor desta vez. Mas agora nada seria feito. Recostando-me na cadeira, eu disse: — Temos algo planejado para a noite, mas nada durante o dia.

— Maravilha. — A mãe de Nora sorriu novamente. — Por que não vem almoçar conosco? Vou fazer todos os seus pratos favoritos.

Nora olhou para mim e assenti de leve. — Nós iremos sim, mamãe — respondeu ela.

O sorriso de Gabriela murchou ligeiramente ao ouvir "nós". Inclinei-me para a frente e disse para Nora: — Receio ter trabalho a fazer, querida. Por que não passa algum tempo com os seus pais?

— Ah, claro — disse Nora, pestanejando.

Tony e Gabriela pareceram muito felizes e recomecei a comer, ignorando o restante da conversa. Apesar de não gostar da ideia de ficar longe de Nora, eu queria que ela tivesse algum tempo sem tensão com os pais, algo se só conseguiria sem a minha presença.

Eu queria que meu bichinho ficasse feliz no dia do aniversário, não importava o que fosse preciso.



DEPOIS QUE OS Lestons foram embora, Nora foi tomar um banho e peguei o celular para verificar as mensagens. Para minha surpresa, havia um e-mail de Lucas, com apenas uma linha.

Yulia Tzakova escapou.

Suspirando, guardei o telefone. Eu sabia que deveria estar furioso, mas, por algum motivo, só estava um pouco irritado. A russa não iria longe. Lucas a caçaria para levá-la de volta assim que voltássemos. Mas, por enquanto, imaginei a raiva dele, que senti nas palavras do e-mail, e ri.

Se o acidente de avião não tivesse matado tantos dos meus homens, eu quase sentiria pena da garota.

N ora

— *O_LHO POR OLHO.* — Os olhos de Majid queimavam de ódio ao andar na minha direção, passando sobre o corpo mutilado de Beth. O sangue chegava aos tornozelos dele e o líquido escuro se movia em volta dos pés dele em um giro malévolo. — Vida por vida.

— Não. — Eu estava parada, trêmula, com o medo pulsando dentro de mim de forma nauseante. — Isso não. Por favor, isso não.

Mas era tarde demais. Ele já estava lá, pressionando a faca contra minha barriga. Sorrindo cruelmente, ele olhou para trás de mim e disse: — A cabeça dará um belo troféu... depois que eu a cortar um pouco, é claro...

— Julian!

Meus gritos ecoaram pelo quarto quando saltei da cama, tremendo com um terror gelado.

— Querida, você está bem? — Braços fortes me envolveram na escuridão, puxando-me para um abraço quente. — Shh... — Julian disse quando comecei a soluçar, agarrando-me a ele com todas as forças. — Teve outro pesadelo?

Consegui assentir de leve.

— Que tipo de pesadelo, meu bichinho? — Sentando-se na cama, Julian me puxou para o colo e acariciou meus cabelos. — O mesmo de antes, sobre mim e Beth?

Enterrei o rosto no pescoço dele. — Mais ou menos — sussurrei quando consegui falar. — Exceto que, desta vez, Majid estava me ameaçando. — Engoli a onda de bile que subiu à garganta. — Ameaçando o bebê dentro de mim.

Senti os músculos de Julian ficarem tensos. — Ele está morto, Nora. Não pode mais machucar você.

— Eu sei. — Eu não conseguia parar de chorar. — Acredite, eu sei.

Uma das mãos de Julian desceu para a minha barriga, esquentando a pele gelada. — Vai ficar tudo bem — murmurou ele, balançando-me gentilmente. — Vai ficar tudo bem.

Segurei-me nele com força, tentando acalmar os soluços. Eu queria muito acreditar nele. Queria que as semanas anteriores fossem o normal em nossa vida, não a exceção.

Mexendo-me no colo de Julian, senti uma rigidez crescente contra o

quadril. Por algum motivo, isso diminuiu meu medo. Se havia alguma coisa de que eu podia ter certeza era na necessidade desesperada e ardente que tínhamos um do outro. E, subitamente, eu soube exatamente do que precisava.

— Faça-me esquecer — sussurrei, beijando o lado do pescoço dele. — Por favor, faça-me esquecer.

A respiração de Julian ficou irregular e seu corpo foi invadido por uma tensão diferente. — Com prazer — murmurou ele, virando-se para me colocar sobre o colchão.

E, quando ele me penetrou, passei as pernas em volta de seus quadris, deixando que a força das investidas afastasse o pesadelo da minha mente.



A CORDEI TARDE NA SEXTA-FEIRA, com os olhos inchados depois de chorar no meio da noite. Arrastando-me para fora da cama, escovei os dentes e tomei um banho longo e quente. Depois, sentindo-me infinitamente melhor, voltei para o quarto para me vestir.

— Como está, meu bichinho? — Julian entrou no quarto quando eu fechava o zíper da bermuda em frente ao espelho. Ele já estava vestido com calças *jeans* escuras e uma camiseta, fazendo parecer que tinha saído da capa de uma revista de moda.

— Estou bem. — Virando-me, abri um sorriso tímido. — Não sei por que tive aquele pesadelo na noite passada. Faziam semanas que eu não tinha um desses.

— Certo. — Encostando na parede, Julian cruzou os braços e olhou-me de forma penetrante. — Aconteceu alguma coisa ontem? Alguma coisa que poderia ter causado o pesadelo?

— Não — respondi rapidamente. A última coisa que queria era que Julian achasse que eu não poderia ficar sozinha por algumas horas. — Ontem foi um dia ótimo. Acho que provavelmente comi demais no jantar ou algo assim.

— Ahã. — Julian me encarou. — Claro.

— Estou bem — repeti, virando-me novamente para o espelho para escovar os cabelos. — Foi só um sonho idiota.

Julian não disse nada, mas eu sabia que não conseguira acabar com as preocupações dele. Durante o café da manhã, ele me observou como um gavião, sem dúvida procurando sinais de um possível ataque de pânico. Fiz o possível para agir normalmente, uma tarefa que foi muito facilitada pela conversa leve de Rosa. Quando terminamos de comer, sugeri darmos um passeio no parque.

— Que parque? — perguntou Julian com o cenho franzido.

— Qualquer parque local — respondi. — O que você achar que é mais seguro. Só quero sair de casa, respirar um pouco de ar puro.

Julian pareceu pensativo por um segundo e, logo depois, digitou alguma coisa no celular. — Está bem — disse ele. — Dê meia hora aos meus homens para que se preparem e sairemos.

— Quer ir conosco, Rosa? — perguntei, sem querer excluir minha amiga novamente. Mas, para minha surpresa, ela balançou a cabeça negativamente.

— Não. Vou ao centro da cidade — explicou ela. — O *señor* Esguerra — ela olhou para Julian — disse que posso ir, desde que leve um dos guardas comigo. Não preciso de tanta segurança quanto vocês dois e achei que seria uma boa ideia usar o dia para explorar Chicago. — Ela fez uma pausa e olhou-me com expressão preocupada. — Você não se importa, não é? Porque não preciso ir...

— Não, não, você deve ir. Chicago é uma cidade linda. Você se divertirá. — Eu abri um sorriso largo, ignorando a onda súbita de inveja que me invadiu. Eu queria que Rosa tivesse aquela liberdade. Não havia motivo para que ela ficasse presa no subúrbio.

Não havia motivo para que ela ficasse confinada como eu.



O PERCURSO até o parque demorou menos de trinta minutos. Ao nos aproximarmos, percebi para onde íamos e meu estômago se contraiu.

Eu conhecia aquele parque.

Era o parque onde eu andava com Jake na noite em que Julian me sequestrou.

As lembranças foram muito vívidas. Em um flash sombrio, revivi o terror de ver Jake inconsciente no chão e sentindo a pontada cruel da agulha na pele.

— Você está bem? — perguntou Julian e percebi que devia ter ficado pálida. Ele franziu as sobrancelhas. — Nora?

— Estou bem. — Tentei sorrir quando o carro parou ao lado do meio-fio. — Não é nada.

— É, sim. — Ele estreitou os olhos azuis. — Se não está se sentindo bem, voltaremos para casa.

— Não. — Segurei a maçaneta da porta e puxei-a freneticamente. O clima no carro subitamente ficou pesado por causa das lembranças. — Por favor, só quero um pouco de ar fresco.

— Está bem. — Parecendo sentir meu estado, Julian acenou para o motorista e a porta foi destrancada. — Vá em frente.

Saí apressada do carro e a ansiedade que me apertava o peito diminuiu assim que pisei na calçada. Respirando fundo, virei-me para ver Julian saindo do carro atrás de mim com expressão preocupada.

— Por que você escolheu este parque? — perguntei, tentando manter a voz calma. — Há outros na área.

Ele pareceu confuso por um segundo e, logo depois, a compreensão substituiu a preocupação em seu rosto. — Porque eu já havia inspecionado este lugar — disse ele, aproximando-se de mim. Ele segurou meus braços ao olhar para mim. — É isso que está incomodando você, meu bichinho? O lugar que escolhi?

— Sim, um pouco. — Respirei fundo novamente. — Ele traz algumas... lembranças.

— Ah, é claro. — Os olhos de Julian brilharam com diversão súbita. — Acho que deveria ter prestado mais atenção nisso. Mas era o parque mais fácil de proteger, pois eu já tinha os desenhos de antes.

— De quando você me sequestrou. — Eu o encarei. Algumas vezes, a total falta de arrependimento ainda me pegava de surpresa. — Você inspecionou o parque há dois anos para o meu sequestro.

— Sim. — Os belos lábios se curvaram em um sorriso quando ele soltou meus braços e recuou um passo. — Agora, está se sentindo melhor ou é melhor irmos para casa?

— Não, vamos dar um passeio — disse eu, determinada a aproveitar o dia. — Estou bem agora.

Julian pegou minha mão, entrelaçou os dedos no meu e entramos no parque. Para meu alívio, à luz do dia tudo parecia diferente daquela noite fatídica. Não demorou muito para que as lembranças sombrias recuassem para aquele canto fechado e proibido do meu cérebro.

Eu queria mantê-las lá e concentrei-me no sol intenso e na brisa quente de primavera.

— Adoro este clima — disse eu a Julian ao passarmos por um parquinho. — Fico feliz por termos saído.

Ele sorriu e ergueu minha mão para beijá-la de leve. — Eu também, querida. Eu também.

Enquanto caminhávamos, percebi que o parque estava incomumente movimentado para uma sexta-feira. Havia casais mais velhos, mães e babás com crianças e um bom número de pessoas da minha idade. Imaginei que fossem universitários que passavam o fim de semana prolongado em casa.

Os homens de Julian. Eles estavam lá para nos proteger, mas a presença deles também era um lembrete de que, de certa forma, eu ainda era uma prisioneira.

— Como você conseguiu me encontrar? — perguntei ao nos sentarmos em um banco. Eu sabia que devia parar de mexer com o passado, mas, por algum motivo, não conseguia parar de pensar naqueles primeiros dias. — Depois de nos conhecermos na boate.

Julian se virou para olhar para mim com expressão inescrutável. — Mande um guarda segui-la até em casa.

— Ah. — Tão simples, mas tão diabólico. — Você já sabia que queria me sequestrar?

— Não. — Ele segurou as minhas mãos entre as dele. — Eu ainda não tinha tomado essa decisão. Disse a mim mesmo que só queria saber quem você era e garantir que chegasse em casa em segurança.

Eu o encarei fascinada e perturbada. — E quando decidiu me sequestrar?

Os olhos dele brilharam. — Foi mais tarde, quando não consegui parar de pensar em você. Fui à sua formatura porque disse a mim mesmo que você não poderia ser da forma como eu me lembrava, da forma como aparecia nas fotografias que os meus guardas tiraram. Eu disse a mim mesmo que, se a visse pessoalmente de novo, essa obsessão desapareceria... mas, claro, isso não aconteceu. — Os lábios dele se curvaram ironicamente. — Ficou pior. E continua piorando.

Engoli em seco, incapaz de afastar o olhar da intensidade sombria de sua expressão. — Alguma vez você se arrependeu? De me sequestrar da forma como fez?

— Arreponder-me de você ser minha? — Ele ergueu as sobrancelhas. — Não, meu bichinho. Por que me arreperia?

Realmente, por quê? Eu não sabia que outra resposta esperara. Que ele se apaixonara por mim e agora se arrependia de ter me feito sofrer? Que eu passara a significar tanto para ele que agora Julian via suas ações como erradas?

— Nenhum motivo — disse eu baixinho, tirando as mãos das dele. — Só estava me perguntando, mais nada.

A expressão dele ficou ligeiramente mais suave. — Nora...

Eu me inclinei para a frente, mas, antes que ele pudesse continuar, fomos interrompidos por uma risada infantil. Uma garotinha com um rabo de cavalo loiro andou na nossa direção com uma bola verde grande nas mãos rechonchudas.

— Pegue! — gritou ela, jogando a bola para Julian. Observei fascinada quando Julian estendeu a mão para o lado e pegou agilmente o objeto jogado de

forma tão desajeitada.

A garota riu feliz e correu mais depressa na nossa direção. Antes que eu pudesse dizer mais alguma coisa, ela já estava no nosso banco, agarrando as pernas de Julian tão casualmente como se ele fosse uma árvore.

— Olá — disse ela, abrindo um sorriso para Julian. — Pode me devolver a bola? — Ela pronunciou cada palavra com uma clareza que deixaria orgulhosa qualquer criança mais velha. — Quero brincar mais.

— Aqui está. — Julian sorriu ao devolver a bola. — Você pode ficar com ela.

— Lisette! — Uma mulher loira correu até nós com o rosto corado. — Aqui está você. Não perturbe os estranhos. — Segurando a garota pelo braço, ela olhou para nós com expressão de desculpas. — Sinto muito. Ela correu antes que eu conseguisse...

— Não se preocupe — disse eu, sorrindo. — Ela é uma gracinha. Quantos anos ela tem?

— Dois anos e meio — disse a mulher com orgulho visível. — Não sei de onde ela tira tanta energia. Eu e o pai dela mal saímos da escola.

— Eu sei ler — anunciou Lisette, olhando para Julian. — E você?

Julian se levantou e abaixou-se em frente à garota. — Eu também sei — respondeu ele em tom grave. — Mas nem todos sabem, então você certamente tem uma vantagem.

A garota sorriu para ele. — Também sei contar até cem.

— É mesmo? — Julian inclinou a cabeça para o lado. — E o que mais sabe fazer?

Vendo que não nos importávamos com a presença da criança, a mulher relaxou visivelmente e soltou o braço da filha. — Ela sabe toda a letra daquela música *Frozen* — disse ela, acariciando os cabelos da garota.

— É mesmo? — perguntou Julian à garotinha com seriedade aparente. A menina assentiu entusiasmada antes de começar a cantar em tom estridente.

Sorri, esperando que Julian a interrompesse a qualquer momento, mas ele não fez isso. Ele ouviu atentamente com expressão aprovadora. Quando Lisette terminou a música, ele aplaudiu e perguntou quais eram seus desenhos favoritos, o que fez a garota começar a falar em tom empolgado sobre *Cinderela* e *A Pequena Sereia*.

— Desculpe — falou a mãe novamente quando Lisette não mostrou sinais de que ficaria quieta. — Não sei o que deu nela hoje. Ela nunca conversa tanto com estranhos.

— Não tem problema — respondeu Julian, levantando-se agilmente quando Lisette parou para recuperar o fôlego. — Não nos importamos. Sua filha é

maravilhosa.

— Vocês têm filhos? — perguntou a mãe de Lisette, sorrindo para ele com a mesma expressão de adoração que a filha. — Você foi tão atencioso com ela.

— Não... — o olhar de Julian desceu para o meu abdômen — ainda não.

— Ah! — A mulher abriu um sorriso enorme. — Parabéns. Vocês dois terão bebês lindos, tenho certeza.

— Obrigada — respondi, sentindo o rosto quente. — Estamos ansiosos.

— Bem, precisamos ir — disse a mãe de Lisette, segurando novamente o braço da garota. — Vamos, Lisette, querida, diga tchau para o jovem casal. Eles têm coisas a fazer e precisamos almoçar.

— Tchau. — A garota riu, acenando para Julian com a mão livre.

Sorrindo, Julian acenou de volta. Em seguida, virou-se para mim. — Almoço parece uma boa ideia. O que acha, meu bichinho? Está pronta para ir para casa?

— Sim. — Cheguei mais perto de Julian e passei a mão pelo braço dele. Senti uma dor estranha no peito. — Vamos para casa.

No caminho para casa, pela primeira vez me permiti sonhar acordada. Era uma fantasia em que eu e Julian éramos uma família normal. Fechando os olhos, imaginei meu ex-sequestrador como ele estava no parque mais cedo: um homem sombriamente lindo e perigoso ajoelhado ao lado de uma garotinha precoce.

Ajoelhado ao lado de *nosso* filho.

Um filho que, pela duração da fantasia, desejei com todas as forças.

Julian

NA MANHÃ DE SÁBADO, acordei cedo e desci até a cozinha. Rosa já estava lá e, depois de verificar que ela tinha tudo sob controle, subi novamente para ver Nora.

Ela ainda estava dormindo quando entrei no quarto. Aproximando-me da cama, puxei o cobertor cuidadosamente, fazendo o possível para não a acordar. Ela murmurou alguma coisa, rolou o corpo, ficando deitada de costas, mas não abriu os olhos. Ela estava incrivelmente sexy, deitada nua daquele jeito e tentei ignorar a ereção ao pegar o frasco de óleo de massagem que pegara na cozinha, derramando o líquido na mão.

Comecei com os pés dela, sabendo como meu bichinho gostava de massagem nos pés. Assim que toquei na sola do pé, ela contraiu os dedos e um gemido sonolento escapou de seus lábios. O som aumentou minha ereção, mas resisti à vontade de subir na cama e enterrar-me em seu corpo delicioso.

Naquela manhã, a única coisa que importava era o prazer dela.

Massageei primeiro um pé, dando atenção a todos os dedos. Depois, passei para o outro pé antes de subir pelos tornozelos e coxas. A essa altura, Nora estava praticamente ronronando e eu sabia que ela estava acordada, apesar de ter os olhos fechados.

— Feliz aniversário, querida — murmurei, subindo para passar o óleo na barriga dela. — Dormiu bem?

— Mmm. — O som inarticulado pareceu ser tudo o que ela tinha condições de emitir enquanto eu movia as mãos para os seios. Passei os dedos sobre os mamilos rígidos, que praticamente imploravam para serem chupados. Incapaz de resistir à tentação, abaixei-me e coloquei um deles na boca, puxando-o com um movimento de sucção forte. Arquejando, ela abriu os olhos e voltei a atenção para o outro seio, descendo os dedos cheios de óleo para estimular o clitóris.

— Julian — gemeu ela. Sua respiração ficou mais rápida quando coloquei dois dedos no canal apertado e quente, movendo-os dentro dela. — Ai, meu Deus, Julian! — As palavras dela terminaram em um gritinho quando o corpo ficou tenso e senti-a pulsando com o orgasmo.

Quando as contrações diminuíram, tirei os dedos da carne inchada e corri os pelos costelas dela. — Vire-se, querida — disse eu em tom suave. — Ainda não terminei com você.

Ela obedeceu e peguei novamente o óleo de massagem. Derramando uma quantidade generosa na mão, massageei seu pescoço, os braços e as costas, ouvindo-a soltar vários gemidos de prazer. Quando cheguei às curvas firmes das nádegas, a minha respiração estava pesada e o pênis rígido como mármore. Subindo na cama, posicionei-me entre as coxas dela e inclinei-me para a frente, cobrindo-a com o corpo.

— Quero trepar com você — sussurrei no ouvido dela, sabendo que ela sentia a pressão da ereção contra as nádegas. — Quer isso, querida? Quer que eu a possua e faça com que goze de novo?

Ela estremeceu. — Sim. Por favor, sim.

Um sorriso sombrio se formou nos meus lábios. — Seu desejo é uma ordem. — Abrindo a calça, puxei o pênis para fora e passei o braço esquerdo sob os quadris dela, levantando-a para um ângulo melhor. Em outro dia, eu derramaria o óleo sobre o ânus, possuindo-a assim, adorando a relutância dela. Mas não naquele dia. Naquele dia, eu só lhe daria o que ela quisesse.

Pressionando o pênis na abertura escorregadia, comecei a penetrá-la.

Um calor quente me envolveu enquanto eu a penetrava mais fundo. Apesar do desejo que me invadira, mexi-me lentamente, deixando-a se ajustar ao meu tamanho. Quando a penetrei completamente, ela gemeu, contraindo-se em volta de mim. Quase explodi com a sensação.

— Julian... — Ela estava ofegante de novo, contorcendo-se sob mim quando comecei a investir com movimentos lentos e controlados. — Julian, por favor, quero gozar...

O pedido me deixou fora de controle e, com um gemido rouco, comecei a investir com mais força. Ouvi os gritos dela, senti seu corpo apertando o meu cada vez mais e, quando suas contrações recomeçaram, explodi com um rosnado, explodindo dentro de Nora.

Depois, deitei-me ao lado dela e puxei-a para os meus braços.

— Feliz aniversário, querida — murmurei. Ela riu baixinho, um som de puro prazer.



— Ah, Julian, você não deveria ter feito isso — protestou Nora quando prendi o pingente de diamante delicado em volta de seu pescoço. — É lindo, mas...

— Mas o quê? — Dei um passo atrás, admirando no espelho a pedra em formato de lua crescente contra a pele dourada dela.

Ela se virou para me olhar com expressão sombria e séria. — Você já

deixou o dia tão especial para mim, com a massagem e as panquecas que Rosa fez para o café da manhã. Não precisava me dar um presente tão caro. Especialmente porque eu não lhe dei nada em seu aniversário.

— Meu aniversário é em novembro — respondi em tom divertido. — Em novembro passado, você nem sabia que eu tinha sobrevivido à explosão e não teria como me dar nada. E no ano antes, bem... — Sorri, lembrando-me de como ela me odiava nos primeiros meses na ilha.

— Certo. — Nora nem piscou. — No ano anterior, eu tinha outras coisas na cabeça.

Eu ri. — Tenho certeza disso. De qualquer forma, não se preocupe. Não comemoro o meu aniversário.

— Por que não? — Ela franziu as sobrancelhas. — Não gosta de aniversários?

— Dos meus, não. — Meus pais sempre se esqueciam dele durante a minha infância e eu aprendera a esquecer também. — De qualquer forma, isso não tem nada a ver com este presente. Se não gostou, posso trocar por alguma outra coisa.

— Não. — Nora segurou o colar de forma possessiva. — Adorei.

— Então é seu. — Aproximando-me mais dela, puxei seu queixo para cima e beijei-a de leve nos lábios antes de me afastar. — Agora, você precisa se aprontar. Seus pais a estão esperando para o almoço.

Ela pestanejou, encarando-me. — O que vamos fazer hoje à noite? Você disse a eles que já tínhamos planos.

— E temos. Vou levar você a um restaurante. — Fiz uma pausa, olhando para ela. — A não ser que queira fazer alguma outra coisa. A escolha é sua.

— É mesmo? — O rosto dela se iluminou com empolgação. — Nesse caso, podemos fazer alguma coisa louca?

— Como o quê?

— Podemos ir a uma boate depois do jantar?

Minha primeira inclinação foi dizer não, mas engoli a resposta. Em vez disso, perguntei: — Por quê?

Ela deu de ombros, parecendo ligeiramente constrangida. — Não sei. Só acho que seria divertido. Não vou a uma boate desde... — Ela ficou em silêncio, mordendo o lábio inferior.

— Desde que me conheceu.

Ela assentiu e lembrei-me da conversa que tivemos depois do almoço com as amigas dela. Houvera uma certa saudade na voz de Nora quando ela falara em sair para se divertir, uma saudade de coisas que achou que nunca mais teria.

— A que boate você quer ir? — perguntei, sem conseguir acreditar que

estava considerando a ideia.

Os olhos de Nora brilharam. — Qualquer uma — respondeu ela rapidamente. — A que você achar que é mais segura. Não importa o lugar, desde que haja música e dança.

— Que tal aquela onde nos conhecemos? — sugeri relutantemente. — Meus homens estão familiarizados com ela e será mais fácil...

— Sim, perfeito — interrompeu ela, sorrindo. — Podemos levar Rosa conosco? Eu sei que ela adoraria. — Minha expressão devia ter refletido meus pensamentos, pois ela esclareceu rapidamente: — Somente à boate, não ao jantar. Também quero jantar só com você.

Suspirei. — Claro. Vou pedir a um dos guardas que a leve para que nos encontre na boate depois do jantar.

Nora deu um gritinho e jogou os braços em volta do meu pescoço. — Obrigada! Ai, mal posso esperar. Vai ser ótimo!

E, quando ela saiu para almoçar com os pais, sentei-me com Lucas para descobrir como protegeríamos uma boate popular de Chicago em um sábado à noite.



— U_{AU}. Julian, isto é incrível — exclamou Nora ao entrarmos no restaurante francês sofisticado que eu escolhera para o jantar. — Como conseguiu uma reserva? Ouvi dizer que as pessoas precisam esperar meses... — Ela parou e revirou os olhos. — Ah, deixe para lá. O que estou dizendo? É claro que você consegue qualquer reserva.

Sorri com a empolgação óbvia dela. — Fico feliz por ter gostado. Espero que a comida seja tão boa quanto o ambiente.

O garçom nos levou até a mesa, que ficava em um recesso privado no fundo do restaurante. Em vez de vinho, pedi água com gás para nós dois. Em seguida, pedi o cardápio depois de explicar as restrições associadas com a gravidez de Nora.

— Está bem, senhor — disse o garçom, curvando-se ligeiramente. Logo em seguida, os primeiros pratos foram servidos.

Ao comermos o risoto de aspargos e o ravióli de lagosta, Nora me contou sobre o almoço e como os pais dela tinham ficado felizes por poderem comemorar seu aniversário. — Eles me deram um conjunto de pincéis — disse ela, sorrindo. — Imagino que isso signifique que meu pai não está mais tão cético em relação ao meu *hobby*.

— Que ótimo, querida. Ele não deveria. Você tem um talento incrível.

— Obrigada. — Ela abriu um sorriso largo e pegou o copo de água.

Enquanto conversávamos, não consegui afastar os olhos dela. Ela estava radiante, mais linda do que nunca. O vestido azul tomara que caia era sensual e elegante, apesar de ser curto demais para minha paz de espírito. Quando a vi descer a escada mais cedo com aquele vestido e os sapatos prateados de salto alto, tive que fazer o possível para não a arrastar de volta para o quarto e trepar com ela por três dias sem parar. Ela usava um batom que deixava seus lábios brilhantes e salientes, o que não ajudou em nada. Toda vez que ela colocava os lábios em volta do garfo, eu a imaginava chupando meu pênis, o que deixou minha calça desconfortavelmente apertada.

— Você nunca me contou o que estava fazendo naquela boate quando nos conhecemos — disse ela quando estávamos na metade do terceiro prato. — Por que estava em Chicago? A maioria dos seus negócios é fora dos Estados Unidos, não é?

— Sim — respondi, assentindo. — Eu não estava aqui a negócios. Um conhecido me recomendou um analista financeiro e eu estava entrevistando-o para o cargo de gerente do meu portfólio pessoal.

— Ah. — Nora arregalou os olhos. — Foi o cara com quem você se encontrou no outro dia?

— Sim. Gostei do que vi há dois anos e contratei-o. Depois, decidi sair e conhecer um pouco da cidade. Foi assim que acabei naquela boate.

— Você não estava preocupado com a segurança naquela época?

— Eu tinha alguns dos meus homens comigo, mas não, a Al-Quadar não era ainda uma ameaça grande. Além do mais, eu não precisava me preocupar com você. — Só depois que eu levava Nora que passara a ser tão paranoico com a segurança. Meu bichinho não sabia como me deixava vulnerável, não percebia até onde eu iria para protegê-la. Se eu tivesse certeza de que Majid a deixaria ir embora ilesa, teria entregado a ele o explosivo e qualquer outra coisa que a Al-Quadar exigisse.

Eu teria feito qualquer coisa para tê-la de volta.

— Você estava planejando sair com alguma mulher naquela noite? — perguntou Nora, tomando um gole de água. O tom dela foi casual, mas a expressão em seus olhos era bem diferente.

Sorri, feliz com o ciúme aparente. — Talvez — brinquei. — É para isso que a maioria dos homens vai a boates, sabia? Não é para dançar, posso garantir.

— E saiu? — Ela se inclinou para a frente. A mão pequena apertou o garfo. — Pegou alguém depois que eu fui embora?

Fiquei tentado a provocá-la um pouco mais, mas não consegui ser tão cruel.

— Não, meu bichinho. Voltei para o hotel sozinho naquela noite, sem conseguir pensar em mais nada além de uma garota que conheci. — Eu também sonhara com ela. Com o rosto dela, tão parecido com o de Maria... com a pele sedosa e as curvas delicadas.

Com as coisas sombrias e perversas que queria fazer com ela.

— Entendo. — Nora relaxou e um sorriso surgiu em seu rosto. — E no dia seguinte? Você saiu de novo?

— Não. Não tinha motivo. — Não quando eu estava tão obcecado que passara horas olhando as fotografias que meus guardas tinham tirado dela.

Não quando eu já sabia que nunca desejaria tanto uma mulher novamente.

N ora

QUANDO SAÍMOS DO RESTAURANTE, eu me senti no paraíso. O jantar fora a coisa mais próxima que tivemos de um encontro de verdade e, pela primeira vez em meses, tive esperanças sobre o futuro.

Talvez nunca fôssemos "normais", mas isso não significava que não pudéssemos ser felizes.

No percurso para a boate, deixei-me sonhar acordada novamente sobre Julian e eu sermos uma família. Parecia mais real, mais substancial agora. Pela primeira vez, consegui nos imaginar criando nosso filho juntos. Não seria fácil e seríamos constantemente rodeados de guardas, mas seria possível. Poderíamos fazer dar certo. Viveríamos na propriedade durante a maior parte do tempo, mas também viajaríamos. Visitaríamos meus pais e meus amigos, e iríamos para a Europa e para a Ásia. Eu teria a carreira como artista e os negócios de Julian seriam algo em segundo plano, em vez de serem o centro.

Não seria o tipo de vida com o qual eu sonhara quando era mais jovem, mas, mesmo assim, seria uma vida boa.

Demoramos meia hora para chegar à boate por causa do trânsito. Quando saímos do carro, Rosa já estava lá aguardando-nos. Ao me ver, ela sorriu e correu até o carro.

— Nora, você está linda — exclamou ela antes de se virar para Julian. — E você também, *señor*. — Ela abriu um sorriso brilhante. — Muito obrigada por me trazerem junto. Eu estava louca para conhecer uma verdadeira boate norteamericana.

— Fico feliz por ter vindo — respondi, sorrindo. — Você está incrível. — E estava mesmo. Com sapatos vermelhos de salto e um vestido amarelo que acentuava as curvas dela, Rosa parecia uma *pinup*.

— Acha mesmo? — perguntou ela ansiosa. — Comprei este vestido na cidade na quinta-feira. Eu estava preocupada de ele ser ousado demais.

— Não existe isso — retruquei firmemente. — Você está absolutamente fenomenal. Agora vamos dançar. — E, pegando o braço dela, levei-a até a entrada da boate. Julian nos seguiu com expressão divertida.

Apesar da localização da boate em uma parte mais antiga do centro de Chicago, havia uma longa fila de pessoas em frente à porta. O lugar agora devia

ser mais popular do que fora dois anos antes. Ao passarmos, os homens olharam para mim e para Rosa, enquanto que as mulheres encaravam Julian. Eu não as culpei, apesar de uma parte sombria em mim querer arrancar os olhos delas. Meu marido vestia um blazer sob medida e *jeans* escuros. Parecia maravilhoso, sem fazer esforço algum, como uma estrela de cinema saindo de uma *premiere*. Obviamente, estrelas de cinema não escondiam armas e facas sob a roupa bonita, mas tentei não pensar nisso.

Com uma palavra de Julian para o homem na porta, entramos na boate à frente da multidão que aguardava. Ninguém pediu nossos documentos, nem mesmo no bar, onde Julian pediu uma bebida para Rosa. Imaginei se era porque os homens de Julian já tinham alertado à gerência da boate sobre nós.

De qualquer forma, foi muito bom.

Eram apenas dez horas da noite, mas a boate já estava cheia. A música dançante mais recente gritava nos alto-falantes. Apesar de eu não ter bebido nada alcoólico, sentia-me bêbada de empolgação. Rindo, segurei o braço de Rosa e de Julian e arrastei-os para a pista de dança, onde muitas pessoas já dançavam.

Quando chegamos ao meio da pista de dança, Julian me virou e puxou-me contra si, segurando-me de costas quando começamos a nos mover ao som da música. Instantaneamente percebi o que ele fazia. Com a forma como me segurava, eu estava virada para Rosa e nós três dançávamos juntos, mas era o corpo grande de Julian que me envolvia. Ninguém conseguiria encostar em mim, de propósito ou por acidente, sem passar primeiro por ele.

Mesmo no meio de uma pista de dança cheia, eu pertencia Julian e somente a ele.

Rosa sorriu, parecendo também perceber a atitude de Julian. Ela estava ainda mais empolgada do que eu, com os olhos brilhando ao mover o traseiro ao som da música mais recente de Lady Gaga. Não demorou muito para que dois jovens bonitos ficassem ao lado dela. Observei, sorrindo, quando ela começou a flertar com eles e gradualmente afastar-se de mim e de Julian.

Assim que ela se ocupou, Julian me virou para que eu olhasse para ele. — Como está se sentindo, querida? — perguntou ele. A voz profunda cortou a música alta. As luzes coloridas piscavam sobre o rosto dele, fazendo com que parecesse surrealmente bonito. — Está cansada? Enjoada?

— Não. — Sorrindo, sacudi a cabeça vigorosamente. — Estou perfeita. Mais do que perfeita, na verdade.

— Sim, você é perfeita — murmurou ele, puxando-me para mais perto. Meu rosto ficou quente quando senti o volume rígido na calça dele. Ele me queria e meu corpo respondeu imediatamente. A música pulsante ecoou a dor

súbita no meu sexo. Estávamos rodeados de pessoas, mas todas pareceram desaparecer quando nos encaramos. Começamos a nos mover juntos, em um ritmo primitivo e sexual. Meus seios pareceram inchar e os mamilos ficaram rígidos quando pressionei o peito contra o dele. E, apesar das camadas de roupas que vestíamos, senti o calor do corpo grande de Julian... o mesmo calor que me invadira.

— Mas que merda, querida — disse ele, encarando-me. Os quadris dele se moviam para a frente e para trás enquanto dançávamos, motivados pelo desejo um pelo outro e pela batida da música. — Nunca mais use este vestido.

— O vestido? — Eu o encarei, sentindo o corpo queimando. — Você acha que é o vestido?

Ele fechou os olhos e respirou fundo antes de abri-los e encarar-me. — Não — respondeu ele com voz rouca. — Não é o vestido, Nora. É você. É sempre você.

Eu meio que esperei que Julian me arrastasse para longe, mas ele não fez isso. Em vez disso, segurou-me um pouco mais longe, abrindo um espaço de alguns centímetros entre nós. Ainda sentia o corpo dele contra o meu, mas a sexualidade primitiva do momento foi reduzida, permitindo que eu respirasse novamente. Dançamos daquele jeito durante mais algumas músicas até que comecei a sentir sede.

— Posso tomar um pouco de água? — perguntei, erguendo a voz para ser ouvida acima da música. Julian assentiu, conduzindo-me na direção do bar. Ao passarmos por Rosa, vi que ela ainda dançava com os dois rapazes, parecendo feliz por estar espremida entre eles. Pisquei rapidamente para ela e levantei o polegar. Em seguida, saímos da multidão que dançava.

Julian pegou um copo cheio de água gelada para mim e bebi com prazer, sentindo muita sede. Ele sorriu ao me observar bebendo e soube que também se lembrava de nosso primeiro encontro, bem naquele bar.

Ao nos virarmos para voltar à pista de dança, vi Rosa indo para a parte de trás, onde ficavam os banheiros. Ela acenou para mim, sorrindo, e acenei de volta. Em seguida, virei-me para Julian.

— Vamos dançar mais um pouco — disse eu, pegando a mão dele. Mergulhamos na multidão no momento em que uma nova música começou.

Alguns minutos depois, comecei a sentir a sensação familiar da bexiga cheia.

— Preciso fazer xixi — disse eu a Julian. Ele sorriu e conduziu-me novamente para fora da pista de dança. Andamos juntos até a parte de trás da boate e entrei na fila do banheiro feminino. Julian ficou encostado na parede, observando-me enquanto eu esperava minha vez no corredor circular que levava

aos banheiros. Fiquei imaginando se ele estava protegendo-me mesmo ali e quase ri com a ideia de Julian estar preocupado o suficiente para me acompanhar ao banheiro.

Por sorte, ele não foi até lá. Em vez disso, ficou parado na entrada do corredor estreito com os braços cruzados sobre o peito.

A fila era longa e demorei quase quinze minutos para chegar ao meu destino. Quando finalmente chegou a minha vez, entrei no aposento pequeno com três banheiros. Foi só quando estava lavando as mãos que me ocorreu que Rosa desaparecera nesta direção e eu não a vira sair.

Tirando o celular da bolsa, enviei uma mensagem para Julian: *Rosa passou por aí? Você a viu?*

Não houve resposta imediata e saí do banheiro, prestes a voltar para onde Julian estava, quando algo vermelho a alguns metros de distância chamou minha atenção. Franzindo a testa, percorri o corredor circular além dos banheiros e vi o objeto.

Um sapato vermelho de salto alto estava jogado no chão.

Meu coração deu um salto.

Abaixando-me, peguei o sapato e senti um arrepio gelado na espinha.

Não havia dúvida alguma. Era o sapato de Rosa.

Com o coração batendo depressa, levantei e olhei em volta, mas não a vi. Pela forma como o corredor era curvo, até mesmo a fila do banheiro estava fora de vista.

Soltando o sapato, peguei o celular novamente. Havia uma mensagem de Julian em resposta à minha: *Não, não a vi.*

Comecei a digitar uma resposta, mas, naquele momento, uma porta que eu não notara antes se abriu a poucos metros.

Um rapaz baixo e magro saiu, fechando a porta atrás de si, e encostou no batente.

Ao olhar para ele, percebi que era jovem. Parecia adolescente, com o rosto pálido, cheio de sardas e sem a menor sombra de barba. A postura era casual, quase preguiçosa, mas algo na forma como olhou para mim fez com que eu parasse.

— Com licença. — Aproximei-me dele com cautela, franzindo o nariz por causa do cheiro forte de álcool e cigarros vindo dele. — Você viu minha amiga? Ela está usando um vestido amarelo...

Ele cuspiu no chão à minha frente. — Dê o fora daqui, piranha.

Fiquei tão atônita que dei um passo atrás. Em seguida, a raiva me invadiu, misturada com a adrenalina. — Como? — Minhas mãos se fecharam em punhos. — Do que você acabou de me chamar?

A postura do adolescente mudou, ficando mais agressiva. — Eu disse...

Naquele momento, eu ouvi.

Um grito de mulher atrás da porta, seguido do som de algo caindo.

O nível de adrenalina aumentou. Sem pensar, avancei e ataquei com o punho direito, como Julian me ensinara. A velocidade do movimento aumentou a força do golpe e o rapaz soltou uma exclamação quando o atingi no peito. Ele começou a dobrar o corpo e, naquele momento, ergui o joelho, atingindo seus testículos.

Ele se dobrou com um grito estridente, segurando a virilha. Agarrei a nuca dele, usando o movimento para empurrá-lo para a frente depois de estender o pé direito.

Funcionou ainda melhor do que no treinamento.

Ele caiu para a frente, mexendo os braços, e a cabeça bateu na parede no lado oposto do corredor. Em seguida, ele deslizou para o chão com o corpo flácido e imóvel à minha frente.

Trêmula, olhei para ele. Mal consegui acreditar que acabara de fazer aquilo.

Mal consegui acreditar que derrubara um cara em uma luta... mesmo sendo um adolescente bêbado.

Outro grito atrás da porta me tirou do devaneio.

Reconheci a voz e uma nova onda de adrenalina fez com que meu coração acelerasse. Agindo puramente por instinto, saltei por cima do corpo caído do jovem e abri a porta.

O aposento era longo e estreito, com outra porta na extremidade oposta. Ao lado daquela porta, havia um sofá manchado... sobre o qual estava minha amiga, chorando e lutando sob um homem.

Por um segundo, fiquei atônita demais para reagir. Notei algumas manchas vermelhas no amarelo do vestido rasgado de Rosa.

Uma fúria quente explodiu no meu peito, apagando todos os resquícios de cautela.

— Solte-a! — gritei, correndo para dentro do aposento. Assustado, o homem saiu de cima de Rosa e, como se lembrasse do ato vil que pretendia fazer, agarrou-a pelos cabelos e arrastou-a para fora do sofá.

— Nora! — gritou Rosa histericamente, apontando para alguma coisa atrás de mim.

Horrorizada, girei o corpo, mas foi tarde demais.

O outro homem já estava sobre mim e a parte de trás da mão dele voou na direção do meu rosto.

O golpe me jogou contra a parede e o impacto fez com que todos os meus ossos estremecessem.

Atordoadá, caí no chão e, apesar do zumbido nos ouvidos, ouvi a voz de um homem dizer: — Você pode trepar com essa daí se quiser. Vou trepar com esta aqui no carro.

E, quando mãos ásperas começaram a rasgar minhas roupas, vi o agressor de Rosa arrastá-la para fora da outra porta.

J ulian

ENTEDIADO, afastei-me da parede e olhei para o corredor. Nora já estava na frente da fila, portanto, encostei novamente na parede e preparei-me para esperar mais um pouco. Também fiz uma anotação mental para nunca mais voltar àquela boate. Aquelas filas deviam ser uma ocorrência comum e achei ridículo não fazerem um banheiro maior para as mulheres.

Pegando o celular, conferi o *e-mail* pela terceira vez. Como era de se esperar, nada acontecera desde três minutos antes. Guardei o telefone e considerei ir até o bar para pegar uma bebida. Eu me abstivera a noite inteira para manter os reflexos aguçados em caso de perigo, mas uma cerveja não mudaria nada.

Ainda assim, decidi não beber. Apesar de haver vários dos meus guardas espalhados pela boate, eu não me sentia confortável com Nora fora das minhas vistas por mais de alguns minutos. Eu teria esperado na fila com ela, mas o corredor curvo era tão estreito que só havia espaço para as mulheres e um ou outro homem abrindo caminho.

Portanto, esperei, distraíndo-me ao observar as pessoas dançando. Com todos os corpos em movimento, o clima era muito sensual, mas as luzes piscando e o ritmo pulsante não me afetavam. Sem Nora nos meus braços para me excitar, era praticamente o mesmo que ficar parado em uma esquina observando a grama crescer.

O telefone vibrou no meu bolso, distraíndo-me daqueles pensamentos. Pegando-o, vi a mensagem de Nora e franzi a testa.

Rosa passou por aí? Você a viu?

Afastando-me da parede novamente, olhei para o corredor. Não vi Rosa nem Nora lá, mas a garota que estivera atrás de Nora ainda estava na fila esperando sua vez.

Satisfeito ao ver que Nora devia estar dentro do banheiro, virei-me para vasculhar a boate, procurando um vestido amarelo na multidão. Era difícil de ver, com todas aquelas pessoas e a pouca luz, mas o vestido de Rosa era claro o suficiente para se destacar na multidão.

Mas não vi nada, nem perto do bar nem na pista de dança.

Começando a me sentir inquieto, avancei pela multidão para chegar ao

outro lado do bar e olhar novamente.

Nada. Nenhum vestido amarelo em lugar algum.

Minha inquietação se transformou em alarme total. Pegando o telefone novamente, verifiquei o local dos rastreadores de Nora.

Ela ainda estava no banheiro ou próximo dele.

Sentindo-me ligeiramente mais calmo, enviei uma mensagem para que Lucas colocasse os homens em alerta e outra para Nora com minha resposta. Em seguida, abri caminho em direção aos banheiros. Talvez eu estivesse sendo paranoico, mas precisava ter Nora comigo. Naquele instante. Meus instintos diziam que havia algo de errado e eu não relaxaria até que ela estivesse segura ao meu lado.

Quando cheguei ao corredor, vi que a fila de mulheres estava ainda maior e que havia até mesmo uma fila para o banheiro masculino. O corredor estreito estava totalmente bloqueado e comecei a empurrar as pessoas para o lado, ignorando os gritos raivosos.

Nora não estava na fila, apesar de os rastreadores indicarem que estava por perto. Ela também não estava no banheiro feminino, o que percebi ao passar por ele. De acordo com o aplicativo de rastreamento, ela estava a cerca de dez metros à frente, um pouco à esquerda do corredor curvo. A multidão não chegava até aquele ponto e apressei o passo, sentindo-me ainda mais preocupado.

Um segundo depois, eu o vi.

O corpo de um homem no chão, ao lado de uma porta fechada.

Meu sangue congelou e senti o gosto do medo na língua. Se alguém tivesse levado Nora, se ela tivesse sido ferida de alguma forma...

Não. Eu não podia me permitir pensar naquilo, não quando ela precisava de mim.

Uma calma gelada me envolveu, bloqueando o medo. Abaixando-me, tirei a faca do suporte do tornozelo e preendi-a no cinto para facilitar o acesso. Em seguida, levantando-me, tirei a arma e passei por cima do corpo, ignorando o sangue que escorria da testa do homem.

De acordo com o aplicativo, Nora estava a pouco mais de um metro à minha esquerda, o que significava que estava atrás daquela porta.

Respirando fundo, abri a porta e entrei no aposento.

Imediatamente, um grito abafado à minha direita chamou minha atenção. Virando-me rapidamente, vi dois vultos lutando perto da parede... e toda a calma que eu sentia desapareceu.

Nora, a minha Nora, lutava contra um homem que tinha o dobro do tamanho dela. Ele estava sobre ela, com uma das mãos abafando seus gritos e a

outra rasgando suas roupas. Os olhos dela estavam selvagens e furiosos, os dedos curvados em garras ao arranhar o rosto e o pescoço dele, deixando marcas sangrentas na pele.

Uma névoa vermelha me envolveu, uma fúria mais violenta do que qualquer outra que eu já sentira.

Em um salto, eu estava sobre eles, puxando o homem para longe de Nora. Não atirei, seria arriscado demais com ela tão perto, mas a faca estava na minha mão quando o prendi no chão, esmagando sua garganta com o braço esquerdo. Ele engasgou, com os olhos arregalados, quando ergui a faca e enterrei-a no lado de seu corpo repetidamente. O sangue quente jorrou, espalhando-se em mim, e senti o terror dele ao perceber que estava à beira da morte. As mãos dele me atingiram, mas não senti os golpes. Em vez disso, olhei-o nos olhos enquanto o esfaqueava sem parar, sentindo-me satisfeito com os esforços moribundos dele.

— Julian! — O grito de Nora me tirou do transe e levantei, deixando o corpo do agressor dela no chão.

Ela estava trêmula, com as lágrimas e a maquiagem escorrendo pelo rosto enquanto tentava se levantar, segurando-se na parede como apoio.

Merda. Um medo doentio encheu meu peito. Corri até ela e segurei-a contra mim, apalpando-a freneticamente em busca de ferimentos. Nada parecia estar quebrado, mas o lábio inferior estava inchado e partido, e o vestido estava rasgado no topo. E o bebê... não, eu não podia pensar nisso agora.

— Querida, você está machucada? — Mal pude reconhecer minha voz mal era reconhecível. — Ele machucou você?

Ela balançou a cabeça com uma expressão selvagem ainda nos olhos. — Não! — Ela se revirou nos meus braços, empurrando-me com força surpreendente. — Deixe-me ir! Precisamos ir atrás dela!

— O quê? Quem? — Atônito, recuei um passo, segurando-a com um braço para que ela não caísse.

— Rosa! Ele a levou, Julian! Ele a agarrou e arrastou-a para fora, por ali. — Nora acenou com a mão livre na direção da outra porta. — Precisamos ir atrás dela! — Ela parecia histérica.

— Outro homem a levou?

— Sim! Ele disse... — A voz de Nora foi interrompida por um soluço. — Ele disse que ia trepar com ela no carro. Havia dois homens aqui e um deles levou Rosa!

Eu a encarei, com uma nova onda de fúria invadindo-me. Eu podia não ser próximo de Rosa, mas gostava da garota e ela estava sob a minha proteção. A ideia de que alguém ousasse fazer aquilo, atacar Rosa e Nora daquele jeito...

— Depressa! — implorou Nora, puxando freneticamente o braço que eu

segurava em direção à porta. — Vamos, Julian, temos que nos apressar! Ele acabou de sair com ela por ali e ainda poderemos alcançá-los!

Merda. Rangi os dentes, sentindo todos os músculos vibrando com a tensão. Eu nunca me sentira tão dividido. Nora estava ferida e tudo dentro de mim dizia que ela era a minha prioridade, que eu deveria levá-la para um lugar seguro o mais depressa possível. Mas, se o que ela dizia era verdade, a única forma de salvar Rosa seria agir imediatamente... e meus homens demorariam pelo menos alguns minutos para chegar aonde estávamos.

— Por favor, Julian! — implorou Nora novamente, soluçando. O pânico nos olhos dela tomou a decisão por mim.

— Fique aqui. — Minha voz estava fria quando soltei o braço dela e recuei um passo. — Não se mexa.

— Vou com você...

— É claro que não. — Pegando a arma, eu a coloquei nas mãos de Nora. — Espere-me aqui e atire em qualquer pessoa que não reconhecer.

E, antes que ela pudesse discutir, andei depressa em direção à porta traseira, enviando uma mensagem a Lucas informando-o da situação.

N ora

ASSIM QUE JULIAN desapareceu pela porta, caí no chão, segurando com força a arma que ele me dera. Minhas pernas tremiam e minha cabeça girava. Ondas de náusea me invadiram. Senti como se estivesse prestes a perder a sanidade. Somente o fato de saber que Julian estava a caminho para resgatar Rosa me impediu de ficar totalmente histérica. Respirando fundo, limpei as lágrimas do rosto com a parte de trás da mão e, ao abaixar o braço, uma mancha vermelha chamou minha atenção.

Sangue.

Havia sangue em mim.

Eu olhei para ele, com repulsa e fascinação. Devia ser do homem que Julian matara. Julian estava coberto de sangue ao me tocar. Agora, eu estava cheia de sangue, com os rastros vermelhos nos braços e no peito parecendo uma de minhas pinturas. Estranhamente, a analogia me acalmou um pouco. Respirando fundo novamente, olhei para cima, voltando a atenção para o homem morto a pouco mais de um metro de distância.

Agora que ele não estava atacando-me, percebi chocada que o reconhecia. Era um dos dois jovens com quem Rosa estava dançando mais cedo. Isso significava que o segundo agressor era o outro homem? Franzi a testa, tentando me lembrar das feições do segundo homem, mas era apenas um borrão na minha mente. Eu também não me lembrava de ter visto o adolescente que guardava a porta. Ele estava com os companheiros de dança de Rosa? Nada daquilo fazia sentido. Mesmo se os três fossem estupradores, como podiam achar que se livrariam de um ataque tão brutal em uma boate?

Obviamente, as motivações do homem morto não importavam mais. Eu sabia que ele estava morto porque o corpo não se mexia mais. Os olhos estavam abertos e a boca estava flácida, com um fio de sangue escorrendo pela bochecha. Percebi também que ele fedia a morte... sangue, fezes e medo. À medida que registrei o cheiro horrível, afastei-me, rastejando para ficar mais perto do sofá.

Outro homem fora morto na minha frente. Esperei o horror e o desgosto, mas eles não vieram. Em vez disso, senti apenas um tipo de alegria perversa. Como se fosse um filme, vi a faca de Julian subindo e descendo, enterrando-se repetidamente no corpo do homem. E a única coisa em que eu conseguia pensar

era que estava feliz com a morte do homem.

Estava feliz por Julian tê-lo matado.

Era estranho, mas a falta de empatia não me incomodou desta vez. Eu ainda conseguia sentir as mãos do homem no meu corpo, as unhas arranhando a pele ao rasgar minhas roupas. Ele conseguira me prender no chão enquanto eu estava atordoada com o golpe. E, apesar de eu ter lutado o máximo possível, sabia que estava perdendo. Se Julian não tivesse aparecido...

Não. Interrompi aquele pensamento. Julian aparecera e não havia necessidade de pensar no pior. Considerando tudo o que acontecera, eu saíra com danos mínimos. Meu lábio partido latejava e minhas costas ardiam, mas não era nada irreparável. Meu corpo curaria. Eu fora atingida antes e sobrevivera.

A pergunta era: Rosa sobreviveria?

A ideia de Rosa ferida e violada me encheu de fúria. Eu queria que Julian matasse o outro homem de forma tão selvagem como matara o primeiro. Na verdade, eu queria matá-lo. Eu teria insistido em acompanhá-lo, mas discutir com Julian só teria retardado o resgate de Rosa.

Por enquanto, a única coisa que eu podia fazer era esperar e torcer para que Julian a trouxesse de volta.

Vi minha bolsa no chão e rastejei para pegá-la. Cada movimento doía, mas eu queria pegar a bolsa. Nela, estava meu telefone, o que significava que eu poderia falar com Julian. E isso era importante, pois subitamente percebi que Rosa não era a única em perigo no momento.

Meu marido também estava em perigo.

Não. Afastei também aquele pensamento. Eu sabia do que Julian era capaz. Se havia alguém preparado para lidar com aquela situação, era o homem que me sequestrara. A vida de Julian fora marcada pela violência desde a infância. Matar um ou dois vagabundos devia ser como cortar grama para ele.

A não ser que o vagabundo estivesse armado ou acompanhado.

Não. Fechei os olhos com força, recusando-me a pensar naquilo. Julian voltaria com Rosa e tudo ficaria bem. Tinha que ficar. Seríamos uma família, construiríamos uma vida juntos...

Uma família.

Abri os olhos e levei a mão à barriga ao soltar uma exclamação. Pela primeira vez, percebi que, sem a intervenção de Julian, Rosa e eu talvez não tivéssemos sido as únicas vítimas dos estupradores. Se eu tivesse sido brutalizada e surrada mais um pouco, não havia como saber o que teria acontecido com o bebê.

A ideia aterrorizadora me fez perder o fôlego.

Comecei a tremer novamente e senti lágrimas formando-se novamente nos

olhos. Eu nem sabia por que estava chorando. Tudo estava bem. Tinha que estar.

Agarrando a bolsa, concentrei-me na porta da parte de trás. A qualquer segundo, Julian entraria com Rosa e nossa vida voltaria ao normal.

A qualquer segundo.

Os segundos se passaram lentamente. Tão lentamente que fiz o possível para não gritar. Olhei fixamente para a porta até que as lágrimas pararam e meus olhos começaram a arder com a secura. Não importava o quanto tentasse, não conseguia afastar as imagens sombrias. O medo dentro de mim parecia prestes a me devorar até que não sobrasse nada.

Finalmente, a porta começou a se abrir.

Saltei e fiquei de pé, esquecendo totalmente a dor, mas lembrei-me das palavras de Julian ao sair.

Ele não era o único que poderia entrar por aquela porta.

Erguendo a arma que ele me dera, mirei com as mãos trêmulas e esperei.

Julian

ASSIM QUE MANDEI a mensagem para Lucas, abri a porta e saí para o beco atrás da boate. Imediatamente, o cheiro de lixo atingiu minhas narinas, misturado com o odor forte de urina. Devia ter chovido enquanto estávamos na boate, pois o asfalto, cheio de buracos, estava molhado e a luz de uma lâmpada distante se refletia nas poças.

Controlando a fúria violenta e a preocupação, varri metodicamente os arredores. Mais tarde, eu me deixaria pensar no rosto molhado de lágrimas de Nora e em como estragara tudo, mas, por enquanto, precisava me concentrar em salvar Rosa.

Eu devia isso a ela e a Nora.

Eu não a vi por perto e passei pelos latões de lixo em direção à rua. Alguns ratos se afastaram correndo quando me aproximei. Fiquei imaginando se eles conseguiam sentir a violência que me percorria, o desejo de sangue que se intensificava a cada passo.

Uma morte não era o suficiente. Nem perto de suficiente.

Meus passos ecoaram quando virei a esquina, entrando em uma rua lateral estreita. E foi quando eu vi.

Dois vultos lutavam ao lado de um SUV branco a cerca de trinta metros.

Vi o amarelo do vestido de Rosa quando o homem tentou jogá-la dentro do carro e a fúria me invadiu novamente.

Pegando a faca, corri na direção deles.

Percebi o momento exato em que o agressor de Rosa me viu. Os olhos dele se arregalaram e o rosto se contorceu de medo. Antes que eu conseguisse reagir, ele jogou Rosa na minha direção e entrou no carro.

Acelerei o passo, conseguindo segurar Rosa antes que ela caísse. Ela se agarrou a mim, chorando histericamente. Tentei acalmá-la enquanto tentava me soltar, mas foi tarde demais.

O carro ligou com um barulho alto e os pneus rangeram quando o agressor de Rosa pisou no acelerador, escapando de forma covarde.

Merda. Fiquei olhando ofegante para o carro. Eu sabia que meus homens estavam estacionados na interseção à frente, mas um tiroteio público chamaria muita atenção. Segurando Rosa com um braço, peguei o telefone e disse a Lucas

que seguisse o carro branco.

Em seguida, voltei a atenção para a mulher que chorava nos meus braços.

— Rosa. — Ignorando a adrenalina que corria em minhas veias, gentilmente afastei-a para ver a extensão de seus ferimentos. Um lado de seu rosto estava inchado e cheio de sangue. Havia arranhões e hematomas por todo o corpo dela. Mas, para o meu alívio, não vi ossos quebrados. No entanto, ela parecia tão abalada que mantive a voz baixa, falando como se estivesse conversando com uma criança. — Está muito ferida, querida?

— Ele... eles... — Ela soou incoerente ao ficar parada, trêmula, com o vestido rasgado. Rangi os dentes, lutando contra uma nova onda de fúria. Eu já percebera que o que acontecera com ela não seria superado com facilidade.

— Venha, querida, deixe-me levá-la de volta para Nora. — Mantive a voz suave e reconfortante ao me abaixar para pegá-la no colo. Os tremores de Rosa aumentaram quando a peguei nos braços e cerrei os dentes, andando de volta para o beco o mais depressa possível.

Quando chegamos à porta da boate, coloquei Rosa no chão. Em seguida, segurando-a pelo cotovelo para apoiá-la, empurrei-a com cuidado na direção da porta.

Fomos recebidos pela visão de Nora apontando a arma em nossa direção. Entretanto, no segundo em que nos viu, o rosto dela se iluminou e ela abaixou a arma.

— Rosa! — Ela soltou a arma e atravessou o aposento até nós. — Você a pegou, Julian! Ai, graças a Deus, você a pegou! — Chegando até onde estávamos, ela ficou na ponta dos pés e abraçou-me com força antes de passar os braços em volta de Rosa e levá-la para o sofá. Ouvi-a murmurando palavras de consolo enquanto Rosa se agarrava a ela, chorando. Aproveitei a oportunidade para chamar o carro para que nos buscasse perto do beco.

Alguns minutos depois, o carro estava pronto.

— Venha, querida. Temos que ir, precisamos levar vocês duas ao hospital — disse eu baixinho, aproximando-me do sofá. Nora assentiu, com os braços ainda em volta do corpo trêmulo de Rosa. Minha esposa parecia muito mais calma agora e a histeria anterior desaparecera. Ainda assim, tive que lutar contra a vontade de segurá-la e ter certeza de que ela estava tão bem quanto parecia. A única coisa que me impediu foi saber que Rosa desmoronaria sem a ajuda de Nora.

Por sorte, meu bichinho parecia concentrada em lidar com a amiga traumatizada. Aquela força férrea que eu sempre sentira nela nunca estivera tão evidente. Mesmo com a fúria contorcendo-me as entranhas, senti orgulho ao observar Nora conduzir Rosa para o beco.

Lucas estava encostado no carro, aguardando-nos. Quando o olhar dele caiu sobre Rosa, vi o rosto dele mudar. A expressão impassível se transformou em algo sombrio e assustador.

— Aqueles filhos da puta — murmurou ele furioso, dando a volta no carro para abrir a porta para nós. — Aqueles filhos da puta. — Ele não parecia conseguir tirar os olhos de Rosa. — Eles vão morrer, desgraçados.

— Sim, vão — concordei, observando com certa surpresa quando ele separou Rosa cuidadosamente de minha esposa e colocou a garota dentro do carro. A atitude dele foi tão cuidadosa, de forma tão incomum, que não pude deixar de imaginar se havia alguma coisa entre os dois. Seria estranho, considerando a fixação dele pela intérprete russa, mas coisas mais estranhas já tinham acontecido.

Dando de ombros mentalmente, virei-me para Nora, que estava parada ao lado da porta aberta do carro, onde apoiara a mão esquerda. Ela parecia perdida em seu próprio mundo, com o olhar estranhamente distante ao erguer a mão direita e colocá-la sobre a barriga.

— Nora? — Dei um passo na direção dela, com um medo súbito apertando-me o peito. Naquele momento, vi o rosto dela ficar pálido.

N ora

A SENSAÇÃO de cólica que eu começara a sentir alguns segundos antes subitamente se intensificou, transformando-se em uma dor aguda. Ela atravessou meu abdômen, fazendo-me perder o fôlego quando Julian deu um passo na minha direção com o rosto preocupado. Arquejando, dobrei o corpo e instantaneamente senti suas mãos fortes em mim, tirando-me do chão.

— Para o hospital, agora! — gritou ele para Lucas. Antes que eu conseguisse piscar, vi-me dentro do carro, aninhada no colo de Julian enquanto Lucas acelerava para fora do beco.

— Nora? Nora, você está bem? — A voz de Rosa estava cheia de pânico, mas eu não podia reconfortá-la naquele momento, não quando minhas entranhas se contorciam daquela forma. A única coisa que eu conseguia fazer era respirar depressa, agarrando-me convulsivamente nos ombros de Julian enquanto ele me balançava para a frente e para trás com o corpo tenso sob mim.

— Julian. — Não consegui evitar um grito quando uma cólica intensa me atravessou. Senti um calor molhado entre as pernas e soube que, se olhasse para baixo, veria sangue. — Julian, o bebê...

— Eu sei, querida. — Ele pressionou os lábios em minha testa, balançando-me mais depressa. — Agente firme. Por favor, agente firme.

Voamos pelas ruas escuras. As luzes eram um borrão para os meus olhos. Ouvi Rosa falando comigo, as mãos macias acariciando meus cabelos, e tive uma sensação vaga de culpa por ela ter que lidar com aquilo depois de tudo pelo que passara.

Mas, principalmente, o que eu sentia era medo.

Um medo enorme de que fosse tarde demais, que nada mais ficaria bem de novo.



— EU SINTO MUITO, sra. Esguerra. — A médica jovem parou ao lado da minha cama com os olhos castanhos cheios de empatia. — Como deve ter imaginado, você perdeu o bebê. A boa notícia, se é que existe alguma em um momento como este, é que você ainda estava no primeiro trimestre e o sangramento já parou. Talvez haja

um sangramento leve nos próximos dias, mas o corpo deverá voltar ao normal rapidamente. Não há motivo para não tentar ter outro bebê em breve... se é o que deseja, claro.

Eu a encarei. Meus olhos pareciam ter sido arranhados com uma lixa. Eu não chorava mais. Já chorara todas as lágrimas que tinha. Eu estava ciente da mão de Julian, sentado na beirada da cama, segurando a minha mão. Estava ciente da dor contínua no ventre e só conseguia pensar que perdera o bebê.

Eu perdera o nosso bebê e era tudo culpa minha.

— Onde está Rosa? — Minha garganta estava tão inchada que tive que fazer força para falar. — Ela está bem?

— Ela está no quarto ao lado do seu — disse a médica. Era uma mulher incomumente bonita, com o rosto pálido em formato de coração, emoldurado por cabelos castanhos ondulados. — Quer falar com ela?

— Já terminaram os exames dela? — Eu nunca ouvira a voz de Julian tão dura. O rosto e as mãos dele estavam limpos, pois ele usara uma garrafa de água para limpar a maior parte do sangue antes de sairmos do carro, mas o casaco cinza ainda tinha manchas. Fiquei imaginando o que os médicos tinham achado de nossa aparência, se tinham percebido que nem todo o sangue em nós era meu.

— Sim, terminaram. — A médica hesitou por um segundo. — Sr. Esguerra, sua amiga disse que não quer prestar queixas nem falar com a polícia, mas é algo que recomendamos muito em casos como esses. No mínimo, ela deveria deixar que nossa enfermeira especializada em ataques sexuais colete as provas. Talvez você possa falar com a srta. Martinez, ajudar-nos a convencê-la...

— Algum dos ferimentos dela exige internação? — interrompeu Julian, apertando meus dedos. — Ou ela pode ir para casa conosco?

A médica franziu a testa. — Ela pode ir para casa, mas...

— E minha esposa? — Ele olhou de forma penetrante para a jovem. — Tem certeza de que não há ferimentos além dos hematomas e arranhões?

— Sim. Como expliquei mais cedo, sr. Esguerra, todos os exames estão normais. — A médica sustentou o olhar dele. — Não há concussão nem ferimentos internos. E não há necessidade de fazer uma curetagem, um procedimento feito quando a perda do bebê acontece tão cedo. Recomendo que a sra. Esguerra descanse bastante nos próximos dias. Mas, depois disso, poderá voltar às atividades normais.

Julian olhou para mim. — Querida? — O tom dele suavizou um pouco. — Quer ficar aqui até de manhã, como garantia? Ou prefere ir para casa?

— Para casa. — Engoli dolorosamente. — Quero ir para casa.

— Sra. Esguerra... — A médica colocou a mão no meu braço e senti os dedos quentes sobre a pele. Quando olhei para cima, ela disse em tom gentil: —

Eu sei que não é consolo pela sua perda, mas quero que saiba que, na grande maioria das vezes, não é possível impedir a perda do bebê. É possível que o incidente com você e sua amiga tenha sido um fator nesse evento infeliz, mas é igualmente provável que houvesse algum tipo de anormalidade cromossômica que teria causado a mesma coisa. Estatisticamente falando, cerca de vinte por cento dos casos de gravidez terminam em aborto espontâneo. E até setenta por cento dos abortos no primeiro trimestre ocorrem por causa dessas anormalidades... não por algo que a mãe tenha ou não tenha feito.

Eu ouvi as palavras dela sem reagir. Meu olhar desceu de seu rosto para o crachá que ela tinha preso ao peito. *Dra. Cobakis*. Algo parecia familiar, mas eu estava cansada demais para descobrir o que era.

Olhei novamente para ela. — Obrigada — murmurei, torcendo para que ela deixasse o assunto de lado. Eu entendi o que ela tentava fazer. A médica provavelmente enfrentara isso antes, a tendência automática de uma mulher de se culpar quando algo dava errado na gravidez. O que ela não percebia era que, no meu caso, a culpa *era* minha.

Eu insistira em ir àquela boate. O que acontecera com Rosa e com o bebê era culpa exclusivamente minha.

A médica apertou de leve meu braço e deu um passo atrás. — Vou preparar sua amiga para ter alta enquanto você se veste — disse ela, saindo do quarto e deixando-me sozinha com Julian pela primeira vez desde que chegáramos ao hospital.

Assim que a médica saiu, ele soltou minha mão e inclinou-se sobre mim. — Nora... — No olhar dele, vi a mesma agonia que me devorava por dentro. — Querida, ainda está sentindo dor?

Balancei a cabeça negativamente. O desconforto físico não era nada para mim no momento. — Quero ir para casa — disse eu com voz rouca. — Por favor, Julian, só quero que me leve para casa.

— Eu vou. — Ele acariciou o lado não machucado do meu rosto. Seu toque foi quente e gentil. — Prometo, vou levá-la.

Julian

EU NUNCA CONHECERA um vazio como aquele. Era um vazio ardente que pulsava com uma dor primitiva. Quando eu perdera Maria e meus pais, sentira raiva e pesar, mas não aquilo.

Não aquele vazio horrível misturado com a sede de sangue mais forte que já conhecera.

Nora estava imóvel e em silêncio quando a carreguei para nosso quarto no segundo andar. Os olhos dela estavam fechados e os cílios formavam semicírculos escuros contra o rosto pálido. Ela estivera daquele jeito, quase catatônica por causa da perda de sangue e da exaustão, desde que saíramos do hospital.

Quando a deitei na cama, vi a bochecha machucada e o lábio partido e tive que me virar para recuperar o controle. A violência dentro de mim era tão grande, tão corrosiva, que eu não podia encostar em Nora naquele momento... não sem deixar alguma marca.

Depois de alguns momentos, senti-me calmo o suficiente para olhar para a cama. Nora não se mexera. Ainda estava deitada no lugar em que eu a colocara e percebi que ela pegara no sono. Inalando lentamente, inclinei-me sobre ela e comecei a despi-la. Eu a deixaria dormir até o dia seguinte, mas havia rastros de sangue seco em suas roupas e não queria que ela acordasse daquele jeito.

Ela teria muito com o que lidar pela manhã.

Quando ela estava nua, tirei as minhas roupas e peguei-a no colo, aninhando o corpo pequeno e imóvel contra o peito ao andar até o banheiro. Entrando sob o chuveiro, liguei a água, ainda segurando-a firmemente.

Ela acordou quando a água morna atingiu sua pele. Seus olhos se abriram e ela se agarrou convulsivamente ao meu braço. — Julian? — Ela soou alarmada.

— Shh, está tudo bem. Estamos em casa. — Ela pareceu um pouco mais calma e coloquei-a no chão, perguntando baixinho: — Consegue ficar de pé sozinha por um minuto, querida?

Ela assentiu e lavei-a rapidamente. Em seguida, lavei-me e, quando terminei, ela estava cambaleando. Vi que ela precisava de todas as forças para se manter de pé. Eu a enrolei depressa em uma toalha e carreguei-a de volta para a cama.

Ela desmaiou antes que a cabeça encostasse no travesseiro. Envolvi-a em um cobertor e fiquei sentado a seu lado por alguns momentos, observando seu peito subindo e descendo.

Em seguida, levantei-me, vesti-me e fui para o andar de baixo.



A_{O ENTRAR} na sala de estar, vi que Lucas já me esperava.

— Onde está Rosa? — perguntei, mantendo a voz calma. Mais tarde, eu pensaria em nosso bebê, em Nora deitada lá, tão machucada e vulnerável. Mas, por enquanto, tirei aquilo da mente. Eu não podia ceder ao pesar e à fúria, não quando havia tanto a ser feito.

— Está dormindo — respondeu Lucas, levantando-se do sofá. — Dei um remédio a ela e fiz com que tomasse um banho.

— Ótimo, obrigado. — Cruzei a sala até ficar ao lado dele. — Agora, conte-me tudo.

— A equipe de limpeza cuidou do corpo e capturou o garoto que Nora derrubou no corredor. Ele está mantido em um galpão que aluguei.

— Ótimo. — Meu peito se encheu de ansiedade selvagem. — E o carro branco?

— Os homens conseguiram segui-lo até um condomínio residencial sofisticado no centro da cidade. Lá, ele desapareceu em uma garagem e decidiram não o perseguir lá dentro. Já pesquisei a placa.

Ele fez uma pausa, fazendo com que eu perguntasse impacientemente: — E?

— E parece que talvez tenhamos um problema — disse Lucas em tom sombrio. — O nome Patrick Sullivan significa alguma coisa para você?

Franzi a testa, tentando me lembrar onde o ouvira antes. — É familiar, mas não lembro de onde.

— Os Sullivans são donos de metade desta cidade. Prostituição, drogas, armas... eles têm a mão em tudo. Patrick Sullivan é o chefe da família e tem praticamente todos os políticos e policiais no bolso.

— Ah. — Agora fazia sentido. Eu não lidara com a organização dos Sullivans, mas fizera questão de conhecer todos os possíveis clientes nos Estados Unidos e no restante do mundo. O nome Sullivan devia ter surgido nas minhas pesquisas... o que significava que, realmente, talvez tivéssemos um problema. — O que Patrick Sullivan tem a ver com isso?

— Ele tem dois filhos — disse Lucas. — Quer dizer, ele tinha dois filhos,

Brian e Sean. Brian está neste momento dentro de um tanque de soda cáustica no galpão alugado. E Sean é o dono do SUV branco.

— Entendo. — Portanto, os filhos da puta que tinham atacado Rosa e minha esposa tinham uma ligação. Mais do que isso, na verdade, o que explicava a arrogância imbecil de atacar duas mulheres em uma boate. Com o pai deles mandando na cidade, deviam estar acostumados a fazer o que queriam.

— Além disso — continuou Lucas —, o rapaz que mantemos amarrado naquele galpão é o primo de dezessete anos deles, sobrinho de Sullivan. O nome dele é Jimmy. Ao que tudo indica, ele e os dois irmãos são próximos. Quero dizer, eram próximos.

Estreitei os olhos com uma suspeita súbita. — Eles têm alguma ideia de quem somos? Podem ter escolhido Rosa para me atingir?

— Não, acho que não. — O rosto de Lucas ficou duro. — Os irmãos Sullivan têm uma história longa com mulheres. Encontros com drogas e estupro, ataques sexuais, estupro coletivo de garotas da faculdade... a lista continua. Se não fosse pelo pai, eles estariam apodrecendo na cadeia.

— Entendo. — Torci a boca. — Bem, quando terminarmos com eles, desejarei que estivessem presos.

Lucas assentiu sombriamente. — Devo organizar uma equipe de ataque?

— Não — respondi. — Ainda não. — Virei-me e andei até a janela, olhando para o quintal escuro. Eram quatro horas da manhã e a única luz visível por entre as árvores era a da lua.

Aquela comunidade era um lugar quieto e pacífico, mas não continuaria assim por muito tempo. Quando Sullivan descobrisse quem matara os filhos e o sobrinho, aquelas ruas pacatas ficariam vermelhas de sangue.

— Quero que Nora e os pais dela sejam levados para a propriedade antes de fazermos alguma coisa — disse eu, virando-me para olhar para Lucas. — Sean Sullivan terá que esperar. Por enquanto, nós nos concentraremos no sobrinho.

— Está bem. — Lucas inclinou a cabeça. — Vou começar a providenciar tudo.

Ele saiu da sala e virei-me novamente para olhar pela janela.

Apesar da lua, a única coisa que eu enxergava era a escuridão.

N ora

— N^{ORA}, querida... — Um toque gentil e familiar me tirou do sono inquieto. Forçando as pálpebras pesadas a se abrirem, olhei confusa para minha mãe, que estava sentada na beira da cama acariciando meus cabelos. Minha cabeça doía tanto que precisei de alguns momentos para registrar a presença dela em nosso quarto... e notar os olhos inchados e vermelhos dela.

— Mamãe? — Segurando o cobertor, sentei-me, reprimindo um gemido de dor causado pelo movimento. Minhas costas estavam doloridas e eu ainda sentia cólicas. — O que está fazendo aqui?

— Julian nos chamou esta manhã — respondeu ela com voz trêmula. — Ele disse que você e Rosa foram atacadas em uma boate na noite passada.

— Ah. — Uma onda de raiva me acordou completamente. Como Julian ousara preocupar meus pais daquele jeito? Eu teria inventado algo menos assustador para contar a eles, uma forma mais gentil de explicar a perda do bebê.

A perda do bebê.

A agonia foi tão grande e súbita que não consegui aguentar. Um soluço saiu de minha garganta, trazendo consigo uma infinidade de lágrimas ardentes. Tremendo, levei a mão à boca, mas foi tarde demais. A dor transbordou e as lágrimas pareciam ácido sobre a pele. Senti os braços de mamãe à minha volta, ouvi-a chorar e sabia que precisava parar, mas não consegui. O pesar de saber que eu causara aquilo foi demais.

Subitamente, não era mais minha mãe quem me segurava. Estava enrolada em um cobertor no colo de Julian, com os braços dele à minha volta enquanto ele me balançava como se eu fosse uma criança. Ouvi a voz do meu pai, com tom baixo e reconfortante. Eu sabia que ele estava consolando mamãe, tentando acalmar a dor dela. Em algum momento, ele e Julian tinham entrado no quarto, mas não sei como nem quando.

Depois de algum tempo, Julian me carregou até o chuveiro. Foi lá, longe dos olhos dos meus pais, que finalmente consegui recuperar o controle. — Desculpe — sussurrei enquanto Julian me secava e vestia-me com um roupão grosso. — Desculpe. Onde está Rosa? Como ela está?

— Ela está bem — respondeu ele baixinho. Ele tinha os olhos vermelhos, fazendo com que eu suspeitasse que não dormira muito na noite anterior. — Tão

bem como se pode esperar. Ainda está no quarto, mas Lucas falou com ela e disse que está melhor. E você não tem pelo que se desculpar, querida. Nada.

Balancei a cabeça negativamente, com a culpa imensa invadindo-me novamente. — Eu preciso vê-la...

— Espere, Nora. — Ele pegou meu braço quando eu estava prestes a voltar para o quarto. — Antes de ir, há algo que você e eu precisamos discutir com os seus pais.

— Meus pais?

Ele assentiu, encarando-me. — Sim. Foi por isso que eu os chamei aqui. Precisamos conversar.



— A FAMÍLIA DE CRIMINOSOS SULLIVAN? — A voz do meu pai ficou mais alta com um tom incrédulo. — Está me dizendo que os homens que atacaram minha filha são da máfia?

— Sim — respondeu Julian. Seu rosto estava duro e sem expressão. Ele estava sentado ao meu lado no sofá, com a mão esquerda sobre meu joelho. — Descobri isso na noite passada, depois de voltarmos do hospital.

— Precisamos ir à polícia imediatamente. — Minha mãe se inclinou para a frente com as mãos apertadas sobre o colo. — Aqueles monstros precisam pagar pelo que fizeram. Se você sabe quem eles são...

— Eles pagarão, Gabriela. — O olhar de Julian ficou gelado. — Você não precisa se preocupar com isso.

— Foi por sua causa, não foi? — perguntou meu pai furioso, levantando-se em um movimento rápido. — Eles estavam atrás de você...

— Não — interrompi, balançando a cabeça negativamente. Eu ainda estava enfurecida pelo que acabara de descobrir, mas, se havia algo de que tinha certeza era que, pela primeira vez, a culpa não era dos negócios de Julian. — Foi aleatório, papai. Eles não tinham ideia de quem eu e Rosa éramos. Só estavam... — estremei ao me lembrar — fazendo aquilo por diversão.

— Diversão? — Meu pai me encarou com as feições contorcidas de raiva ao se sentar novamente. — Aqueles filhos da puta acharam que machucar duas mulheres seria divertido?

— Bem, tecnicamente, eles queriam apenas Rosa — retruquei. — E eu acabei intervindo.

A mão de Julian apertou meu joelho quando ele olhou para mim. Pela primeira vez naquela manhã, vi um toque de fúria por trás do rosto sem

emoções. Eu não tinha dúvidas de que ele me culpava por aquilo, por ter usado meu aniversário para manipulá-lo para ir àquela boate, por tentar resgatar Rosa sozinha.

Por perder nosso filho... que eu nem sabia que queria até que fosse tarde demais.

Eu não tinha ideia de qual seria minha punição, mas, não importava o que fosse, seria bem merecida.

— Temos que procurar a polícia — disse minha mãe novamente. — Precisamos prestar queixa...

— Não. — Desta vez, foi Julian quem se levantou e começou a andar de um lado para o outro em frente ao sofá. — Não seria inteligente.

— Por quê? — perguntou meu pai. — É isso que as pessoas civilizadas fazem neste país. Elas procuram as autoridades...

— As autoridades estão no bolso de Sullivan. — Julian parou de andar para olhar duramente para o meu pai. — E, mesmo se não estivessem, seria o mesmo que enviar um e-mail para Sullivan dizendo quem somos.

— Certo. — Fiquei de pé, ignorando a dor nos músculos. Finalmente, meu cérebro começou a conectar todos os pontos e entendi por que Julian chamara meus pais. Se o homem que Julian matara na noite anterior era mesmo o filho do chefe da máfia local, meu marido não era o único criminoso perigoso em busca de vingança. — Mamãe, papai, não podemos fazer isso.

Minha mãe pareceu atônita. — Mas, Nora...

— Será melhor se vocês dois fizerem uma visita prolongada à nossa propriedade — disse Julian, parando ao meu lado. — Só até resolvermos esta situação.

— O quê? — Minha mãe nos encarou. — O que quer dizer? Por quê? — Abruptamente, ela ficou em silêncio. — Você fez alguma coisa a um daqueles homens na noite passada, não foi? — perguntou ela lentamente, olhando para Julian. — Você não quer que eles saibam quem somos porque... porque...

— Porque um dos filhos de Sullivan está morto, sim. — O tom de Julian foi quase como se ele estivesse comentando o clima. — Eles estarão nos procurando e, quando descobrirem quem somos, irão atrás de você e Tony.

Minha mãe ficou pálida e meu pai se levantou. — Está dizendo que a máfia está atrás de nós? — A voz dele estava cheia de uma incredulidade furiosa. — Que eles podem nos atacar porque... porque você...

— Matei um dos filhos de Sullivan por tentar machucar Nora, sim. — A voz de Julian foi a mais gelada que eu já ouvira. — Podemos nos preocupar com quem é culpado mais tarde. Por enquanto, como não quero que Nora tenha que ficar de luto pelos pais, sugiro que notifiquem seus empregadores sobre as férias

iminentes e comecem a fazer as malas.

— Quando partiremos? — perguntou minha mãe ainda pálida ao se levantar. — E quanto tempo durarão estas férias?

— Gabs, você não pode estar considerando seriamente... — começou meu pai a dizer, mas mamãe colocou a mão no braço dele.

— Estou. — A voz dela estava calma e o olhar cheio de determinação. — Não quero fazer isso, tanto quanto você, mas já ouviu falar dos Sullivans. Eles são perigosos. E, se Julian diz que estamos correndo perigo...

— Você confia nesse assassino? — Meu pai a encarou friamente. — Acha que estaremos mais seguros com ele?

— Mais do que aqui, com a máfia em busca de vingança? Sim, acho que estaremos — retrucou mamãe. — Não temos muitas opções, temos?

— Podemos procurar a polícia ou o FBI...

— Não, Tony, não podemos. Não se o que Julian disse é verdade.

— Bem, obviamente ele seria contra procurar a polícia...

Enquanto eles discutiam, senti minha dor de cabeça piorar. Finalmente, não aguentei mais. — Mamãe, papai, por favor. — Dei um passo à frente, ignorando o latejar nas têmporas. — Venham conosco por algum tempo. Não precisa ser para sempre. Certo, Julian? — Olhei para o meu marido em busca de confirmação.

Julian assentiu friamente. — Como eu disse, é só até que eu resolva esta situação. Com sorte, não levará mais do que um ou dois meses.

— Um ou dois meses? Como exatamente você resolverá isto em apenas um ou dois meses? — perguntou mamãe, enquanto meu pai ficava ao seu lado, vibrando com uma raiva tensa.

— Quer mesmo saber, Gabriela? — perguntou Julian em tom suave. Mamãe ficou ainda mais pálida.

— Não, está tudo bem. — Ela soou ligeiramente rouca. Pigarreando, ela perguntou: — E o que diremos no trabalho? Como explicaremos férias tão longas e tão repentinas? Quero dizer, é mais como uma licença...

— Podem dizer a verdade: que sua filha perdeu o bebê e precisa de vocês pelas próximas semanas. — As palavras duras de Julian fizeram com que eu me encolhesse ligeiramente. Notando minha reação, ele segurou minha mão ao dizer para minha mãe em tom mais suave: — Ou podem inventar outra história. É uma decisão de vocês.

— Ok, faremos isso — disse mamãe baixinho, olhando para nós. Quando olhei para o meu pai, vi que a raiva desaparecera de seu rosto. Em vez disso, ele parecia conter as lágrimas. Notando meu olhar, ele se aproximou de mim.

— Lamento, querida — disse ele baixinho com a voz repleta de pesar. —

Ainda não tive a oportunidade de dizer isso, mas sinto muito, muito mesmo pela sua perda.

— Obrigada, papai — sussurrei. Tive que me afastar para não começar a chorar novamente.

Imediatamente, os braços de Julian se fecharam à minha volta, puxando-me para o seu abraço. — Tony, Gabriela — ouvi-o dizer. A mão dele acariciou minhas costas em círculos reconfortantes enquanto eu lutava contra as lágrimas com o rosto contra o peito dele. — Acho que é melhor se Nora puder descansar um pouco agora. Por que vocês dois não discutem o assunto e conversaremos mais tarde? De forma ideal, quero que Nora e vocês partam amanhã, antes que Sullivan descubra quem somos.

— É claro — respondeu mamãe. — Vamos, Tony, temos muito a fazer. — E, antes que eu me virasse, ouvi os passos deles saindo da sala.

Depois que eles foram embora, Julian se afastou para olhar para mim. — Nora, querida...

— Estou bem — interrompi, sem querer a pena dele. A culpa que eu conseguira afastar na hora anterior voltou, mais forte do que antes. — Vou conversar com Rosa agora.

Julian me estudou por um momento e recuou, deixando-me ir. — Está bem, meu bichinho — disse ele em tom suave. — Vá em frente.

Julian

ENQUANTO OBSERVAVA NORA SAINDO da sala, notei uma pressão pesada no peito. Ela tentava esconder a dor, ser forte, mas eu sabia que o que acontecera fazia com que sofresse muito. O ataque de nervos que ela tivera naquela manhã era apenas a ponta do iceberg. E saber que a culpa era minha, que eu era culpado de tudo, aumentava a fúria violenta que me queimava por dentro.

Era tudo culpa minha. Se não estivesse tão ansioso para agradá-la, para fazê-la feliz cedendo a todos os seus desejos, nada daquilo teria acontecido. Eu deveria ter dado ouvido aos meus instintos, mantendo-a na propriedade, onde ninguém conseguiria chegar perto dela. No mínimo, deveria ter negado o pedido dela de ir àquela maldita boate.

Mas não. Eu me permitira amaciar. Deixara que a obsessão que sentia por Nora prejudicasse meu julgamento e, agora, ela pagava o preço. Se pelo menos eu não a tivesse deixado ir sozinha ao banheiro, se tivesse escolhido outra boate... O arrependimento venenoso girou na minha mente até que senti como se a cabeça fosse explodir.

Eu precisava encontrar um escape para a minha fúria. E precisava fazer isso imediatamente.

Virando-me, andei até a porta da frente.

— Eu trouxe o primo para cá — disse Lucas assim que saí da casa. — Achei que talvez você não quisesse ir até Chicago hoje.

— Excelente. — Lucas me conhecia muito bem. — Onde ele está?

— Naquela van ali. — Ele apontou para uma van preta estacionada estrategicamente atrás das árvores, longe das vistas dos vizinhos.

Com uma ansiedade sombria, andei na direção dela com Lucas ao meu lado. — Ele já deu alguma informação? — perguntei.

— Ele nos deu os códigos de acesso à garagem do primo e aos elevadores do prédio — respondeu Lucas. — Não foi difícil fazê-lo falar. Achei melhor deixar o restante do interrogatório para você, caso queira falar com ele pessoalmente.

— Ótimo. Eu quero. — Aproximando-me da van, abri as portas de trás e olhei para o interior escuro.

Um jovem magro estava deitado no chão, amordaçado. Os tornozelos

estavam amarrados aos pulsos nas costas, contorcendo-o em uma posição nada natural, e seu rosto estava ensanguentado e inchado. Um cheiro forte de urina, medo e suor me atingiu. Lucas e os meus guardas tinham feito um excelente trabalho até o momento.

Ignorando o fedor, subi na van e virei-me para Lucas. — As paredes são à prova de som? — perguntei a ele, que permanecera no chão.

Ele assentiu. — Cerca de noventa por cento.

— Ótimo. Deve ser o suficiente. — Fechei as portas atrás de mim, prendendo-me no interior com o garoto... que imediatamente começou a se contorcer no chão, fazendo ruídos frenéticos sob a mordada.

Tirando a faca, ajoelhei-me ao lado dele. O garoto se contorceu ainda mais e os barulhos de pânico ficaram mais altos. Ignorando a expressão de terror nos olhos dele, agarrei-o pelo pescoço para mantê-lo imóvel e inseri a faca entre a mordada e o rosto dele, cortando o pedaço de pano. Um fio de sangue correu pela bochecha dele onde a faca o cortara e eu observei, feliz com a visão. Eu queria mais do sangue dele. Queria ver a van coberta de sangue.

Como se sentisse meus pensamentos, o adolescente começou a implorar. — Por favor, não faça isso, cara — disse ele, soluçando. — Eu não fiz nada! Eu juro, não fiz nada...

— Cale a boca. — Eu o encarei, deixando que a ansiedade aumentasse. — Você sabe por que está aqui?

Ele balançou a cabeça negativamente. — Não! Não, eu juro — balbuciou ele. — Eu não sei de nada. Eu estava naquela boate, apareceu uma garota e não sei o que aconteceu. Só acordei naquele galpão e não fiz nada...

— Você não tocou na garota com o vestido amarelo? — Inclinei a cabeça para o lado, girando a faca entre os dedos. Eu sabia exatamente como os gatos se sentiam quando brincavam com ratos. Era divertido.

Os olhos do garoto se arregalaram. — O quê? Não! Caralho, não! Eu juro, não tive nada a ver com aquilo! Eu disse a Sean que era uma má ideia...

— Então você sabia o que eles iam fazer?

Percebendo imediatamente o que acabara de admitir, o garoto começou a balbuciar novamente, com lágrimas e ranho escorrendo pelo rosto machucado. — Não! Quero dizer, eles nunca me dizem nada até fazerem, portanto, eu não sabia! Eu juro, não sabia até que chegamos lá e eles me falaram para vigiar a porta. Eu disse a eles que não era justo. Eles disseram que eu tinha que fazer aquilo. Foi quando chegou uma outra garota e eu disse a ela para ir embora...

— Cale a boca. — Pressionei a ponta afiada da faca na boca do garoto. Ele ficou imediatamente em silêncio, com os olhos arregalados de medo. — Muito bem — disse eu baixinho. — Agora escute com muita atenção. Você vai me

dizer onde o seu primo Sean come, dorme, caga, fode e qualquer outra coisa que ele faça. Quero uma lista de todos os lugares que algum dia ele possa visitar. Entendeu?

Ele assentiu de leve e afastei a faca. No mesmo instante, o garoto começou a dizer nomes de restaurantes, boates, academias de luta clandestinas, hotéis e bares. Usei o telefone para gravar tudo e, quando ele terminou, sorri. — Belo trabalho.

Os lábios dele estremeceram em uma tentativa fraca de abrir um sorriso. — Então, agora você vai me deixar ir embora, certo? Porque eu juro que não tive nada a ver com aquilo.

— Deixar você ir embora? — Olhei para a faca que tinha na mão, como se estivesse considerando as palavras dele. Em seguida, olhei para ele e sorri novamente. — Por quê? Porque você traiu o seu primo?

— Mas... mas eu contei tudo a você! — Os olhos dele se reviraram. — Não sei mais nada!

— Sim, eu sei. — Pressionei a faca contra o abdômen dele. — E isso significa que, agora, você é inútil para mim.

— Não sou! — gritou ele. — Você pode pedir um resgate! Sou Jimmy Sullivan, sobrinho de Patrick Sullivan. Ele pagará para me soltar! Ele pagará, eu juro...

— Ah, tenho certeza disso. — Deixei a ponta da faca afundar um pouco, feliz com a visão do sangue acumulando-se em volta da lâmina. Ergui o olhar para os olhos petrificados do garoto. — É uma pena para você que o dinheiro dele seja a última coisa de que preciso.

E, quando ele soltou um grito aterrorizado, eu o cortei, observando o sangue saindo em um belo rio vermelho-escuro.



DEPOIS DE LIMPAR as mãos na toalha que alguém deixara dentro da van, abri a porta e saltei para fora. Lucas me aguardava e eu disse a ele para se livrar do corpo. Em seguida, voltei para a casa.

Era estranho, mas eu não me senti muito melhor. O garoto deveria ter liberado parte da pressão, diminuído a necessidade ardente de violência. Mas, em vez disso, parecia tê-la aumentado. O vazio dentro de mim ficava maior e mais sombrio a cada momento.

Eu queria Nora. Precisava dela mais do que nunca. Mas, quando entrei na casa, a primeira coisa que fiz foi tomar um banho. Eu estava coberto de sangue e

não queria que ela me visse daquele jeito.

Como o assassino selvagem que os pais dela tinham me acusado de ser.

Quando saí do banho, a primeira coisa que fiz foi verificar a localização de Nora no aplicativo de rastreamento. Para meu desapontamento intenso, ela ainda estava no quarto de Rosa. Considerei ir até lá para buscá-la, mas decidi lhe dar mais alguns minutos. Enquanto isso, veria meus e-mails.

Quando abri o *notebook*, vi que a caixa de entrada estava cheia com as mensagens de sempre. Russos, ucranianos, o Estado Islâmico, mudanças nos contratos de fornecedores, um vazamento de segurança em uma das fábricas da Indonésia... Percorri tudo com desinteresse até chegar a um e-mail de Frank, meu contato na CIA.

Abrindo-o, eu o li rapidamente... e senti as entranhas ficarem geladas.

N ora

— Ei, você. — Equilibrando uma bandeja com chá e sanduíches, abri a porta do quarto de Rosa e aproximei-me da cama.

Ela estava deitada de lado, virada de costas para a porta, com um cobertor enrolado no corpo. Largando a bandeja sobre a mesinha de cabeceira, sentei-me na beira da cama e toquei gentilmente no ombro dela. — Rosa? Você está bem?

Ela olhou para mim e quase me encolhi ao ver o machucado em seu rosto.

— Está feio, não é? — perguntou ela ao perceber minha reação. A voz dela estava um pouco rouca, mas ela parecia notavelmente calma. Os olhos estavam secos no rosto inchado.

— Bem, eu não diria que está bonito — respondi com cuidado. — Como está se sentindo?

— Possivelmente melhor do que você — respondeu ela baixinho, olhando para mim. — Lamento muito sobre o bebê, Nora. Nem consigo imaginar como você e Julian devem estar se sentindo.

Assenti, tentando ignorar a agonia no peito. — Obrigada. — Forcei meus lábios a formarem um sorriso. — Está com fome? Eu trouxe algo para você comer.

Gemendo, ela se sentou e olhou desconfiada para a bandeja. — Você fez isso?

— É claro. Você sabe que consigo ferver água e colocar um pedaço de queijo no pão, certo? Eu fazia isso o tempo inteiro antes de Julian me sequestrar e fazer com que eu vivesse no luxo.

Um traço de sorriso surgiu nos lábios feridos de Rosa. — Ah, sim. Aquele tempo sombrio no passado quando você precisava cuidar de si mesma.

— Exatamente. — Peguei a xícara de chá quente e cuidadosamente entreguei-a a Rosa. — Aqui está. Camomila com mel. De acordo com Ana, é a cura para todos os males.

Rosa bebeu um gole e ergueu a sobrancelha. — Impressionante. Quase tão bom quanto o de Ana.

— Ei! — disse eu de forma exagerada. — Quase? E eu achando que tinha aprendido a fazer chá.

O sorriso dela foi um pouco maior desta vez. — Está muito perto, juro.

Agora, deixe-me experimentar um sanduíche. Devo dizer que eles parecem gostosos.

Entreguei um prato a Rosa e observei enquanto ela comia o sanduíche. — Não vai me acompanhar? — perguntou ela. Balancei a cabeça negativamente.

— Não, comi alguma coisa na cozinha mais cedo — expliquei.

— Eu também não deveria estar com fome — disse Rosa depois de comer quase todo o sanduíche. — Lucas me trouxe omelete mais cedo.

— É mesmo? — perguntei surpresa. — Eu não sabia que ele sabia cozinhar.

— Nem eu. — Ela terminou de comer e entregou-me o prato. — Estava muito gostoso, Nora, obrigada.

— De nada. — Levantei-me, ignorando a dor nas costas. — Quer mais alguma coisa? Talvez um livro para ler?

— Não, estou bem. — Gemendo novamente, ela afastou o cobertor, revelando uma camiseta longa, e colocou os pés no chão. — Vou me levantar. Não consigo ficar na cama o dia inteiro.

Franzi a testa. — Claro que consegue. Você precisa descansar hoje.

— Como você está descansando? — Ela me olhou com expressão irônica e andou até a cômoda no lado oposto do quarto. — Já fiquei na cama por tempo demais. Quero falar com Lucas e descobrir o que está sendo feito sobre os filhos da puta que nos atacaram.

Olhei para ela. — Rosa... — Hesitei, sem saber ao certo como prosseguir.

— Você quer saber o que aconteceu na noite passada com aqueles caras, certo? — Ela pegou uma calça *jeans* e parou para olhar para mim. Seus olhos brilharam. — Quer saber o que eles fizeram comigo antes de você chegar lá.

— Só se quiser me contar — respondi rapidamente. — Se não se sentir confortável...

Ela ergueu a mão, interrompendo-me no meio da frase. Em seguida, ela respirou fundo e disse: — Eles me seguiram até o banheiro. Quando saí, eles estavam lá, os dois. O mais velho, Sean, disse que havia uma sala VIP na parte de trás que queriam me mostrar. Você sabe, como aparece nos filmes de vez em quando.

Assenti, sentindo um nó crescente na garganta.

— Bem, como sou idiota, acreditei neles. — Ela se virou, procurando algo na cômoda. Observei em silêncio quando ela tirou a camiseta e vestiu um sutiã e uma camisa preta de mangas compridas. Havia arranhões e hematomas na pele dela, alguns no formato de dedos. Tive que esconder minha reação quando ela se virou para mim e disse: — Eu tinha dito a eles mais cedo que era a primeira vez que visitava este país. Portanto, achei que eles queriam me mostrar algo divertido.

— Ai, Rosa... — Dei um passo na direção dela, com o peito doendo, mas ela ergueu a mão.

— Não. — Ela engoliu em seco. — Deixe-me terminar.

Parei a dois passos dela, que continuou depois de um momento: — Assim que passamos dos banheiros e ficamos fora das vistas das pessoas na fila, o mais jovem, Brian, me agarrou e arrastou-me para dentro daquela sala. Havia também esse adolescente, que assistiu tudo até que Sean disse a ele que ficasse no corredor para garantir que ninguém entrasse. Acho que eles pretendiam... — ela parou por um segundo para se recompor — deixar que ele tivesse a vez depois que os dois terminassem.

Enquanto ela falava, a raiva que senti na boate voltou. Ela ficara enterrada sob o peso da tristeza, afastada pela agonia da minha perda, mas naquele momento fiquei ciente dela novamente. Ardente e aguda, a raiva me encheu até que eu estivesse tremendo, abrindo e fechando as mãos ao lado do corpo.

— Acho que você sabe o resto da história — continuou Rosa, com a voz cada vez mais trêmula. — Você chegou quando eu lutava contra Sean. Se não fosse por você... — Ela não conseguiu continuar e, desta vez, não me contive.

Aproximando-me, eu a abracei quando ela começou a tremer. Sob a raiva, eu me sentia impotente para lidar com a situação. O que acontecera com Rosa era o pior pesadelo de qualquer mulher e eu não tinha ideia de como consolá-la. Para um estranho, o que Julian fizera comigo na ilha talvez parecesse ser a mesma coisa. Mas, mesmo naquela primeira vez traumática, ele me dera algo parecido com ternura. Eu me sentira violada, mas também cuidada, apesar de ser uma combinação totalmente incongruente.

Eu nunca me sentira como Rosa devia estar sentindo-se naquele momento.

— Eu sinto muito — sussurrei, acariciando os cabelos dela. — Eu sinto muito. Aqueles filhos da puta pagarão. Faremos com que paguem.

Ela fungou e afastou-se. Seus olhos brilhavam por causa das lágrimas. — Sim. — A voz estava estrangulada quando ela deu um passo atrás. — Quero que paguem, Nora. Mais do que qualquer outra coisa.

— Eu também — falei baixinho, encarando-a. Eu queria os agressores de Rosa mortos. Queria que fossem eliminados da forma mais brutal possível. Era errado, era doentio, mas não me importei. Imagens do homem que Julian matara na noite anterior flutuaram na minha mente, trazendo consigo uma sensação peculiar de satisfação. Eu queria que o outro, Sean, pagasse da mesma forma.

Eu queria soltar Julian sobre ele e observar meu marido fazer sua magia selvagem.

Uma batida na porta nos assustou.

— Entre — disse Rosa, usando a manga da camisa para limpar as lágrimas

do rosto.

Para minha surpresa, Julian entrou no quarto com expressão tensa e estranhamente preocupada. Ele trocara de roupa e os cabelos estavam úmidos, como se tivesse acabado de sair do banho.

— Qual é o problema? — perguntei imediatamente, sentindo o coração dar um salto. — Aconteceu alguma coisa?

— Não — disse Julian, atravessando o quarto. — Ainda não. Mas talvez seja preciso acelerar a sua partida. — Ele parou à minha frente. — Acabei de saber que há um retrato falado de nós três circulando no escritório local do FBI. O irmão que escapou deve ter uma boa memória para rostos. Os Sullivans estão nos procurando e, se forem bem conectados como achamos, não temos muito tempo.

O medo apertou meu peito. — Acha que eles já sabem sobre os meus pais?

— Não faço ideia, mas não é algo totalmente fora de questão. Telefone para eles agora e diga-lhes para arrumarem as malas. Nós os pegaremos daqui a uma hora e levarei vocês para o aeroporto.

— Espere um minuto. — Eu encarei Julian. — "Vocês"? E você?

— Preciso lidar com a ameaça dos Sullivans. Lucas e eu ficaremos aqui com a maioria dos guardas.

— O quê? — Subitamente, senti dificuldade em respirar. — O que quer dizer com isso?

— Preciso resolver esta confusão — disse Julian impacientemente. — Agora, vamos perder tempo conversando sobre o assunto ou você vai telefonar para os seus pais?

Engoli as objeções amargas. — Vou telefonar para eles agora mesmo — disse eu tensa, pegando o celular.

Julian tinha razão. Não era o momento para discutir o assunto. No entanto, se ele achava que eu aceitaria aquilo de bom grado, estava muito enganado.

Eu faria o que fosse preciso para não o perder de novo.

Julian

O PERCURSO até a casa dos pais de Nora foi feito em um silêncio tenso. Eu estava ocupado coordenando a logística de segurança com minha equipe e Nora digitava furiosamente mensagens de texto para os pais, que pareciam estar bombardeando-a com perguntas sobre a mudança súbita de planos. Rosa nos observava em silêncio. O inchaço escuro em seu rosto ocultava a expressão.

Assim que chegamos, Nora correu para dentro da casa e eu a segui, sem querer deixá-la sozinha nem mesmo por meia hora. Rosa permaneceu no carro com Lucas, explicando que não queria atrapalhar.

Quando entrei na casa, vi que Rosa tivera razão ao permanecer do lado de fora.

No interior, a casa dos Lestons parecia um hospício. Gabriela corria de um lado para o outro, tentando guardar o máximo de itens possível em uma mala imensa. O marido falava alto no telefone, explicando para alguém que sim, precisava sair do país agora mesmo e não, lamentava, mas não podia dizer mais nada.

— Eles vão me despedir — murmurou ele sombriamente ao desligar. Resisti à tentação de dizer que nenhum emprego valia a vida dele.

— Se eles o despedirem, ajudarei você a conseguir outro emprego, Tony — disse eu, sentando-me à mesa da cozinha. O pai de Nora olhou para mim furiosamente em resposta, mas eu o ignorei, concentrando-me nas dezenas de e-mails que tinham se acumulado na caixa de entrada nas horas anteriores.

Quarenta minutos depois, Nora finalmente falou para os Lestons que terminassem as malas.

— Precisamos ir, mamãe — insistiu ela quando a mãe se lembrou de mais uma coisa que esquecera de levar. — Temos repelente no complexo, prometo. E tudo o mais de que precisar, encomendaremos para que seja entregue lá para você. Não vivemos completamente na selva, sabia?

Gabriela pareceu se convencer e ajudei-a a fechar a mala, levando-a para o carro. A mala devia pesar pelo menos cento e vinte quilos e gemi com esforço ao colocá-la no porta-malas da limusine.

Enquanto isso, o pai de Nora saiu com uma segunda mala menor.

— Eu levo — disse eu, estendendo a mão, mas ele a afastou.

— Eu cuido dela — respondeu ele em tom agressivo. Afastei-me para que ele lidasse com a mala. Se ele quisesse continuar a agir daquele jeito, era um problema exclusivamente dele.

Quando tudo estava guardado, os pais de Nora entraram no carro e Rosa se sentou no banco da frente, ao lado de Lucas. — Para dar a vocês quatro mais espaço — explicou ela, apesar de a parte de trás da limusine acomodar com facilidade dez pessoas.

— Todos esses carros precisam estar aqui? — perguntou a mãe de Nora quando me sentei ao lado de minha esposa. — Quero dizer, é tão inseguro assim?

— Provavelmente não, mas não quero arriscar — respondi ao partirmos. Além dos vinte e três guardas espalhados nos sete SUVs, todos eles estacionados naquele quarteirão sossegado, eu também tinha um arsenal sob o banco. Era um exagero para uma viagem pacífica até Chicago, mas, agora que havia problemas, minha preocupação era que não fosse o suficiente. Deveria ter levado mais homens, mais armas, mas não queria que Frank e os outros achassem que eu estava lá a negócios.

— Isto é loucura — resmungou Tony, olhando pela janela traseira para a procissão de carros que nos seguia. — Nem consigo imaginar o que os vizinhos estão pensando.

— Estão achando que você é VIP, papai — disse Nora com uma alegria forçada. — Nunca imaginou como deve ser para o presidente, sempre viajando com o serviço secreto?

— Não, nunca imaginei. — O pai de Nora se virou para olhar para nós e sua expressão se suavizou ao olhar para a filha. — Como está se sentindo, querida? — perguntou ele. — Você provavelmente deveria estar descansando, em vez de lidar com esta loucura.

— Estou bem, papai. — O rosto de Nora ficou tenso. — E prefiro não falar no assunto, se não se importa.

— É claro, querida — disse a mãe dela, piscando rapidamente. Supus que fosse para segurar as lágrimas. — Como quiser, filha.

Nora tentou sorrir para a mãe, mas não conseguiu. Incapaz de resistir, passei o braço sobre os ombros dela, puxando-a contra mim. — Relaxe, querida — murmurei em seu ouvido quando ela se aninhou ao meu lado. — Chegaremos logo e você poderá dormir no avião, ok?

Nora soltou um suspiro e resmungou contra o meu ombro: — Está bem. — Ela parecia cansada. Acariciei seus cabelos, desfrutando da maciez sedosa. Eu poderia ficar daquele jeito para sempre, sentindo o calor do corpo dela e o perfume delicado e doce. Pela primeira vez desde que ela perdera o bebê, parte

do peso no meu peito desapareceu e o pesar amargo diminuiu ligeiramente. A violência ainda pulsava nas minhas veias, mas o vazio terrível foi preenchido.

Não percebi quanto tempo ficamos naquela posição. Mas, quando olhei para a frente, vi os pais de Nora observando-nos com expressão estranha. Gabriela, especialmente, parecia fascinada. Franzi a testa para eles e posicionei Nora mais confortavelmente ao meu lado. Não gostei de eles estarem testemunhando aquilo. Não queria que soubessem como eu dependia do meu bichinho, como precisava dela desesperadamente.

Com o meu olhar frio, eles viraram o rosto. Voltei a acariciar os cabelos de Nora ao sairmos da interestadual e entrarmos em uma estrada de duas pistas.

— Quanto tempo demorará até chegarmos lá? — perguntou o pai de Nora alguns minutos depois. — Vamos para um aeroporto particular, certo?

— Certo — confirmei. — Acredito que não falte muito. Não há trânsito e deveremos chegar em cerca de vinte minutos. Um dos meus homens foi na frente para preparar o avião e, assim que chegarmos no aeroporto, poderemos decolar logo.

— E podemos ir embora assim? Sem passar pela alfândega? — perguntou a mãe de Nora. Ela ainda parecia estranhamente interessada na forma como eu abraçava Nora. — Ninguém nos impedirá de voltar ao país ou algo assim?

— Não — respondi. — Tenho um arranjo especial com... — Antes que eu terminasse de explicar, o carro acelerou. A aceleração foi tão abrupta que mal consegui permanecer sentado e segurar Nora, que soltou uma exclamação e agarrou minha cintura. Os pais dela não tiveram tanta sorte. Eles caíram de lado, quase voando para fora do assento.

O painel que nos separava do motorista abaixou, mostrando o rosto sombrio de Lucas no espelho retrovisor.

— Estamos sendo seguidos — disse ele com voz tensa. — Estão chegando perto e vêm com tudo o que têm.

N ora

MEU CORAÇÃO PAROU de bater por um segundo. Logo depois, a adrenalina explodiu nas minhas veias.

Antes que eu pudesse reagir, Julian já estava em ação. Soltando o meu cinto de segurança, ele pegou meu braço e arrastou-me para o chão da limusine.

— Fique aí — disse ele. Observei chocada quando ele levantou o assento, revelando um depósito enorme de armas.

— O quê... — exclamou minha mãe. Mas, naquele momento, a limusine deu um solavanco, jogando-me contra a lateral do assento de couro. Meus pais gritaram, agarrando-se desesperadamente um no outro. Julian se segurou na beira do banco erguido para não cair.

E foi quando ouvi.

O *ratatá* de disparos de metralhadora.

Alguém atirava em nós.

— Gabriela! — O rosto do meu pai estava totalmente branco. — Segure-se em mim!

A limusine deu outro solavanco, fazendo com que minha mãe soltasse um grito de medo. Julian conseguiu permanecer sentado, inclinado sobre o depósito de armas enquanto a limusine acelerava ainda mais. Da minha posição no chão, só o que eu conseguia ver pelas janelas era o topo das árvores passando depressa. Devíamos estar em altíssima velocidade na estrada.

Outro jato de disparos e as árvores passaram ainda mais depressa, transformando-se em uma mancha verde. Meu coração parecia bater nos ouvidos, quase superando o barulho dos pneus à distância.

— Ai, meu Deus! — Com o grito de pânico de minha mãe, apoiei-me no assento e fiquei de joelhos para olhar pela janela traseira.

A visão que tive foi algo saído do filme *Velozes e Furiosos*.

Atrás das sete SUVs dos nossos guardas, havia uma infinidade de carros. Cerca de uma dúzia deles era de SUVs e vans, mas havia também três Hummers com metralhadoras gigantes no teto. Homens com fuzis de ataque estavam pendurados nas janelas dos carros, trocando tiros com os nossos guardas... que faziam o mesmo. Enquanto eu observava chocada, vi um dos carros em perseguição se aproximar do último dos nossos SUVs e bater na lateral dele em

um esforço para jogá-lo para fora da estrada. Os dois carros dançaram na pista, com faíscas saindo do lugar onde bateram um no outro. Ouvi outra rajada de tiros e vi um dos carros em perseguição sair da estrada e capotar.

Um já foi, faltam uns quinze ou mais.

A matemática estava bem clara na minha mente. *Quinze carros contra oito, contando a limusine.* As chances não estavam a nosso favor. Meu coração batia freneticamente enquanto a batalha em alta velocidade continuava, com os carros batendo uns nos outros em meio a uma chuva de balas.

Bum! O som ensurdecedor vibrou dentro de mim, chacoalhando todos os meus ossos. Atordoada, vi o SUV dos guardas mais atrás subir e explodir no ar. O tanque de combustível devia ter sido atingido, pensei. Em seguida, ouvi Julian gritar meu nome.

Com um zumbido nos ouvidos, virei-me e vi que ele jogava algo na minha direção. — Vista isto! — gritou ele antes de jogar um item semelhante para os meus pais.

Coletes à prova de balas, percebi incrédula.

Ele acabara de nos entregar coletes à prova de balas.

O colete era pesado, mas consegui vesti-lo, mesmo com a limusine balançando de um lado para o outro. Ouvi meus pais instruindo freneticamente um ao outro. Virei-me novamente e vi que Julian já estava de colete.

Ele também segurava uma AK-47, que jogou nas minhas mãos antes de se virar para tirar uma arma enorme, de aparência incomum, de dentro do banco. Eu olhei para a arma confusa, mas logo a reconheci.

Um lança-granadas portátil. Julian me mostrara um deles na propriedade.

Livrando-me do choque, subi no assento, segurando o fuzil com mãos instáveis. Eu tinha que fazer a minha parte, não importava o quanto fosse aterrorizador. Mas antes que eu conseguisse baixar a janela para começar a atirar, Julian me empurrou novamente para o chão.

— Fique abaixada — rosnou ele. — Não se mexa!

Assenti, tentando controlar a respiração. A adrenalina que me percorria acelerava e reduzia a velocidade dos acontecimentos ao mesmo tempo, deixando minha percepção nublada e aguçada. Ouvi minha mãe chorando, bem como Rosa e Lucas gritando na parte da frente. Vi o rosto de Julian mudar quando ele se virou para a frente do carro.

— Caralho! — O palavrão explodiu na boca dele, deixando-me assustada por causa da veemência.

Incapaz de ficar parada, fiquei de joelhos novamente... e meus pulmões pareceram parar de funcionar.

Na estrada à nossa frente, a poucas centenas de metros, havia um bloqueio

policial... e estávamos indo na direção dele a toda velocidade.

J ulian

A_{PARTE} fria e racional da minha mente instantaneamente registrou duas coisas: não havia para onde desviar e os quatro carros da polícia que bloqueavam o caminho estavam rodeados de homens usando equipamentos da SWAT.

Eles nos aguardavam... o que significava que estavam no bolso de Sullivan e pretendiam nos matar.

A ideia me encheu de uma raiva aterrorizada. Eu não temi por mim mesmo, mas saber que Nora poderia morrer naquele dia, que eu talvez nunca mais a abraçasse...

Não. Caralho, não. Implacavelmente, deixei o pensamento paralisante de lado e avaliei rapidamente a situação.

Em menos de vinte segundos, chegaríamos à barricada da polícia. Eu sabia o que Lucas pretendia: bater nos dois carros que tinham o maior espaço entre eles. O espaço era de pouco mais de meio metro, mas estávamos a quase duzentos quilômetros por hora e o carro era blindado, o que significava que tínhamos uma vantagem.

Só precisávamos sobreviver à colisão.

Segurando o lança-granadas com a mão direita, gritei para os pais de Nora para que se segurassem e joguei-me no chão, envolvendo Nora com o meu corpo.

Alguns segundos depois, a limusine bateu nos carros de polícia com uma força impressionante. Ouvi os pais de Nora gritando, senti a inércia do impacto arrastando-me para a frente e contraí todos os músculos em um esforço de parar de deslizar.

Por pouco, deu certo. Meu ombro esquerdo bateu no lado do assento, mas mantive Nora segura sob mim. Eu não tinha dúvidas de que estava esmagando-a com meu peso, mas era a melhor alternativa. Ouvi o barulho metálico de balas atingindo a lateral e as janelas do carro e percebi que atiravam em nós.

Se estivéssemos em um carro comum, já estaríamos cheios de buracos.

Assim que senti a limusine acelerar novamente, levantei-me, percebendo, pelo canto do olho, que os pais de Nora pareciam ter sobrevivido ao impacto. Tony segurava o braço com uma careta de dor, mas Gabriela parecia apenas atordoada.

No entanto, eu não tinha tempo para olhar mais de perto. Se queríamos ter uma chance de sobreviver, precisávamos cuidar dos homens de Sullivan. E isso precisava ser feito imediatamente.

O lança-granadas ainda estava na minha mão. Apertei um botão no lado da porta para ativar a abertura oculta no teto. Em seguida, fiquei de pé, com a cabeça e os ombros saindo do carro. Erguendo a arma, apontei-a para os carros que nos perseguiam... que agora, além dos quinze veículos de Sullivan, incluíam um carro da polícia.

Não, treze veículos de Sullivan, corriji-me depois de fazer uma contagem rápida. Meus homens tinham conseguido eliminar mais dois deles nos minutos anteriores.

Era hora de equilibrar as coisas um pouco mais.

Balas zuniram perto da minha cabeça, mas ignorei-as ao mirar cuidadosamente. Eu só tinha seis disparos com aquela arma e precisava fazer com que cada um deles fosse usado de forma proveitosa.

Bum! O primeiro tiro foi disparado com um recuo forte, que atingiu meu ombro, mas a granada encontrou o alvo... o carro da polícia que estava logo atrás de nós. O carro voou, explodindo no ar, e caiu de lado em chamas. Um dos carros de Sullivan bateu nele e observei, com uma satisfação sombria, quando os dois carros explodiram, fazendo com que uma das vans saísse da estrada.

Onze veículos inimigos remanescentes.

Mirei novamente. Desta vez, meu alvo era mais ambicioso, um dos Hummers remanescentes mais atrás. Ele tinha um lança-granadas de um disparo só montado no teto. Fora ele que eliminara um dos nossos SUVs mais cedo e eu sabia que usariam a arma de novo assim que a recarregassem.

Bum! Outro recuo forte... e, para o meu desgosto, errei. No último segundo, o Hummer desviou, batendo em um dos nossos SUVs com força brutal. Observei com raiva impotente quando o carro dos meus homens capotou, saindo da estrada.

Tínhamos agora cinco SUVs e a limusine.

Afastando todas as emoções, mirei o próximo disparo em uma van mais próxima. *Bum!* Desta vez, acertei. O veículo virou e explodiu. Os dois SUVs de Sullivan logo atrás o atingiram com toda velocidade.

Oito veículos inimigos remanescentes.

Apontei a arma novamente, fazendo o possível para compensar o constante ziguezague da limusine. Eu sabia que Lucas fazia aquilo para nos transformar em um alvo mais difícil, mas isso também fazia com que os veículos inimigos fossem alvos mais difíceis para mim.

Bum! Atirei e outro SUV de Sullivan explodiu, levando consigo outro que

vinha logo atrás.

Seis veículos inimigos remanescentes. E eu tinha apenas mais duas granadas para lançar.

Respirando fundo, mirei novamente... e, naquele momento, dois Hummers lançaram fogo. Dois de nossos SUVs voaram no ar, saindo da estrada.

Três SUVs de guardas remanescentes.

Suprimindo a fúria, segurei a arma firmemente e mirei no Hummer que se aproximava de nós. Um, dois... *bum!* A granada atingiu o alvo e o carro imenso saiu da estrada, com fumaça saindo do capô.

Um Hummer e quatro SUVs inimigos restantes.

Eu tinha uma última granada.

Respirando fundo de novo, mirei. Mas, antes que puxasse o gatilho, um dos carros inimigos balançou e bateu em outro. Meus homens deviam ter atirado no motorista, melhorando ainda mais as nossas chances. As forças de Sullivan agora estavam reduzidas a um Hummer e dois SUVs.

Aliviado, mirei novamente... e foi quando ouvi.

O rugido inconfundível das pás de um helicóptero à distância.

Olhando para cima, vi um helicóptero da polícia aproximando-se do oeste.

Merda.

Eram mais policiais corruptos ou as autoridades norte-americanas tinham ficado sabendo daquele combate.

De qualquer forma, isso não era bom para nós.

N ora

QUANDO O NOVO som chegou aos meus ouvidos, minha adrenalina aumentou. Eu não sabia que era possível me sentir assim, atordoada e viva ao mesmo tempo. Meu coração batia muito depressa e a pele se arrepiou com um medo gelado. No entanto, o pânico que eu sentira antes desaparecera, em algum momento entre a segunda e a terceira explosões.

Pelo jeito, uma pessoa conseguia se acostumar com qualquer coisa, até mesmo com carros explodindo.

Agarrando com força a arma que Julian me dera, segurei-me no assento com a mão livre, sem conseguir tirar os olhos da batalha que acontecia do lado de fora da janela do carro. A estrada atrás de nós parecia uma zona de guerra, com veículos capotados e em chamas enchendo a estrada estreita.

Era como se estivéssemos em um videogame, exceto que as mortes eram reais.

Bum! Com o pressionar de um botão do controle, um carro saiu voando. *Bum!* Outro carro. *Bum! Bum!* Vi-me direcionando mentalmente cada granada, como se conseguisse orientar a mira de Julian com os pensamentos.

Um jogo. Como um jogo de tiro realista com efeitos sonoros incríveis. Se eu visualizasse a situação daquele jeito, conseguiria aguentar. Podia fingir que não havia dezenas de corpos queimados atrás de nós, tanto do nosso lado quanto do deles. Podia dizer a mim mesma que o homem que eu amava não estava de pé no meio da limusine segurando um lança-granadas, com a cabeça e a parte de cima do corpo expostas ao tiroteio do lado de fora.

Sim, um jogo... no qual agora havia um helicóptero. Eu conseguia ouvi-lo e, quando subi no assento e cheguei mais perto da janela, consegui também vê-lo.

Era um helicóptero da polícia, vindo diretamente para nós.

Deveria ser um alívio o fato de as autoridades tentarem interceder... exceto que o bloqueio que tínhamos acabado de atravessar não parecia uma tentativa de restaurar a lei e a ordem. Vi o carro da polícia perseguindo-nos, juntamente com as forças de Sullivan. Eles não tentavam prender todos os criminosos envolvidos naquela perseguição mortal.

Eles tentavam nos eliminar.

Uma nova onda de terror me invadiu, penetrando a calma falsa. Aquilo *não*

era um jogo. Havia pessoas morrendo por todo lado e, se não fosse pela blindagem da limusine e pela habilidade de Lucas no volante, também estaríamos mortos. Se fosse apenas eu, não importaria tanto. Mas todos que eu amava estavam naquele carro. Se alguma coisa acontecesse com eles...

Não, pare. Comecei a hiperventilar e forcei o pensamento para longe. Não podia entrar em pânico naquele momento. Olhando para a frente, vi meus pais juntos no assento, agarrados aos cintos de segurança. Eles estavam tão pálidos que pareciam quase esverdeados. Achei que os dois estavam em choque, pois minha mãe parara de gritar.

A limusine fez uma curva fechada à direita, quase me jogando no chão.

— Vou para o hangar! — gritou Lucas. Percebi que tínhamos saído da estrada e entrado em uma rua ainda mais estreita. O pequeno aeroporto estava à nossa frente, acenando com a promessa de salvação. O barulho do helicóptero estava logo acima de nós, mas se conseguíssemos chegar ao avião e decolar...

Bum! Minha visão ficou escura e todos os sons desapareceram por um segundo. Arquejando, agarrei a beira do assento, tentando desesperadamente me segurar enquanto a limusine balançava de um lado para o outro e acelerava ainda mais. Quando meus sentidos voltaram, percebi que o SUV dos guardas logo atrás de nós fora atingido. Havia um buraco no teto, por onde saía fumaça. Olhei horrorizada quando ele bateu com uma força incrível no outro de nossos carros. Houve um ranger de pneus e, em seguida, os dois carros saíram da estrada em uma confusão de metal amassado.

O helicóptero da polícia atirara em nós, percebi com uma onda de pânico. Ele atirara em nós e eliminara dois dos nossos carros, deixando apenas um veículo para nos proteger.

Virando-me, lancei um olhar frenético pelo vidro da frente. O hangar onde nosso avião estava estacionado parecia muito próximo. Apenas algumas centenas de metros e chegaríamos até ele. Obviamente, conseguiríamos sobreviver...

Bum! Com um zumbido nos ouvidos, virei e vi o Hummer atrás de nós incendiar. Julian deveria tê-lo atingido, percebi com alívio. Havia agora apenas o helicóptero e dois SUVs perseguindo-nos e ainda tínhamos guardas naquele último SUV. Com mais dois tiros como aquele, estaríamos em segurança...

— Nora! — Braços fortes envolveram minha cintura, arrastando-me para o chão. Um Julian enfurecido estava ajoelhado sobre mim e seu rosto parecia uma tempestade. — Eu lhe disse para ficar abaixada!

Em uma fração de segundo, registrei duas coisas: ele não estava ferido e suas mãos estavam vazias.

O lança-granadas devia estar sem munição.

Bum! Uma explosão sacudiu a limusine, lançando-nos no ar. Notei vagamente que Julian se posicionou em volta de mim, protegendo-me com o corpo, mas ainda senti o impacto brutal quando batemos na parede do carro. Todo o ar saiu dos meus pulmões e o interior do carro girou à minha volta. A visão ficou borrada quando algo penetrou minha pele. Minha cabeça latejava, como se o cérebro estivesse tentando sair.

— Nora! — A voz de Julian chegou até mim através do zumbido nos meus ouvidos. Atordoada, tentei me concentrar nele. Quando parte do atordoamento se dissipou, vi que estávamos novamente no chão, com Julian deitado sobre mim. O rosto dele estava coberto de sangue, que pingava em mim. Ele disse alguma coisa, mas suas palavras não registraram na minha mente.

Eu só conseguia enxergar o vermelho mortal do sangue dele.

— Você está ferido. — O gemido aterrorizado nem parecia a minha voz. — Julian, você está ferido...

Ele segurou meu maxilar com força, fazendo com que eu me calasse. — Escute bem — disse ele. — Em exatamente um minuto, quero que corra. Entendeu? Corra diretamente para o maldito avião e não pare, não importa o que aconteça.

Eu o encarei sem compreender. As gotas vermelhas continuavam a cair. Senti a umidade no rosto, o gosto metálico nos lábios. Os olhos azuis, em meio a tanto vermelho, eram incrivelmente belos...

— Nora! — gritou ele, sacudindo-me. — Você entendeu?

Parte do zumbido desapareceu e o significado das palavras dele finalmente foi registrado.

Correr. Ele quer que eu corra.

— Mas e... — *você*, eu queria dizer, mas ele me interrompeu.

— Você levará seus pais. E vocês *todos* vão correr. — A voz dele estava muito dura e seu olhar quase me queimou. — Você estará com a arma, mas não quero que banque a heroína. Entendeu, Nora?

Consegui assentir de leve. — Sim. — Mesmo com o latejar nas têmporas, notei que o carro ainda avançava, apesar do que nos atingira. Ouvi o helicóptero sobre nós, mas ainda estávamos vivos. — Sim, eu entendi.

— Ótimo. — Ele manteve meu olhar por mais alguns momentos e, como se não conseguisse resistir, abaixou a cabeça e tomou minha boca em um beijo duro e ardente. Senti o gosto de sal e metal do sangue dele, além do sabor único que era de Julian. Desejei que ele continuasse a me beijar, que me fizesse esquecer do pesadelo em que estávamos. Mas logo depois os lábios dele se moveram para o meu pescoço. Senti o calor de seu hálito quando ele sussurrou no meu ouvido: — Por favor, vá com seus pais para o avião, querida. Thomas já está lá e pode

pilotar, se for preciso. Lucas cuidará de Rosa. Esta é nossa única chance de sairmos disso vivos. Portanto, quando eu lhe disser para correr, você correrá. Estarei logo atrás de você, ok?

E, antes que eu pudesse dizer alguma coisa, ele se levantou e puxou-me para ficar de joelhos, entregando-me a AK-47 que caíra. Minha cabeça girou com o movimento súbito, mas afastei o atordoamento, segurando a arma com todas as forças. Tudo parecia estranho e meu corpo estava estranhamente lento, mas consegui me concentrar o suficiente para ver que o vidro de trás desaparecera e havia fumaça na parte de trás do carro. Para meu alívio, meus pais ainda estavam presos ao assento, sangrando e atordoados, mas vivos.

O vidro de trás devia ter explodido, lançando cacos de vidro para dentro do carro... o que explicava o sangue neles e em Julian.

A limusine começou a desacelerar e Julian segurou meu maxilar novamente, atraindo minha atenção. — Em dez segundos — disse ele em tom ríspido —, vou abrir esta porta e sair. Neste momento, você escapará pela outra porta. Entendeu, Nora? Você vai sair e correr como nunca.

Assenti e, quando ele me soltou, virei-me para os meus pais. — Tirem o cinto de segurança — disse eu. — Vamos correr para o avião assim que o carro parar.

Minha mãe não reagiu, com o rosto sem expressão por causa do choque, mas meu pai começou a tentar abrir os cintos. Pelo canto do olho, vi que o hangar se aproximava. Freneticamente, comecei a ajudar meus pais, determinada a soltá-los antes que o carro parasse.

Consegui soltar o cinto de minha mãe, mas o de meu pai parecia preso. Nós dois o puxamos desesperadamente quando a limusine entrou pela porta alta aberta de um prédio que parecia um galpão.

— Depressa! — gritou Julian quando a limusine parou subitamente. Eu quase caí de novo, mas consegui me segurar no cinto de segurança.

— Agora, Nora! — gritou Julian, abrindo a porta do lado dele. — Vá, agora!

A fivela do cinto de segurança finalmente se abriu e peguei a mão de papai, que agarrou a mão de minha mãe. Abrindo a porta oposta, saímos do carro, caindo sobre as mãos e os joelhos. Com o coração batendo forte, virei a cabeça, procurando o avião.

Ele estava parado perto da saída no lado oposto do hangar, com uma dezena de outros aviões no caminho até lá.

— Por aqui! — Levantei-me depressa, puxando meu pai. — Vamos, temos que ir!

Começamos a correr. Atrás de nós, ouvi o barulho de pneus, seguido de

uma rajada furiosa de disparos. Virando a cabeça, vi Julian e Lucas atirando em um SUV que acabara de entrar no hangar atrás de nós. Rosa também corria, seguindo-nos de perto. Diminuí a velocidade. Tudo em mim gritava para que eu voltasse, que ajudasse Lucas e Julian. Mas lembrei-me das palavras dele.

Nossa melhor chance de sobreviver dependia de colocar todos naquele avião. Mesmo com a minha ajuda, meus pais mal conseguiam pensar.

Portanto, reprimi a vontade de correr de volta para a limusine e gritei para Rosa, que quase nos alcançava: — Depressa! — Nós quatro continuamos correndo, com meu pai puxando minha mãe. Ele estava mortalmente pálido e seus olhos pareciam selvagens, mas conseguia colocar um pé à frente do outro e era tudo que eu precisava que fizesse naquele momento. Se conseguíssemos sair daquela situação, eu me preocuparia com o impacto em meus pais e agonizaria sobre o meu papel naquilo tudo.

Por enquanto, nossa única tarefa era sobreviver.

Ainda assim, mesmo sabendo disso, não consegui evitar lançar olhares frenéticos para trás enquanto corríamos. O medo por Julian era um nó gigante no meu estômago. Eu não conseguia imaginar perdê-lo novamente. Não achava que conseguiria sobreviver a isso.

Na primeira vez em que olhei para trás, vi que Julian e Lucas estavam abaixados atrás da limusine e trocavam tiros com homens escondidos atrás do SUV. Já havia dois corpos no chão e um buraco cheio de sangue no para-brisa do SUV.

Mesmo com o pânico, senti uma onda de orgulho. Meu marido e o braço direito dele sabiam o que faziam em se tratando de matar.

Na segunda vez em que olhei, a situação parecia ainda melhor. Quatro cadáveres inimigos e Lucas dando a volta na limusine para matar o atirador restante, enquanto Julian atirava para lhe dar cobertura.

No terceiro olhar, o último atirador fora eliminado e os tiros pararam. O hangar ficou estranhamente silencioso depois de todos os disparos. Vi Lucas e Julian de pé, parecendo ilesos, e lágrimas de alegria começaram a correr pelo meu rosto.

Conseguíramos. Tínhamos sobrevivido.

Já estávamos perto do avião e vi Thomas, o motorista que me levava ao salão de beleza, parado na porta aberta. — Por favor, ajude-os a entrar — disse eu a ele com voz trêmula. Ele assentiu e ajudou meus pais e Rosa a subirem a escada. — Estarei com vocês em um segundo — disse eu ao meu pai quando ele tentou me puxar. — Só preciso de um momento. — Soltando-me, virei para a limusine.

— Julian! — Erguendo a AK-47 acima da cabeça, acenei para ele com a

arma. — Aqui! Venha, vamos embora!

Ele olhou para mim e vi um sorriso enorme iluminar seu rosto.

Meio rindo e meio chorando, comecei a correr na direção dele, sem ter ciência de nada além da minha alegria... e vi a parede ao lado da limusine explodir, lançando Julian e Lucas no ar.

J *ulian*

D_{OR}. Escuridão.

Por um segundo, eu estava de volta àquela sala sem janelas, com a faca de Majid cortando meu rosto. Minhas entranhas se reviraram e o vômito subiu à garganta. Em seguida, minha mente clareou e notei um zumbido nos ouvidos.

Aquilo não acontecera no Tajiquistão.

Eu também não sentira aquele calor lá.

Quente demais. Tão quente que eu queimava.

Merda! Uma onda de adrenalina afastou a neblina mental. Movendo-me muito depressa, rolei várias vezes no chão, apagando as chamas que devoraram o colete. Senti uma onda de náusea e minha cabeça latejou em agonia, mas, quando parei, o fogo apagara.

Respirando pesadamente, fiquei imóvel e tentei recuperar os sentidos. O que diabos tinha acabado de acontecer?

O zumbido nos ouvidos cedeu ligeiramente e abri os olhos, vendo destroços em chamas por toda a volta.

Uma explosão. Devia ter sido uma explosão.

Assim que percebi aquilo, ouvi.

Uma rajada de disparos, seguida de tiros em resposta.

Meu coração parou de bater. *Nora!*

A onda de pânico foi tão intensa que superou todo o resto. Sem perceber mais a dor, levantei-me de um salto, tropeçando quando os joelhos falharam por um segundo antes que conseguissem suportar o peso do corpo.

Virando a cabeça de um lado para o outro, procurei a origem dos disparos.

Um vulto pequeno correu atrás de um avião depois de disparar outra rajada. Atrás dela, havia um grupo de quatro homens armados, todos vestindo equipamentos da SWAT.

Em uma fração de segundo, percebi o restante da cena. A parede do hangar perto da limusine fora destruída e, pela abertura, vi o helicóptero da polícia pousado no gramado, com as pás imóveis e silenciosas.

Meus homens naquele último SUV provavelmente perderam a luta, deixando-nos expostos às forças remanescentes de Sullivan.

Antes que eu conseguisse pensar melhor naquilo, já estava em movimento.

A limusine queimava perto de mim, mas o fogo era na frente e eu ainda tinha alguns segundos. Saltando na direção do carro, abri uma das portas e entrei. As armas ainda estavam no banco. Peguei duas metralhadoras e saí, sabendo que o carro explodiria a qualquer momento. Ao sair, notei que Lucas se esforçava para levantar a uma dezena de metros de distância. Ele estava vivo. Registrei o fato com uma sensação distante de alívio.

Eu não tinha tempo para pensar mais nisso. A cerca de cem metros, Nora corria por entre os aviões, trocando tiros com os perseguidores. Meu bichinho, tão pequena, contra quatro homens armados. A visão me encheu de um terror nauseante e de fúria.

Agarrando as armas, uma em cada mão, comecei a correr. No segundo em que tive uma linha de visão clara dos homens de Sullivan, comecei a atirar.

Ratatá! A cabeça de um homem explodiu. *Ratatá!* Outro homem caiu.

Percebendo o que acontecia, os dois homens sobreviventes se viraram e começaram a atirar em mim. Ignorando as balas que zuniam à minha volta, continuei correndo e atirando, fazendo o possível para ziguezaguear em volta dos aviões. Mesmo com o colete à prova de balas, eu não era imune aos tiros.

Ratatá! Algo atravessou meu ombro esquerdo, deixando um rastro ardente. Xingando, segurei as armas com mais força e atirei de volta, fazendo com que um dos homens saltasse para trás de um caminhão de manutenção pequeno. O segundo continuou atirando em mim e, enquanto corria, vi Nora sair de trás de um dos aviões e mirar, com os olhos escuros enormes no rosto pálido.

A cabeça do atirador explodiu. A bala dela acertara o alvo. Virando-se, ela atirou no que se escondera atrás do caminhão.

Usando a distração fornecida por ela, mudei de curso, esgueirando-me em volta do caminhão onde o homem remanescente se escondia. Ao me aproximar por trás dele, vi que ele mirava em Nora... e, com uma onda de fúria, apertei o gatilho, enchendo-o de balas.

Ele deslizou pela lateral do caminhão, uma massa sangrenta de carne sem vida.

Não houve mais tiros e o silêncio resultante foi quase assustador.

Ofegante, abaixei as armas e saí de trás do caminhão.

N ora

QUANDO JULIAN SAIU de trás do caminhão, ensanguentado, mas vivo, soltei a AK-47. Meus dedos não conseguiram mais segurar a arma pesada. A emoção que encheu meu peito foi além da alegria, além do alívio.

Foi euforia. Uma euforia atordoante e selvagem por termos matado os inimigos e sobrevivido.

Quando a parede explodira e os homens entraram correndo no hangar, achei que Julian tinha morrido. Com uma fúria imensa, atirei neles e, quando começaram a atirar de volta em mim, corri sem destino certo, operando por puro instinto.

Eu sabia que não duraria mais do que poucos minutos e não me importei. Eu só queria viver por tempo suficiente para matar o maior número possível deles.

Mas agora Julian estava ali, na minha frente, tão vivo como sempre.

Eu não sabia se correra na direção dele ou se ele correra na minha direção. Mas, de alguma forma, acabei nos braços dele. Ele me abraçou com tanta força que mal consegui respirar, beijando-me repetidamente no rosto e no pescoço. Suas mãos correram pelo meu corpo em busca de ferimentos. Todo o horror da hora anterior desapareceu, afastado por uma alegria insana.

Nós sobrevivêramos, estávamos juntos e nada nunca nos separaria de novo.



— AQUELES DOIS ESTAVAM PERTO do helicóptero — disse Lucas ao sairmos do hangar para procurá-lo. Como Julian, ele estava ensanguentado e um pouco cambaleante, mas não menos letal por causa disso... como evidenciado pelo estado dos dois homens caídos no gramado. Os dois gemiam e gritavam. Um segurava o braço que sangrava e o outro tentava conter o sangue que espirrava da perna.

— Aquele ali é quem acho que é? — perguntou Julian com voz rouca, acenando com a cabeça na direção do homem mais velho. Lucas abriu um sorriso selvagem.

— Sim. Patrick Sullivan em pessoa, juntamente com o filho favorito, e o único que sobrou, Sean.

Olhei para o homem mais jovem, reconhecendo as feições contorcidas. Era o que atacara Rosa, que conseguira fugir.

— Suponho que tenham vindo no helicóptero para observar a ação e entrarem no momento certo — continuou Lucas, fazendo uma careta ao colocar a mão nas costelas. — Exceto que o momento certo não chegou. Eles devem ter descoberto quem você era e chamaram todos os policiais que lhe deviam algum favor.

— Os homens que matamos eram policiais? — perguntei, começando a tremer quando os níveis de adrenalina diminuíram. — Os que estavam nos Hummers e nos SUVs também?

— A julgar pelos equipamentos, muitos eram policiais — respondeu Julian, passando o braço direito em volta da minha cintura. Fiquei grata pelo apoio que ele ofereceu, pois minhas pernas começavam a parecer feitas de gelatina. — Alguns provavelmente eram corruptos, mas outros simplesmente seguiram cegamente as ordens dos superiores. Não duvido que tenham dito a eles que éramos criminosos altamente perigosos. Talvez até mesmo terroristas.

— Ah. — Minha cabeça começou a doer quando ouvi aquilo e subitamente fiquei ciente de todas as dores e todos os ferimentos que tinha. A dor me atingiu como uma onda, seguida de uma exaustão tão intensa que me encostei em Julian, sentindo a visão escurecer.

— Merda. — Com aquele palavrão, o mundo se inclinou e ficou na horizontal. Percebi que Julian me pegara no colo, apertando-me contra o peito. — Vou levá-la para o avião — ouvi-o dizer. Usei todas as forças que ainda tinha para balançar a cabeça negativamente.

— Não, estou bem. Por favor, ponha-me no chão — pedi, empurrando os ombros dele. Para minha surpresa, Julian obedeceu, colocando-me cuidadosamente no chão. Ele manteve o braço nas minhas costas, mas deixou que eu ficasse de pé por conta própria.

— O que foi, querida? — perguntou ele, olhando para mim.

Acenei na direção dos dois homens que sangravam. — O que você vai fazer com eles? Vai matá-los?

— Sim — respondeu Julian, com expressão gelada nos olhos. — Vou matá-los.

Respirei fundo e soltei o ar lentamente. A garota que Julian levava para a ilha teria objetado, oferecido algum argumento para poupá-los, mas eu não era mais aquela garota. O sofrimento daqueles homens não me tocava. Eu sentiria mais empatia por um besouro virado de costas do que por aquelas pessoas e fiquei feliz por Julian estar prestes a cuidar da ameaça que eles representavam.

— Acho que Rosa deveria estar aqui — disse Lucas. — Ela desejará ver a

justiça sendo feita.

Julian olhou para mim e assenti, concordando. Podia ser errado, mas, naquele momento, parecia certo que ela estivesse lá para ver a morte de quem a atacara.

— Traga-a aqui — disse Julian. Lucas voltou para o hangar, deixando Julian e eu sozinhos com os Sullivans.

Observamos os prisioneiros em silêncio sombrio. Nenhum de nós tinha nada a dizer. O homem mais velho já estava inconsciente por causa da hemorragia, mas o que atacara Rosa implorava por misericórdia. Soluçando e contorcendo-se no chão, ele nos prometeu dinheiro, favores políticos, apresentação a todos os cartéis dos Estados Unidos... o que quiséssemos para deixá-lo livre. Ele jurou que nunca mais tocaria em outra mulher, disse que fora um erro... ele não sabia, não percebera quem era Rosa. Quando Julian e eu não reagimos, as tentativas de barganha dele se transformaram em ameaças. Eu o ignorei, sabendo que nada do que dissesse faria com que mudássemos de ideia. A raiva dentro de mim era gelada e não deixava espaço para a pena.

Pelo que ele fizera com Rosa e pelo bebê que perdêramos, Sean Sullivan não merecia nada menos que a morte.

Um minuto depois, Lucas voltou, conduzindo uma Rosa trêmula para fora do hangar. No segundo em que ela colocou os olhos nos dois homens, no entanto, o rosto recuperou a cor e o olhar endureceu. Aproximando-se de seu agressor, ela olhou para ele por alguns segundos. Em seguida, olhou para nós.

— Posso? — perguntou ela, estendendo a mão. Lucas sorriu friamente, entregando o fuzil a ela. Com as mãos firmes, ela mirou no homem.

— Vá em frente — disse Julian. Assisti a mais um homem morrer quando o rosto dele explodiu. Antes que o eco do disparo de Rosa desaparecesse, Julian se aproximou de Patrick Sullivan, que estava inconsciente, e disparou várias vezes no peito dele.

— Acabamos — disse ele, virando-se de costas para o cadáver. Nós quatro andamos de volta para o avião.



NO CAMINHO PARA CASA, Thomas pilotou o avião, enquanto Lucas descansava na cabine principal com Julian, Rosa e eu. Ao ver todos vivos, mamãe começou a soluçar histericamente. Julian levou meus pais para o quarto do avião, dizendo a eles que tomassem um banho e relaxassem. Eu queria ver como eles estavam, mas a combinação de exaustão e apatia pós-adrenalina finalmente me atingiu.

Assim que decolamos, desmaiei no assento, com Julian segurando firmemente a minha mão.

Não vi quando pousamos nem quando chegamos à casa. Quando abri os olhos, já estávamos em nosso quarto em casa e o dr. Goldberg limpava e fazia curativos nos meus ferimentos. Eu me lembrava vagamente de Julian lavando o sangue que estava em mim no avião, mas o restante da viagem era um borrão.

— Onde estão meus pais? — perguntei quando o médico usou uma pinça para tirar um caco de vidro do meu braço. — Como eles estão? E como estão Rosa e Lucas?

— Estão todos dormindo — respondeu Julian, assistindo ao procedimento. O rosto dele estava emaciado de exaustão e a voz mais cansada do que eu jamais ouvira. — Não se preocupe, eles estão bem.

— Eu os examinei quando chegaram — disse o dr. Goldberg, fazendo um curativo no ferimento do braço. — Seu pai machucou o cotovelo, mas não quebrou nada. Sua mãe estava em choque, mas, além de alguns arranhões por causa do vidro quebrado, está bem. A srta. Martinez também. Lucas Kent tem algumas costelas quebradas e algumas queimaduras, mas vai se recuperar.

— E Julian? — perguntei, olhando para o meu marido. Ele já estava limpo e com curativos. O médico devia tê-lo tratado enquanto eu dormia.

— Uma concussão leve, como você, além de queimaduras de primeiro grau nas costas, alguns pontos no braço onde uma bala o atingiu e alguns arranhões. E, claro, aqueles ferimentos pequenos por causa do vidro. — Tirando outro caco de vidro do meu braço, o médico fez uma pausa, olhando para nós como se estivesse tentando decidir como prosseguir. Finalmente, ele disse baixinho: — Fiquei sabendo que perdeu o bebê. Eu sinto muito.

Assenti, lutando contra uma onda súbita de lágrimas. A pena no olhar do dr. Goldberg doeu mais do que os cacos de vidro, lembrando o que tínhamos perdido. A dor agonizante que eu enterrara durante a luta pela vida voltara, mais forte do que nunca.

Podíamos ter sobrevivido, mas não saíramos ilesos.

— Obrigado — disse Julian, levantando-se e indo até a janela. Os movimentos dele eram rígidos e desajeitados e a postura irradiava tensão. Parecendo perceber o humor dele, o médico terminou de me tratar em silêncio e partiu com um murmúrio de "boa noite", deixando-nos sozinhos com nossa dor.

Assim que o dr. Goldberg foi embora, Julian voltou até a cama. Eu nunca o vira tão cansado. Estava praticamente cambaleando.

— Você dormiu no avião? — perguntei, observando quando Julian tirou a camiseta e o moletom que devia ter vestido quando chegamos em casa. Meu peito doeu ao ver os ferimentos dele. "Alguns arranhões" era uma descrição que

não chegava nem perto da realidade. Ele estava com manchas roxas por todo o corpo e boa parte das costas e do peito enrolada em gaze branca.

— Não, eu queria ficar de olho em você — respondeu ele, subindo na cama. Deitado e virado para mim, ele passou o braço sobre mim e puxou-me para perto. — Imaginei que você talvez tivesse sofrido uma concussão com a queda dentro do carro — murmurou ele com o rosto a poucos centímetros do meu.

— Ah, sei. — Eu não consegui desviar do azul intenso do olhar dele. — Mas você também sofreu uma concussão por causa da explosão.

Ele assentiu. — Sim, achei que tinha mesmo. Mais um motivo para ficar acordado no avião.

Eu o encarei, sentindo um aperto no peito. Parecia que eu estava afogando-me nos olhos dele, sendo sugada para dentro daquelas piscinas azuis hipnotizantes. Lembranças da explosão voltaram à minha mente, trazendo com elas o horror dos eventos recentes. Julian voando por causa da explosão, o estupro de Rosa, a perda do bebê, o rosto aterrorizado dos meus pais ao acelerarmos pela estrada em meio a um tiroteio... As cenas horríveis se misturaram no meu cérebro, enchendo-me de pesar e culpa sufocantes.

Por eu nos ter arrastado para aquela boate, em dois dias eu perdera o bebê e quase perdera todas as pessoas que amava.

As lágrimas que surgiram pareciam sangue saindo diretamente da minha alma. Cada gota queimou meus olhos e os sons que saíram da garganta foram horríveis. Meu novo mundo não era apenas sombrio, era negro, sem esperança alguma.

Fechando os olhos com força, tentei enrolar o corpo em uma bola, ficar o menor possível para impedir que a dor explodisse, mas Julian não deixou. Passando os braços em volta de mim, ele me abraçou enquanto eu desmoronava. O corpo grande me esquentou enquanto Julian acariciava minhas costas e sussurrava em meu ouvido que tínhamos sobrevivido, que tudo ficaria bem e que logo voltaríamos ao normal... O som profundo e baixo da voz dele me envolveu, enchendo meus ouvidos até que eu não tivesse outra opção além de ouvir. Apesar de eu saber que eram falsas, as palavras me deram conforto.

Eu não sei por quanto tempo chorei, mas, em certo momento, o pior da dor começou a ceder. Fiquei ciente do toque de Julian, da força enorme dele. O abraço dele, antes minha prisão, agora era minha salvação, impedindo-me de me afogar no desespero.

Quando as lágrimas começaram a diminuir, notei que eu o segurava com a mesma força com que ele me segurava. E que ele também parecia encontrar conforto no meu toque. Ele me consolava, mas eu também o consolava... e, de

alguma forma, isso diminuiu minha agonia, dissipando parte da nuvem escura que me envolvia.

Ele me abraçara quando eu chorara antes, mas nunca daquele jeito. De forma direta ou indireta, ele sempre fora a causa das minhas lágrimas. Nunca estivéramos unidos na dor antes, nunca passáramos por uma agonia juntos. O mais perto que tivemos de ter uma perda em conjunto fora a morte horrível de Beth. Mas, mesmo então, não tivemos a oportunidade de ficar de luto juntos. Depois da explosão do depósito, eu ficara de luto sozinha por Beth e por Julian. E, quando ele voltou para me buscar, havia mais raiva do que pesar dentro de mim.

Desta vez, era diferente. Minha perda era a perda dele. A perda era mais dele, na verdade, pois ele quisera o bebê desde o início. A vida minúscula que crescera dentro de mim, que ele protegera com tanta ferocidade, se fora. E eu nem conseguia imaginar como Julian devia estar sentindo-se.

O quanto ele devia me odiar pelo que eu fizera.

A ideia me fez sofrer de novo, mas, desta vez, consegui conter a agonia. Eu não sabia o que aconteceria no dia seguinte, mas, por enquanto, ele me dava conforto. E eu era egoísta o suficiente para aceitá-lo, para depender da força dele para superar o que acontecera.

Soltando um suspiro trêmulo, cheguei mais perto do meu marido, ouvindo o coração dele.

Mesmo se Julian me odiasse, eu precisava dele.

Precisava tanto dele que nunca o deixaria ir embora.

Julian

À MEDIDA que a respiração de Nora ficava mais lenta e regular, o corpo dela relaxou contra o meu. Um estremecer ocasional a atingia, mas isso não a impediu de pegar no sono.

Eu também deveria dormir. Não fechara os olhos desde a noite antes do aniversário de Nora... o que significava que estava acordado havia mais de quarenta e oito horas.

Quarenta e oito horas que estavam dentre as piores da minha vida.

Nós sobrevivemos. Tudo ficará bem. Logo voltaremos ao normal. Minhas palavras de conforto para Nora eram vazias nos meus ouvidos. Eu queria acreditar no que dissera, mas a perda ainda era muito recente e a agonia forte demais.

Uma criança. Um bebê que era parte Nora, parte Julian. Não deveria ter sido nada, apenas um amontoado de células com potencial. Mas, mesmo com dez semanas, a criatura minúscula fizera meu peito se encher de emoção e tivera-me na palma da mão minúscula que ainda nem formara dedos.

Eu teria feito qualquer coisa por aquele bebê e ele nem nascera.

Morrera antes de ter uma chance de viver.

Uma fúria amarga e sombria me invadiu, desta vez direcionada exclusivamente a mim mesmo. Havia tantas coisas que eu poderia ter feito, que deveria ter feito para evitar aquele resultado. Eu sabia que era inútil pensar nisso, mas meu cérebro exausto se recusou a deixar de lado. As suposições inúteis continuaram girando na mente até que me senti como um hamster em uma roda, correndo sem parar e sem chegar a lugar algum. E se eu tivesse mantido Nora na propriedade? E se eu tivesse chegado ao banheiro mais depressa? E se, e se... Minha mente acelerou, com o vazio envolvendo-me novamente. Eu sabia que, se não tivesse Nora comigo, acabaria enlouquecendo, deixando que o vazio me engolissem.

Abraçando o corpo pequeno e quente com mais força, olhei para a escuridão, desejando desesperadamente algo que não podia alcançar, um perdão que não merecia e que nunca encontraria.

Nora suspirou durante o sono e esfregou o rosto no meu peito, pressionando os lábios macios na minha pele. Em outra noite qualquer, o gesto inconsciente

teria me deixado excitado, despertando o desejo que sempre me atormentava na presença dela. Mas, naquela noite, o toque gentil apenas aumentou a pressão no meu peito.

Meu filho está morto.

A sensação de fim me atingiu, esmagando os escudos que me mantinham distante desde a infância. Não havia nada que eu pudesse fazer, nada que ninguém pudesse fazer. Eu poderia aniquilar Chicago inteira e ainda não mudaria nada.

Meu filho está morto.

A dor aumentou de forma incontável, como um rio transbordando sobre uma represa. Tentei lutar contra ela, contê-la, mas só ficou pior. As lembranças me invadiram como uma onda, com o rosto de todos que eu perdera nadando na minha mente. *O bebê, Maria, Beth, minha mãe, meu pai como ele fora durante os raros momentos em que o amei...* O surto de pesar foi grande demais, sufocando tudo exceto esta nova perda.

Meu filho está morto.

A angústia me percorreu de forma excruciante, mas de certa forma purificadora.

Meu filho está morto.

Trêmulo, agarrei-me a Nora quando parei de lutar e deixei que a dor me invadissem.

O DEPOIS

N ora

DUAS SEMANAS Depois de voltarmos para casa, Julian considerou seguro que meus pais voltassem para Oak Lawn.

— Colocarei segurança extra para eles durante alguns meses — explicou ele ao andarmos para a área de treinamento. — Eles precisarão ter algumas restrições em se tratando de *shopping centers* e outros lugares movimentados, mas poderão voltar ao trabalho e retomar a maioria das atividades normais.

Assenti, sem ficar particularmente surpresa ao ouvir aquilo. Julian me mantivera informada das providências naquele sentido e eu sabia que os Sullivans não eram mais uma ameaça. Usando as mesmas táticas implacáveis que usara com a Al-Quadar, meu marido conseguira fazer o que as autoridades tinham tentado fazer durante décadas: livrara Chicago da família criminoso mais importante.

— E Frank? — perguntei ao passarmos por dois guardas que lutavam no gramado. — Achei que a CIA não queria que voltássemos para os Estados Unidos.

— Eles mudaram de ideia ontem. Precisaram ser convencidos, mas seus pais poderão voltar sem que ninguém fique no caminho.

— Ah. — Eu mal conseguia imaginar como Julian os "convencera" depois da destruição que deixamos para trás. Nem mesmo a equipe despachada pela CIA conseguira manter escondida a história de nossa batalha em alta velocidade. A área em volta do aeroporto particular não era densamente povoada, mas as explosões e os tiroteios não tinham passado despercebidos. Nas duas semanas anteriores, a operação clandestina de Chicago para "apreender o traficante de armas mortal" fora o único assunto dos noticiários.

Como Julian especulava no carro, os Sullivans tinham realmente cobrado alguns favores para organizar o ataque. O delegado de polícia, ex-funcionário dos Sullivans e atualmente desmanchado em uma banheira de soda cáustica, usara as informações que os Sullivans descobriram sobre nós e o pretexto de "um traficante de armas levando explosivos para a cidade" para montar rapidamente uma equipe de agentes da SWAT. Os homens de Sullivan que se juntaram a eles foram explicados como "reforços de outra área" e toda a operação foi mantida em segredo das outras agências da lei. E foi assim que

conseguiram nos pegar de surpresa.

— Não se preocupe — disse Julian, entendendo de forma errada minha expressão tensa. — Além de Frank e alguns outros agentes de alto nível, ninguém sabe que seus pais estiveram envolvidos no que aconteceu. A segurança extra é apenas uma precaução, nada mais.

— Eu sei disso. — Olhei para ele. — Você não deixaria que eles voltassem se não fosse seguro.

— Não — respondeu Julian em tom suave, parando na entrada da academia de luta. — Não deixaria. — A testa dele brilhava com suor por causa do calor úmido e a camiseta sem mangas estava grudada nos músculos bem definidos. Ainda havia algumas cicatrizes dos cacos de vidro no rosto e no pescoço dele, mas não faziam nada para diminuir o apelo potente.

Parado a menos de um metro e observando-me com o olhar azul penetrante, meu marido era a própria imagem da masculinidade vibrante e saudável.

Engolindo em seco, afastei os olhos, sentindo a pele aquecer com a lembrança de como eu acordara naquela manhã. Não fizéramos sexo propriamente dito desde que eu perdera o bebê, mas isso não significava que Julian se abstivera totalmente. *De joelhos, com o pênis dele na boca; amarrada com a língua dele no meu clitóris...* As imagens na minha mente me fizeram queimar, mesmo com a culpa sempre presente me engolindo.

Por que Julian continuava sendo tão gentil comigo? Desde nosso retorno, eu estivera esperando que ele me punisse, que fizesse algo para expressar a raiva que devia estar sentindo. Mas, até o momento, ele não fizera nada. Na verdade, fora incomumente gentil comigo, ainda mais atencioso do que durante a gravidez. Essa mudança no comportamento dele era sutil... Alguns beijos e toques extras durante o dia, massagens completas todas as noites, pedidos para que Ana fizesse mais das minhas comidas favoritas... Não era nada que ele não tivesse feito antes. Mas a frequência desses pequenos gestos aumentara desde que voltáramos dos Estados Unidos.

Desde que perdêramos nosso filho.

Meus olhos arderam com lágrimas súbitas e abaixei a cabeça para escondê-las ao passar por Julian. Eu não queria que ele me visse chorando de novo. Já vira isso vezes demais nas semanas anteriores. Provavelmente era por isso que ele ainda não me punira, por achar que eu não estava forte o suficiente para aguentar, tinha receio que eu voltasse aos ataques de pânico que ocorreram depois do Tajiquistão.

Exceto que isso não aconteceria. Eu sabia que não. Alguma coisa desta vez era diferente.

Alguma coisa dentro de mim estava diferente.

Andando até os colchões, eu me abaixei e comecei a alongar, usando aquele tempo para me recompor. Quando me virei para olhar para Julian, meu rosto não mostrava nada do pesar que me atacava em momentos aleatórios.

— Estou pronta — disse eu, posicionando-me no colchão. — Vamos lá.

E, durante a hora seguinte, enquanto Julian me treinava para derrubar um homem de cem quilos em sete segundos, consegui afastar da mente todos os pensamentos de perda e culpa.



DEPOIS DA SESSÃO DE TREINAMENTO, voltei para casa para tomar um banho. Em seguida, fui à piscina para dar a notícia aos meus pais. Meus músculos estavam cansados, mas o corpo estava cheio de endorfina depois do exercício pesado.

— Então, podemos voltar? — Meu pai se sentou na cadeira reclinável, com a desconfiança brigando com o alívio em sua expressão. — E todos aqueles policiais? E as conexões daqueles bandidos?

— Tenho certeza de que está tudo bem, Tony — disse mamãe antes que eu pudesse responder. — Julian não nos mandaria de volta se não tivesse cuidado disso tudo.

Vestindo um maiô amarelo, ela parecia bronzeada e descansada, como se tivesse passado as duas semanas anteriores em um *resort*... o que, de certa forma, não estava tão longe da verdade. Julian fizera o possível para garantir o conforto dos meus pais e fazer com que se sentissem verdadeiramente de férias. Livros, filmes, comida deliciosa, até mesmo drinques de frutas ao lado da piscina. Tudo fora dado a eles, fazendo com que meu pai admitisse relutantemente que minha vida no complexo de um traficante de armas não era tão horrível como imaginara.

— Isso mesmo, ele não faria isso — confirmei, sentando-me em uma cadeira ao lado de minha mãe. — Julian disse que vocês podem ir embora quando quiserem. Ele poderá aprontar o avião para vocês amanhã. Mas, obviamente, adoráramos se ficassem mais tempo.

Como esperado, minha mãe balançou a cabeça em recusa. — Obrigada, querida, mas acho que devemos ir para casa. Seu pai está ansioso por causa do trabalho e os meus chefes perguntam diariamente quando poderei voltar... — A voz dela sumiu e ela abriu um sorriso como se pedisse desculpas.

— É claro. — Sorri de volta para ela, ignorando o aperto no peito. Eu sabia o que estava por trás do desejo deles de voltar para casa, e não eram os empregos nem os amigos. Apesar de todos os confortos na propriedade, meus pais se

sentiam confinados, oprimidos pelas torres de vigilância e os drones que sobrevoavam a selva. Eu via isso na forma como eles olhavam para os guardas armados, no medo que cruzava o rosto deles quando passavam pela área de treinamento e ouviam tiros. Para eles, morar ali era como estar em uma cadeia de luxo, incluindo criminosos perigosos por toda parte.

E um daqueles criminosos era a filha deles.

— Vamos entrar e fazer as malas — disse meu pai, levantando-se. — Acho melhor partirmos amanhã de manhã cedo.

— Está bem. — Tentei não deixar que as palavras dele me atingissem. Era tolice eu me sentir rejeitada porque meus pais queriam voltar para casa. Ali não era o lugar deles e eu sabia disso tão bem quanto eles. Os arranhões e os hematomas que sofreram durante a perseguição estavam curados, mas a mente deles era algo muito diferente.

Demoraria mais do que apenas algumas horas de terapia com a dra. Wessex para que meus pais suburbanos superassem ver carros explodindo e pessoas morrendo.

— Quer que eu ajude vocês a fazer as malas? — perguntei quando meu pai colocou uma toalha sobre os ombros de minha mãe. — Julian está em uma reunião com o contador e não tenho nada para fazer antes do jantar.

— Está tudo bem, querida — respondeu mamãe em tom gentil. — Nós podemos nos virar. Por que não nada um pouco antes do jantar? A água está uma delícia.

E, deixando-me parada ao lado da piscina, eles correram para o conforto do ar-condicionado.



— ELES VÃO embora amanhã de manhã? — Rosa pareceu surpresa quando contei sobre a partida dos meus pais. — Ah, que pena. Nem tive a chance de mostrar à sua mãe o lago sobre o qual contou a eles.

— Está tudo bem — disse eu, pegando um cesto de roupas sujas para ajudá-la. — Espero que eles nos visitem novamente.

— Sim, espero que venham — repetiu Rosa, franzindo a testa ao perceber o que eu fazia. — Nora, largue isso. Você não deveria... — Ela parou abruptamente.

— Não deveria levantar peso? — terminei, dando a ela um sorriso irônico. — Você e Ana se esquecem de que não sou mais uma inválida. Posso levantar peso de novo. E posso lutar, atirar e comer o que eu quiser.

— É claro. — Rosa pareceu constrangida. — Desculpe... — ela pegou o cesto das minhas mãos — mas você ainda não deveria fazer o meu trabalho.

Suspirando, entreguei o cesto a ela, sabendo que ficaria chateada se eu insistisse em ajudar. Ela estivera particularmente sensível desde nossa volta, determinada a não deixar que ninguém a tratasse de forma diferente.

— Eu fui estuprada. Ninguém arrancou meus braços — dissera ela a Ana quando a governanta tentara lhe atribuir tarefas de limpeza mais leves. — Nada acontecerá comido se eu usar o aspirador de pó ou um esfregão.

Obviamente, aquilo fez com que Ana começasse a chorar. Rosa e eu precisamos passar os vinte minutos seguintes tentando acalmá-la. A mulher mais velha estivera mais emotiva desde nossa volta, abertamente triste por eu ter perdido o bebê e por Rosa ter sido violentada.

— Ela está encarando a situação pior que minha mãe — dissera Rosa a mim na semana anterior e assenti, sem ficar surpresa. Apesar de só ter encontrado a sra. Martinez umas duas vezes, a senhora séria me parecera ser uma versão mais velha de Beth, com a mesma casca dura e o olhar cínico sobre a vida. Como Rosa conseguira permanecer tão alegre com uma mãe como aquela era algo que sempre seria um mistério para mim. Mesmo agora, depois de tudo pelo que passara, o sorriso de minha amiga era apenas ligeiramente menos brilhante e o cintilar de seus olhos apenas um pouco mais sombrio. Com os hematomas e os arranhões praticamente curados, era impossível saber que Rosa sobrevivera a algo tão traumático... especialmente com a insistência feroz em ser tratada normalmente.

Suspirando novamente, observei enquanto ela colocava as roupas na máquina de lavar com eficiência, separando as roupas mais escuras em uma pilha bem organizada no chão. Quando terminou, ela olhou para mim. — Você ficou sabendo? Lucas localizou a intérprete. Acho que ele irá atrás dela depois de levar seus pais para casa.

— Ele lhe disse isso?

Ela assentiu. — Eu o encontrei esta manhã e perguntei como estava. E sim, ele me disse isso.

— Entendo. — Eu não entendia nem um pouco, mas decidi não bisbilhotar. Rosa estivera cada vez mais quieta sobre a estranha falta de relacionamento com Lucas e eu não queria pressioná-la. Imaginei que ela me contaria quando estivesse pronta... se houvesse algo a contar.

Ela se virou para ligar a máquina de lavar e considerei se deveria lhe contar o que descobrira no dia anterior... e que eu ainda não contara a Julian. Finalmente, decidi contar a ela, pois Rosa já sabia parte da história.

— Lembra-se da médica jovem e bonita que cuidou de mim no hospital? —

perguntei, encostando-me na secadora.

Rosa se virou para mim, confusa com a mudança de assunto. — Sim, acho que sim. Por quê?

— O sobrenome dela é Cobakis. Lembro de ter lido o nome dela no crachá e achar que era familiar, como se eu o tivesse visto antes.

Rosa pareceu intrigada. — E já tinha? Visto o nome antes?

Assenti. — Sim. Eu só não conseguia me lembrar onde. Mas, ontem, eu lembrei. Havia um homem com o nome George Cobakis na lista que dei a Peter.

Rosa arregalou os olhos. — A lista das pessoas responsáveis pelo que aconteceu com a família dele?

— Sim. — Respirei fundo. — Eu não tinha certeza e verifiquei no meu e-mail na noite passada. E lá estava ele. George Cobakis, de Homer Glen, Illinois. O nome me chamou a atenção originalmente por causa do lugar.

— Uau. — Rosa me encarou de boca aberta. — Acha que a médica tem alguma ligação com esse George?

— Eu sei que sim. Procurei George Cobakis na noite passada e ela apareceu nos resultados da pesquisa. É esposa dele. Um jornal local escreveu sobre uma arrecadação de fundos para veteranos e suas famílias e tinha uma fotografia dos dois como um casal que fez muito por aquela organização. Pelo jeito, ele é jornalista, correspondente estrangeiro. Não consigo imaginar como o nome dele acabou naquela lista.

— Merda. — Rosa parecia horrorizada e fascinada. — E o que você vai fazer?

— O que eu posso fazer? — A pergunta me atormentava desde que eu descobrira a conexão. Antes, os nomes na lista eram apenas isso: nomes. Mas agora um daqueles nomes tinha um rosto. Uma foto de um homem de cabelos escuros parado ao lado da esposa bonita e inteligente.

Uma esposa que eu conhecera.

Uma mulher que seria viúva se o ex-consultor de segurança de Julian conseguisse sua vingança.

— Você falou com o seu marido sobre isso? Ele sabe? — perguntou Rosa.

— Não, ainda não. — Eu nem tinha certeza se queria que Julian soubesse. Algumas semanas antes, eu contara a Rosa sobre a lista que enviara para Peter, mas não dissera a ela que fizera aquilo contra a vontade de Julian. Essa parte, e o que acontecera depois que descobríamos minha gravidez, eram coisas particulares demais para contar. — Imagino que Julian dirá que não há nada a fazer agora que a lista está nas mãos de Peter — disse eu, tentando imaginar a reação do meu marido.

— E ele provavelmente teria razão. — Rosa olhou para mim de forma

firme. — É uma infelicidade que tenhamos conhecido a mulher e tudo o mais, mas, se o marido dela esteve envolvido de alguma forma no que aconteceu com a família de Peter, não vejo como poderemos interferir.

— Certo. — Respirei fundo novamente, tentando me livrar da ansiedade que sentia desde o dia anterior. — Não podemos. Nem devemos.

Apesar de eu ter dado aquela lista a Peter.

Apesar de eu saber que o que aconteceria seria novamente culpa minha.

— Não é problema seu, Nora — disse Rosa, percebendo minha preocupação. — Peter teria descoberto aqueles nomes de uma forma ou de outra. Ele estava determinado demais para que isso não acontecesse. Você não é responsável pelo que ele fará com aquelas pessoas... Peter é.

— É claro — murmurei, tentando abrir um sorriso. — É claro, eu sei disso.

E, quando Rosa recomeçou a separar as roupas sujas, mudei de assunto, falando dos mais novos recrutas para a guarda.

Julian

Ao TERMINAR a reunião com o contador, levantei-me e espreguicei-me, sentindo a tensão ser liberada dos músculos. Imediatamente, meus pensamentos se voltaram para Nora e abri o aplicativo de rastreamento para descobrir onde ela estava. Eu fazia isso pelo menos cinco vezes por dia, um hábito tão enraizado quanto escovar os dentes ao acordar.

Ela estava na casa, que era exatamente onde eu esperava que estivesse. Satisfeito, guardei o telefone e fechei o *notebook*, determinado a não trabalhar mais naquele dia. Entre toda a documentação para uma nova corporação de fachada e as entrevistas com possíveis substitutos para os guardas, eu trabalhava até doze horas por dia. Antes, isso não teria importado, pois eu só vivia para o trabalho, mas agora ele era uma distração indesejada.

O trabalho me impedia de passar tempo com minha bela e estranhamente distante esposa.

Eu não tinha certeza de quando notara pela primeira vez, mas os olhos de Nora constantemente se afastavam dos meus. A forma como ela se segurava, até mesmo durante o sexo. No início, atribuí a atitude reservada dela ao pesar e ao trauma. Mas, à medida que os dias se passavam, percebi que havia algo mais.

A distância entre nós era sutil, mal discernível, mas estava lá. Ela falava e agia como se tudo estivesse normal, mas eu sabia que não. O segredo que ela mantinha pesava nela, fazendo com que erguesse barreiras entre nós. Senti isso durante o treinamento naquele dia, o que solidificou minha determinação em chegar ao fundo da questão.

De acordo com os médicos, ela estava totalmente curada depois de perder o bebê... e, de uma forma ou de outra, naquela noite ela me contaria tudo.



DURANTE O JANTAR, observei Nora enquanto ela interagia com os pais, assistindo a cada minúsculo movimento de suas mãos e dos cílios longos. Eu achei que fosse impossível, mas minha obsessão por ela atingira um novo nível desde nosso retorno. Era como se toda a tristeza, a raiva e a dor dentro de mim se juntassem em uma única sensação de cortar o coração, um sentimento tão intenso que me

devorava por dentro.

Um desejo que era totalmente concentrado nela.

Ao terminarmos o prato principal, notei que eu mal dissera uma palavra, passando a maior parte da refeição absorto na visão dela e no som de sua voz. Provavelmente não importava, considerando que era a última noite dos pais de Nora ali. Apesar de o pai dela não me hostilizar mais abertamente, eu sabia que os Lestons ainda desejavam poder libertar a filha das minhas garras. Obviamente, eu nunca deixaria que eles a tirassem de mim, mas não me importava que passassem algum tempo juntos.

Para tanto, assim que Ana serviu a sobremesa, pedi licença dizendo que estava satisfeito e iria para a biblioteca, deixando que terminassem a refeição sem mim.

Quando cheguei lá, sentei-me perto da janela e passei alguns minutos respondendo a e-mails no telefone. Depois, o enigma da distância incomum de Nora surgiu na mente de novo. A forma como ela estivera nas duas semanas anteriores me lembrou de quando eu a forcara a colocar os rastreadores. Era como se ela estivesse chateada comigo... exceto que, desta vez, eu não fazia ideia do motivo.

Olhando para o relógio na parede, percebi que já se passara meia hora desde que eu saíra da mesa. Com sorte, Nora já teria subido para o quarto. Mas, quando verifiquei a localização dela, vi que ainda estava na sala de jantar.

Ligeiramente irritado, considerei a ideia de ler um livro enquanto esperava, mas tive uma ideia melhor.

Abrindo um aplicativo diferente no telefone, ativei o áudio escondido da sala de jantar, coloquei os fones de ouvido e reclinei-me na poltrona para escutar.

Um segundo depois, a voz frustrada de Gabriela encheu meus ouvidos.

— ... Pessoas morreram — argumentou ela. — Como isso não incomoda você? Havia policiais dentre aqueles criminosos, homens bons que só estavam seguindo ordens...

— E, de acordo com essas ordens, eles teriam nos matado. — O tom de Nora foi incomumente ríspido, fazendo com que eu me sentasse e escutasse mais atentamente. — É melhor morrer pela bala de um homem bom do que se defender e viver? Lamento por não mostrar o remorso que você espera, mamãe, mas não lamento o fato de estarmos todos vivos e bem. Nada do que aconteceu foi culpa de Julian. No mínimo...

— Foi ele quem matou o filho daquele gângster — interrompeu Tony. — Se tivesse feito a coisa civilizada, teria ligado para a emergência, em vez de assassinar...

— Se ele tivesse feito a coisa civilizada, eu teria sido estuprada e Rosa teria

sofrido ainda mais até que a polícia chegasse. — A voz de Nora foi dura. — Você não estava lá, papai. Não entende.

— Seu pai entende perfeitamente bem, querida. — A voz de Gabriela estava mais calma agora, com um toque de cansaço. — E sim, talvez seu marido não pudesse ficar parado e esperar que os policiais chegassem, mas você sabe tão bem quanto eu que ele não precisava ter matado aquele homem.

Não precisava ter matado o homem que machucara e quase estuprara Nora? Meu sangue ferveu com uma fúria súbita. O filho da puta teve sorte de eu não o ter castrado e enfiado os testículos em sua boca. O único motivo pelo qual ele morreria tão depressa foi porque Nora estava lá e minha preocupação com ela foi maior do que a minha raiva.

— Talvez. — O tom de Nora foi semelhante ao da mãe. — Mas há todos os motivos para acreditar que os Sullivans teriam ficado impunes, considerando as conexões deles. É isso que você quer, mamãe, que homens como aqueles continuem a fazer isso com outras mulheres?

— Não, claro que não — respondeu Tony. — Mas isso não dá a Julian o direito de se intitular juiz, jurado e carrasco. Quando ele matou aquele homem, não sabia quem era e você não pode usar essa desculpa. Seu marido matou porque queria e nenhum outro motivo.

Por alguns segundos tensos, houve silêncio nos fones de ouvido. A fúria dentro de mim aumentou enquanto eu esperava para ver o que Nora tinha a dizer. Eu não me importava nem um pouco com o que os pais de Nora pensavam de mim, mas me importei muito por estarem tentando virar a filha contra mim.

Finalmente, Nora falou. — Sim, papai, você tem razão, ele fez isso. — A voz dela estava calma. — Sem pensar duas vezes, ele matou aquele homem por me machucar. Quer que eu o condene por isso? Bem, não posso. Não vou. Porque, se eu pudesse, teria feito a mesma coisa.

Houve outro silêncio prolongado. Em seguida: — Querida, quando saiu do avião e houve todos aqueles tiros, era você? — perguntou Gabriela baixinho. — Você atirou em alguém? — Outra pausa e um tom ainda mais suave: — Você matou alguém?

— Sim. — O tom de Nora não mudou. Eu a imaginei sentada lá, encarando os pais sem pestanejar. — Sim, mamãe, matei.

Uma respiração alta e mais alguns momentos de silêncio.

— Eu lhe disse, Gabs. — Era Tony quem falava com a voz cheia de tristeza. — Eu lhe disse que ela devia ter feito isso. Nossa filha mudou... ele a mudou.

Houve um barulho como se uma cadeira tivesse sido arrastada e um "Ai, querida" trêmulo. Em seguida, um soluço estrangulado e a voz de Nora,

murmurando: — Não chore, mamãe. Por favor, não chore. Lamento ter desapontado você. Eu sinto muito...

Não aguentei ouvir mais. Saltando da poltrona, saí da biblioteca, determinado a tirar Nora de lá e levá-la para o quarto. Aquelas acusações eram a última coisa de que ela precisava e, se eu tivesse que protegê-la dos próprios pais, era o que faria.

Enquanto andava, ouvi-os falar novamente e diminuí o passo no corredor para ouvir.

— Você não nos desapontou, querida — disse o pai de Nora. — Não é nada disso. É só que vemos agora que você não é mais a mesma garota... que, mesmo se voltasse para nós, não seria o mesmo.

— Não, papai — respondeu Nora baixinho. — Não seria.

Mais alguns segundos se passaram e a mãe dela falou novamente: — Nós amamos você, querida — disse ela com a voz baixa e tensa. — Por favor, nunca duvide disso.

— Eu sei, mamãe. E eu amo vocês. — A voz de Nora sumiu pela primeira vez. — Sinto muito por as coisas terem acontecido desse jeito, mas o meu lugar agora é aqui.

— Com ele. — Curiosamente, Gabriela não soou amarga, apenas resignada. — Sim, entendemos isso agora. Ele ama você. Nunca achei que eu diria isso, mas ele ama. A maneira como vocês dois são quando estão juntos, a forma como ele olha para você... — Ela soltou uma risada trêmula. — Ah, querida, nós daríamos um braço e uma perna para que fosse outra pessoa. Um homem bom, um homem gentil, alguém que tivesse um emprego normal e comprasse uma casa para você perto de nós...

— Julian comprou uma casa para mim perto de vocês — retrucou Nora. A mãe dela riu novamente, parecendo um pouco histérica.

— É verdade — disse ela ao se acalmar. — Ele comprou, não foi?

As duas mulheres riram juntas e soltei um suspiro aliviado. Talvez, no fim das contas, Nora não precisasse da minha interferência.

Outro som de cadeira sendo arrastada. Em seguida, Tony disse: — Estamos aqui para apoiar você, querida. Não importa o que aconteça, sempre apoiaremos você. Se alguma coisa mudar, se algum dia quiser deixá-lo e voltar para casa...

— Não vou, papai. — A confiança na voz de Nora me aqueceu, afastando a raiva. Fiquei tão feliz que quase perdi quando ela acrescentou em tom suave: — A não ser que ele queira que eu o deixe.

— Ah, ele não vai querer — comentou o pai de Nora, soando amargo. — Isso é óbvio. Se dependesse daquele homem, você nunca estaria a mais de três metros dele.

Eu mal prestei atenção às palavras dele, pois parei para pensar na estranha declaração de Nora. *A não ser que ele queira que eu o deixe.* Ela pareceu quase com receio de que isso acontecesse. Ou ela *queria* que isso acontecesse? Uma suspeita horrível me invadiu. Era por isso que ela estivera tão distante nos dias anteriores... porque queria que eu a deixasse ir? Porque não queria mais ficar comigo e esperava que eu a deixasse ir embora como forma de compensar o que acontecera?

Meu peito se apertou com uma dor súbita quando um novo tipo de raiva se acendeu dentro de mim. Era isso que o meu bichinho esperava? Algum tipo de gesto generoso de minha parte que lhe desse a liberdade? Que eu implorasse pelo seu perdão e fingisse arrependimento por tê-la sequestrado?

Foda-se.

Tirei os fones de ouvido com uma fúria sombria ao me virar e subir a escada, dois degraus de cada vez.

Se Nora achava que eu estava tão transtornado assim, não poderia estar mais errada.

Ela era minha e seria minha pelo resto da vida.

N ora

CANSADA DEPOIS de conversar com os meus pais, subi a escada em direção ao quarto. Apesar de uma parte de mim ainda desejar que pudesse proteger minha família da nova vida que levava, eu estava aliviada por eles saberem da verdade.

Por eles saberem a mulher em que eu me transformara e ainda me amarem.

Chegando ao quarto, abri a porta e entrei. Não havia nenhuma luz ligada e, ao fechar a porta atrás de mim, perguntei-me onde Julian estaria. Apesar de estar feliz por ter tido a oportunidade de esclarecer tudo com os meus pais, o fato de Julian ter saído da sala de jantar sem uma boa explicação me preocupou. Acontecera alguma coisa ou ele simplesmente se cansara de nós?

Ele se cansara de mim?

Quando essa ideia arrasadora cruzou minha mente, notei uma sombra escura parada ao lado da janela.

Meu coração deu um salto e a pele se arrepiou com um terror primitivo enquanto eu procurava o interruptor.

— Deixe. — A voz de Julian surgiu na escuridão e meus joelhos quase cederam de alívio.

— Ai, graças a Deus. Por um segundo, não percebi que... — comecei a dizer, registrando o tom ríspido dele — era você — terminei em tom incerto.

— Quem mais seria? — Meu marido se virou e atravessou o quarto, aproximando-se de mim com os passos silenciosos de um predador. — É o nosso quarto. Ou você se esqueceu disso? — Ele colocou as mãos na parede, nos dois lados do meu corpo, prendendo-me.

Prendi a respiração assustada, pressionando as mãos contra a parede fria. Julian estava claramente de mau humor e eu não tinha a menor ideia do motivo. — Não, claro que não — respondi lentamente, olhando para o rosto dele coberto de sombras. Havia tão pouca luz que eu só conseguia ver o brilho leve dos olhos dele. — O que você...

Ele se aproximou ainda mais, encostando a parte inferior do corpo no meu. Arquejei quando senti o pênis rígido contra meu abdômen. Ele estava nu e excitado. O cheiro masculino quente me envolveu enquanto ele me mantinha presa. Apesar de o tecido do vestido nos separar, senti o desejo pulsando dentro dele... desejo e algo muito, muito mais sombrio.

Meu corpo despertou imediatamente e meu coração acelerou com uma onda de medo. Finalmente, chegara a hora da punição que eu estivera esperando. Depois que os médicos me consideraram totalmente curada mais cedo, chegara a hora.

— Julian? — O nome dele saiu da minha boca estrangulado quando ele agarrou meu pescoço, envolvendo-o com os dedos longos. O corpo dele era puro músculo em volta de mim. Se ele apertasse aqueles dedos de aço, esmagaria minha garganta. A ideia me deixou gelada, mas uma dor oca surgiu no meu centro e os mamilos enrijeceram com a excitação. A raiva que exalava dele era palpável e atraiu algo selvagem dentro de mim, alimentando o fogo sombrio que queimava em minhas entranhas.

Se ele decidira finalmente me punir, eu garantiria que receberia o que merecia.

Ele se inclinou para a frente e senti o hálito quente no rosto. Naquele momento, eu agi. Fechei a mão direita no lado do corpo e movi-a para cima com toda a força, atingindo a parte debaixo do queixo dele. Ao mesmo tempo, girei o corpo para a direita, soltando o pescoço, e abaixei-me sob o braço estendido dele para atingi-lo nas costas.

Exceto que ele não estava mais lá.

No meio segundo que demorei para me virar, Julian se moveu, rápido e mortal como qualquer assassino. Em vez de atingir as costas dele, a palma da minha mão bateu em seu cotovelo. Gritei quando o impacto lançou uma onda de dor pelo meu braço.

— Caralho! — O grito furioso dele foi acompanhado de um movimento muito rápido. Antes que eu conseguisse reagir, ele me envolveu com os braços. Meus pulsos estavam cruzados em frente ao peito e a perna esquerda dele em volta dos meus joelhos, impedindo-me de chutar. Com Julian segurando-me por trás, eu não podia mordê-lo e minhas tentativas de bater a cabeça em seu queixo foram inúteis, pois ele mantinha o rosto fora do meu alcance.

Apesar de todo o treinamento, ele me subjugara em três segundos.

A frustração se misturou com a adrenalina, aumentando a fúria dentro de mim. Fúria por ele ter me provocado com toda aquela gentileza nas duas semanas anteriores e, acima de tudo, fúria contra eu mesma.

Minha culpa, minha culpa, foi tudo minha culpa. As palavras ecoaram na minha mente. A culpa amarga subiu para a garganta, fazendo com que eu engasgasse ao se misturar com uma tristeza dolorosa.

Rosa. Nosso bebê. Dezenas de homens mortos.

O som que saiu da minha garganta foi algo entre um rosnado e um soluço. Apesar da inutilidade, comecei a lutar, contorcendo-me dentro dos braços de aço

de Julian. Eu não tinha muito apoio, mas, com uma das pernas dele prendendo as minhas, meus movimentos frenéticos foram suficientes para desequilibrá-lo.

Xingando, ele caiu para trás, ainda segurando-me firmemente. As costas dele sofreram o golpe da queda. Eu mal senti o impacto quando ele rosnou e imediatamente rolou o corpo, prendendo-me no piso de madeira. Desconsiderando o peso dele sobre mim, continuei a lutar com todas as forças. A madeira fria pressionou meu rosto, mas mal registrei o desconforto.

Minha culpa, minha culpa, minha culpa.

Ofegante e soluçando, tentei chutá-lo, arranhá-lo, fazer com que ele sentisse nem que fosse uma fração minúscula da dor que me consumia. Meus músculos começaram a doer, mas não parei... nem quando Julian puxou meus pulsos para trás e amarrou-os com o cinto nem quando ele me levantou pelo cotovelo e jogou-me sobre a cama.

Lutei enquanto ele rasgava meu vestido e as roupas íntimas, quando ele agarrou meus cabelos e forçou-me a ficar de joelhos. Lutei como se estivesse lutando pela minha vida, como se o homem que me segurava fosse meu maior inimigo, em vez do meu grande amor. Lutei porque ele era forte o suficiente para aguentar a fúria dentro de mim.

Porque ele era forte o suficiente para afastá-la de mim.

Enquanto eu me contorcia no abraço brutal, o joelho dele forçou minhas pernas a se abrirem e o pênis pressionou minha entrada. Em uma investida selvagem, ele me penetrou por trás e gritei por causa da dor, do alívio de sua posse. Eu estava molhada, mas não o suficiente, e cada investida punitiva me machucava e, ao mesmo tempo, curava-me. Meus pensamentos se dispersavam, o cântico na minha mente desapareceu e só o que sobrou foi a sensação de Julian dentro de mim, a dor e o prazer agonizante de nosso desejo.

Eu estava prestes a gozar quando Julian começou a falar comigo, rosnar que eu sempre ficaria com ele, que nunca pertenceria a ninguém além dele. Havia uma ameaça sombria implícita nas palavras dele, uma promessa de que nada o deteria. A crueldade dele deveria me aterrorizar, mas, mesmo assim, meu corpo explodiu com o orgasmo. O medo era a última coisa na minha mente.

Eu só estava ciente do prazer intenso.

Ele me virou para que eu ficasse deitada de costas, soltando meus pulsos. Percebi que, em algum momento, eu parara de lutar. A fúria desaparecera e, em seu lugar, havia uma exaustão e um alívio profundos.

Alívio por Julian ainda me querer. Por saber que ele me puniria, mas não me mandaria embora.

Portanto, quando ele agarrou meus tornozelos e colocou-os sobre os próprios ombros, não resisti. Não lutei quando ele se inclinou para a frente,

quase dobrando-me no meio, e não lutei quando ele molhou a mão na umidade abundante do meu sexo e esfregou-a entre minhas nádegas. Foi só quando senti o pênis posicionado na outra abertura que protestei. O esfíncter se contraiu quando movi as mãos para empurrar o peito duro. Foi um gesto fraco, quase simbólico, pois eu sabia que não conseguiria afastar Julian daquela forma. Mas até mesmo aquela resistência leve pareceu enfurecê-lo.

— Ah, não, não vai — rosnou ele. E, sob a luz leve que entrava pela janela, vi o brilho sombrio em seus olhos. — Você não vai me negar isso, não vai me negar nada. Você é minha... cada centímetro do seu corpo. — Ele fez pressão, com o pênis enorme forçando a entrada, e sussurrou: — Se você não relaxar esse cu, meu bichinho, vai se arrepender.

Estremeci com uma excitação perversa, enterrando as unhas no peito dele quando o músculo apertado cedeu à pressão implacável. A invasão ardente foi agonizante e minhas entranhas se contraíram quando ele investiu cada vez mais fundo. Faziam meses desde que ele me possuía daquele jeito e meu corpo se esquecera de como lidar com aquilo, de como relaxar sob a sensação de preenchimento. Apertando os olhos, tentei respirar devagar, permanecer forte. Mas as lágrimas traidoras surgiram mesmo assim, descendo pelo canto dos olhos.

Mas não foi a dor que me fez chorar. Nem a resposta pervertida do meu corpo.

Foi saber que minha punição não terminara, que Julian ainda não me perdoara.

Que talvez ele nunca me perdoasse.

— Você me odeia? — A pergunta escapou antes que eu pudesse evitá-la. Eu não queria saber, mas, ao mesmo tempo, não consegui ficar em silêncio. Abrindo os olhos, encarei a figura sombria sobre mim. — Julian, você me odeia?

Ele ficou imóvel, com o pênis dentro de mim. — Odiar você? — O corpo grande ficou tenso e a voz rouca por causa do desejo soou incrédula. — Mas que merda, Nora, por que eu odiaria você?

— Porque eu perdi o bebê. — Minha voz tremeu. — Porque nosso filho morreu por minha causa.

Por um segundo, ele não respondeu. Em seguida, xingando baixinho, ele saiu de dentro de mim, fazendo com que eu gemesse de dor.

— Porra! — Ele me soltou, recuando sobre a cama. A ausência súbita do calor e do peso dele foi assustadora, bem como a luz do abajur que ele ligou. Demorei um momento para que meus olhos se ajustassem à claridade e eu visse a expressão no rosto dele.

— Você acha que eu a culpo pelo que aconteceu? — perguntou ele com voz

rouca, ainda ajoelhado sobre a cama. Os olhos dele queimavam ao me encarar, com o pênis ainda totalmente ereto. — Acha que foi culpa sua?

— É claro que foi. — Eu me sentei, sentindo uma ardência nas minhas entranhas onde ele estivera alguns momentos antes. — Fui eu que quis ir para Chicago, ir àquela boate. Se não fosse por mim, nada disso teria...

— Pare. — O comando duro dele vibrou dentro de mim, apesar de seu rosto se contorcer com algo que parecia dor. — Pare, querida, por favor.

Fiquei em silêncio, encarando-o confusa. Não era por isso que aquela cena toda acontecera? Minha punição por tê-lo desapontado? Por colocar eu e o bebê em perigo?

Ainda mantendo o meu olhar, ele respirou fundo e aproximou-se de mim. — Nora, meu bichinho... — Ele segurou meu rosto nas mãos grandes. — Como pode achar que eu odeio você?

Engoli em seco. — Eu esperava que não, mas sei que está furioso...

— Acha que estou com raiva porque você queria ver seus pais? Porque queria sair para dançar, para se divertir? — As narinas dele se expandiram. — Mas que merda, Nora, se alguém tem culpa de você ter perdido o bebê, sou eu. Eu não deveria ter deixado você ir sozinha àquele banheiro...

— Mas você não tinha como saber...

— Nem você. — Ele respirou fundo e abaixou as mãos, pegando as minhas. — Não foi culpa sua — disse ele. — Nada daquilo foi culpa sua.

Passei a língua nos lábios secos. — Então, por quê...

— Por que eu estava com raiva? — A boca bonita se contorceu. — Porque achei que você queria me deixar. Porque interpretei errado uma coisa que você disse aos seus pais mais cedo.

— O quê? — Franzi as sobrancelhas. — O que eu... ah. — Lembrei do meu comentário, oriundo do medo e da insegurança. — Não, Julian, não foi o que eu quis dizer — comecei, mas ele apertou minhas mãos antes que eu conseguisse explicar.

— Eu sei — disse ele em tom suave. — Acredite, querida, agora eu sei.

Nós nos encaramos em silêncio. O ar estava tenso com ecos do sexo violento e das emoções sombrias, com as repercussões do desejo, da perda e da dor. Foi estranho, mas, naquele momento, eu o entendi melhor do que nunca. Vi o homem atrás do monstro, o homem que precisava tanto de mim que faria qualquer coisa para me manter ao seu lado.

O homem que eu precisava tanto que faria qualquer coisa para ficar com ele.

— Você me ama, Julian? — Não sei o que me deu a coragem para fazer aquela pergunta, mas eu precisava saber, de uma vez por todas. — Você me

ama? — repeti, mantendo o olhar dele.

Por alguns momentos, ele não se moveu, não disse nada. Ele apertava minhas mãos o suficiente para causar dor. Senti a luta dentro dele, o desejo lutando contra o medo. Esperei, prendendo a respiração, sabendo que talvez ele nunca mais se abrisse daquele jeito, nunca admitisse a verdade, nem para si mesmo. Portanto, quando ele falou, quase me pegou de surpresa.

— Sim, Nora — respondeu ele com voz rouca. — Sim, eu amo você. Amo você tanto que dói. Eu não sabia, ou talvez não quisesse saber, mas isso sempre existiu. Passei a maior parte da vida tentando não sentir, tentando não deixar que ninguém se aproximasse de mim. Mas eu me apaixonei por você desde o início. Só levei dois anos para perceber.

— O que fez com que percebesse? — sussurrei. Meu coração doía com uma alegria aliviada. *Ele me ama*. Até aquele momento, eu não sabia como precisava desesperadamente daquelas palavras, como a falta delas pesava em mim. — Quando descobriu?

— Na noite em que voltamos para casa. — A garganta dele se moveu quando Julian engoliu em seco. — Foi quando me deitei aqui, ao seu lado. Eu me permiti sentir de verdade naquele momento... a dor de perder o bebê, a dor de perder todas aquelas pessoas na minha vida. E percebi que estivera tentando me proteger da agonia de perder você. Tentando me impedir de amá-la para que isso não me destruísse. Mas era tarde demais. Eu já estava apaixonado por você. Já fazia um longo tempo. Obsessão, vício, amor, é tudo a mesma coisa. Não consigo viver sem você, Nora. Perder você me destruiria. Consigo sobreviver a qualquer coisa, menos a isso.

— Ai, Julian... — Eu não conseguia imaginar o que fora preciso para que aquele homem forte e implacável admitisse aquilo. — Você não vai me perder. Estou aqui e não vou a lugar algum.

— Eu sei que não. — Ele estreitou os olhos e todos os traços de vulnerabilidade sumiram de seu rosto. — Só porque eu a amo não quer dizer que vou deixá-la ir embora.

Soltei uma risada trêmula. — É claro, eu sei disso.

— Nunca. — Ele pareceu sentir a necessidade de enfatizar aquilo.

— Eu sei disso também.

Ele me encarou, ainda segurando minhas mãos, e senti o comando sem palavras. Ele queria que eu também admitisse meus sentimentos, que expusesse minha alma como ele acabara de expor a dele. E dei a ele o que queria.

— Eu amo você, Julian — disse eu, deixando que ele enxergasse a verdade no meu olhar. — Eu sempre amarei você... e não quero que me deixe ir embora, nunca.

Não sei se foi ele que se moveu na minha direção ou se fiz o primeiro movimento. Mas logo a boca de Julian estava sobre a minha, seus lábios e sua língua me devorando enquanto ele me segurava em um abraço do qual eu nunca conseguiria escapar. Nós nos unimos na dor e no prazer, na violência e na paixão.

Nós nos unimos no nosso amor.



Na manhã seguinte, eu estava parada ao lado da pista e observei quando o avião que levava meus pais decolou. Quando ele não era nada além de um pontinho no céu, virei-me para Julian, que estava parado ao meu lado segurando minha mão.

— Diga de novo — pedi baixinho, olhando para ele.

— Eu amo você. — Os olhos dele brilharam ao encontrar os meus. — Eu amo você, Nora, mais do que a própria vida.

Sorri, sentindo o coração mais leve do que estivera em semanas. A sombra da tristeza ainda estava dentro de mim, bem como a sensação de culpa, mas a escuridão deixara de cobrir tudo. Eu consegui imaginar um dia em que a dor desapareceria, em que tudo o que sentiria seria contentamento e alegria.

Nossos problemas não tinham terminado... não poderiam terminar, considerando quem éramos. No entanto, o futuro não me assustava mais. Logo, eu teria que falar sobre a médica bonita e o plano de vingança de Peter. E, em algum momento, teríamos que discutir a possibilidade de outro filho e como lidaríamos com o perigo sempre presente em nossa vida.

Mas, por enquanto, não precisávamos fazer nada além de desfrutar um do outro.

De desfrutar o fato de estarmos vivos e apaixonados.

EPÍLOGO

TRÊS ANOS DEPOIS

J ulian

—NORA E_{SGUERRA}!

Quando o presidente da Universidade de Stanford chamou o nome dela, observei minha esposa atravessar o palco, vestindo a mesma roupa preta que o restante dos formandos. A roupa flutuou em volta do corpo pequeno, escondendo a barriga pequena, mas já visível, onde estava o bebê que nós dois queríamos muito desta vez.

Parando em frente ao homem, Nora apertou a mão dele sob o som dos aplausos. Em seguida, virou-se para sorrir para a câmera, com o rosto delicado brilhando sob o sol matinal.

O flash disparou, assustando-me, apesar de eu saber que aquilo aconteceria.

Percebi que agarrara a arma na cintura e forcei minha mão a se abrir e afastar-se dela. Com uma centena dos nossos melhores guardas protegendo o lugar, minha arma não era necessária. Ainda assim, senti-me melhor por tê-la comigo... e sabia que Nora estava feliz por ter a semiautomática guardada na bolsa. Apesar de a inauguração da segunda exposição de arte dela em Paris ter ocorrido sem nenhum problema no ano anterior, estávamos bastante paranoicos naquele dia, determinados a fazer o que fosse preciso para garantir a segurança de nossa filha.

Outro flash disparou ao meu lado. Olhando para as cadeiras à minha direita, vi os pais de Nora tirando fotografias com a câmera nova. Eles pareciam tão orgulhosos quanto eu me sentia. Sentindo meu olhar sobre eles, a mãe de Nora olhou na minha direção. Abri um sorriso amigável antes de voltar a atenção para o palco.

O próximo formando já fora chamado, mas não notei quem era. Só conseguia ver meu bichinho, descendo cuidadosamente pelo lado esquerdo do palco. O canudo de couro com o diploma estava em suas mãos e o cordão do capelo estava no outro lado do rosto dela, significando seu novo status de formada.

Ela estava linda, ainda mais linda do que na formatura da escola, cinco anos antes.

Enquanto ela abria caminho pelas fileiras de formandos e suas famílias, nossos olhares se encontraram. Senti meu coração se expandir, enchendo-se com

a mistura de possessividade sombria e amor terno que ela sempre evocava em mim.

Minha prisioneira. Minha esposa. Meu mundo inteiro.

Eu a amaria até o fim dos tempos e nunca, nunca deixaria que fosse embora.

FIM

Obrigada por ler! Eu agradeceria muito se pudesse deixar uma avaliação. Se deseja receber uma notificação quando o próximo livro for lançado, acesse meu site em www.annazaires.com/book-series/portugues/ e registre-se para receber meu boletim informativo.

Se você gostou de *Segure-me*, talvez goste dos seguintes livros:

- [*A Trilogia de Mia e Korum*](#) – Um romance sombrio de ficção científica

Colaborações com meu marido, Dima Zales:

- [*O Código de Feitiçaria*](#) – Fantasia épica

Agora, vire a página para ver uma amostra de *Encontros Íntimos* e alguns dos meus outros trabalhos.

EXCERTO DE ENCONTROS ÍNTIMOS

Nota da Autora: *Encontros Íntimos* é o primeiro livro de minha trilogia de romance erótico de ficção científica, as Crônicas dos Krinars. Apesar de não ser tão sombrio quanto *Perverta-me*, ele tem alguns elementos que leitores de erotismo sombrio poderão gostar.



Um romance sombrio que atrairá os fãs de relacionamentos eróticos e turbulentos...

No futuro próximo, os krinars governam a Terra. Uma raça avançada de outra galáxia, eles ainda são um mistério para nós — e estamos completamente à mercê deles.

Tímida e inocente, Mia Stalis é uma universitária na cidade de Nova Iorque que sempre teve uma vida muito comum. Como a maioria das pessoas, ela nunca teve qualquer interação com os invasores. Até que um dia no parque muda tudo. Tendo atraído o olhar de Korum, ela agora deve lidar com um krinar poderoso e perigosamente sedutor que quer possuí-la e nada o impedirá de tê-la para si. Até onde você iria para recuperar a liberdade? Quando sacrificaria para ajudar seu povo? O que escolheria ao começar a se apaixonar pelo inimigo?



Respire, Mia, respire. Em algum lugar na parte de trás da mente, uma voz racional fraca continuava repetindo aquelas palavras. Aquela mesma parte estranhamente objetiva dela notou a estrutura simétrica do rosto dele, com a pele dourada esticada sobre as bochechas altas e o maxilar firme. As fotografias e os vídeos dos Ks que ela vira não lhes faziam justiça. Parado a não mais de dez metros de distância, a criatura era simplesmente deslumbrante.

Enquanto ela continuava a encará-lo, ainda congelada no lugar, ele endireitou o corpo e começou a andar na direção dela. Na verdade, ele lentamente a perseguia, pensou ela tolamente, pois cada movimento dele lembrava o de um felino da selva aproximando-se de uma gazela. Durante o tempo todo, os olhos dele não se afastaram dos dela. Ao se aproximar, ela notou pontos amarelos individuais nos olhos dourados claros dele e os longos cílios

grossos que os envolviam.

Ela olhou com descrença horrorizada quando ele se sentou no banco dela, a menos de sessenta centímetros de distância, e sorriu, mostrando dentes brancos perfeitos. Nada de presas, notou ela com uma parte funcional do cérebro. Nem mesmo traços de presas. Aquele era outro mito sobre eles, como a suposta aversão pelo sol.

— Qual é o seu nome? — a criatura praticamente ronronou a pergunta. A voz dele era baixa e suave, completamente sem sotaque. As narinas dele tremeram ligeiramente, como se estivesse inalando o perfume de Mia.

— Ahm... — Mia engoliu nervosamente. — M-Mia.

— Mia — repetiu ele lentamente, parecendo saborear o nome. — Mia de quê?

— Mia Stalis. — Ah, droga, por que ele queria saber o nome dela? Por que estava lá, conversando com ela? De forma geral, o que ele estava fazendo no Central Park, tão longe de todos os centros dos Ks? *Respire, Mia, respire.*

— Relaxe, Mia Stalis. — O sorriso dele aumentou, expondo uma covinha na bochecha esquerda. Uma covinha? Ks tinham covinhas? — Você nunca encontrou um de nós antes?

— Não, nunca. — Mia soltou o ar rapidamente, percebendo que prendera a respiração. Ela ficou orgulhosa pela voz não ter soado tão tremula quanto se sentia. Deveria perguntar? Queria saber?

Ela tomou coragem. — O quê, ahm... — Ela engoliu em seco novamente. — O que quer de mim?

— Por enquanto, conversar. — Ele parecia que estava prestes a rir dela, com os olhos dourados cintilando ligeiramente nos cantos.

Estranhamente, aquilo a deixou furiosa o suficiente para acabar com o medo. Se havia uma coisa que Mia odiava, era que rissem dela. Com a estatura baixa e magra e uma falta geral de habilidades sociais que vinha de uma adolescência desconfortável envolvendo o pesadelo de todas as garotas — aparelho, cabelos crespos e óculos —, Mia tivera experiência bastante como alvo.

Ela ergueu o queixo beligerantemente. — Ok, e qual é o *seu* nome?

— É Korum.

— Só Korum?

— Nós não temos sobrenomes, não da mesma forma que vocês. Meu nome completo é muito mais comprido, mas, se eu lhe dissesse qual é, você não conseguiria pronunciá-lo.

Bem, aquilo era interessante. Ela se lembrou de ter lido algo parecido no *The New York Times*. Tudo certo até o momento. As pernas já tinham quase

parado de tremer e a respiração voltava ao normal. Talvez, apenas talvez, ela conseguisse sair dali com vida. Aquele negócio de conversar parecia seguro, apesar de a forma como ele a encarava, com aqueles olhos amarelados que não piscavam, ser enervante. Ela decidiu mantê-lo falando.

— O que está fazendo aqui, Korum?

— Acabei de falar, estou conversando com você, Mia. — A voz dele, novamente, tinha uma ponta de riso.

Frustrada, Mia soltou um suspiro. — Eu quis dizer, o que está fazendo aqui, no Central Park? Na cidade de Nova Iorque em geral?

Ele sorriu novamente, inclinando a cabeça ligeiramente para o lado. — Talvez estivesse torcendo para encontrar uma garota bonita com cabelos cacheados.

Aquilo foi a gota d'água. Ele estava claramente brincando com ela. Agora que conseguia pensar um pouco novamente, percebeu que estavam no meio do Central Park, à vista de uma infinidade de espectadores. Sorrateiramente, ela olhou em torno para confirmar aquilo. Sim, com certeza. Apesar de as pessoas estarem obviamente passando ao largo do banco onde ela e o outro ocupante de outro mundo, havia várias almas corajosas mais adiante no caminho olhando para lá. Um casal estava até mesmo filmando os dois, cuidadosamente, com a câmera do relógio de pulso. Se o K tentasse fazer qualquer coisa com ela, em um piscar de olhos estaria no YouTube e ele sabia disso. É claro que ele podia ou não se importar.

Ainda assim, partindo do princípio que ela nunca vira nenhum vídeo de ataques de Ks a garotas universitárias no meio do Central Park, estava relativamente segura. Com cuidado, ela pegou o *notebook* e ergueu-o para colocá-lo de volta na mochila.

— Deixe-me ajudá-la com isso, Mia...

E, antes que conseguisse sequer piscar, ela o sentiu pegar o *notebook* pesado dos dedos subitamente moles, encostando gentilmente neles. Uma sensação parecida com um choque elétrico percorreu Mia quando ele a tocou, deixando as extremidades nervosas formigando.

Pegando a mochila, ele cuidadosamente guardou o *notebook* em um movimento suave e sinuoso. — Pronto, muito melhor agora.

Ah, meu Deus, ele tocara nela. Talvez a teoria de Mia sobre segurança em locais públicos fosse falsa. Ela sentiu a respiração acelerar novamente e, àquela altura, a pulsação estava bem além da zona anaeróbica.

— Eu tenho que ir agora... Adeus!

Ela nunca saberia como conseguiu dizer aquelas palavras sem hiperventilar. Agarrando a tira da mochila que ele acabara de soltar, ela se levantou depressa,

notando em algum lugar no fundo da mente que a paralisia anterior parecia ter desaparecido.

— Adeus, Mia. Vejo você outra hora. — A voz suavemente zombeteira dele flutuou no ar fresco da primavera quando ela saiu, quase correndo com a pressa de se afastar.



Se deseja saber mais, acesse meu site em <https://www.annazaires.com/book-series/portugues/>. Os três livros da trilogia Crônicas dos Krinars já estão disponíveis. Clique [AQUI](#) para obter sua cópia.



SOBRE A AUTORA

Anna Zaires é autora *best-seller* do *New York Times* e do *USA Today* de livros de ficção científica e de romances eróticos contemporâneos. Ela se apaixonou por livros aos cinco anos de idade, quando a avó a ensinou a ler. Desde então, sempre viveu parcialmente em um mundo de fantasia, onde os únicos limites são os impostos pela imaginação. Ela mora na Flórida e é casada com Dima Zales, autor de ficção científica e fantasia. Eles trabalham juntos em todos os livros. Para saber mais, acesse <https://www.annazaires.com/book-series/portugues/>.

Table of Contents

[Title Page](#)

[Contents](#)

[Copyright](#)

[I. O Retorno](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[II. A Cura](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[III. A Viagem](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[IV. O Depois](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Epílogo](#)

[Excerto de Encontros Íntimos](#)

[Sobre a autora](#)